

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

EMERSON SANTANA

**INTERAÇÃO E CONFLITO: UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA DE
ASPECTOS DE TRABALHO DA FACE E ARGUMENTAÇÃO NA PEÇA
“LEBEN DES GALILEI” DE BERTOLT BRECHT**

Tese apresentada ao Departamento de
Letras Modernas da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, para obtenção do grau de
Doutor em Letras

(Área de Concentração: Língua e Literatura
Alemã).

Orientadora:

Profa. Dra. Selma Martins Meireles

São Paulo

2010

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Emerson Santana

Interação e conflito: uma abordagem investigativa de aspectos de trabalho da face e argumentação na peça “Leben des Galilei” de Bertolt Brecht

Tese apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do grau de Doutor em Letras

Aprovado em ____ de _____ de 2010.

Banca Examinadora

Profª Drª _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profª Drª _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profª Drª _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profª Drª _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Profª Drª _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Ó filho de nobre pai, eu também, sendo jovem, antigamente, mantinha, de um lado, a língua inativa e, de outro, as mãos laboriosas. Agora, chegando à experiência, vejo que entre os mortais a língua, não a ação, tudo conduz.

Sófocles, *Filoctetes*

Aconteceu assim que o tempo foi aos poucos revelando a todos as verdades previamente indicadas por mim e, com a verdade dos fatos evidenciando a diversidade de anônimos entre aqueles que, sinceramente e sem qualquer inveja, não admitiam como verdadeiros tais descobrimentos e aqueles que à incredulidade acrescentavam algum sentimento alterado.

Galileu Galilei

DEDICATÓRIA

*À minha mãe, pelo amor
incondicional,*

e

*À minha orientadora, pelo incentivo e
paciência incansáveis.*

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Selma Martins Meireles pela confiança inicial e depois pela indubitável paciência com que me orientou, aconselhou e me permitiu caminhar até este momento;

Aos membros da minha família, Bruna, Vivian, Renata e Alexandre que me escutaram nos momentos de enormes percalços;

Às professoras doutoras com quem pude trocar valiosas informações Eva Maria Ferreira Glenk e Zilda Gaspar Oliveira de Aquino;

A todas as Professoras e Professores da área de Alemão pelos preciosos ensinamentos;

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

RESUMO

A presente tese tem por objetivo o estudo das estratégias de polidez e argumentação empregadas em situações conflituosas no texto teatral *Leben des Galilei* de Bertolt Brecht. O conceito de conflito foi definido como uma situação de discordância a partir de choque de interesses e/ou opiniões a respeito de um tema abordado. A partir deste conceito, foram extraídos seis fragmentos da referida peça nas quais se observavam tal situação e aplicados as bases teóricas elencadas para o trabalho. Para atingirmos nosso objetivo, consideramos as teorias de trabalho da face elaboradas por Goffman (1967), as estratégias de polidez postuladas por Brown & Levinson (1987) e ao abordarmos a argumentação, recorreremos aos pressupostos da teoria da argumentação segundo estudos de Perelman & Olbrechts-Tyteca (1958). Todas estas aplicadas a excertos conflituosos extraídos da peça de Brecht. Com as análises, foi possível identificar, respectivamente, um grande número de estratégias de polidez positiva, polidez negativa, ocorrências *off record* e ocorrências *bald on record*. Quanto à argumentação contata-se a presença maciça de estratégias dê razões, dê exemplos, perguntas retóricas e argumento de autoridade.

PALAVRAS-CHAVE: conflito na linguagem; trabalho da face; polidez, argumentação; teatro de Brecht.

ABSTRACT

KEYWORDS:

ZUSAMMENFASSUNG

STICHWÖRTER:

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

É senso comum, entre nós brasileiros, que os alemães são por demais diretos e até mesmo frios quando comparados a nós. Foi com essa concepção que iniciei minha graduação em língua e literatura alemã. Contudo, desde o início do curso, me chamou a atenção o fato dos professores, com grande ênfase, se empenharem em nos passar alguns elementos que são importantes para a adequada interação entre os alemães e nós. Entre eles, a diferença entre o emprego dos estilos formal e informal de discurso como o emprego adequado dos pronomes *Sie* (senhor/senhora) e *du* (você); a necessidade quase obrigatória do emprego do termo *bitte* (por favor) [me ajude aí Selma, *bitte*]

Após a conclusão da graduação, optei por prosseguir os meus estudos na área da lingüística, especificamente, trabalhando com a língua alemã. O tema escolhido para pesquisa foi, inicialmente, a polidez lingüística, dado que este tópico havia despertado em mim grande interesse durante o meu contato com a língua alemã na graduação.

Entretanto, ao longo da pesquisa, um outro aspecto começou a chamar a minha atenção: o conflito na linguagem, ou melhor, como o conflito era “trabalhado” para que não viesse a inviabilizar a comunicação. Assim, surgiu a idéia de fazer uma junção do primeiro tema de interesse – a polidez – com este último, o conflito. Outro fato que estava latente desde o princípio era o desejo de trabalhar com textos literários, mas não fazer uma abordagem literária e sim, pesquisar os elementos lingüísticos deste tipo de texto, muito pouco explorado por este aspecto.

Optei, então, por analisar o texto teatral por dois motivos: primeiramente, por entender, como veremos adiante, que “o conflito tornou-se a marca registrada do teatro” (PAVIS, 1999, 67) e, em segundo lugar, porque este tipo de

texto apresenta um certo grau de interatividade que se configuraria como um fato proveitoso para a análise que se almejava realizar¹.

Com esses pressupostos, o próximo passo era selecionar uma peça teatral que mais se adequasse aos parâmetros estabelecidos. A peça selecionada foi *Leben des Galilei* (“Vida de Galileu”, em português) de Bertolt Brecht, por motivos que serão apresentados mais adiante.

A presente pesquisa tem por objetivo o estudo das estratégias de polidez empregadas em situações conflituosas na peça *Leben des Galilei* de Bertolt Brecht. Considerando-se que a linguagem é uma forma de ação cujo intuito é influenciar o outro, quando estabelecemos uma interação temos objetivos e metas a serem atingidos; pretendemos fazer com que nosso interlocutor realize certas ações e, neste processo discursivo, a polidez é um eficiente recurso, dado que permite a manutenção ~~de~~ de um caráter relativamente harmonioso da relação interpessoal, facilitando a obtenção da meta almejada.

Atrelada ao conceito de conflito, a argumentação também terá um lugar de destaque nesta pesquisa. A partir de fragmentos selecionados do texto brechtiano, serão abordadas as questões de como as personagens lidam com o conflito durante a interação, apelando para estratégias de polidez no sentido de consolidar sua argumentação e defender seus pontos de vista sem inviabilizar a interação.

Como base teórica para a pesquisa, trataremos do conceito de face elaborado por Goffman (1967) e depois retomado e aprimorado por Brown & Levinson (1987), bem como das estratégias de polidez propostas por eles, tendo em vista a ocorrência destes fenômenos em um texto teatral que busca simular uma situação real e espontânea de conversação.

HIPÓTESE E OBJETIVOS DA PESQUISA

¹ Em nenhum momento, adotou-se o texto teatral como um representante da comunicação real e espontânea.

Conforme veremos na primeira subseção da fundamentação teórica inicial apresentada neste relatório, intitulada “conversação natural e texto teatral”, a maioria dos autores enfatiza que estes dois produtos lingüísticos são completamente diferentes quanto a sua natureza e características. Entretanto, em textos teatrais como o que pretendemos analisar, que buscam reproduzir de modo realista interações entre indivíduos (ao contrário, por exemplo, daqueles do Teatro do Absurdo), é possível obter efeitos comunicativos próximos aos de conversações autênticas, dado que ambos:

- ✚ possuem caráter dialógico;
- ✚ são realizados oralmente;
- ✚ consistem em uma interação entre indivíduos num contexto social;
- ✚ contém recomendações do autor fixadas por escrito, via rubrica, de modo a reproduzir elementos paralingüísticos próprios de uma interação espontânea.

Propomos que entre as possibilidades de criação desses efeitos que aproximam o texto teatral de uma conversação autêntica está a simulação de estratégias que visam manter o bom andamento da interação e que estão sempre presentes nas interações autênticas.

Desta forma, nossa hipótese é que, também em um texto teatral que vise produzir efeitos comunicativos semelhantes aos de uma conversação natural, o autor precisa observar as regras e introduzir no seu texto estratégias de trabalho da face de modo adequado à situação comunicativa simulada.

As idéias centrais desta pesquisa efetivam-se com a compreensão de como a argumentação e as estratégias de polidez estão presentes num texto teatral específico, no sentido de viabilizarem a troca interacional dentro de uma situação conflituosa. Sendo assim, delimitam-se prioritariamente como objetivos:

- 1) Reconhecer como o conflito se instaura na interação entre as personagens e verificar o emprego de argumentação nos momentos

de divergência;

- 2) Propor a presença e identificar o modo como as estratégias de polidez estão presentes no texto teatral;
- 3) Averiguar como as estratégias de polidez atuam com a argumentação para gerenciar o conflito e manter a interação, e como são empregadas para que a interação não se inviabilize, considerando o *status* dos envolvidos no evento interacional.

Para atingir tal propósito, serão analisados fragmentos de um texto teatral, sob o ponto de vista do trabalho da face. Os trechos selecionados apresentam situações de conflito, aqui entendido como disparidade de opiniões entre os participantes da interação. Nossa proposta é de que tais situações são marcadas do ponto de vista da situação comunicativa ideal e, assim, exigem um maior esforço dos participantes (personagens) para evitar a ruptura da interação, propiciando um trabalho da face mais intenso e visível. Ademais, os fragmentos apresentam diversas constelações de poder e distância social entre os interactantes, parâmetros que são fundamentais para o trabalho da face, segundo Brown & Levinson.

O primeiro capítulo apresenta as bases teóricas do estudo, abordando conceitos referentes a três eixos centrais: conversação espontânea e texto teatral; interação e conflito e argumentação e trabalho da face. No capítulo 2 são apresentados o material e o método utilizados na análise, a qual constitui o capítulo 3. Os resultados da análise são discutidos no capítulo 4, ao qual se seguem as considerações finais, no capítulo 5 [acho que é isso, não?].

CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. O CONCEITO DE CONVERSAÇÃO ESPONTÂNEA E DE TEXTO TEATRAL

O propósito do presente capítulo é expor as características da conversa espontânea e do diálogo teatral e **fazer um levantamento de suas características para apresentar as diferenças e alguns pontos de contato. Salientamos que o aspecto teatral não é primordial nesta pesquisa.**

Tal discussão faz-se útil, pois nossa pesquisa trata do texto teatral como objeto de análise, mas enfocando fenômenos normalmente típicos da conversa espontânea. Para isso, abordamos a noção de conversa natural e suas principais propriedades, assim como discutimos as nuances do texto teatral como uma categoria específica dentro do universo da comunicação.

Neste intuito, refletimos sobre o que é uma conversa natural e alguns de seus constituintes: turno, par adjacente, tópico discursivo, marcadores conversacionais, aspectos não-verbais da conversa e, juntamente, com estes, apresentamos algumas discussões sobre o texto teatral que o caracterizarão como um simulacro de uma conversa natural.

A conversa é a atividade mais praticada do homem, ou seja, é a unidade fundamental da interação humana. É fato que a mesma apresenta um caráter dialógico por natureza. A língua falada exige que seus interlocutores estejam envolvidos no mesmo projeto, pois o **conteúdo** da conversa só poderá ser construído com a cooperação de seus participantes. A língua falada é produzida localmente e numa mesma identidade temporal; o espaço não é condição indispensável para a produção do texto conversacional.

Para iniciarmos a discussão a respeito da conversa natural, recorreremos à obra *Análise da Conversação* de Marcuschi (1998, p.15), para quem a conversa natural:

É aquela que se dá espontânea e livremente no dia-a-dia, sem qualquer tipo de imposição institucional ou por força de alguma situação, como as entrevistas,

os inquéritos, os diálogos em filmes, teatros, novelas de TV e similares. Geralmente se dá face a face, mas pode ocorrer por meios eletrônicos como o telefone, o rádio e a televisão (MARCUSCHI, 1998, p.88).

Na mesma linha de raciocínio, temos Levinson, que, da mesma forma que o primeiro autor, define a conversa natural como livre de imposições institucionais específicas. Para ele:

Pode-se entender por conversação aquele tipo conhecido e predominante de fala em que dois ou mais participantes se alternam livremente, e que geralmente ocorre fora de contextos institucionais específicos, como sermões religiosos, tribunais, sala de aula e semelhantes (LEVINSON, 207, p. 361).

Como conseqüência destas definições, pode-se inferir que o texto teatral não passa de uma construção, “reproduzindo nossa intuição da fala real” (Marcuschi, 1998, p.7). Desta maneira, o teatro seria uma produção possível de uma interação legítima.

Entretanto, um consenso a respeito da distinção entre conversação natural e texto teatral não é tão rígido como os dois autores apresentados defendem, pois,

o texto teatral apresenta semelhanças e particularidades em relação aos diálogos naturais e espontâneos, (mas também em relação aos diálogos das narrativas literárias). **Mais de um pesquisador tem analisado o diálogo teatral como conversação** (URBANO, 2005, p. 196) (grifos nossos).

Ao afirmar que “mais de um pesquisador tem analisado o diálogo teatral como conversação”, o autor abre uma possibilidade de discussão sobre a questão da verossimilhança do texto teatral com a conversação espontânea.

Não apenas Urbano discorre sobre o fato de alguns autores utilizarem o texto teatral como análise de uma conversação, também Lakoff defende a possibilidade de junção entre o texto teatral e a conversa espontânea:

Os romancistas têm muitas outras técnicas de que lançam mão, mas para um dramaturgo, o diálogo e o comportamento extralingüístico concomitante deve ser acompanhado por todo o público. A interpretação deve ser feita pelo espectador ou ouvinte, **como numa conversa real**; (...) (*apud* PRETI, 2004, p.200) (grifos nosso).

Entretanto para alguns autores, como Kerbrat-Orecchioni (*apud* URBANO, 2005, p. 198), a própria condição de texto teatral o coloca como diferente de uma conversação espontânea, já que sua natureza elimina muitas das características da conversação propriamente dita. Segundo a mesma:

O discurso teatral elimina muitas escórias que atravancam a conversação ordinária (defeitos de pronúncia, inacabamentos, vacilações, lapsos e reformulações, elementos de pura função fática, compreensão mal sucedida ou retardamento) e apresenta-se como muito edulcorado em relação à vida cotidiana.

Ainda assim, guardadas as devidas proporções, é fato que diversos textos teatrais apresentam características básicas constitutivas como aqueles indicados para a conversação (MARCUSCHI 1998, p.15):

1. interação entre pelo menos dois falantes;
2. ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
3. presença de uma seqüência de ações coordenadas;
4. execução numa identidade temporal; e
5. envolvimento numa "interação centrada".

Apesar de estas características serem também passíveis de serem observadas numa representação teatral, consideramos, com a maioria dos autores que discorrem sobre o tema, que o fato de o texto teatral apresentar-se como uma possibilidade de fala é motivo para que o mesmo não seja considerado como equivalente a uma interação natural e espontânea.

Quanto à “interação”, vale ressaltar uma observação de Marcuschi a respeito da simetria na condução da mesma: a de que os interactantes não têm o mesmo papel nesse processo, pois “a diferença de condições socioeconômicas e culturais ou de poder entre os indivíduos deixa-os em diferentes condições de participação no diálogo” (MARCUSCHI, 1998, p.16). Para o nosso trabalho, esta afirmação é de grande importância, dado que as interações presentes em nosso *corpus* exploram esta condição de desigualdade entre os interactantes como ponto de partida para a simulação do trabalho da face, como veremos mais à frente.

Apresentamos agora os conceitos básicos da conversação, derivados das características apresentadas anteriormente.

1.1 TURNOS DE FALA

Entre os elementos constituintes de uma conversação natural, a noção de turno é fundamental. O turno é a contribuição que cada locutor apresenta dentro da interação, sendo que este elemento opera numa condição de alternância no processo interacional. Segundo Urbano (2000, p. 91):

Nas formas de interações alternantes e sucessivas, os participantes se revezam em sua qualidade de agentes das ações consecutivas. Denomina-se turno a unidade estrutural que se define como aquela em que um falante diz alguma coisa durante uma abordagem interativa continuada.

Para que se concretize uma conversação como tal, ou a própria linguagem, não basta a ocorrência de um turno, mas sim, no mínimo a ocorrência de dois turnos coordenados e cooperativos, que se implicam por condições de relevância (relevância condicional), que significa que, dada a primeira parte, uma segunda é esperável; se esta ocorrer, é vista como a segunda em relação à primeira (URBANO, 2000, p. 91).

Levinson (2007) baseia-se em Sacks, Schegloff e Jefferson (1978) para expor as regras de funcionamento do turno conversacional:

Regra 1 – aplica-se inicialmente ao primeiro [local de relevância da transição] LRT² de qualquer turno

(a) Se C [falante atual] seleciona S [falante seguinte] no turno corrente, então C deve parar de falar e S deve falar em seguida, a transição ocorrendo no primeiro LRT após a seleção de S

(b) Se C não seleciona S, então, qualquer “outro” participante pode selecionar a si mesmo, o primeiro falante ganhando direito ao turno seguinte

(c) Se C não selecionou S e nenhum outro participante selecionar a si mesmo sob a opção (b), então C pode (mas não precisa) continuar (isto é, reivindicar direitos a mais uma unidade construcional de turno)

Regra 2 – aplica-se a todos os LRTs subseqüentes

Quando a Regra 1 (c) foi aplicada por C, então, as regras 1 (a) – (c) aplicam-se no LRT seguinte e, recursivamente, no LRT seguinte, até que a mudança de falante seja efetuada (Levinson 2007, p. 378).

Vale ressaltar que estas regras referem-se à forma preferencial, e não obrigatória, da mudança de turnos. Contudo, se elas não forem seguidas poderá haver uma desarmonia na interação, pois, por exemplo, o assalto ao turno pode promover uma ameaça potencial ao desejo de ser respeitado pelo interlocutor durante a interação.

Outro ponto interessante diz respeito à coerência que deve existir entre os turnos: esta necessariamente depende do grau de comprometimento dos falantes, que devem permanecer preferencialmente no mesmo assunto ou tema. Vale ressaltar que tal tarefa não é tão simples como parece, pois “cada turno pode colocar uma reorientação, mudança ou quebra do ponto de vista em curso” (Marcuschi, 1998). Por estes motivos, não é tarefa simples estabelecer quais propriedades tanto a coesão quanto a coerência devem apresentar num texto conversacional, conforme defende Marcuschi:

Os termos ‘coesão’ e ‘coerência’ estão longe de uma definição clara. Na conversação, a coesão não pode ser definida em termos estritamente formais, pois o texto se produz dialogicamente, na concorrência de dois os mais agentes. A coerência não é uma unidade de sentido, e sim uma dada possibilidade interpretativa resultante localmente. Dois interlocutores se

² Segundo Levinson, “num LRT, as regras que regulam a transição dos falantes (...) entram em jogo, o que não significa que os falantes mudarão neste ponto, mas simplesmente que podem fazê-lo” (LEVINSON, 2007, p. 377).

entendem não só porque são coerentes no que dizem, mas principalmente porque sabem do que se trata em cada caso. E, quando não sabem, manifestam seu desentendimento de modo a integrá-lo como parte efetiva no próprio texto (*apud* FÁVERO, 2002, p. 88).

O assalto ao turno – prática comum na língua falada – impõe certo obstáculo ao tópico desenvolvido, dado que se torna mais fácil mudar o tema em discussão, contribuindo para a dificuldade de uma “definição clara” de coesão e coerência, no texto conversacional. Segundo Galembeck, o assalto ao turno,

é marcado pelo fato de o ouvinte intervir sem que a sua participação tenha sido direta ou indiretamente solicitada. Em outras palavras, o ouvinte “invade” o turno do falante fora de um lugar relevante de transição (LRT), por isso o assalto representa uma violação do princípio básico da conversação, conforme o qual apenas um dos interlocutores deve falar por vez (MARCUSCHI, 1986: 19)” (GALEMBECK, 2003, p. 87).

Ainda de acordo com este autor, o assalto ao turno pode ocorrer com ou sem “deixa”. No primeiro caso, “o ouvinte aproveita-se de um momento de hesitação”, como pausas, alongamentos, repetição de palavras ou sílabas, do seu alocutário; já no segundo caso, o assalto “não ocorre em face de sinais de hesitação e corresponde, pois, a uma entrada brusca e inesperada do “assaltante” no turno do outro interlocutor” (*ibidem*, p.87-88). A esse respeito, Linke *et al.* (2004) detalham quatro possibilidades de alternância de turnos:

1. com ou sem pausa (“*gap*”);
2. com sobreposição de fala (“*overlap*”);
3. com pausa longa ou mesmo silêncio; e
4. através de interrupção.

1.2 PARES ADJACENTES

Outra noção importante em análise da conversação é a de par adjacente. Para alguns autores, eles constituem a unidade conversacional fundamental (cf. Levinson, 2007, pág. 385). Sua função primordial seria:

“organizar localmente a conversação, controlando o encadeamento de ações e, inclusive, podendo constituir-se um elemento introdutor do tópico discursivo” (FÁVERO; ANDRADE; AQUINO, 1999, p. 49-50).

Marcuschi (1998) cita a definição de Schegloff de par adjacente, para quem “par adjacente (ou par conversacional) é uma seqüência de dois turnos que co-ocorrem e servem para a organização local da conversação”. São alguns exemplos: pergunta-resposta, convite-aceitação ou recusa, ordem-execução, saudação-saudação, entre outros.

Marcuschi elenca, à pagina 35 de sua obra, as características dos pares conversacionais, conforme definição de Schegloff e Sacks:

1. Extensão de dois turnos;
2. Posição adjacente;
3. Produção sucessiva por falantes diversos;
4. Ordenação consequência predeterminada;
5. Composição de uma primeira e de uma segunda parte;
6. A primeira parte seleciona o próximo falante e determina sua ação; e
7. A primeira parte coloca o ponto relevante para a transição de turno.

O seu funcionamento pode ser explicado, grosso modo, da seguinte maneira: o locutor dá a sua contribuição e, em seguida, ele pára de falar; por conseguinte, o interlocutor promove a segunda parte do par. Desta maneira, o

interlocutor dá a entender, que compreendeu o que o locutor quis dizer. Neste processo interacional, quando um falante produz a primeira parte, a segunda é esperada e se, por ventura, a segunda parte do par não for produzida, o locutor provavelmente fará inferências sobre sua ausência, trazendo conseqüências para a continuidade da interação.

Segundo Levinson “esses pares [adjacentes] são profundamente inter-relacionados com o sistema de alternância de turnos como técnicas para selecionar um falante seguinte” (2007, p.383). O autor nos lembra que a definição apresentada no início desta subseção é, em muitos casos inapropriada, pois, com efeito, a noção de adjacente pode ser rompida por “seqüências de inserção” dado que outras trocas interacionais podem ser inseridas entre a primeira formulação de um par adjacente e a segunda, deixando-se em alerta a expectativa da produção da segunda parte do par.

O ponto principal, porém, é que precisamos substituir o critério estrito de adjacência pela noção de relevância condicional, isto é, o critério para pares de adjacência segundo o qual dada uma primeira parte de um par, uma segunda parte é imediatamente relevante e esperável (SCHEGLOFF *apud* LEVINSON, 2007, 389).

Esse fato indica que os interactantes codificam e decodificam de forma inteligível seus enunciados, sejam eles diretamente adjacentes, sejam eles inseridos, até que apareça a segunda parte do par.

Por este motivo, para Levinson, o conceito de par adjacente deve ser substituído pelo conceito de organização de preferência, i.e.,

Nem todas as segundas partes potenciais de uma primeira parte de um par de adjacência estão em igual posição: há uma hierarquização operando nas alternativas de tal modo que há, pelo menos, uma categoria de reação preferida e uma despreferida (Levinson, 2007, p.390).

Quanto ao aspecto da preferência, cabe ressaltar que este não possui nenhum caráter psicológico e sim, é uma noção estrutural que corresponde ao conceito lingüístico de marcação. Resumidamente, segundas partes preferidas são não-marcadas enquanto as não preferidas são marcadas “por vários tipos de complexidade estrutural”, a saber:

1. após uma demora relativamente significativa;
2. após algum preliminar em que se marque sua condição despreferida, muitas vezes pela partícula *well*;
3. com alguma justificativa de por que a segunda parte preferida não pode ser executada (cf. Levinson, 2007, 390).

Esse conceito de segundas partes preferidas e não-preferidas pode ser de importância **especial** para a questão da presença do conflito lingüístico em nosso *corpus*, pois, **enquanto** é possível que as segundas partes não-preferíveis sejam um instaurador de conflito, **uma vez que este tenha se estabelecido é possível que haja alterações no que se considera uma segunda parte não-preferível** (cf. KOTTHOFF 1993; POMERANZ 1984).

1.3 TÓPICO DISCURSIVO

Numa conversação, o tópico discursivo exerce um papel fundamental na construção do texto falado. Entendido como o assunto que é abordado na interação, o tópico discursivo deve ser negociado por pelo menos dois interactantes para que seja obtido um processo coerente de produção do texto conversacional. Desta negociação de tópicos, produz-se o sentido, que segundo Fávero (2003, p.45): “é construído durante esta interação e está assentado numa série de fatores contextuais como: conhecimento de mundo, conhecimento partilhado, circunstâncias em que ocorre a conversação, pressuposições, etc”.

Com relação às propriedades do tópico discursivo, ao menos três itens são importantes, conforme Fávero, Andrade e Aquino (1999), a) centração, b) organicidade e c) delimitação local. O primeiro item diz respeito à atividade de produção do texto oral por meio da manutenção, por partes dos interlocutores, de um mesmo assunto; é um processo colaborativo. Além disso, “implica a utilização de referentes explícitos ou inferidos que convergem para o desenvolvimento textual”; o segundo reflete a interdependência que surge entre os tópicos da conversação e, por fim, “o tópico é marcado, potencialmente, por início, desenvolvimento e fecho, embora isto nem sempre se evidencie”.

Outras duas características da conversação natural referentes ao tópico discursivo são a segmentação e a digressão. A segmentação diz respeito à capacidade de segmentar o enunciado com o intuito de conseguir pequenas unidades tópicas. Tal tarefa não é tão simples quanto parece, dado que o tópico não possui um tamanho pré-estabelecido, podendo apresentar dimensões grandes ou pequenas segundo o tema desenvolvido e sua importância.

Uma digressão ocorre quando um novo assunto é introduzido a um tópico em andamento. Neste fenômeno, cabe observar “em que condições um desvio tópico origina uma mudança, uma evolução natural ou uma digressão” (FÁVERO, 2003, p. 59).

1.4 MARCADORES CONVERSACIONAIS

Os marcadores conversacionais são de grande importância para a abordagem da conversação espontânea. São elementos responsáveis pela coesão e coerência do texto falado e são categorias das mais variadas, lingüísticas (verbais, não verbais e prosódicos) e não-lingüísticas ou paralingüísticas. Segundo Urbano, (2003, p. 98), “são elementos que amarram o texto não só como estrutura conversacional cognitiva, mas também como estrutura de interação interpessoal”.

Marcuschi nos oferece uma possibilidade de classificação dos marcadores conversacionais em quatro classes:

1. marcador simples: realiza-se com uma só palavra: interjeição, advérbio, verbo, adjetivo, conjunção, pronome etc. Ex.: agora, então, aí, entende, claro;
2. marcador composto: representa um carácter sintagmático com tendência à cristalização. Ex.: então daí, aí depois, quer dizer, digamos assim;
3. marcador oracional: corresponde a pequenas orações que se apresentam nos diversos tempos e formas verbais ou modos oracionais (assertivo, indagativo, exclamativo). Ex.: eu acho que, quer dizer, então eu acho; e
4. marcador prosódico: associa-se a algum marcador verbal, mas realiza-se por meio de recursos prosódicos. Fazem parte deste grupo a entonação, a pausa, a hesitação, o tom de voz, entre outros (*apud* FÁVERO; ANDRADE; AQUINO).

Vale salientar que embora os marcadores conversacionais sejam típicos da língua falada, é possível encontrar indicações, no texto teatral, de que o autor tentou reproduzi-los, por meio da rubrica.

1.5 ASPECTOS NÃO VERBAIS DA INTERAÇÃO

Numa conversação espontânea encontram-se aspectos não-verbais que também podem ser observadas num texto teatral, por exemplo:

1. Paralinguagem: sons emitidos pelo aparelho fonador, mas que não fazem parte do sistema sonoro da língua usada;
2. Cinésica: movimentos do corpo como gestos, postura, expressão facial, olhar e riso;
3. Proxêmica: a distância mantida entre os interlocutores;
4. Tacêsica: o uso de toques durante a interação; e
5. Silêncio: a ausência de construções lingüísticas e de recursos da paralinguagem (DIONÍSIO, 2003, p. 77).

Esses elementos – característicos da conversação natural – podem ser reproduzidos no texto teatral por meio das instruções do dramaturgo expressas na rubrica, que pode ser definida como as instruções dadas aos atores. [Em nosso corpus, observamos várias vezes indicações de Brecht, via rubrica,](#)

sobre o comportamento não verbal das personagens, por exemplo: gestos, risadas, volume e tom da voz.

1.6 TEXTO TEATRAL

Assim como o chat e o e-mail, o texto teatral apresenta características específicas que desafiam uma classificação definitiva, visto que é uma modalidade de texto que apresenta características da língua escrita e da língua falada: de língua escrita, pois o texto é elaborado e fixado por escrito pelo autor para atores e para a platéia, e de língua falada, dado que é simulacro de uma conversação espontânea e planejado para ser realizado oralmente, funcionando como uma comunicação, embora a consideremos artificial, porque apresenta um planejamento discursivo previamente elaborado. Tal problemática faz com que o texto teatral muitas vezes seja ignorado por aqueles que tentam diferenciar claramente textos falados e escritos, como nesta tabela, que pretende ilustrar as diversas possibilidades encontradas entre os pólos de uma escala englobando conversações e textos literários escritos (cf. Becker-Mrotzek; Brünner 2006 p. 16):

Exemplo	Características
diálogos, conversas em um bar, descrição de um itinerário na rua	simultaneidade de tempo e espaço para falante e ouvinte; face a face; possibilidade de reação direta.
telefonema	produzido e recebido oralmente no mesmo tempo, mas em espaços diferentes; possibilidade de reação direta.
secretária eletrônica	produzido e recebido oralmente em tempo e espaços diferentes; sem

transcrição de conversas	possibilidade de reação direta.
e-mail, carta	comunicação oral representada por escrito; eliminação do caráter transitório.
entrevista no jornal	produzido e recebido por escrito em tempo e espaços diferentes; possibilidade de resposta rápida
palestra, notícias na TV	produzida oralmente em um diálogo, porém transmitida por escrito e parcialmente retrabalhada.
artigo de jornal, romance, livro didático	freqüentemente produzido como texto escrito, mas reproduzido oralmente
	separação total entre autor e leitor; produzido, transportado e recebido por escrito

De acordo com esta tabela, o texto teatral poderia ser descrito da seguinte forma:

- separação total, no tempo e no espaço, entre autor e público
- produção e fixação: escritas
- reprodução: oral,

devendo, **segundo esta classificação**, ser considerado como um tipo de texto mais próximo do pólo escrito **no** contínuo entre conversação **e** texto literário.

Contudo, os trechos aqui analisados são textos escritos produzidos para simular um texto falado dialógico. Desse modo, o texto teatral escapa às descrições apresentadas acima e pode ser considerado um gênero textual híbrido do ponto de vista da oralidade, sobre o qual ainda há muito poucas pesquisas lingüísticas, e para as quais pretendemos contribuir com este trabalho.

O item a seguir apresenta conceitos básicos referentes à interação e conflito, que constituem o pano de fundo dos trechos da peça analisados para a pesquisa.

2 INTERAÇÃO E CONFLITO

2.1 A INTERAÇÃO

De acordo com Bakhtin, “a interação verbal constitui (...) a realidade fundamental da língua” (2004, p.123). Assim, pode-se compreender a interação como uma atividade que se efetiva quando duas ou mais pessoas agem simultânea e reciprocamente num processo comunicativo.

Algumas interações se caracterizam pelo único propósito de convencer o outro. Um interactante participa do processo interacional com o intuito de fazer seu alocutário acreditar em alguma coisa e, conseqüentemente, alterar o seu ponto de vista, visando a realização de uma dada ação. Para isso, o locutor precisará utilizar elementos cujos valores sejam reconhecíveis pelo seu interlocutor, pois as intervenções do outro devem ser retomadas, negociadas ou mesmo refutadas.

O processo interacional define-se como um jogo, no qual os alocutários colocam em prática as habilidades de que dispõem para expressar os seus desejos, suas intenções e seus objetivos, devendo considerar os interlocutores, i.e., seus traços característicos, a situação comunicativa, além das estratégias utilizadas na interação. Estas propriedades também são importantes quanto à análise da interação. Neste processo – dialógico por natureza – sobressai-se a

cooperação entre os participantes, pois os enunciados criados pelo locutor vão se engajando aos do seu interlocutor. Em outras palavras, os alocutários constroem juntos o texto através das informações e idéias que vinculam durante a interação e, como foi dito, com o objetivo de atuar um sobre o outro.

Outros aspectos a serem considerados numa interação são a faixa etária, o *status* social, a formação cultural, o grau hierárquico dos participantes, distância social etc. Para a presente pesquisa, os dois últimos itens apresentam grande importância, como veremos posteriormente.

Segundo Brait (1999),

a interação é um componente do processo de comunicação, de significação, de construção de sentido e que faz parte de todo ato de linguagem. É um fenômeno sociocultural, tem características lingüísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas (BRAIT, 1999, p. 194).

Com isso, pode-se destacar que os falantes não são competentes apenas no aspecto lingüístico, mas possuem competência comunicativa e textual à medida que vão construindo – durante a interação – o significado das enunciações de forma que “a competência aparece como um dispositivo complexo de aptidões, onde os saberes lingüísticos e os saberes socioculturais estão inextricavelmente combinados” (KERBRAT-ORECCHIONI *apud* BRAIT, 1999, p. 194).

A partir dessas considerações, pode-se inferir que a conversação atrela a si as condições ideais da observação da interação. Vamos retomar aqui as características constitutivas básicas da conversação apresentadas anteriormente:

- I. interação entre pelo menos dois falantes;
- II. ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- III. presença de uma seqüência de ações coordenadas;
- IV. execução numa identidade temporal;

V. envolvimento numa “interação centrada” (MARCUSCHI, 1998, p.15).

Estas propriedades dizem respeito à conversação real e espontânea. Entretanto, como já apontamos, é possível que no texto literário o autor proceda a um processo de recriação destes aspectos, através de recursos escritos, como ocorre, em alguns momentos, no *corpus* desta pesquisa.

O tema da interação na escrita também recebeu interesse de estudiosos. Brait (2003) afirma que Bakhtin já abordou esta questão de maneira bastante clara, porém “poucas vezes recuperada”. Para a autora, abordar o fenômeno da interação não apenas como algo ligado à comunicação oral constitui um grande avanço do teórico russo:

Para o autor [Bakhtin], “o ato impresso” é um elemento da comunicação verbal e, neste sentido, configura-se, enquanto existência, como objeto de discussões ativas. Ele depende, como qualquer outra comunicação verbal, da recepção ativa e da esfera em que se dá a sua produção, circulação e recepção. Isso significa considerar essa interação não apenas no momento em que um texto é institucionalmente estudado ou divulgado, no sentido acadêmico e jornalístico, digamos assim, mas também a interação enquanto diálogo que esse texto estabelece com o leitor comum, que não necessariamente terá de se expressar sobre ele (BRAIT, 2003, p. 143).

Assimilando essa idéia, a abordagem da interação verbal no texto escrito, no nosso caso, literário, é possível através da análise e interpretação do evento interacional com as mesmas ferramentas que utilizaríamos num texto oral, ou seja, considerando aspectos culturais, sociais, lingüísticos e discursivos, ainda que “a literatura seja apenas uma das maneiras de reconstituição do evento conversacional” (BRAIT, 1999, p. 201).

Ao tentar simular um evento conversacional, ou seja, uma interação lingüística, o autor do texto teatral precisa levar em conta todos esses aspectos, pautando-se pelos padrões vigentes para as interações dialógicas na comunidade que pretende representar em sua peça, a fim de tornar seu texto verossímil aos olhos da platéia. Isto inclui o trabalho da face e a utilização

adequada de suas estratégias, como será demonstrado na análise dos fragmentos.

[até aqui em 22-01]

2.2 A INTERAÇÃO CONFLITUOSA

O termo conflito é, em geral, associado a uma série de ocorrências de cunho social. Neste sentido, a linguagem não é o foco principal dos estudos sobre o conflito, mas sim, um instrumento que permite averiguar algum aspecto do problema social. Para Grimshaw (1990), a abordagem das relações entre conflito e linguagem sempre foi preocupação de sociólogos, antropólogos e, finalmente, lingüistas:

É possível localizar a partir dos anos 80 a presença não só de sociólogos, mas ainda de antropólogos e lingüistas que procedem ao estudo das relações entre linguagem e conflito. Destacam-se os antropólogos Goodwin (1980), Gumperz (1982), Vuchinich (1984), os lingüistas Schiffrin (1985), Tannen (1986) e Erlich (1993), com trabalhos que focalizam diferentes situações interacionais em que ocorrem conflitos, encaminhando suas análises para ocorrências em língua inglesa ou francesa (AQUINO, 1997, p. 108).

Os lingüistas visam entender a relação entre conflito social e ideologia, por meio do discurso, para que, com isso, possam desvendar o mecanismo de funcionamento da interação conflituosa e assim elucidar as possibilidades e formas de ocorrência do conflito, buscando corroborar a idéia de que não há discurso neutro ou harmonioso.

Como vimos, a interação implica trocas, e nelas podem ocorrer pontos de vista divergentes que evidenciam a instauração do conflito, pois o locutor tenderá a impor ou pelo menos defender seu ponto de vista e, para isso, precisará desqualificar o ponto de vista do seu interlocutor. Assim, ele está garantindo a sua identidade, uma vez que procura impedir que o outro ameace a imagem que deseja mostrar nesta situação discursiva. **Em nosso estudo, o conflito ocorre entre as personagens de cada fragmento da peça analisado.**

Portanto, o conflito entre **as personagens**/interlocutores é construído na circunstância de interação entre ambos por meio da linguagem. É a linguagem colocada em exercício que revela/deixa transparecer os papéis, o *status*, a imagem, ou seja, a identidade dos participantes. Neste jogo interacional, onde prevalece o conflito, os alocutários são obrigados a defender seus pontos de vista e a negociar, considerando as perspicácias do interlocutor para garantir o sucesso da interação e seus objetivos, não esquecendo que durante o conflito a figura do interlocutor nunca é previsível. Serão as escolhas dos interactantes que conduzirão o evento interacional para uma situação, favorável ou não, quanto à manutenção do caráter harmonioso das relações interpessoais.

Para alguns autores, a interação está intrinsecamente vinculada ao conflito, pois são raros os momentos em que há harmonia na dinâmica da interação. Tannen defende a presença maciça de conflito no cotidiano e afirma que são raros os momentos compartilhados, por locutor e interlocutor, “com conseqüências agradáveis para ambos, no plano psicológico” (TANNEN *apud* ALBUQUERQUE, 1995, p.36). Autores como Tannen postulam que toda interação é conflituosa, pois nela entram em jogo a manutenção e preservação das faces dos interactantes. Por isso, muitas vezes o locutor utiliza-se de estratégias que atenuarão a possibilidade de ocorrência de conflito – em qualquer grau – para se evitar a hostilidade, o que poderia inviabilizar a interação.

Como será demonstrado adiante, há na língua uma série de recursos que têm por finalidade a manutenção do caráter harmonioso da interação, principalmente, quando se trata de uma situação conflituosa. No âmbito da análise do discurso,

têm sido analisados traços/dimensões da fala como as variações prosódicas/paralingüísticas, a organização seqüencial, o tema, a mudança de tópico; no nível analítico, têm apontado para a seleção de recursos sociolingüísticos específicos como discurso direto e indireto, formas de endereçamento, narrativa, silêncios, etc (AQUINO, 1997, p. 111).

Segundo Grimshaw (1990), podem-se considerar os seguintes elementos ao abordar o conflito:

1. *relations of power and of affect and the nature of stakes in determining the occurrence, intensity, etc., of conflict talk;*

2. *differences in the nature and course of conflict talk in different domains, with different participants;*
3. *possible sociolinguistics or interactional universals in conflict talk – and of cultural and speech community specialization;*
4. *what sociolinguistics devices are available to and employed by conflict talk participants* (GRIMSHAW, 1990, p. 19).

Para a presente pesquisa, as variáveis sociológicas podem contribuir para o entendimento do conflito, uma vez que os quatro itens supracitados permitem uma melhor observação do papel desempenhado pelos participantes do evento interacional. Pretendemos com isso, estudar o conflito a partir da observação dos interlocutores e dos respectivos papéis que cada um exerce na interação (no caso, personagens de um texto teatral), verificando como são empregados os argumentos e considerando como as relações de poder ou distância hierárquica influenciam no desenvolvimento do conflito.

Uma questão que merece destaque é a de como o conflito se manifesta. Basicamente, pode-se inferir que a própria língua oferece esta possibilidade, dado que as palavras possuem diferentes significados e, muitas vezes, os enunciados podem gerar, em determinados contextos, mal-entendidos ou confusões. O próprio jogo interacional fornece pistas que permitem identificar o conflito: o ritmo da fala, a entonação, a altura da voz, além de fatores não verbais como gestos, são elementos que permitem situar o interlocutor na natureza conflituosa da interação. Tais recursos que denunciam o conflito estão ausentes, na maioria das vezes, no texto escrito, entretanto, em textos teatrais, apresentam-se, em algumas situações, marcados pelo autor, na rubrica.

Não podemos esperar que o conflito esteja sempre explícito linguisticamente na produção dos interactantes para que possamos identificá-lo. O emprego de implícitos, insinuações e outras estratégias discursivas são, muitas vezes, os recursos selecionados pelos interlocutores. Essas estratégias são, freqüentemente, utilizados para amenizar o conflito quando o indivíduo prevê que sua colocação pode inviabilizar a interação. Imaginemos uma situação na qual os participantes possuem, abertamente, opiniões antagônicas a respeito de um determinado tema. Na interação entre ambos, já é possível prever que haverá conflito e, portanto, se eles desejarem expressar seus pontos de vista, valores e ideologias, terão que utilizar estratégias que

minimizem a possibilidade de desencadeamento de uma situação conflituosa mais drástica que inviabilize a interação.

Como já foi mencionado, para alguns autores, todo evento interacional pode ser considerado conflituoso. Contudo, podemos pensar em situações que apresentam pequenos conflitos, como quando duas pessoas interagem para decidirem qual filme vão assistir no cinema, e grandes conflitos como num debate entre dois políticos adversários. **Entretanto, o conflito é sempre uma possibilidade latente.**

Interessante observação a respeito da instauração do conflito nos é fornecida por Aquino (1997):

Instaurado o conflito, observa-se que o indivíduo pode estar com razão, mas se não souber usar argumentos fortes e adequados não vencerá a disputa. Treino de argumentação, conhecimento, habilidade para selecionar as melhores estratégias naquele momento determinado a partir do que ele sabe que pode derrotar seu interlocutor específico fazem do locutor um vencedor (AQUINO, 1997, p. 118).

Para interagir é necessário habilidade para defender o próprio ponto de vista e para não permitir que o outro vire o jogo com estratégias mais eficazes. Por isso, é importante que o locutor conheça seu interlocutor para que tenha condições de se preparar para administrar os seus argumentos e outros recursos que permitirão conduzir, novamente, a situação a um estado harmonioso que possibilite a manutenção do evento interacional.

Quando se trata do tema “conflito”, pode-se pensar na questão da negociação que está implicada na resolução deste. Pode-se entender a negociação como um processo interacional que entra em cena quando da incompatibilidade das idéias vinculadas pelos interactantes, com a finalidade de eliminar este desentendimento e restabelecer uma interação com boas condições de trocas entre os participantes. Entendida desta forma, a negociação implica a existência do conflito e do desejo de cooperação, pois numa negociação é necessário que os indivíduos utilizem elementos que possibilitem solucionar o desacordo e que, além do mais, estejam dispostos a restabelecer o acordo mesmo que tal desejo não seja sincero. Caso um dos interactantes opte por não aceitar o jogo da negociação, ter-se-á o conflito

explícito que poderá chegar a inviabilizar a interação, mas o que se espera é que na interação conflituosa os interactantes, diante de um impasse, utilizem argumentos que possibilitem o retorno ao acordo, isto é, que eles diluam a divergência até que constatem o acordo, mesmo que esta constatação seja a de impossibilidade de haver acordo (*cf.* Aquino, 1997).

O que se verifica, nestes casos, é o contrato social postulado por Goffman em 1967, para quem todo locutor inicia a interação com uma imagem positiva de si mesmo e de seu interlocutor. No decorrer da interação, ele espera que esta auto-imagem seja respeitada, assim como ele fará com a de seu interlocutor, porém, o que ocorre é que toda interação apresenta uma ameaça real ou potencial à imagem, denominada “face” por analogia com expressões usuais em algumas línguas, como “perder a face” (*to lose face*).³. Dessa forma, as imagens estão sempre sendo negociadas e parece ser uma constante, numa interação conflituosa, que prevaleça o intuito de se destruir a imagem positiva do outro ou ressaltar a sua imagem negativa, ou seja, sua independência e auto-suficiência frente ao grupo.

Assim, podemos entender que o conflito pode ser desencadeado de diversas formas: quando interagem indivíduos com pontos de vista antagônicos, ou seja, há um tema polêmico e os interactantes desejam defender suas opiniões; quando alguém pretende impor suas idéias sem manifestar consideração pelas do outro; quando há diferenças hierárquicas entre os interactantes, sendo que aquele com maior *status* poderá tentar impor suas convicções, que podem ir contra as crenças de seu interlocutor; quando há algum jogo de interesses, no qual o convencimento do outro é uma tarefa primordial e, ainda, em todos os outros tipos de interação que dependem do convencimento do outro para levá-lo a uma possível adesão a novas idéias.

Entretanto, dentro do jogo da interação conflituosa, os participantes não podem se sentir por demais ameaçados pelo *status* do adversário, pois acima de tudo há um jogo a ser jogado. Albuquerque (1995) recorre a Dascal para explicar como funciona o jogo numa interação conflituosa:

³ O conceito de *face* será apresentado posteriormente.

Dascal afirma que qualquer pessoa que se veja seriamente engajada em uma controvérsia chama para si as obrigações, como oponente, de criticar o mais efetivamente possível a posição do outro e, de, como defensor, defender total e exaustivamente seus próprios pontos de vista, independentemente da firmeza e da crença que neles possui. Essas obrigações, (...) não nascem do “amor à verdade”, tantas vezes solenemente evocado como razão, mas sim nascem do objetivo primário de jogo, que é, simplesmente, o de ganhar (ALBUQUERQUE, 1995, p.52).

Mesmo Goffman já faz menção ao “uso agressivo” das estratégias de trabalho da face em tais situações, como será detalhado mais adiante. Porém, vale ressaltar que o desejo de ganhar a luta não deve superar a responsabilidade de se manter a interação num nível civilizado, de acordo com as regras do jogo.

[Selma, que tal aqui o uso agressivo do trabalho da face? – acho que o uso agressivo deve entrar no item do trabalho da face, por isso coloquei aquela obs. no parágrafo anterior]

2.3 O CONCEITO DE CONFLITO

Certamente, fatores como perspectivas teóricas, método, natureza da interação e/ou participantes, e, principalmente, a natureza do *corpus*, fazem com que o conceito de conflito se apresente de maneira divergente nos diversos trabalhos que abordam este tópico. No entanto, salvo alguns exemplos esparsos e apesar da universalidade e importância do conflito na interação, verifica-se uma grande lacuna no que se refere a definições claras do termo que servissem de base para a elaboração da definição de conflito a ser utilizada nesta pesquisa. Dessa forma, para se definir o conceito de conflito que será utilizado neste trabalho, consideramos, em uma primeira etapa, as definições que os dicionários apresentam para o termo, assim como as de seus termos correlatos.

Para tanto, selecionamos dois dicionários de grande prestígio em seus respectivos países, o *Duden Deutsches Universalwörterbuch* e o Dicionário

Houaiss da Língua Portuguesa, cujos verbetes sobre o tema estão apresentados a seguir: **[acho que podemos aproveitar alguns destes termos para definir o tipo de “interação” no título de cada fragmento. Por exemplo, o fragmento do Mucius poderia talvez ser chamado de “debate”, já que o termo em português contempla a “altercação”]**

 **KONFLIKT - CONFLITO:**

Duden	Houaiss
<p>1. <i>durch das Aufeinanderprallen widerstreitender Auffassungen, Interessen o. Ä. entstandene schwierige Situation, die zum Zerwürfnis führen kann.</i></p> <p>2. <i>Zwiespalt, Widerstreit aufgrund innerer Probleme.</i></p>	<p>1. profunda falta de entendimento entre duas ou mais partes.</p> <p>2. choque, enfrentamento.</p> <p>3. discussão acalorada; altercação.</p> <p>4. ato, estado ou efeito de divergirem acentuadamente ou de se oporem duas ou mais coisas.</p>

O verbete em português apresenta, além dos significados ligados à divergência de opiniões e interesses e do choque de idéias, igualmente presentes em alemão, componentes que apontam para uma situação agressiva de divergência acalorada ou mesmo enfrentamento, enquanto em alemão a situação é marcada somente como “difícil”, apenas “podendo levar a uma briga”. A idéia de uma “profunda falta de entendimento” que aparece no verbete em português está ausente do verbete em alemão.

 **DISKUSSION - DISCUSSÃO:**

Duden	Houaiss
<p>1. a) <i>[unter der Führung eines</i></p>	<p>1. ação ou efeito de discutir.</p>

<p><i>Diskussionsleiters stattfindendes, in bestimmter Form ablaufendes] Gespräch, Aussprache, Austausch von Meinungen mehrerer Personen über ein bestimmtes Thema.</i></p> <p><i>b) Auseinandersetzung zwischen einzelnen Personen über bestimmte, sie angehende Fragen.</i></p> <p><i>2. in der Öffentlichkeit (in der Presse, im Fernsehen, in der Bevölkerung o. Ä.) stattfindende Erörterung von bestimmten. die Allgemeinheit od. bestimmte Gruppen betreffenden Fragen.</i></p>	<p>2. exame minucioso (de um assunto, problema etc.), levantando-se os prós e os contras.</p> <p>3. debate, polêmica, em que cada participante defende pontos de vista opostos.</p>
--	---

Em alemão, temos nesta acepção a possibilidade da presença de um moderador na conversação, o que não ocorre com a definição em português. Há também a possibilidade de se levar a meios públicos uma determinada questão referente à própria comunidade. Verifica-se também que o verbete possui um caráter mais neutro do que em português.

 **DISPUT - DISPUTA:**

Duden	Houaiss
<p><i>Streitgespräche führen (bildungsspr.): kontrovers geführtes Gespräch; Streitgespräch.</i></p>	<p>ato ou efeito de disputar.</p> <p>confrontação verbal em que cada lado defende, com argumentos, seus pontos de vista; discussão, debate, polêmica.</p>

Neste verbete, é interessante observar que a disputa é, em alemão, algo mais agressivo do que em português (*Streitgespräch*). Em português é

mencionada a utilização de argumentos para defender o posicionamento quanto a uma situação, verifica-se que os elementos mais **agressivos** em alemão estão também presentes em português como, por exemplo, a confrontação verbal e a polêmica.

 **DISPUTATION:**

Duden	Houaiss
<i>wissenschaftliches Streitgespräch, in dem ein Thema, ein Fragenkomplex öffentlich erörtert wird</i>	Sem equivalência

Esta noção, inexistente em língua portuguesa, refere-se a uma atividade da cultura alemã na qual se discute publicamente sobre um tema científico ou uma questão, remontando a discussões públicas de estudiosos sobre temas religiosos. Um termo semelhante em português seria, talvez, “debate”, mas sem a tradição que subjaz ao termo alemão.

 **POLEMIK - POLÊMICA:**

Duden	Houaiss
<p>1. <i>scharfer, oft persönlicher Angriff ohne sachliche Argumente [im Rahmen einer Auseinandersetzung] im Bereich der Literatur, Kunst, Religion, Philosophie, Politik o. Ä.</i></p> <p>2. <i>polemischer Charakter (einer Äußerung o. Ä.).</i></p> <p>3. <i>scharfe, polemisch geführte Auseinandersetzung.</i></p>	<p>1. discussão, disputa em torno de questão que suscita muitas divergências; controvérsia.</p> <p>2. debate de idéias.</p>

Em situação de debate, este verbete tem como significado, em alemão, um ataque violento pessoal sem a utilização de argumentos objetivos, nas áreas da literatura, arte, religião, filosofia, política, etc. O verbete em português também abrange estas significações, sem contudo especificar uma área do conhecimento. Aqui se encontra o termo “debate”, evocando um aspecto semelhante ao de *Disputation* em alemão.

 **DEBATTE - DEBATE:**

Duden	Houaiss
<p><i>lebhaft</i> Diskussion, <i>Auseinandersetzung</i>, <i>Streitgespräch</i>.</p>	<p>1. luta em defesa de uma causa; contenda, justa, peleja.</p> <p>2. discussão acirrada; altercação.</p> <p>3. exposição de razões em defesa de uma opinião ou contra um argumento, ordem, decisão etc.</p>

Mais uma vez constatamos que o verbete significa, em alemão, um choque verbalizado de idéias. Em português, o conceito é mais “hostil”, abrangendo até uma condição de luta.

Sendo assim, considerando-se as definições dos verbetes, podemos observar que as línguas em questão apresentam conceitos diferentes de conflito e de seus correlatos. Enquanto em alemão os termos são, em geral, mais neutros e aplicados a áreas mais específicas do saber, referindo-se a um processo de apresentação de idéias incompatíveis e argumentação visando a um entendimento ou convencimento, em português há o elemento negativo

predominando, ou seja, os verbetes definem o conceito de conflito predominantemente como uma atitude de luta, enfrentamento, agressão.

Para o nosso estudo, adotamos a perspectiva das definições **predominante** nos verbetes da língua alemã, pois entendemos o conflito como uma atitude de desentendimento de idéias e não como uma situação que envolva uma agressão física.

A busca por definições de conflito mais específicas em dicionários **especializados** mostrou-se bastante infrutífera. Na realidade, encontramos, até o momento, apenas três definições claras de conflito aplicáveis ao nosso trabalho, sendo duas da perspectiva da psicologia e uma da lingüística, as quais transcrevemos a seguir:

✚ “Para um psicólogo social, um conflito é uma incompatibilidade aparente de ações, objetivos ou idéias. Os elementos do conflito são muito semelhantes em todos os níveis, tanto entre nações em guerra e disputas culturais dentro de uma sociedade quanto entre indivíduos em uma disputa conjugal. Em cada situação, as pessoas ficam emaranhadas em um processo social potencialmente destrutivo que pode produzir resultados que ninguém deseja. Entre os processos destrutivos estão as armadilhas sociais e as percepções distorcidas” (MYERS, 2006, p. 526).

✚ “*Conflito interpessoal*, tb. chamado de conflito social (Lewin 1935) ou conflito entre pessoas ou entre grupos, como objeto da Ps. social e da Ps. Social aplicada. Os conflitos sociais são conflitos de interesse ou consequência de propósitos discrepantes de ação. Surgem porque: a) pessoas ou grupos buscam metas que se excluem; b) pessoas ou grupos perseguem as mesmas metas com → recursos limitados; ou c) a competição dificulta a → negociação das partes, o que conduziria a um compromisso. Frequentemente, os motivos das partes em negociações são “mistos”, i. é, junto com o propósito de levar ao máximo o ganho

individual, há a vontade de maximizar a vantagem comum (cooperar → dilema social)” (DORSCH; HÄCKER; STAPF, 2004, p. 178).

✚ “(...) entendemos por conflito a situação discursiva – seja uma conversação de tipo diálogo casual ou entrevista, nosso objeto de análise – em que se observa desentendimento entre as idéias que estão sendo desenvolvidas pelos interlocutores; em que ocorre uma disputa entre as idéias e os argumentos apresentados por eles.

Além disso, tomamos as denominações *conflito*, *polêmica*, *discussão*, *debate*, *disputa*, como sinônimas dessa conversação em que ocorre controvérsia, em que se tenta convencer o interlocutor de forma diferenciada de uma argumentação “normal”. Aquela é mais provocativa, mais tendenciosa, mais poderosa, mais veemente, podendo ser mais inflamada, mais irritada, senão irritante” (AQUINO, 1997, p. 117).

O que se observa nestas definições de conflito, bem como nas acepções dos termos afins nos dicionários em alemão e português, é a noção de incompatibilidade de idéias e posicionamentos e a presença de um elemento de *pathos* bastante marcado, no sentido de “transbordamento emocional” (Charaudeau / Maingueneau 2004, p.371). Ainda de acordo com o *Dicionário de Análise do Discurso*, em termos retóricos:

“enquanto os argumentos lógicos que agem sobre a representação podem fundar a persuasão ou a convicção, o *pathos* implica a vontade (no limite contra as representações), e é nisso que ele é essencial (...)”,

enquanto na análise do discurso, “esta noção [*pathos*] é, às vezes, utilizada para assinalar as discursivações que funcionam sobre efeitos emocionais com fins estratégicos” (Charaudeau; Maingueneau 2004, p.371-372).

Frente à falta de uma definição específica do termo e a partir das observações aqui apresentadas, portanto, o conflito será **aqui** entendido como uma **situação de discordância a partir de choque de interesses e/ou opiniões a respeito de um tema abordado**. Tal situação levará os

interlocutores a **argumentarem** em defesa de seu ponto de vista e a **desqualificarem** o ponto de vista do outro, **ameaçando** potencialmente as faces⁴ dos interactantes, inclusive criando efeitos emocionais, os quais talvez sejam responsáveis por percebermos, intuitivamente, que uma situação é “mais” ou “menos” conflituosa que outra.

As definições encontradas, especialmente nos verbetes dos dicionários alemães, deixam claro o papel central da argumentação no processo de convencimento que deriva de situações de conflito (já seguindo nossa definição). Além da introdução às teorias do trabalho da face, uma breve discussão sobre o tema da argumentação torna-se relevante para nosso estudo, pois, conforme podemos observar, há uma relação intrínseca entre argumentação e conflito (como já observou Aquino 1997).

⁴ De acordo com o modelo proposto por BROWN & LEVINSON (1987).

3 ARGUMENTAÇÃO E CONFLITO

3.1 O CARÁTER ARGUMENTATIVO DA LINGUAGEM

Com os trabalhos de filósofos da linguagem, particularmente John Austin e Paul Grice, a língua passa a ser observada como atividade, i.e., forma de ação. Austin afirma que a linguagem não tem apenas uma função descritiva, mas é uma forma importante e eficaz de agir. Grice nos mostra que a linguagem natural comunica muito mais do que aquilo que é explicitado no momento de sua enunciação, quer dizer, quando se fala, existe também a comunicação de conteúdos implícitos. Durante uma interação, os interactantes possuem objetivos que pretendem atingir. Desta maneira, ao interagir com o outro, o que buscamos é atuar sobre o nosso interlocutor, em outras palavras, almejamos provocar certas reações e até mesmo ações durante a interação.

[quebra!]

Pode-se observar uma relação intrínseca entre argumentação e conflito:

A argumentação funciona como reguladora dos conflitos provenientes do domínio da ação, lingüística ou não, e que parecem ser gerados pelo confronto entre o sistema de valores - que se apresentam, muitas vezes, incompatíveis dos diferentes participantes da atividade discursiva (AQUINO, 1997, p. 144).

Segundo Koch (2002, p.17) “o ato de argumentar, isso é, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato lingüístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia. Assim, a afirmação de que se pretende, em certas circunstâncias, produzir um texto “neutro” é apenas uma utopia, dado que “o discurso que se pretende ‘neutro’, ingênuo, contém também uma ideologia – a da própria objetividade” (*ibidem*).

O mesmo posicionamento quanto ao papel da argumentação na linguagem pode ser encontrado nos teóricos Ducrot e Anscombe. Segundo a tese destes, a argumentação não corresponde a um emprego que é dado à linguagem, mas sim, é um fenômeno que está presente nela. Ambos acreditam que o sentido de uma frase não pode ser obtido apenas por sua estrutura, mas depende do seu contexto. Sistemáticamente, podemos entender a argumentação da seguinte maneira: argumentar é “apresentar um enunciado

E1 (ou de um conjunto de enunciados) como destinado a fazer *admitir* um outro (ou um conjunto de outros) E2 a um interlocutor” (DUCROT e ANSCOMBRE *apud* MAINGUENEAU, 1996, p. 62). Assim, pode-se afirmar que a argumentação é uma relação discursiva que une um ou mais argumentos em favor de uma conclusão.

Para Ducrot, argumentar significa apresentar A em favor da conclusão C, ou seja, apresentar A como devendo levar o interlocutor a concluir C. Vale enfatizar que quando um locutor diz A, ele apresenta A como capaz de fazer o destinatário concluir C, como razão para crer em C. Obviamente, existe na língua uma gama de procedimentos / expressões que auxiliam o falante na construção de um enunciado argumentativo. Esses elementos não apenas transmitem o seu conteúdo informativo, como também fornecem uma **orientação argumentativa** (Ducrot, 1981) ao enunciado, conduzindo o interlocutor a uma determinada direção.

O próprio autor formula a idéia de que o valor argumentativo de um enunciado não é dado apenas pela soma das informações que nele são vinculadas, mas as sentenças podem conter elementos que, além de seu conteúdo informativo, sinalizam a orientação argumentativa do enunciado. Dessa maneira, é possível postular que existe na própria gramática um valor retórico ou argumentativo. Estas observações permitiram que Ducrot (1981) chegasse a duas conclusões fundamentais a respeito da argumentação:

- I. a argumentação está na língua; e
- II. o ato de argumentar é o ato lingüístico fundamental.

Segundo Plantin (2008, p. 32) “na teoria da argumentação na língua, a argumentação é reconstruída em um plano exclusivamente lingüístico, de acordo com o programa estruturalista em lingüística. A intuição fundamental desse modelo é que, quando um indivíduo produz um enunciado, já é possível, exclusivamente sobre essa base, predizer o que ele vai dizer em seguida. O estudo da argumentação é o estudo das capacidades projetivas dos enunciados, da expectativa criada por sua enunciação”.

Com estas observações, é fácil perceber que a linguagem possui um uso particular, o emprego essencialmente argumentativo, quando temos o intuito de conduzir os enunciados que produzimos, para que os nossos interlocutores cheguem a determinadas conclusões ou atitudes. Desse modo, conclui-se que o uso argumentativo da língua não é algo que lhe é externo, ou seja, sobreposto, mas esta argumentatividade faz parte de sua estrutura interna, quer dizer, está presente na própria essência da língua.

Dominique Maingueneau afirma que, em geral, as teorias da argumentação oscilam entre uma concepção “logicista” e uma concepção “retórica” (MAINGUENEAU 1997, p. 159). Ele também salienta que as recentes pesquisas na área da linguagem indicam que “a língua com certeza, possui um valor argumentativo que é essencial, mas que obedece a princípios absolutamente específicos” (*ibidem*, p.160). Esta questão é importante para que se possa discutir o valor argumentativo da língua e, conseqüentemente, das estratégias lingüísticas ligadas a estes princípios, partindo, inicialmente, de seus parâmetros genéricos para que se possa compreender o que existe de específico em cada tipo de discurso, como o jurídico, o jornalístico, o literário, o dramático etc.

Com relação ao texto teatral, Maingueneau o coloca em destaque quanto à possibilidade de observação do aspecto argumentativo. Para este, dentre os gêneros de discurso, no teatral as estratégias argumentativas se desenvolvem com grande destaque, pois “o teatro oferece o espetáculo de cenas de interlocução verdadeiro onde os enunciados se confrontam” (MAINGUENEAU, 1996, p. 66).

O texto teatral, [como o que analisaremos nesta pesquisa](#), proporciona condições favoráveis para se observar os recursos argumentativos, pois o próprio texto nasce de uma situação conflituosa a ser “trabalhada” pelas personagens numa relação dialógica (locutor/alocutário) por meio de intensa manipulação de opiniões e pontos de vista. Neste exercício, a operação da argumentação é fundamental, pois o texto no teatro não é um instrumento da ação dramática, mas parte integrante da mesma:

A atividade de linguagem no teatro não poderia ser apreendida como um simples "instrumento" de comunicação a serviço das peripécias do drama; ela é parte integrante desse drama. Os personagens confrontam-se através de suas palavras, as relações estabelecem-se e evoluem não por intermédio da linguagem, mas na linguagem (MAINGUENEAU, 1996, p. 71).

A esse respeito, torna-se necessário fazer uma ressalva. Concordamos com o autor que o texto dramático proporciona uma "cena" extremamente fértil no que diz respeito às estratégias argumentativas, já que a espinha dorsal desta modalidade textual é o conflito:

A ação dramática não se limita à realização calma e simples de um fim determinado; ao contrário, ela se desenrola num ambiente feito de conflitos e colisões e é alvo de circunstâncias, paixões, caracteres que a ela se contrapõem ou se opõem. (HEGEL *apud* PAVIS, 1999, p.67).

Entretanto, em nenhuma hipótese estamos utilizando este tipo de texto como algo análogo à conversação espontânea, dado que temos plena convicção da natureza singular de cada um dos produtos lingüísticos.

3.2 O PAPEL DA ARGUMENTAÇÃO NA INTERAÇÃO CONFLITUOSA

Como apresentado no capítulo anterior, o conceito de conflito no discurso que será utilizado neste trabalho está intrinsecamente vinculado ao fenômeno da argumentação. A situação, o contexto exige que os interlocutores exponham suas opiniões, defendam seus pontos de vista, debatam numa direção, levando-os a perder ou ganhar face⁵.

O principal objetivo da atividade argumentativa é levar à adesão do outro ao ponto de vista do locutor. Esta adesão/persuasão pode apresentar-se bastante dissimulada, o que implica que os participantes estejam em condições de detectá-la e recodificá-la. Muitas vezes, os interactantes não estão dispostos a abrir mão de seus pontos de vista, i.e. de suas crenças ou mesmo

⁵ O conceito de face será apresentado no item **XX**

paixões; observa-se, assim, “confrontação de pontos de vista em contradição a respeito de uma mesma questão” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 55). Estes autores ainda ressaltam que o cerne da atividade argumentativa é “a **dúvida** lançada sobre um ponto de vista, o que obriga o interlocutor a justificá-lo” (*ibidem*).

Como vimos no início deste capítulo, a argumentação é uma propriedade característica da língua; desta forma, o indivíduo portador de interesses, de paixões e de valores a emprega em seu discurso por meio de diversas estratégias (como veremos posteriormente), para fazer com que o outro aceite as suas convicções e seja levado a uma ação. Nesta atividade, é preciso provocar uma reação para que a realidade possa ser transformada com o intuito de se conseguir a adesão do interlocutor. É um momento crítico no processo interacional que exige habilidade e consideração pela face do outro:

A argumentação deve ser oportuna, justa e equilibrada para que se obtenha êxito; contamos com a força que um determinado argumento comporta e, nos domínios da argumentação, precisamos observar, administrar os usos de um argumento para saber de sua eficácia (AQUINO, 1997, 146).

Com relação a isto, deve-se ponderar a respeito de diversas variáveis que interferem durante a interação como, por exemplo, o poder relativo que um interlocutor exerce sobre o outro, o seu grau hierárquico, o desprezo/apreço pelas faces do alocutário etc. Não é difícil perceber que, numa situação de desacordo, o locutor geralmente estará muito mais interessado em investir numa argumentação incisiva, a fim de conseguir a adesão do outro ao seu ponto de vista / idéias, do que a poupar-se das possíveis sanções que tal atitude implicará.

3.3 A RELEVÂNCIA DA RETÓRICA NA ARGUMENTAÇÃO

Argumentar pode ser compreendido como o emprego de técnicas que visam conseguir a adesão do outro a uma dada questão, ou seja, ter condições

de vislumbrar elementos que estrategicamente empregados podem promover a adesão do outro ao ponto de vista do locutor. Nesta concepção, é possível vincular a argumentação à retórica, pois “a retórica é a faculdade de ver teoricamente o que, em cada caso, pode ser capaz de gerar a persuasão” (ARISTÓTELES, p.33). Outro elemento que permite esta relação entre retórica e argumentação é o fato de que na Antiguidade o objetivo da retórica era empregar a língua num discurso em praça pública de forma persuasiva com o intuito de conseguir a adesão dos ouvintes à tese defendida. Tal especificidade – obter a adesão do outro – também é almejado em todo processo argumentativo. Para Perelman (2005), não há discurso sem auditório e não existe argumentação sem retórica. A argumentação pode apresentar-se de duas formas a) persuasiva e b) demonstrativa:

“Aquela não pretende provar ou mostrar a validade das razões em termos lógicos, já que se relaciona a normas e consensos pertencentes a determinada cultura e emprega as provas dialéticas em lugar do cálculo lógico, direcionando-se ao verossímil. A demonstrativa é universal, fundada em objetos do campo da Matemática, da Lógica e da Física; está associada à verdade que é mais propriedade da proposição e que, muitas vezes, se reduz a um cálculo, sem levar em conta a estreita relação sujeito/discurso” (AQUINO, 1997, p.147).

Outro ponto importante para a discussão diz respeito ao conceito de verdade. Antes de Aristóteles, a verdade contrapunha-se à mentira, ao equívoco. A partir de Aristóteles esta noção de verdade é substituída pelo conceito de verossímil, i.e., não é necessário ser, mas precisa parecer verdade. Com isso, a verdade passa a ser mediada pelo discurso, ou seja, o sentido passa a ser manipulado pelo discurso e é por meio deste que é construído.

Não há como abordar o tema da retórica sem recapitular o conceito de Retórica Aristotélica. Já na Antigüidade greco-latina a argumentação era objeto de estudo, entendida como forma de persuasão. Aristóteles a designou como a ciência da arte de persuadir. Ciência esta, capaz de descrever o que num dado discurso é eficiente para persuadir, i.e., de elucidar as regras que tornam os argumentos eficientes na atividade discursiva.

A respeito desta intenção de persuadir, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p.30) fazem uma importante distinção entre convencer e persuadir: esta está ligada ao resultado e é a primeira fase que leva à ação; em contrapartida, o convencimento representa o caráter racional da adesão. Persuadir significa levar o interlocutor a agir e convencer é fazer o interlocutor acreditar. No que se refere à argumentação, esta distinção é relevante quanto ao público-alvo:

Propomo-nos chamar *persuasiva* a uma argumentação que pretende valer só para um auditório particular e chamar *convincente* àquela que deveria obter a adesão de todo ser racional (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.31).

Para os autores, a argumentação é compreendida como a utilização de técnicas discursivas com o objetivo de incitar a adesão dos espíritos às teses apresentadas, ou seja, é um instrumento de ação sobre os espíritos, o que a caracteriza como um ato de persuasão.

De acordo com Mosca (2004, p.22), “o discurso persuasivo, aquele destinado a agir sobre os outros através do *logos* (palavra e razão), envolve a disposição que os ouvintes conferem aos que falam (*ethos*) e a reação a ser desencadeada nos que ouvem (*pathos*)”.

Ainda sobre a diferença entre convencer e persuadir, na obra *Retóricas*, Perelman afirma: “uma distinção clássica opõe os meios de convencer aos meios de persuadir, sendo os primeiros concebidos como racionais, os segundos como irracionais, dirigindo-se uns ao entendimento, os outros à vontade”. “Para quem se preocupa sobretudo com o resultado, persuadir é mais do que convencer: a persuasão acrescentaria à convicção a força necessária que é a única que conduzirá à ação. Abramos a enciclopédia espanhola. Dir-nos-ão que convencer é apenas uma primeira fase – o essencial é persuadir, ou seja, abalar a alma para que o ouvinte aja em conformidade com sua convicção que lhe foi comunicada” (PERELMAN, 1997, p. 59).

A retórica clássica deixou um legado bastante fecundo para que, séculos depois, fosse possível o resgate de seus elementos para o surgimento de uma “Nova retórica”. Passemos, então, a um sucinto levantamento das propriedades

da Arte Retórica. As partes componentes da retórica são cinco (quatro para os gregos e uma acrescentada pelos romanos):

- ✚ *Inventio* – “é o estoque do material, de onde se tiram os argumentos, as provas e outros meios de persuasão relativos ao tema do discurso”, ou seja, trata-se de uma etapa cognitiva;
- ✚ *Dispositio* – etapa de disposição dos argumentos e das diversas partes do discurso, a saber, exórdio ou introdução, proposição, partição, narração/descrição, argumentação (confirmação / refutação) e peroração que é a conclusão do discurso. É a estrutura do discurso.
- ✚ *Elocutio* – “é o estilo ou as escolhas que podem ser feitas no plano de expressão para que haja adequação forma/conteúdo”, ou seja, é a colocação do discurso em palavras e frases.
- ✚ *Actio* – “é a ação que atualiza o discurso, a sua execução e constitui o próprio alvo da Retórica. Nela se incluem os elementos suprasegmentais (ritmo, pausa, entonação, timbre de voz) e a gestualidade. Há, portanto, lugar para o não-verbal que se faz parte integrante do ato da comunicação. Tem-se que considerar a presença de um auditório, em relação ao qual o princípio básico é o de adequação, tendo-se como finalidade não apenas convencer pelos raciocínios, mas persuadir com base na emoção”.
- ✚ *Memoria* – “é a retenção do material a ser transmitido, considerando-se sobretudo o discurso oral, em que o orador transmite mensagem ao auditório”. Para Quintiliano, este elemento poderia ser não somente um dom, mas também poderia ser treinada com métodos mnemotécnicos. Trata-se, portanto, de outro fator cognitivo” MOSCA (2004, p. 28-30).

Não é difícil perceber que essas etapas presentes na Retórica Antiga correspondem a procedimentos importantes para a eficácia de qualquer atividade argumentativa. Um dos focos centrais da Retórica de Aristóteles compreende uma teoria da argumentação que se articula com a lógica demonstrativa (cf. AQUINO, 1997, p.150). Um outro aspecto de interesse é o auditório, cujo conhecimento por parte do locutor é de importância singular para o sucesso da argumentação. No processo argumentativo apresentam-se provas e rebatem-se teses do interlocutor. Há dois tipos de provas: técnicas

(produzidas por meio da arte retórica) e não técnicas (provas exteriores e independentes da arte). Para Aristóteles a Retórica não tinha como função primordial o simples fato de persuadir, mas sim, governar os métodos de persuasão para qualquer argumento.

3.4 A CONTRIBUIÇÃO DA NOVA RETÓRICA – UMA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO

O objetivo de toda argumentação (...) é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (PERELMAN&OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.50).

A obra desses estudiosos é referência para todo trabalho relacionado à argumentação. Eles empreendem o resgate da retórica aristotélica, porém não apenas como uma simples classificação de figuras de estilo, mas sobretudo como um processo argumentativo presente em todos os discursos.

De acordo com Plantin (2008, p. 45), “um dos méritos essenciais do *Tratado de argumentação*, de Perelman & Oldbrechts-Tyteca, é o de ter fundado o estudo da argumentação sobre o estudo das “técnicas argumentativas”. Desse modo, essa obra forneceu à argumentação uma rica base empírica de esquemas, que configuram a especificidade dessa prática lingüística.

A concepção de Perelman sobre a argumentação vincula-se ao grau de influência que se exerce sobre o auditório e, por conseqüência, a noção de verdade não está condicionada à Lógica que utiliza raciocínios dedutivos rígidos. Elemento fundamental da teoria perelmaniana é o conceito de auditório que representa o “conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p.22). O auditório é visto como um item ativo do processo, capaz de atender às solicitações, testá-las e avaliá-las. Para Perelman, o orador deve ter de seu auditório uma idéia, tanto quanto possível, próxima da realidade, uma vez que um erro sobre esse

ponto pode ser fatal para o efeito que se quer produzir. Este fato torna imprescindível que o locutor tenha conhecimento das crenças, valores e ideologia que caracterizam o seu interlocutor para poder selecionar os procedimentos / técnicas argumentativas que julgue mais eficientes e adaptados a esse auditório.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca há três espécies de auditórios: o auditório *universal* “constituído pela humanidade inteira, ou pelo menos por todos os homens adultos e normais; o segundo, formado no diálogo, unicamente pelo *interlocutor* a quem se dirige; o terceiro constituído pelo *próprio sujeito* quando ele delibera ou figura as razões de seus atos” (TA, 2005, p.33-34).

Diferentes estratégias argumentativas serão selecionadas considerando-se as particularidades do(s) interlocutor(es) a quem se dirige o discurso. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca, o discurso é ação e recurso modificador da realidade; a argumentação atua por meios discursivos, estimulando uma ação sobre o espírito dos alocutários que se deseja modificar.

Portanto, a Teoria da Argumentação destes autores preocupa-se com os procedimentos discursivos para se obter a adesão não apenas interlocutor como também do auditório: tese, hipótese, teoria que modifica ou não uma relação entre quem as sustenta e quem as recebe, já que a “argumentação é sempre situada e vivida por indivíduos portadores de valores, de interesses e de paixões” (CHARAUDEAU&MAINGUENEAU, 2004, p. 57).

A argumentação depende de acordos entre os interlocutores. Contudo, toda interação conflituosa se encerra independente da possibilidade de acordo entre as partes. Para Moeschler, três princípios podem pôr fim a uma interação conflituosa, os princípios:

1. da saturação cíclica, em que as intervenções opostas se repetem em seqüência;
2. de resolução autoritária, em que uma intervenção autoritária de um dos participantes encerra a polêmica;
3. de resolução externa, quando um terceiro, assumindo o papel de moderador, põe fim à seqüência (MOESCHLER *apud* AQUINO, 1997, p. 172).

Nestes casos, pode-se afirmar que o acordo estabelecido está vinculado à impossibilidade de haver a adesão do interlocutor.

Isto não significa que não possa, em alguns casos, haver resoluções pacíficas e/ou exitosas de uma situação conflituosa. Não cremos que esta seja a situação mais freqüente na resolução de um conflito, embora não se possa desconsiderar esta possibilidade. Nos fragmentos que selecionamos para o corpus deste estudo, por exemplo, não há exemplos de tais soluções.

3.4.1 Os ARGUMENTOS

De acordo com Charaudeau e Maingueneau o argumento, em retórica argumentativa, “define-se como um enunciado que legitima uma conclusão” (2004, p. 57). A principal função de um argumento é defender o ponto de vista do locutor e orientar o interlocutor a uma conclusão. O locutor selecionará o seu argumento, considerando o que conhece a respeito do seu interlocutor e de acordo com os propósitos da atividade discursiva, o que, na realidade, não é tarefa simples e, além do mais, não garante ao locutor o sucesso na persuasão de seu interlocutor.




Com relação aos argumentos, a análise destes elementos não deve ser realizada de forma isolada, mas sim, abordando o conjunto ou mesmo buscando-se unidades argumentativos que permitam a verificação de como os enunciados se alternam e de como os argumentos se articulam, interagem e são atrelados às partes as quais estão em objeção. Além das funções discursivas, deve-se observar as estruturas dos argumentos, seus significados implícitos em um discurso como o persuasivo.

Os três tipos de argumento definidos por Aristóteles, segundo Reboul (2004, p. 47-49), são o *ethos*, o *pathos* e o *logos*. Ainda, de acordo com este autor, o *ethos* e o *pathos* são de natureza afetiva e o *logos* de natureza racional. Desta forma, pode-se compreendê-los da seguinte maneira: (a) o *ethos* “é o caráter que o orador deve assumir para inspirar confiança no auditório”; (b) o *pathos* “é o conjunto de emoções, paixões e sentimentos que o

orador deve suscitar no auditório com seu discurso” e (c) o *logos* “diz respeito à argumentação propriamente dita do discurso”.

A seguir, apresentaremos uma sucinta relação de três grupos de argumentos apresentados por Perelman e Oldbrechts-Tyteca: pelo emprego destes argumentos é que se efetivam as técnicas argumentativas propostas pelos autores.

O primeiro tipo de argumentos são os quase-lógicos, aqueles que “pretendem certa força de convicção, na medida em que se apresentam como comparáveis a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos (...) o que caracteriza a argumentação quase-lógica é, portanto, seu caráter não-formal e o esforço mental de que necessita sua redução ao formal”. (TA, 2005, p. 219s).

Tipo 1: Argumentos quase-lógicos	
 Definição	“Uma das técnicas essenciais da argumentação quase-lógica é a identificação de diversos elementos que são objeto do discurso”. É possível distinguir quatro espécies: “1) as definições normativas, que indicam a forma em que se quer que uma palavra seja utilizada; 2) as definições descritivas, que indicam sentido conferido a uma palavra em certo meio, num certo momento; 3) as definições de condensação, que indicam elementos essenciais da definição descritiva; 4) as definições complexas, que combinam de forma variável, elementos das 3 espécies precedentes” (TA, 2005, p. 238-239).
 Tautologia	“As tautologias e as contradições têm um aspecto quase-lógico porque, logo de início, tratamos os termos como unívocos, como suscetíveis de identificarem-se, de excluïrem-se. Mas, após a interpretação, surgem as diferenças” (TA, 2005, p. 247).
 Regra de justiça	“A regra de justiça requer a aplicação de um tratamento idêntico a seres ou a situações que são

	integrados numa mesma categoria” (TA, 2005, p. 248).
✚ Reciprocidade	“Os argumentos de reciprocidade visam aplicar o mesmo tratamento a duas situações correspondentes (TA, 2005, p. 250).
✚ Transitividade	“A transitividade é uma propriedade formal de certas relações que permitem passar da afirmação de que existe a mesma relação entre os termos <i>a</i> e <i>b</i> e entre os termos <i>b</i> e <i>c</i> , à conclusão de que ela existe entre os termos <i>a</i> e <i>c</i> : as relações de igualdade, de superioridade, de inclusão, de ascendência são relações transitivas” (TA, 2005, p. 257).
✚ Inclusão da parte no todo	“A relação de inclusão ocasiona dois grupos de argumentos, os que limitam a demonstrar essa inclusão das partes num todo e os que demonstram a divisão do todo em suas partes e a relação entre partes daí resultantes” (TA, 2005, p. 262).
✚ Divisão do todo em partes	“A concepção do todo como a soma de suas partes serve de fundamento para uma série de argumentos que podemos qualificar de argumentos de <i>divisão</i> ou de <i>partição</i> ; no argumento de <i>divisão</i> , as partes devem poder ser relacionadas de um modo exaustivo, mas que podem ser escolhidas como se quiser e de modo muito variado, contanto que sejam suscetíveis, mediante sua adição, de reconstruir um conjunto dado” (TA, 2005, p. 265-266).
✚ Argumento de comparação	“A argumentação não poderia ir muito longe sem recorrer a comparações, nas quais se cotejam vários objetos para avaliá-los um a relação ao outro; para desqualificar alguém, um procedimento eficaz é cotejá-lo com o que ele despreza ainda que seja para conceder que é superior. A verdade é que os seres comparados fazem, a partir daí, parte de um mesmo grupo; a própria idéia de escolha, de boa escolha, implica sempre comparação” (TA, 2005, p. 274-280).
✚ Argumento pelo sacrifício	Considerado também como um argumento de comparação, este argumento “é o que alega

	sacrifício ao que se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado. (TA, 2005, p. 281-285).
✚ Probabilidades	“Esse gênero de argumentação poderia ser reportado às relações entre o todo e as partes. Mas as partes, aqui, são realmente as frequências de uma variável, o útil; e o argumento visa ao aumento de dispersão dessa variável” (TA, 2005, p. 290-291).

Para os autores, “enquanto os argumentos quase-lógicos têm pretensão a certa validade em virtude de seu aspecto racional, derivado da relação mais ou menos estreita existente entre eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas, os argumentos fundamentados na estrutura do real valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover” (TA, 2005, p. 297).

Neste grupo, há dois tipos de argumentos: a) argumentos que se empregam a ligações de sucessão, isto é, que ligam um dado fenômeno a suas causas ou a suas conseqüências e b) argumentos que se empregam a ligações de coexistência que ligam uma pessoa a seus atos, um grupo de indivíduos que dele fazem parte e, de uma forma geral, uma essência a suas manifestações.

Tipo 2: Argumentos baseados na estrutura do real	
a) As ligações de sucessão:	
✚ Vínculos causais	“Deve permitir argumentações de três tipos: a) as que tendem a relacionar dois acontecimentos sucessivos dados entre eles, por meio de um vínculo causal; b) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a descobrir a existência de uma causa que pôde determiná-lo; c) as que, sendo dado um acontecimento, tendem a evidenciar o efeito que dele deve resultar” (TA, 2005, p. 299-300).
✚ Argumento pragmático	“Denominamos <i>argumento pragmático</i> aquele que permite apreciar um ato ou um acontecimento consoante suas conseqüências favoráveis ou

	<p>desfavoráveis. Para apreciar um acontecimento, cumpre reportar-se a seus efeitos. O argumento pragmático, que permite apreciar uma coisa consoante suas conseqüências, presentes ou futuras, tem uma importância direta para a ação. Ele não requer, para ser aceito pelo senso comum, nenhuma justificação. Em geral, o argumento pragmático só pode desenvolver-se a partir do acordo sobre o valor das conseqüências” (TA, 2005, p. 303-304).</p>
<p>✚ Argumento de desperdício</p>	<p>“O argumento do desperdício consiste em dizer que, uma vez que já se começou uma obra, que já se aceitaram sacrifícios que se perderiam em caso de renúncia à empreitada, cumpre prosseguir na mesma direção, encontrar-se-á no argumento do desperdício um incentivo ao conhecimento, ao estudo, à curiosidade, à pesquisa” (TA, 2005, p.317-319)</p>
<p>✚ Argumento de direção</p>	<p>“O argumento de direção consiste, essencialmente, no alerta contra o uso do procedimento das etapas: se você ceder esta vez, deverá ceder um pouco mais na próxima, e sabe Deus aonde você vai parar. Esse argumento intervém, de modo regular, nas negociações entre Estados, entre representantes patronais e operários, quando não se quer parecer ceder ante a força, a ameaça ou a chantagem. O argumento da direção pode assumir diversas formas: uma destas é o argumento da <i>propagação</i>. Trata-se de alertar contra certos fenômenos que, por intermédio de mecanismos naturais ou sociais, tenderiam a se transmitir cada vez mais, a se multiplicar e a se tornar, dado esse mesmo crescimento, nocivos. No argumento de contágio há colusão entre dois pontos de vista desvalorizadores; o que se teme como ponto de referência é, ao mesmo tempo, estigmatizado como um mal. No argumento da <i>vulgarização</i> alerta-se contra a propagação que desvalorizaria, tornando comum e vulgar, o que é distinguido porque raro, limitado, secreto. O argumento de consolidação alerta contra</p>

	as repetições que conferem pleno significado e valor ao que não passava de esboço, balbucio, fantasia, e que se tornará mito, legenda, regra de conduta. (TA, 2005, p. 321-327). [<i>é preciso ver se algo disso tudo vai ser usado diretamente na análise, senão é preciso dar uma enxugada</i>]
✚ Argumento de superação	“Os argumentos da superação insistem na possibilidade de ir sempre mais longe num certo sentido, sem que se entreveja um limite nessa direção, e isso com o crescente contínuo de valor” (TA, 2005, p.327).
b) As ligações de coexistência	
✚ Argumento de autoridade	“Muitos argumentos são influenciados pelo prestígio. O argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese. O argumento de autoridade é de extrema importância e, embora seja sempre permitido, numa argumentação particular, contestar-lhe o valor, não se pode, sem mais, descartá-lo como irrelevante” (TA, 2005, p.347-350).
✚ Argumento de dupla hierarquia	“As hierarquias, assim como os valores, fazem parte dos acordos que servem de premissas ao discurso; mas pode-se também argumentar a propósito delas, perguntar-se se uma hierarquia é fundamentada, onde situar um de seus termos, mostrar que tal termo deveria ocupar tal lugar de preferência a outro. Por vezes apresentam-se as hierarquias como vinculadas de tal maneira, que uma delas serve de critério ou de definição à outra” (TA, 2005, p. 384).

No terceiro tipo de argumentos, temos os que fundamentam a estrutura do real. Estes argumentos o fazem “pelo recurso ao caso particular” (TA, 2005, p. 399).

Tipo 3: Argumentos que fundamentam a estrutura do real

<p>✚ Exemplo</p>	<p>“Seja qual for a maneira pela qual o exemplo é apresentado, em qualquer área que se desenvolva a argumentação, o exemplo invocado deverá, para ser tomado como tal, usufruir estatuto de fato, pelo menos provisoriamente; a grande vantagem de sua utilização é dirigir a atenção a esse estatuto” (TA, 2005, p.402).</p>
<p>✚ Ilustração</p>	<p>“A ilustração difere do exemplo em razão do estatuto da regra de uma ou outro servem para apoiar. Enquanto o exemplo era incumbido de fundamentar a regra, a ilustração tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis, aumentam-lhe a presença na consciência” (TA, 2005, p. 407).</p>
<p>✚ O modelo e o antimitelo</p>	<p>“Podem servir de modelo pessoas ou grupos cujo prestígio valoriza os atos. O modelo indica a conduta a seguir; serve também de caução a uma conduta adotada. Se a referência a um modelo possibilita promover certas condutas, a referência a um contraste, a um <i>antimitelo</i> permite afastar-se delas. No argumento do antimitelo incentiva-se a distinguir-se de alguém, sem que nem sempre se possa inferir daí uma conduta precisa. (TA, 2005, p. 414-418).</p>
<p>✚ Analogia</p>	<p>“A analogia faz parte de uma série, identidade-semelhança-analogia, da qual constitui o elemento menos significativo. Uma similitude de estruturas, cuja fórmula mais genérica seria: A está para B assim como C está para D. As analogias desempenham importante papel na invenção e na argumentação, elas permitem estruturar o tema” (TA, 2005, p. 423-438).</p>
<p>✚ Metáfora</p>	<p>“Pela metáfora, diz-nos Dumarsais, ‘transporta-se, por assim dizer, a significação própria de um nome para outra significação, que só lhe convém em</p>

	virtude de uma comparação que existe na mente”. (TA, 2005, p. 453).
--	--

Neste ponto da discussão, pode-se indagar qual é a diferença entre argumento e estratégia argumentativa. Segundo Aquino, (**comunicação pessoal**), um argumento pode atuar como uma estratégia argumentativa: se, por exemplo, alguém diz que está doente, estando numa festa, é um argumento. Entretanto, se uma pessoa faz esta afirmação com o intuito de sair da festa, o argumento funcionará como uma estratégia argumentativa.

Os diversos tipos de argumentos e as estratégias argumentativas serão retomados mais adiante, quando serão investigados em sua interação com o trabalho da face.

4. O TRABALHO DA FACE

4.1 A QUESTÃO DA POLIDEZ

Um dos focos de crescente importância dentro da Pragmática é o papel da polidez nas interações verbais, devido ao interesse em se averiguar quais estratégias comunicativas estão presentes ou mesmo podem caracterizar as participações dos interactantes no momento da interação.

A polidez é muitas vezes entendida como um conjunto de regras de boas maneiras a serem seguidas para que uma pessoa seja caracterizada como “educada”, “polida”. Nesta perspectiva, pode-se entender a natureza da polidez como uma espécie de manual de caráter normativo, ou seja, “regras de etiqueta”. Contudo, inúmeras pesquisas – tanto teóricas quanto descritivas – dedicaram-se a investigar qual é o real lugar e que papel desempenha a polidez na interação.

Nesta abordagem, observa-se uma gama de procedimentos que, longe de serem pequenas “fórmulas” de etiqueta lingüística, tornam-se partes relevantes do material apresentado durante a interação. A polidez não é aquilo que se produz para causar um efeito de requinte junto aos participantes da interação, mas ela não apenas faz parte desta como também se torna elemento fundamental do bom relacionamento entre os interactantes. Com isso, no âmbito da Pragmática, surge um considerável interesse em se estudar quais, e como são empregados os procedimentos responsáveis pela manutenção de um caráter harmonioso na interação interpessoal.

4.2 A POLIDEZ COMO FENÔMENO LINGÜÍSTICO

Sabe-se que “a polidez é universal” (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 384). No tocante a esta questão, vale ressaltar que, apesar desta asserção ser verdadeira, cada cultura possui formas singulares de manifestar a polidez. Como podemos observar em Meier,

a polidez pode ser considerada universal apenas no sentido de que cada sociedade desenvolve e segue normas para o comportamento adequado, embora essas normas variem, considerando que há sociedades em que ou é a posição dos indivíduos dentro do grupo ou é o próprio indivíduo que tem precedência (*apud* Villaça; Bentes, 2008, p. 27).

Desta forma, o que vem a ser polido e, por isso, valorizado em uma cultura pode não o ser em outra. Quando interagimos com falantes da nossa própria língua, somos capazes de reconhecer padrões que regem a polidez e, por isso, sabemos distinguir quando uma situação comunicativa está sendo conduzida adequadamente em termos de polidez. Contudo, o mesmo pode não acontecer quando os interlocutores falam línguas distintas. Conforme podemos verificar em Trask, no seu dicionário de linguagem e lingüística:

Polidez (*politeness*) – a expressão lingüística da cortesia e de posição social. A polidez tem, evidentemente, aspectos não-lingüísticos, mas aqui estamos interessados em sua expressão lingüística. Exceto quando estamos propositalmente procurando o confronto, normalmente tomamos o cuidado de garantir que as coisas que dizemos, e as que não dizemos, sejam escolhidas de maneira apropriada, de modo a evitar constranger ou ofender os outros (...) os aspectos lingüísticos da polidez foram muito estudados nos últimos anos, o que levou a identificar um certo número de variáveis importantes: tom de voz, marcadores de status, expressões de tratamento, graus de certeza ou confiança, marcadores de discurso – como o português *com licença* -, a escolha entre falar e ficar calado, a aceitabilidade das perguntas diretas e outras. As regras de polidez variam muito de uma sociedade para outra, e é muito fácil ofender sem querer, para quem está conversando com falantes de uma outra língua (TRASK, 2008, p. 230).

Vale ressaltar que o autor está se referindo, especificamente, à polidez lingüística, não abordando contudo, o aspecto do trabalho da face (*face-work*) que será discutido posteriormente.

São recorrentes em nosso cotidiano histórias de comportamento não-adequado que nós brasileiros, por exemplo, apresentamos em determinadas situações quando estamos em outros países; são situações que podem inclusive ser vexatórias e bastante constrangedoras, nas quais percebemos que apresentamos uma atitude incomum para com aquelas pessoas. O problema torna-se grave quando nem percebemos que fomos inadequados e, a

partir disso, instaura-se, no outro, uma sensação de que somos inconvenientes, inadequados e até mesmo mal-educados.

Por exemplo, é socialmente incorreto que um brasileiro trate um nativo da língua alemã - com o qual não possui grande familiaridade ou apresente distância social e hierárquica diferentes - com o pronome pessoal *du* (você). A maioria dos estudantes da língua alemã sabe que a forma correta de se interagir é, *a priori*, através do pronome *Sie* (senhor/senhora). Entretanto, em alguns casos, também será inadequado manter este comportamento quando já se estabeleceu um tratamento cordial entre ambas as pessoas sem que se expresse certo desejo de distanciamento, que pode ser igualmente inadequado.

O estudo da polidez é, com efeito, um eficiente recurso para se compreender as diversidades lingüísticas e até mesmo culturais de membros de culturas distintas. Diferentes culturas não apenas utilizam línguas específicas, mas respeitam e executam normas de interação próprias nas mais diversas situações da comunicação. Em vista disso, o estudo da polidez pode colaborar para a compreensão de culturas.

Com esta observação, pode-se compreender, grosso modo, a polidez lingüística como a adequação da produção verbal de um falante a um determinado contexto sociocultural.

Esta visão torna o fenômeno da polidez mais complexo do que a simples concepção desta como um conjunto de regras sociais. Assim, a polidez passa a fazer parte do material produzido durante uma interação como uma estratégia conversacional, um elemento necessário para manter a harmonia durante a interação e, se a língua é o meio principal para se atingir um objetivo, somente empregando a mesma de forma correta se poderá usufruir do máximo de sua eficácia e conseguir a adesão do nosso interlocutor.

O termo polidez é, geralmente, compreendido como ligado ao comportamento de delicadeza, respeito e consideração ou, num sentido negativo, associado às atitudes de insinceridade ou superficialidade. Como indica Leech (1983):

There is an unfortunate association of the term with superficially 'nice', but ultimately insincere, forms of human behaviour, and it is therefore tempting to write off politeness (at least in some cultural environments) as being a trivial and dispensable factor which is no more than a 'garnish' on the serious use of language (LEECH, 1983, p. 83).

Todavia, defendemos que o termo polidez deve ser concebido de outra forma, conforme também defende Kerbrat-Orecchioni:

A noção de “polidez” é (...) entendida em sentido amplo, recobrando todos os aspectos do discurso que são regidos por regras, cuja função é preservar o caráter harmonioso da relação interpessoal (2006, p. 77).

Sabe-se que a abrangência da polidez não se limita ao aspecto lingüístico, mas, muitas vezes, é por meio do lingüístico que surgem muitas das situações delicadas que caracterizam um comportamento inadequado ou - em caso mais sério – uma situação conflituosa, os quais deverão ser apaziguados por meio de formulações que restabeleçam certa harmonia, para que a interação não se torne inviável. Vidal (1996, p.137) ilustra dois interessantes exemplos de comportamento lingüístico/intercultural que interferem no âmbito da aplicação/configuração da polidez.

O primeiro exemplo demonstra como um comportamento banal em uma sociedade pode ser agressivo quando aplicado a um outro contexto; o referido caso é protagonizado por um lingüista britânico quando da visita deste a um rico árabe. O anfitrião fica extremamente desconfortável quando seu convidado expressa elogios ao banquete que lhe fora preparado e, por este motivo, exige que seus empregados retirem todos os pratos e preparem uma nova refeição. Tal situação estabelece-se pois, na cultura do anfitrião árabe, não é cortês tecer comentários sobre a comida, ou seja, esta atitude indica evidente desagrado pela mesma.

Um outro fato demonstra como a polidez pode apresentar-se intrinsecamente vinculada às atitudes dos membros de uma cultura; trata-se da maneira de como os japoneses oferecem um presente. Devido à educação rígida que este povo recebe, na qual valores como a modéstia e a não exteriorização dos próprios sentimentos são valorizados, a norma social

requerida ao se presentear alguém exige que o membro desta cultura deprecie o valor do objeto, exponha as qualidades negativas deste e até mesmo expresse certa ofensa em presentear alguém com tal objeto. Em contrapartida, os ocidentais, ainda que, não expressem nenhum tipo de presunção ao se presentear alguém, não compactuam com a conduta japonesa. Os exemplos supracitados reforçam a idéia de que a polidez não é um estoque de fórmulas, mas conjunto de regras de correlações entre os empregos e as condições de emprego.

Isto posto, faz-se necessário deixar bem claro que o termo “polidez” é polissêmico: ele pode ser usado para significar “boa educação”, ou “cortesia”, “amabilidade”, mas também como sinônimo para **polidez lingüística** (itens lingüísticos com função de polidez, próprios de uma determinada língua ou grupo social), ou ainda para referir-se ao **trabalho da face**, o qual pode ter inclusive um uso agressivo que se opõe diametralmente à noção cotidiana de “polidez”. Dessa forma, os itens a seguir serão dedicados ao detalhamento do conceito de face e dos procedimentos do trabalho da face.

4.3 O CONCEITO DE FACE E DE ATOS AMEAÇADORES DA FACE

O conceito de face é muito importante para a pesquisa em Pragmática, quando se abordam temas relacionados à interação verbal, pois é neste conceito que se baseia o fenômeno da polidez lingüística atualmente dominante, como será visto posteriormente.

O termo “face” é empregado, neste caso, de forma figurada, cujo sentido provém da utilização desta palavra em certas expressões usuais de algumas línguas (p.ex., no inglês e no chinês), como “perder a face”, “salvar a face”; neste contexto, tem-se o sentido equivalente a “reputação”, “honra” e “dignidade”. Deste sentido figurado, originou-se a idéia de face postulada por Erving Goffman em seu livro *Interaction rituals* (1967):

The term face may be defined as the positive social value a person effectively claims for himself by the line others assume he has taken during a particular contact. face is an image of self delineated in terms of approved social

attributes-albeit an image that others may share, as when a person makes a good showing for his profession or religion by making a good showing for himself (GOFFMAN, 1967, p. 5).

Segundo o autor, cada interactante inicia o processo de interação com uma imagem positiva de si mesmo e de seu lugar na sociedade. No processo de interação, o indivíduo espera que esta auto-imagem seja respeitada da mesma forma que ele respeitará a auto-imagem do outro. Portanto, existem duas atitudes que devem ser assumidas pelos indivíduos quando do contato social: uma atitude defensiva – o locutor precisa preservar a própria face – e uma atitude protetora – o mesmo deve preservar a face do seu interlocutor:

Assim como se espera de um membro de qualquer grupo que ele tenha respeito próprio, assim também se espera que ele mantenha um padrão de consideração; espera-se que ele se esforce por resguardar os sentimentos e a imagem dos outros presentes [...]. O efeito combinado da regra de auto-respeito e da regra de consideração é que a pessoa tende a conduzir-se durante um encontro de modo a sustentar tanto a sua imagem como a dos demais participantes (GOFFMAN, *apud* MEIRELES 1997, p. 33).

Entretanto, pode-se imaginar que o processo interacional nem sempre atenda a este grau de civilidade, ou seja, é previsível que em alguns momentos da comunicação surjam situações que ameaçam as faces dos interactantes. Além do mais, segundo alguns autores, a interação é, intrinsecamente, um fenômeno potencialmente desestabilizador das relações interpessoais: “o simples fato de entrar em contato com outros em sociedade rompe um equilíbrio ritual preexistente e ameaça potencialmente a auto-imagem pública construída pelos integrantes” (ROSA, 1992, p. 20).

Já que obter a colaboração do interlocutor é uma tarefa primordial da comunicação, pode-se concluir que a necessidade de preservação das faces é uma constante. Cabe então acrescentar que os interactantes, diante das ameaças às faces, utilizam-se de técnicas que Goffman denominou como trabalho da face (**face-work**) i.e., um conjunto de procedimentos que visam, tanto quanto possível, a neutralizar as ameaças às faces dos interlocutores que foram real ou potencialmente atingidas, a fim de restabelecer a harmonia na interação:

Assim, existem técnicas específicas que visam restabelecer o equilíbrio das faces frente a tais situações. Goffman menciona como técnicas de trabalho da face os **processos evasivos**, pelos quais temas e situações constrangedoras são evitados totalmente ou apresentados de forma dissimulada ou indireta, e os **processos corretivos**, (nos quais comportamentos ritualísticos são adotados para compensar o dano causado à face de um ou mais participantes), sendo que a intensidade e a duração de tais correções correspondem à intensidade da ameaça (GOFFMAN, *apud* MEIRELES, 1997, p. 34).

Este é o tipo de interação na qual os participantes estão dispostos a cooperar na preservação da própria face e também da do outro. É fato que as técnicas de preservação da face podem também ser empregadas em situações nas quais o locutor não apresente nenhum tipo de respeito pelos sentimentos do interlocutor e, assim, pretenda atacar a face do outro em benefício da própria face, criando uma situação desestabilizadora, onde o conflito gerado poderá inviabilizar a comunicação. É importante frisar que o trabalho da face engloba tanto o uso “harmonizante” como o uso “agressivo” de tais processos, quando, conforme Goffman salienta, o falante está interessado em obter “pontos positivos” com a audiência às custas da face dos interlocutores (*cf.* GOFFMAN, 1967, p. 24-25).

4.4 O QUE SE DIZ E O QUE SE QUER COMUNICAR - MÁXIMAS CONVERSACIONAIS E IMPLICATURAS NO TRABALHO DA FACE

Também baseada em um acordo mútuo entre os participantes de uma interação, a teoria da comunicação de Grice vê o ato comunicativo como regido por leis implícitas, i.e., quando dois interlocutores interagem, estes, mesmo que de forma não consciente, atuam conforme certas normas comuns que caracterizam um sistema cooperativo entre ambos: quando um fala, este o faz com uma intenção determinada, e o interlocutor deve ser capaz de reconhecê-la. Esse acordo implícito que rege todo ato comunicativo recebeu o nome de Princípio de Cooperação:

Faça sua contribuição conversacional tal como é requerida, no momento em que ocorre, pelo propósito ou direção do intercâmbio conversacional em que você está engajado (GRICE, 1982, p.86).

O Princípio de Cooperação é expresso por quatro categorias compostas por máximas e submáximas, que foram denominadas máximas de quantidade, qualidade, relação e modo. Estas, por sua vez, subdividem-se em categorias mais específicas:

- I) **Máxima da Quantidade** – Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito corrente da conversação); Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.
- II) **Máxima da Qualidade** - Faça uma contribuição que seja verdadeira: não diga o que acredita ser falso; não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.
- III) **Máxima da Relação** – Seja relevante.
- IV) **Máxima do Modo** - Seja claro: evite obscuridade de expressão; evite ambigüidades; seja breve (evite prolixidade desnecessária); seja ordenado (GRICE, 1982, p.87-88).

O princípio de cooperação e as máximas conversacionais nada mais são do que uma condição de racionalidade cujo intuito seria “uma troca de informação maximamente efetiva” (cf. GRICE, 1982, p. 88). No entanto, o não-cumprimento deste princípio pelos interactantes não produz uma comunicação desconexa e sem sentido, como se poderia supor. Essas regras não são sempre respeitadas pelos participantes, que podem violar cada uma destas máximas durante uma interação, e isto é de grande importância para a polidez, pois, conforme Haverkate:

Una de las consecuencias principales del sistema de las máximas es que puedan ser burladas. Estas desviaciones de las normas ocupan un papel central em la teoría de Grice. Se trata aquí de las llamadas implicaturas, que pueden ejercer diversas funciones comunicativas. Dentro de este marco de referencia, es importante hacer notar que las implicaturas sirven a menudo de estrategias de cortesía (HAVERKATE, 1994, p. 44).

Uma distinção fundamental na teoria de Grice compreende a diferença entre **o que se diz e o que se comunica**. O que se diz abrange basicamente o conteúdo proposicional da sentença; já o que se comunica pode ser entendido como tudo o que se transmite com o enunciado além de seu conteúdo proposicional. Neste caso, tem-se a transmissão de um conteúdo implícito, que

foi chamado pelo autor de **implicatura**. A teoria das máximas e implicaturas de Grice torna-se fundamental para o estudo do trabalho da face, pois o conceito foi empregado por Brown e Levinson em suas estratégias *off record*, e nosso corpus apresenta vários exemplos de seu uso, conforme veremos adiante.

A implicatura conversacional surge quando do descumprimento aparente de uma máxima; ou seja, durante o processo de reconstrução da informação, (*decodificação*) o interlocutor necessita executar um determinado raciocínio para chegar ao verdadeiro conteúdo do enunciado. Segundo Grice (1982, p. 93), a implicatura se caracteriza esquematicamente da seguinte maneira: quando alguém diz que *P*, *implica conversacionalmente Q* se,

- I. não há nenhuma razão para supor que ele não esteja observando as máximas ou pelo menos o Princípio de Cooperação;
- II. ele não poderia estar fazendo isso a não ser que ele pense que *Q*;
- III. ele sabe (e sabe que eu sei que ele sabe) que posso ver que a suposição de que ele pensa que *Q* é necessária;
- IV. ele não deu qualquer passo para impedir que eu pensasse que *Q*;
- V. ele tem a intenção de que eu pense , ou pelo menos quer deixar que eu pense que *Q*;
- VI. logo, ele implicou que *Q*.

Especificamente para o estudo da polidez, podemos perceber que é de grande importância esta noção de implicaturas conversacionais, pois a “violação” das máximas pode funcionar como uma importante estratégia para minimizar ameaças às faces. Além disso, a noção de que a forma lingüística selecionada para a expressão tem efeitos diretos sobre significados extra-proposicionais também é de extrema importância para a polidez.

4.5 AS MÁXIMAS DE POLIDEZ DE ROBIN LAKOFF

Não é difícil imaginar que as máximas de Grice fossem questionadas por alguns lingüistas, dado que inúmeros enunciados do dia a dia não respeitam as regras propostas pelo autor, i.e., o modelo de comunicação proposto por Grice não retrata com fidelidade o fenômeno usual da interação. É fácil constatar que vários enunciados violam as máximas conversacionais e, por este motivo, seria necessário estender o modelo proposto por Grice⁶, para que o mesmo se tornasse pragmaticamente competente. Uma das tentativas de dar conta desta adequação foi proposta por R. Lakoff (1973); baseada nas máximas de Grice, a autora propõe duas regras básicas de comportamento pragmático:

- I. *Be clear*;
- II. *Be polite* (LAKOFF, 1973, p. 296).

Estas duas regras são denominadas **regras de competência pragmática** e não contrariam necessariamente as máximas de conversação. Contudo, em caso de conflito entre estas regras e as máximas de Grice, as primeiras teriam preferência.

Lakoff também faz um alerta sobre a possibilidade de haver atrito entre suas duas regras. Neste caso, a opção entre uma ou outra dependeria da prioridade do falante. Em consequência de o locutor optar pela transmissão incondicional da informação, ele dará preferência à regra “*be clear*”; se, por outro lado, a manutenção da relação interpessoal for mais importante, a regra “*be polite*” terá precedência. Entretanto, parece existir, na maioria dos casos em que há conflito, uma relação de subordinação da clareza à polidez, pois segundo a autora:

(...) when Clarity conflicts with Politeness, in most cases (...) Politeness supersedes: it is considered more important in a conversation to avoid offense than to achieve clarity. This makes sense, since in most informal conversations, actual communication of important ideas is secondary to merely reaffirming and strengthening relationships (LAKOFF, 1973, p. 297-298).

A partir destes pressupostos, R. Lakoff formula suas regras de polidez:

⁶ Vale ressaltar que o próprio Grice já admitia a existência de outras regras que estariam presentes na comunicação.

- I. *Don't impose*;
- II. *Give options*;
- III. *Make A feel good - be friendly* (LAKOFF, 1973, p.298).

Cada regra apresenta as suas peculiaridades e possui um campo de aplicação específico conforme o grau de familiaridade (real ou imputado) entre os interlocutores. A regra “*don't impose*” se emprega, principalmente, naqueles casos em que há evidente intenção de “distanciamento entre os interlocutores, ou entre os interlocutores e a mensagem” (MEIRELES, 1997, p. 31) e visa transmitir a idéia de que nenhum dos interactantes quer obrigar o outro a fazer algo. Ao pautar-se pela Regra 1, o interlocutor tem a possibilidade de pedir permissão para tratar de temas delicados, utilizar formas indiretas, empregar pronomes de tratamento adequados etc.

Com relação à segunda regra, “*give options*”, o que se espera é que o locutor não estabeleça a sua opinião como incondicional e permita que seu interlocutor expresse seu julgamento pessoal/sentimentos sobre o assunto em debate sem impedimentos ou, ao menos, que ele acredite nisso.

Finalmente, a respeito da terceira regra, “*make A feel good - be friendly*”, tem-se nesta um contraste quando comparada à primeira regra, ou seja, enquanto naquela o que se enfatiza é a manutenção da distância entre locutor e alocutário seja quanto a opiniões, crenças e até mesmo um tratamento menos familiar, nesta, o que se salienta é promover o companheirismo, i.e., maior aproximação entre os interactantes, através de expressões mais pessoais e expressando interesse para com as opiniões/sentimentos do outro, com o intuito de proporcionar a este uma situação mais agradável/amigável durante a interação.

O artigo de Robin Lakoff é o primeiro a postular um lugar para o estudo da polidez dentro da Pragmática, e a formular princípios universais independentes. Segundo ela, as três regras são universais, variando apenas a preferência pela uso de uma ou de outra: enquanto algumas culturas priorizam a regra 1 na maioria das interações, outras priorizam a regra 3, sendo que a regra 2 pode ser combinada com qualquer uma das duas.

A partir do artigo de Lakoff, outros pesquisadores lançaram-se à tarefa de sistematizar os procedimentos ligados à polidez e sua expressão lingüística, entre os quais os mais importantes foram as teorias de Leech e de Brown & Levinson.

4.6 O PRINCÍPIO DE POLIDEZ DE LEECH

Ao contrário de R. Lakoff que estabelece regras, Leech (1983) propõe um princípio de polidez que não somente apresenta uma série de máximas como as de Grice, mas também tem por objetivo expandir e completar estas últimas. Da mesma forma que R. Lakoff, Leech admite a noção do Princípio de Cooperação de Grice, porém, de forma mais sistemática que R. Lakoff, acrescenta a esta noção um Princípio de Polidez (PP) também com máximas e submáximas. Para este autor, o universo da interação lingüística é composto - pragmaticamente - pelo Princípio de Cooperação de Grice e o Princípio de Polidez, além do Princípio de Ironia (ambos formulados por ele próprio).

Para Leech, a atividade comunicativa compreende basicamente dois objetivos: a) manter o equilíbrio existente e b) mudar sua direção com o intuito de melhorar a relação existente ou aumentar a distância. Neste sentido, a polidez seria o elemento regulador e/ou mantenedor da distância social dos interactantes.

Há, para o autor, dois tipos de polidez: a **polidez relativa** e a **polidez absoluta**. A primeira está associada ao nível de adequação dos enunciados quando comparados ao grau de distância social dos participantes; a segunda seria própria de alguns atos ilocutórios⁷:

Some illocutions (eg orders) are inherently impolite, and other (eg offers) are inherently polite (LEECH, 1983, p. 83).

O sistema de polidez deste autor apóia-se numa escala de “custo” ou de “benefício”, i.e., um ato é caracteristicamente menos “polido” quanto maior é o custo para o interlocutor e menor seu benefício; por outro lado, é mais “polido”

⁷ O autor baseia seu Princípio de Polidez na Teoria dos Atos de Fala.

quanto maior é o custo para o locutor e maior o benefício para o interlocutor. Assim sendo, como aponta Meireles (1997, p.39): “o falante e o interlocutor devem pesar todos os diferentes fatores para a produção e interpretação de enunciados”.

Para Leech, a polidez é o meio pelo qual se torna possível uma interação face a face perante fatores como a distância social e a intenção do locutor, permitindo que se estabeleça uma relação harmoniosa mesmo naquelas situações em que há o propósito de se abordar tópicos que são intrinsecamente descorteses. Nestes casos, os procedimentos quanto à polidez terão por objetivo mitigar ou até mesmo evitar as possíveis tensões decorrentes da interação social.

A proposta de Leech é importante principalmente por mostrar que o falante busca um equilíbrio entre dois desejos antagônicos, o de minimizar o desconforto para o interlocutor e o de fazê-lo sentir-se bem, o que vai ao encontro das regras de R. Lakoff. Outro ponto a ser destacado é a ênfase no esforço do falante para mostrar-se polido, levando-o a expressar-se de modo mais eloqüente, mais custoso, para sinalizar a sua preocupação com a polidez, mostrando como esta influencia diretamente a forma lingüística na comunicação.

4.7 A TEORIA DE POLIDEZ DE BROWN & LEVINSON

A noção apresentada por Goffman para o conceito de face é adotada e ampliada no modelo de Brown & Levinson, que considera, além da questão da necessidade de cooperação mútua e de respeito às faces, a noção de território, do investimento emocional que existe nas faces e de sua vulnerabilidade:

Our notion of 'face' is derived from that of Goffman (1967) and from the English folk term, which ties face up with notions of being embarrassed or humiliated, or 'losing face'. Thus face is something that is emotionally invested, and that can be lost, maintained, or enhanced, and must be constantly attended to in interaction. In general, people cooperate (and assume each other's cooperation) in maintaining face in interaction, such cooperation being based on

the mutual vulnerability of face. That is, normally everyone's face depends on everyone else's being maintained, and since people can be expected to defend their faces if threatened, and in defending their own to threaten other's faces, it is in general in every participant's best interest to maintain each other's face, that is to act in ways that assure the other participants that the agent is heedful of the assumptions concerning face (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 61).

Os autores apresentam, ainda, uma importante distinção no que se refere ao conceito de face: todo ser social possui duas faces que são complementares:

- I. **negative face**: *the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction - i.e. to freedom of action and freedom from imposition;*
- II. **positive face**: *the positive consistent self-image or 'personality' (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactantes (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 61).*

Desta maneira, durante a interação, cada participante, ao mesmo tempo em que deseja ter sua liberdade (território) garantida, tenta instituir na interação o conjunto de imagens valorizadoras de si mesmo. Desta tensão entre proteger seu território (face *negativa*) e melhorar sua imagem pública (face *positiva*) surge o que os autores denominaram *face want* (desejo de face). Porém, durante o processo interacional podem surgir situações (atos verbais e não verbais) que venham a contrariar uma destas aspirações, constituindo uma ameaça potencial a uma ou outra face: são os atos ameaçadores da face (**face Threatening Acts - FTAs**), e será através de procedimentos ligados à polidez que se buscará o restabelecimento da harmonia na interação, impedindo que a mesma se torne inviável.

Consideramos a teoria de polidez de Brown e Levinson, (doravante B&L), atualmente, o modelo melhor estruturado para explicar o fenômeno da polidez lingüística. Assim como seus antecessores, B&L pretendem completar o modelo de Grice, acrescentando-lhe o aspecto interpessoal que faltava (cf. VICTORIA&VIDAL, 1996, p. 148). B&L defendem que a comunicação é uma atividade racional com o intuito de atingir a máxima eficiência (*ibidem*, p. 148); neste sentido, ela estaria sujeita ao Princípio de Cooperação de Grice. Os

autores postulam que os indivíduos, para atender às necessidades da comunicação, apresentam duas características básicas:

- I. **Racionalidade:** a disponibilidade que o MP [*model person*] tem de utilizar-se de um tipo de raciocínio, isto é, toda pessoa é um ser racional e, assim sendo, usa a racionalidade para a seleção de estratégias que tenham em vista a preservação das faces. Essa capacidade racional serve para alcançar objetivos comunicativos orientados para a face (SILVA, 2008, p.178);
- II. **face:** baseada na noção de face de Goffman já discutida anteriormente; em poucas palavras, a auto-imagem pública que cada indivíduo reclama para si. Como já foi apresentado, esta noção - na teoria de B&L - consiste em dois aspectos complementares: **negativa e positiva.**

Estas características estariam na base do comportamento lingüístico dos interactantes. Vale enfatizar que a noção de face é um ponto central na teoria de B&L, pois é da necessidade de preservar as faces que se originam todas as estratégias de polidez. Brown e Levinson admitem a universalidade do conceito de polidez e para legitimar esta convicção, postulam um modelo, a “**pessoa - modelo**” (**model person - MP**) dotado de racionalidade e face, “que representa todos os falantes fluentes de uma língua” (KINDERMANN, 1993, p. 52). Os argumentos elencados à universalidade do conceito de polidez são:

- I. Todos os MPs possuem **faces positiva e negativa** e todos são **agentes racionais** - i.e., escolhem meios para satisfazer suas necessidades;
- II. Dado que a face consiste em uma série de desejos que serão satisfeitos por meio de ações (incluindo expressões de desejo) dos outros, será de interesse mútuo dos MPs manter suas faces. Então, o S [do inglês *speaker*] irá querer manter a face de seu interlocutor H [do inglês *hearer*], a menos que ele queira manter sua face sem compensação para o interlocutor por meio da coerção ou truques;
- III. Alguns atos ameaçam intrinsecamente a face (são os **FTAs** - face Threatening Acts);
- IV. A não ser que o desejo de S em realizar um FTA com a máxima eficiência (...) seja maior do que seu desejo em preservar a face de H (ou a de S) a qualquer grau, S irá querer minimizar a ameaça à face do FTA;
- V. De acordo com o grau de ameaça de um FTA para a face de S ou H, mais S escolherá uma estratégia de número maior; isto ocorre pelo fato dessas estratégias conseguirem *payoffs* (compensações) de risco menor;

VI. Desde que I a V são mutuamente conhecidos a todos os MPs, nosso MP não escolherá a estratégia com menor risco do que o necessário, pois isso pode ser uma indicação de que o FTA é mais ameaçador do que realmente é (cf. BROWN & LEVINSON, 1987, p. 59 - 60).

Brown & Levinson estabelecem uma classificação inicial dos FTAs que leva em consideração qual das quatro faces (face positiva do falante, face positiva do interlocutor, face negativa do falante, face negativa do interlocutor) estes FTAs podem ameaçar (cf. B&L, 1987, p. 65-68):

✚ **FTAs que ameaçam a face negativa do interlocutor:** por exemplo, ordens e pedidos, sugestões, conselhos, lembretes, ameaça, advertências, ato de desafiar; oferecimentos, promessas; elogios, expressões de inveja ou admiração, expressão de emoções (negativas) fortes com respeito ao interlocutor.

✚ **FTAs que ameaçam a face positiva do interlocutor:** expressões de reprovação, censura, desprezar ou ridicularizar, queixas e repreensões, acusações, insultos; contradições ou discórdias, provocação; expressões de emoções violentas fora de controle, irreverência, menção de tópicos tabu, incluindo aqueles que são inapropriados ao contexto, (mencionar más notícias sobre o interlocutor ou boas notícias a respeito do locutor, enfatizar tópicos emocionalmente perigosos ou controverso, por exemplo, política, raça, religião, liberdade da mulher; exibir falta de cooperação em uma atividade, emprego de identificadores de 'status' social logo em primeiros encontros).

✚ **FTAs que ameaçam a face negativa do INTERlocutor: **está faltando...****

✚ **FTAs que ameaçam a face negativa do locutor:** expressões de agradecimento, aceitação de agradecimentos ou desculpas do

interlocutor, desculpas, aceitação de oferecimentos, respostas a gafes, promessas e oferecimentos de má vontade.

✚ **FTAs que ameaçam a face positiva do locutor:** desculpas, aceitação de um elogio, perda do controle físico do corpo, tropeçar, cair etc; auto-humilhação, ações estúpidas, auto-contradição; confissões, admissão de culpa ou responsabilidade, ‘*emotion leakage*’ - sorrir ou chorar descontroladamente.

Segundo esta teoria, estes atos possuem um caráter intrinsecamente ameaçador às faces dos interactantes e, por isso, para se manter uma relativa harmonia, necessária ao bom desenrolar da interação, os participantes buscam amenizar a formulação desses atos ameaçadores com a ajuda de uma série de procedimentos de polidez.

É interessante observar que alguns FTAs podem simultaneamente produzir efeitos negativos sobre as faces de ambos os participantes da interação, i.e., ameaçar várias faces ao mesmo tempo; é o caso, por exemplo, dos atos de confessar, elogiar, dar ordens, entre outros.

A noção de FTA tal como apresentada por B&L é freqüentemente alvo de críticas e debates. Numa outra perspectiva, Kerbrat-Orecchioni (1997) admite a existência de atos que são “anti-ameaçadores”, ou seja, produzem efeitos positivos sobre as faces dos interlocutores, como o elogio, o agradecimento, o voto, o presente, entre outros. Segundo esta autora, o modelo proposto por B&L é “excessivamente pessimista, e até mesmo ‘paranóide’ da interação – representando os indivíduos em sociedade como seres vivos sob a ameaça permanente de FTAs de todo gênero (...)” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 81). Neste sentido, os atos valorizadores das faces (*face Flattering Acts* ou FFAs) são “o lado positivo dos FTAs” (*ibidem*, p. 82).

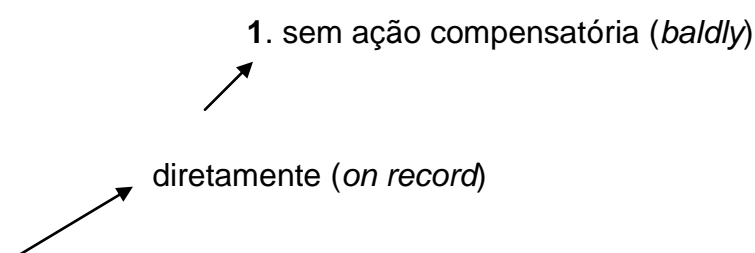
Meireles (2010⁸) considera que a polêmica em torno dos termos advém da tentativa de classificar *a priori* determinados atos como sendo **sempre** ameaçadores ou **sempre** valorizadores das faces, o que incorpora um forte

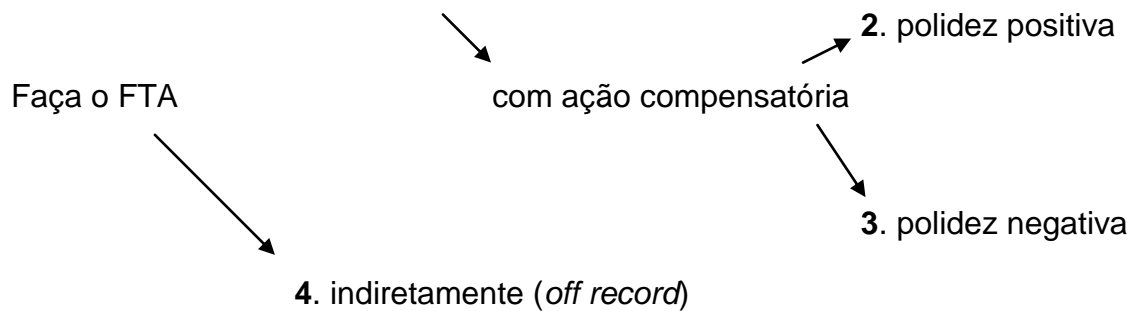
⁸ Comunicação pessoal.

componente ideológico e cultural sobre o que seria ameaçador ou valorizador para as faces. Na verdade, seria mais adequado examinar as ações como **potencialmente** ameaçadoras ou valorizadoras em cada constelação interacional concreta, levando-se em conta elementos como a situação de comunicação, as características individuais, culturais e sociais dos interactantes e o desenrolar da interação até o momento. Como exemplo, podemos imaginar que o ato de receber um presente pode ser muito prazeroso e valorizador das faces na cultura brasileira, enquanto é considerado potencialmente ameaçador em culturas como a japonesa, pois obriga o presenteado a retribuir em outra ocasião com um presente no mesmo valor. Do mesmo modo, um elogio pode ser muito recompensador quando feito por um amigo ou por um superior hierárquico, mas assumir um valor ameaçador quando parte de um inimigo (quando pode configurar ironia) ou de um subalterno (quando pode ser visto como adulação).

Os conceitos de *face Threatening Acts* e *face Flattering Acts* não serão empregados neste trabalho, pois não se pretende entrar no mérito da questão de se determinados atos são intrinsecamente favoráveis ou desfavoráveis às faces. Os excertos selecionados (*corpus*) considerarão apenas situações conflituosas de interação, as quais, como mostram as definições e estudos apresentados anteriormente, são vistas como potencialmente ameaçadoras à harmonia da interação e, por conseguinte, às faces. Assim, todos os procedimentos de trabalho da face presentes nos fragmentos em questão serão analisados com vistas à sua ação na interação em curso.

A partir da noção de ameaça às faces, Brown e Levinson propõem uma hierarquia de estratégias para realizar FTAs, representadas no seguinte esquema (B&L 1987, p. 60), no qual “quanto maior o número que caracteriza a estratégia de polidez, mais indireta e mais atenuada será a realização do FTA, até chegar à estratégia 5” (MEIRELES, 1997, p. 37) :





5. Não faça o FTA

De acordo com o esquema, cinco são as possibilidades de se executar um FTA:

1. **diretamente e sem ação compensatória (on record)** - neste caso, o locutor deixa claro que não há intenção de amenizar o dano potencial;
2. **diretamente, com ação compensatória e polidez positiva** - o locutor deixa claro para o seu interlocutor que sua intenção é executar o FTA. Contudo, não deseja que sua ação afete a relação entre ambos. Nesta estratégia (2) a compensação baseia-se em ressaltar a face positiva do interlocutor;
3. **diretamente, com ação compensatória e polidez negativa** - assim como no item anterior, a intenção de realizar o FTA é clara, assim como seu desejo de mitigar os efeitos negativos desta realização. Nesta estratégia (3), enfatiza-se o respeito à face negativa do interlocutor;
4. **indiretamente (off record)** - o locutor opta em realizar o ato de forma indireta, ou seja, implícita, sem assumir a responsabilidade pelo FTA (estratégia 4);
5. **não fazer o FTA** - o locutor calcula que a realização do FTA é tão ameaçadora que se decide por não o fazer (estratégia 5), com o receio de não haver condições de se atenuar os danos potenciais à interação.

A escolha entre uma ou outra estratégia é influenciada por dois fatores: **a)** variáveis sociológicas e **b)** tipos de recompensas que se pode obter empregando uma ou outra estratégia. Por sua vez, as variáveis sociológicas são

compostas por três componentes, que devem ser levados em consideração ao se executar um FTA e obter a eficiência necessária e almejada:

- I. a “distância social” (D) de S e H (uma relação simétrica);
- II. o “poder” relativo (P) de S e H (uma relação assimétrica) e
- III. a classificação (*ranking*) absoluta (R) de imposição na cultura particular (BROWN & LEVINSON, 1987, p.74).

Às páginas 68 a 84 (“*Strategies for doing FTAs*”) Brown e Levinson apresentam considerações sobre os diferentes efeitos que podem ser obtidos quando o locutor decide-se por executar um FTA a partir do esquema exposto anteriormente:

1. um indivíduo **age diretamente (*on record*)** ao realizar um ato A, quando está claro para os participantes qual intenção comunicativa o levou a realizar tal ato, ou seja, não há indícios de ambigüidade nesta realização.
2. uma pessoa **age indiretamente (*off record*)** quando realiza um ato A, não expressando seu conteúdo exato, mas podendo transmitir seu verdadeiro desejo por meio de implícitos. Assim, não se pode exigir um comprometimento de sua parte. Por exemplo, no enunciado “*Damn, I’m out of cash, I forgot to go to the bank today*” é provável que o intento do locutor seja conseguir um empréstimo de seu interlocutor, porém, tal afirmação não pode ser atribuída diretamente ao locutor. Algumas das estratégias *off record* incluem a metáfora, a ironia, as questões retóricas, atenuações, tautologias e todas as maneiras pelas quais o falante fornece “dicas” sobre sua real intenção sem fazê-lo explicitamente. Desta forma, o significado da informação torna-se negociável, protegendo as faces no mais alto grau, mas prejudicando a eficiência comunicativa.
3. executar um FTA de **forma direta e sem ação compensatória (*baldly*)** é produzi-lo da forma mais direta, clara, sem causar ambigüidades e da forma mais concisa possível, por exemplo, “*Do X!*”. Esta estratégia, segundo Brown e Levinson, está de acordo com as máximas de Grice. Normalmente, um ato será realizado desta forma somente se o falante não temer a retribuição de seu interlocutor e isso ocorrerá nas seguintes circunstâncias:

1. *S and H both tacitly agree that the relevance of face demands may be suspended in the interests of urgency or efficiency;*
2. *where the danger to H's face is very small, as in offers, requests, suggestions that are clearly in H's interest and do not require great sacrifices of S (e.g. 'Come in' or 'Do sit down');* and
3. *where S is vastly superior in power to H, or can enlist audience support to destroy H's face without losing his own* (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 69).

No entanto, embora não ofereça qualquer compensação para as faces, expressar-se *bald on record* transmite uma impressão de sinceridade, eficiência e/ou urgência, podendo ser um procedimento importante em determinadas situações.

4. por **ação compensatória**, B&L consideram uma ação que “dá face” ao interlocutor, ou seja, que atua na ameaça potencial de um FTA, indicando ao interlocutor que aquela ameaça não foi intencional, ou, pelo menos, que S reconhece o “desejo de face” de H e quer que este seja realizado. A ação compensatória assume uma das duas formas (positiva ou negativa) de acordo com qual das duas faces esteja sendo enfatizada:

1. **Polidez positiva** - é orientada à face positiva do interlocutor (H), à auto-imagem que este reclama para si. A polidez positiva é baseada no reconhecimento, por parte do locutor (S), de que os desejos e necessidades de seu interlocutor são reconhecidos e que aquele o trata com reciprocidade e igualdade de direitos. Desta forma, mesmo que o locutor realize um FTA, isto não será um indicador de menosprezo pela outra pessoa ou por suas necessidades (*cf.* B&L, 1987, p. 101).
2. **Polidez Negativa** - é orientada à face negativa do interlocutor; a polidez negativa apresenta um caráter atenuador e indica que o locutor pretende manter o território e a autodeterminação do outro, que o locutor reconhece e respeita o desejo de face negativa do interlocutor e que pretende - pelo menos minimamente - não interferir nas suas ações e liberdade. Os atos que caracterizam tal intencionalidade são auto-desvalorização, formalidade e reserva com a atenção voltada a aspectos muito restritos da auto-imagem do interlocutor e centrada no seu desejo de liberdade (*ibidem*, p. 129).

Segundo, B&L, há, todavia, uma tensão natural na polidez negativa entre “a) the desire to go on record as a prerequisite to being seen to pay face, and b) the desire to go off record to avoid imposition” (BROWN & LEVINSON, 1987, p. 70). Uma forma especialmente eficaz de se minimizar esta tensão é através de *formas convencionalizadas*⁹, pois, “qualquer que seja o mecanismo indireto utilizado para fazer um FTA, uma vez convencionalizado, ele não mais será considerado indireto” (MEIRELES, 1997, p. 44).

4.8 AS ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ

Brown & Levinson apresentam em sua obra, três diagramas que resumem, esquematicamente, os meios pelos quais os falantes realizam as estratégias de polidez na linguagem. Tais diagramas foram elaborados após um estudo bastante detalhado das diversas possibilidades de realização de cada estratégia em diversas línguas, o que, segundo a visão dos autores, mostra que as estratégias são universais. Os diagramas mostram como as estratégias apresentadas anteriormente (de 1 a 5, denominadas super-estratégias) realizam-se na interação através de diversas estratégias secundárias que se subdividem em estratégias cada vez mais específicas.

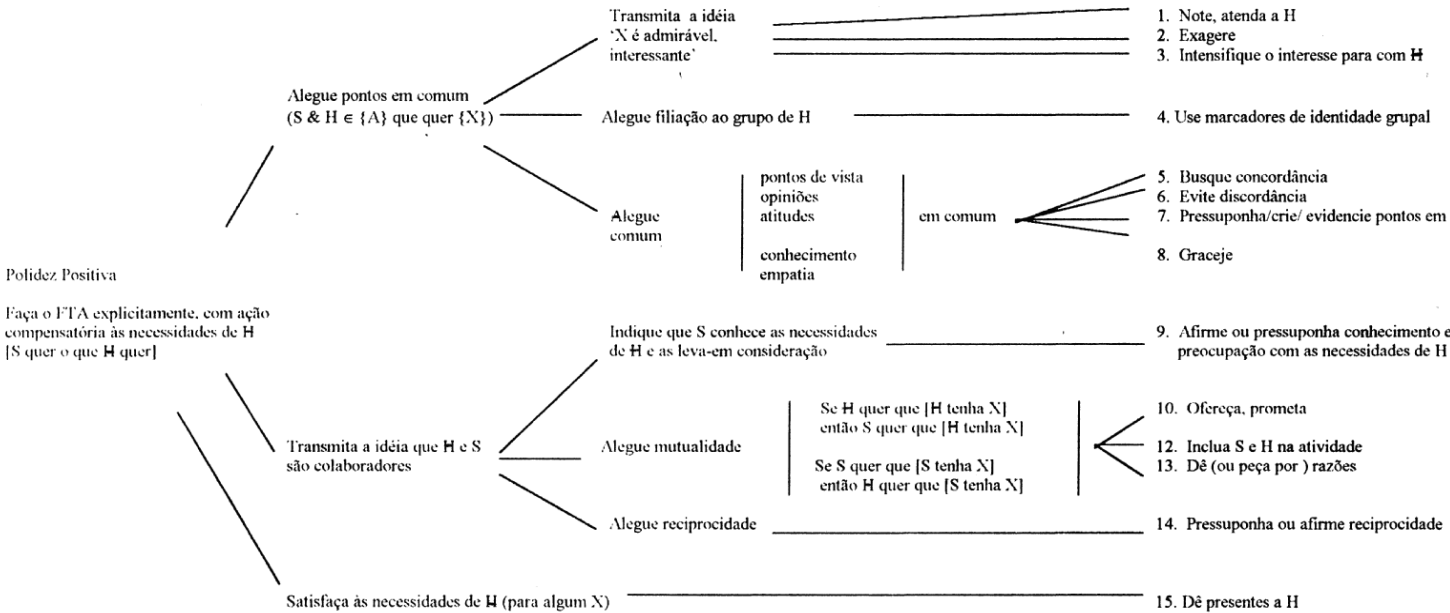
Os autores ressaltam que os diagramas não pretendem ser exaustivos e as estratégias listadas não são as únicas possíveis. **É importante, no entanto, atentar para o raciocínio que perpassa as diversas estratégias: a partir de cada super-estratégia, estabelecem-se procedimentos concretos que os falantes podem adotar para atingir a compensação necessária em cada situação específica de ameaça à interação. Por exemplo, ao optar por perseguir a polidez positiva, o falante pode optar por salientar a noção de proximidade entre ele e o interlocutor enfatizando a existência de pontos em comum entre ambos, transmitindo a idéia de que ambos são colaboradores em alguma empreitada, ou ainda tentando satisfazer alguma necessidade do interlocutor a fim de obter a sua simpatia. Cada um desses possíveis rumos de ação pode**

⁹ A convencionalidade abrange tudo o que é convencional e por esse termo entendemos ‘aquilo que é tacitamente aceito, por uso ou por geral consentimento, como norma de proceder, de agir, no convívio social; costume; convenção social (FERREIRA *apud* TAGNIN, 1989. P.12).

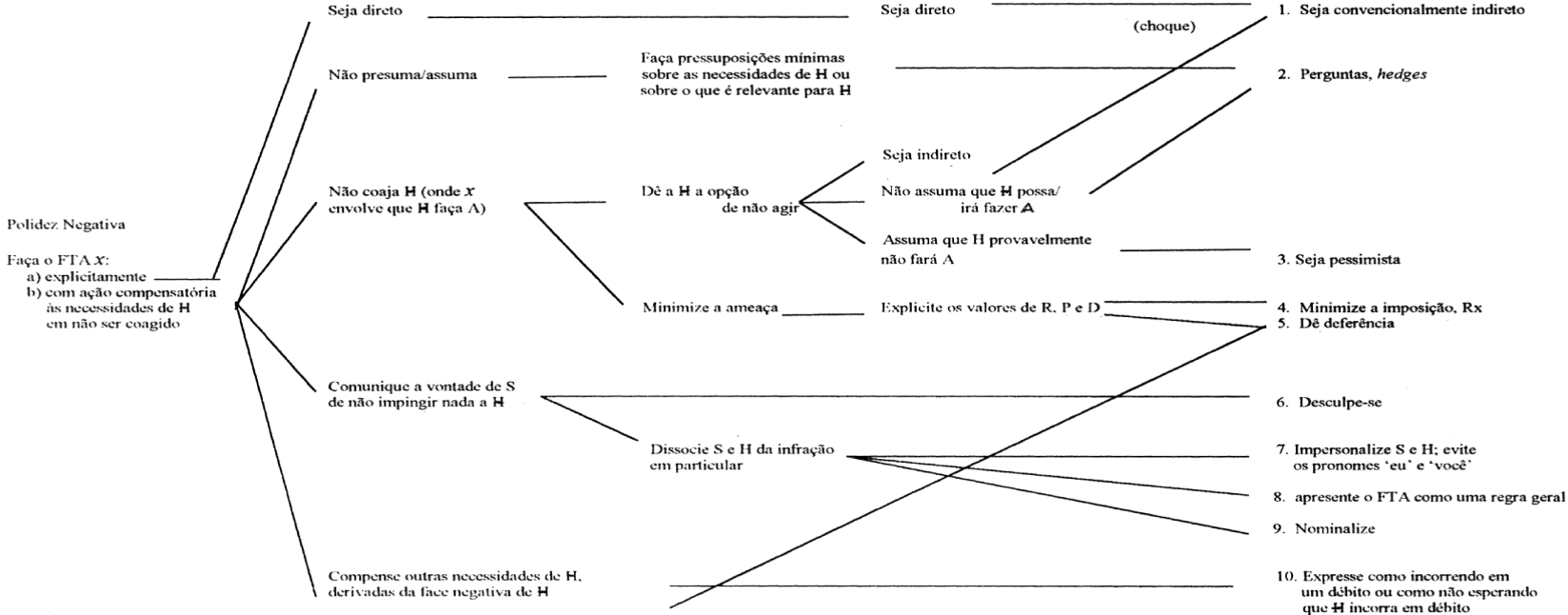
ser concretizado através de diversas ações (lingüísticas ou não), que são apresentadas de forma cada vez mais detalhada ao longo do diagrama. Dessa forma, ao optar por apresentar a ambos como colaboradores, o falante pode fazê-lo ao indicar que conhece as necessidades do interlocutor e pretende atendê-las, mas também ao alegar reciprocidade ou mutualidade frente a ações que sejam do interesse do falante. Cada uma dessas três opções, por sua vez, também abre um leque de possíveis estratégias específicas, dentre as quais o falante selecionará a que lhe parece mais adequada à situação comunicativa na qual se encontram os interactantes.

A seguir, apresentamos os referidos diagramas, cujas estratégias nos servirão de base para a análise de nosso *corpus*, na tradução de MEIRELES (1997).

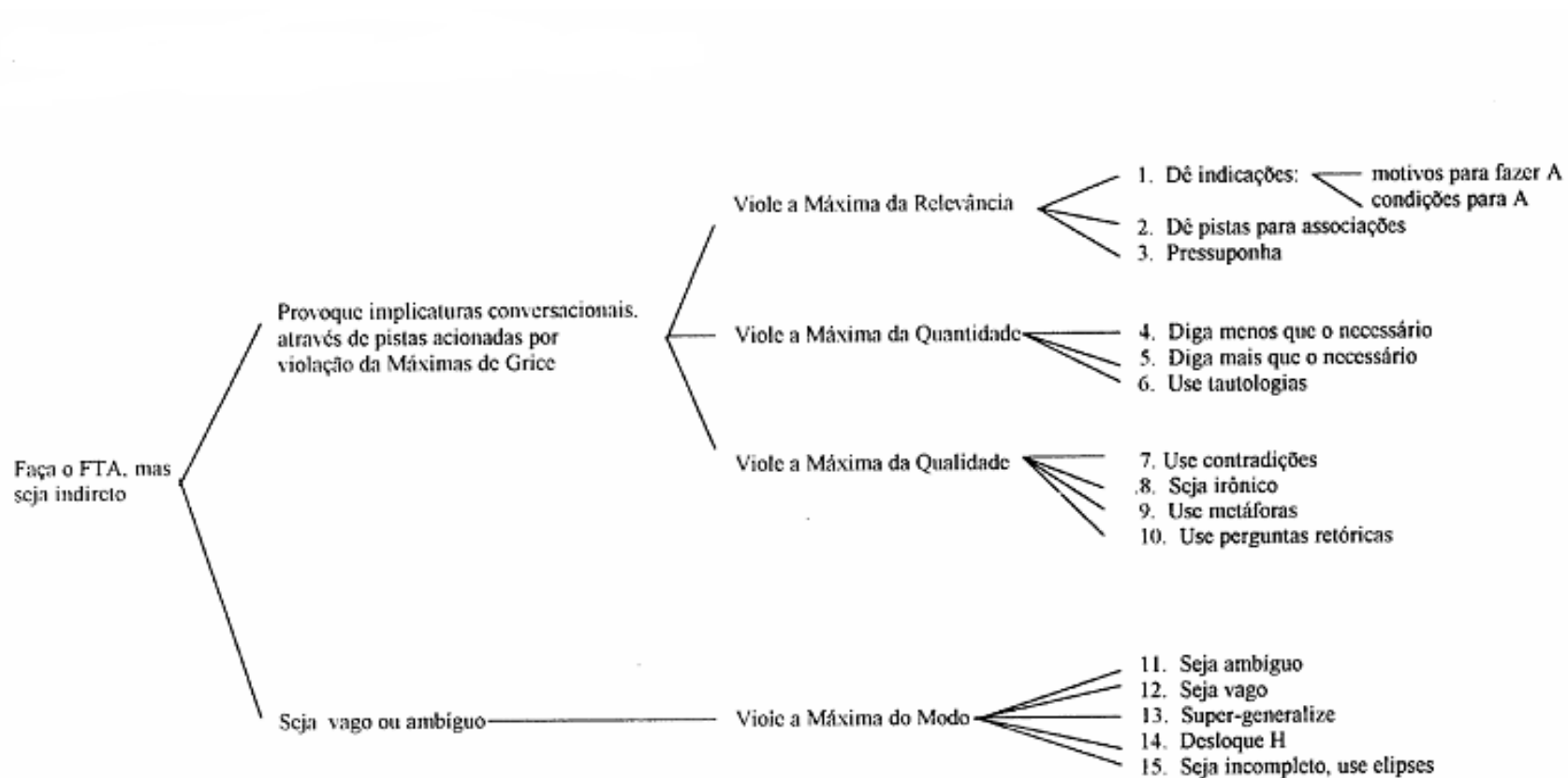
Estratégias de Polidez Positiva (BROWN & LEVINSON, *apud* MEIRELES, 1997, p.52)



Estratégias de Polidez Negativa (BROWN & LEVINSON, *apud* MEIRELES, 1997, p.56)



Estratégias para o FTA *off record* (BROWN & LEVINSON, *apud* MEIRELES, 1997, p.59)



XX ESTRATÉGIAS ARGUMENTATIVAS E SUA INTERAÇÃO COM O TRABALHO DA FACE

Numa situação conflituosa, na qual nos propomos a defender nosso ponto de vista por meio de argumentos, temos que ter o domínio de vários recursos para alcançar o objetivo que desejamos. Além disso, numa atividade argumentativa é praticamente impossível antecipar quais estratégias discursivas serão utilizadas pelo interlocutor.

As estratégias argumentativas visam a influenciar o conjunto de conhecimentos do interlocutor que podemos chamar de conhecimentos enciclopédicos, com o intuito de atuar sobre o seu sistema de valores a fim levá-lo a mudar o seu comportamento e por conseguinte, mudar a sua forma de agir com relação a um determinado ponto de vista. É fato que atuar sobre o conhecimento de mundo de um ser racional não é tarefa simples e necessita-se, de antemão, do conhecimento prévio deste interlocutor por parte do locutor.

Segundo Perelman, o sucesso na adesão do seu auditório só é possível quando o locutor conhece seus valores sociais e culturais de seu auditório. Caso contrário, ele poderá empreender uma argumentação que, ao invés de conceder-lhe benefício, irá enfraquecê-lo na interação, pois os argumentos eficazes para um auditório podem não o ser para outro.

Uma argumentação não pode ser iniciada sem que seja pré-estabelecido um acordo entre os interactantes, pois, conforme salientam Perelman e Oldbrechts-Tyteca, “em nosso mundo hierarquizado, ordenado, existem geralmente regras que estabelecem como a conversa pode iniciar-se, um acordo prévio resultante das próprias normas da vida social” (2005, p. 17). O acordo de que tratam os autores deve estar presente em todo o andamento da interação, para isto, é necessário compartilhar os mesmos valores que o interlocutor, ou seja, toda argumentação presume um acordo entre o locutor e seu auditório.

Para a eficácia da argumentação, é fundamental que se faça a escolha correta dos dados e também deve-se esperar que haja uma interpretação

adequada desses dados, conforme salientam Perelman e Olbrechts – Tyteca (2005, p. 137) “O estudo da argumentação nos obriga, de fato, a levar em conta não só a seleção de dados, mas igualmente o modo como são interpretados, o significado que se escolheu atribuir-lhes”. Os empregos adequados destes elementos darão sentido a um discurso persuasivo eficaz, uma vez que ter-se-á maior garantia da interpretação almejada. Pode-se, assim, evitar que um argumento seja aplicado isoladamente, fora de um contexto o que poder gerar sentidos ambíguos.

Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) defendem que o sucesso das estratégias (técnicas) argumentativas está sempre vinculado ao auditório e à finalidade da argumentação. Para eles, a argumentação pode acontecer por *ligação*, quando existe a possibilidade de solidarização entre as teses apresentadas pelo locutor com as do auditório; e por *dissociação*, quando há uma ruptura entre as teses apresentadas.

Instaurado o conflito no discurso, os interlocutores têm que estar dispostos a utilizar as estratégias que conhecem com o intuito de defender seus pontos de vista, ou seja, convencer o outro por meio da apresentação de seus argumentos, numa espécie de “acordo” que institui o debate, pois somente através deste será possível o compartilhamento dos valores, crenças e ideologias. Esta atividade implica a seleção dos argumentos quanto à sua possibilidade de serem ou não refutáveis. Os seguintes itens apresentam-se como importantes nesta seleção:

- ✚ A pertinência - se o locutor não apresentar um argumento relevante com relação ao tópico em questão, ele provavelmente terá sua credibilidade ameaçada e seu ponto de vista ficará vulnerável;
- ✚ A força dos argumentos - Perelman não admite a perspectiva clássica que relacionava a força de um argumento com a sua proximidade com a verdade. Para ele, a força de um argumento está vinculada à adesão que provoca;

- ✚ A ordem – já na retórica clássica, a ordem dos argumentos era bastante importante (*dispositio*); “os argumentos podem ser colocados de uma tal forma que estabelecem a conclusão, justificando-a, provando-a, dando-lhe suporte, demonstrando-a” (AQUINO, 1997, p.183);
- ✚ A amplitude – excesso de argumentos pode indicar insegurança do locutor quanto à eficácia destes e demonstrar sua fragilidade.

Quanto ao emprego das técnicas/estratégias argumentativas no discurso, Aquino (1997) propõe, às páginas 205 a 207, uma reorganização das estratégias indicadas por Erlich, tendo esta autora baseado-se nos estudos de Perelman e Moeschler.

Aquino classifica as estratégias em dois grupos: as que podem fortalecer o locutor e as que podem enfraquecê-lo:

GRUPO I: FORTALECEM O LOCUTOR	GRUPO II: ENFRAQUECEM O LOCUTOR
<ul style="list-style-type: none"> ✚ antecipar objeções; ✚ recordar ao interlocutor um conhecimento que este não tem ou uma ocorrência que não houve, deixando -o, às vezes, em dúvida; ✚ apelar à razão; ✚ refutar; ✚ formular concessão; ✚ entrar em desacordo com o ato enunciativo; 	<ul style="list-style-type: none"> ✚ evitar (mudando-o) ou retardar o desenvolvimento do tópico; ✚ desprezar o debate; ✚ proceder a observações generalizantes; ✚ proceder a invalidação do que foi enunciado; ✚ fazer uso da retificação; ✚ impor um acordo; ✚ utilizar dados documentados não

<ul style="list-style-type: none"> ✚ atacar a imagem do interlocutor; ✚ apelar para as emoções; ✚ apelar para certas habilidades/ atitudes, como o uso da ironia (embora aja inversamente se empregada em demasia), da repetição, da correção; ✚ promover a relação de inclusão; ✚ estabelecer relação de comparação ou de analogia; ✚ proceder à relação de causa e efeito; ✚ observar a relação de coexistência; ✚ imprimir a relação de direcionalidade; ✚ utilizar argumento de autoridade; ✚ utilizar argumento baseado em dados documentados fidedignos; ✚ formular pergunta retórica; ✚ elaborar pergunta assimilável à negação. 	<p>fidedignos.</p>
---	--------------------

O quadro acima permite-nos observar que existe uma gama de estratégias que, assim como as estratégias de polidez de Brown e Levinson (que serão expostas mais adiante), têm influência no trabalho da face. “Enfraquecer / fortalecer” o interlocutor são termos que se referem à sua imagem dentro da interação, assim, tais estratégias servem, ao mesmo tempo, à argumentação e ao trabalho da face. Inclusive poder-se-á verificar posteriormente que algumas das estratégias aqui expostas estão presentes

tanto no quadro da argumentação proposto por Aquino quanto nos diagramas das estratégias formais de polidez de Brown e Levinson, a serem apresentados mais adiante.

Nossa proposta, nesta pesquisa, é mostrar como trabalho da face e argumentação se entrelaçam na administração do conflito em um texto teatral. Já indicamos brevemente como as estratégias de argumentação e o trabalho da face se tocam e podem interagir. Os itens seguintes são dedicados à apresentação da questão da polidez e do conceito e das estratégias de trabalho da face.

CAPÍTULO II – Material e Método (ou Metodologia da pesquisa)

1 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA

Nosso intuito em abordar a língua escrita nos deixou algumas possibilidades quanto ao tipo de texto a ser utilizado. Como o objetivo principal da pesquisa em questão é o estudo das estratégias de trabalho da face na interação conflituosa, foram desconsiderados textos monológicos. Poderíamos ter optado, portanto, por troca de correspondências ou e-mails, mas como o foco da pesquisa é o conflito, o texto teatral apresentou-se como ideal para promover as observações desejadas, como apresentado no capítulo anterior.

O corpus da pesquisa é composto por seis fragmentos selecionados da peça “*Leben des Galilei*” (Vida de Galileu) - versão 1955/56 - cuja característica principal é a interação conflituosa em diversas constelações de hierarquia e poder social.

A partir destas considerações, selecionamos os excertos que se enquadrassem em nossas expectativas para o presente estudo: os fragmentos deveriam apresentar situações conflituosas, ou seja, discordância entre pontos de vista que instaurasse o conflito e deflagrasse os procedimentos de trabalho da face, a fim de permitir que a interação fluísse sem graves ameaças às faces dos interactantes, o que poderia inviabilizar a interação.

Tais fragmentos apresentam, basicamente, as seguintes modalidades interacionais **[rever isto e aplicar às descrições e aos títulos dos fragmentos]**:

- Conversa
- Discussão (*Diskussion*);
- Disputa (*Disput*);
- “Conversa científica” (*wissenschaftliche Unterhaltung*).

Com o *corpus* definido, identificaremos e analisaremos as estratégias de polidez apresentadas no item **XX**, as estratégias argumentativas estejam em relação com o trabalho da face e os meios lingüísticos utilizados, com o objetivo de identificar e sistematizar as estratégias encontradas para a expressão do conflito na linguagem nesse tipo de texto.

1.1 Sobre a peça *Leben des Galilei* “Vida de Galileu”

A peça teatral *Leben des Galilei* (publicada e encenada no Brasil como *Vida de Galileu* – **não tem artigo?**) faz parte da fase que é denominada *Lehrstücke* (peças didáticas) de Bertolt Brecht. Esta obra analisa, grosso modo, a responsabilidade do cientista frente à sociedade e leva o espectador ao passado, fazendo com que veja, mesmo que em outra época, as controvérsias de seu tempo.

Como discutimos anteriormente, optamos por estudar o texto teatral, por considerarmos que ele, apesar de ser construído, consegue transmitir, dentro de suas especificidades, a ilusão de um conflito verossímil para o leitor.

Escolhemos abordar a peça *Leben des Galilei* como exemplo de texto teatral a ser analisado para a pesquisa, porque, em primeiro lugar, encontramos neste texto uma condição primordial para o trabalho em questão: a interação entre as personagens propiciava a observação de diversos conflitos interacionais, em diferentes constelações de personagens e suas relações sociais e interpessoais. Tal variedade de situações de conflito é de suma importância, pois nos permite observar uma maior gama de situações e

constelações de elementos básicos para o trabalho da face, além de oferecer a possibilidade de estabelecer alguns aspectos do que *a priori* denominamos “graus de conflito”. Ressaltamos, porém, que nesta fase do trabalho ainda não chegamos a nenhuma conclusão ou sistematização a este respeito.

Em segundo lugar, observa-se em vários momentos da peça uma argumentação bastante incisiva, que também é importante para o trabalho proposto, pois implica em uma grande aplicação de estratégias argumentativas e de polidez para que a interação não se deteriore a ponto de ser interrompida. Além disso, o fato de a história do físico Galileu Galileu ser bastante conhecida e de a peça ter sido encenada no Brasil com relativo sucesso nos levou a considerar que isso tornaria a pesquisa mais acessível e interessante para o público brasileiro.

O referido texto possui três versões, a saber: **a)** a edição de 1938/39 (chamada “edição dinamarquesa”), encenada pela primeira vez em 1943 em Zurique; **b)** a edição de 1945/46 (edição americana), fruto da tradução do texto para o inglês por Brecht e Charles Laughton e **c)** a edição berlinense de 1955/56. As diversas versões explicam-se porque, segundo Rosenfeld (2002, p. 145), Brecht:

Tendo sido bem mais homem da prática teatral do que pensador de gabinete, mostrava-se sempre disposto a renovar suas concepções para obter efeitos cênicos melhores. Chamava suas peças de “experimentos”, na acepção das ciências naturais, com a diferença de se tratar de “experimentos sociológicos”. Não admira, portanto, que tenha refundido as suas peças tantas vezes, reformulando concomitantemente a sua teoria.

Para esta pesquisa, optamos pela versão berlinense, por se tratar, cronologicamente, da mais próxima de nós.

1.2 Sobre os fragmentos selecionados

Foram, no total, extraídos seis fragmentos da peça “Leben des Galilei” para formação do *corpus* da pesquisa. Esta seleção não teve o intuito de ser

exaustiva, pois este não é o objetivo do trabalho, mas sim de apresentar um leque de diferentes situações de conflito a partir das personagens envolvidas. Desse modo, a seleção levou em conta interações conflituosas que apresentassem diferentes níveis de conflito, entendidos, até agora intuitivamente, como interações com diferentes graus de dificuldade de manutenção ou ainda, com diferentes graus de envolvimento emocional dos participantes, e que contemplassem diferentes constelações dos parâmetros que, segundo Brown e Levinson, determinam o trabalho da face, a saber: a distância social (íntimo vs. formal), o poder social (hierarquia, idade) e o peso da imposição, como foi detalhado anteriormente, na fundamentação teórica referente ao trabalho da face. Outro quesito da seleção foi a exigência que a personagem principal da obra, ou seja, Galilei, estivesse presente em todos os fragmentos estudados, para que pudéssemos comparar as nuances das interações com referência a um elemento comum. A seguir apresentamos, resumidamente, os motivos que nos levaram a selecionar os respectivos excertos.

- Fragmento 1 (cena 1, p. 192-195) – trata-se de uma interação entre Galileu e o jovem Andrea (filho da empregada de Galileu), ou seja, entre um personagem de maior poder social (mais velho, cientista) e de menor poder (criança), mas com uma distância social relativamente pequena (conhecidos, contatos em situações informais). Nesta cena, tem-se a persuasão do jovem pelos argumentos de Galileu. Galileu quer convencer o jovem de que o modelo de mundo de Ptolomeu está ultrapassado e utiliza-se de vários elementos argumentativos para apresentar as idéias de Copérnico, e tem sucesso nesta tarefa. É interessante observar que o poder hierárquico do mais velho sobre o mais novo é muito grande e, mesmo assim, a “disputa” ocorre sem grande formalidade, fato que será analisado no momento oportuno;
- Fragmento 2 (cena 1, p. 197-200) – temos neste excerto uma discussão entre Galileu e Priuli (procurador da Universidade) sobre o pedido de aumento de salário do cientista, e também sobre o papel da ciência para

a sociedade. Este fragmento faz parte do corpus da pesquisa dado seu grau de formalidade alto, discordância entre as idéias veiculadas e certa igualdade de poder hierárquico: por um lado, o procurador deve respeitar Galileu pelo valor do cientista à universidade, e do outro, o cientista tende a respeitar o procurador pelo seu interesse em obter o aumento;

- Fragmento 3 (cena 3, p. 204-211) – aqui há um pequeno desacordo entre Galileu e seu amigo polidor de lentes Sagredo. Apesar da diferença hierárquica entre os interactantes, o diálogo mantém-se equilibrado, pois ambos os participantes respeitam as faces do outro. Mesmo assim, existe conflito nesta interação, pois Galileu, com seus dados matemáticos, comprova suas teorias, que vão contra as crenças e opiniões de Sagredo. Do ponto de vista do poder e da distância social, este excerto chama a atenção por manter-se de certo modo harmônico, apesar das diferenças entre os participantes. Galileu, com efeito, possui mais poder social que Sagredo e poderia utilizar meios mais persuasivos para obter a adesão de seu interlocutor às suas provas comprobatórias, mesmo que estes fossem potencialmente ameaçadores às faces. Contudo, o que se verifica é que ambos assumem papéis sociais equivalentes.
- Fragmento 4 (cena 4, p. 219-224) – esta é sem dúvida uma das mais ríspidas interações do *corpus*. É uma “disputa formal”, como indica um dos interactantes, (uma personagem define a interação como *ein formaler Disput*) entre Galileu, um filósofo e um matemático. Os dois últimos negam-se a ver as provas de Galileu sobre a existência das fases de Vênus, e a validade do sistema copernicano. Verifica-se uma disparidade quanto ao poder social neste fragmento, pois tanto o filósofo quanto o matemático são representantes da monarquia, ou seja, possuem maior poder social hierárquico do que Galileu, já que este defende idéias que não são aceitas pela Igreja, que reina ao lado da monarquia. O que chama muito a atenção neste fragmento é a deterioração parcial da interação, pois o filósofo passa a ignorar os

argumentos de Galileu e a não mais dialogar com o cientista. Há grande desrespeito à face positiva de Galileu.

- Fragmento 5 (cena 7, p. 236-240) – nesta circunstância, Galileu possui menos poder social do que seus interlocutores. Neste excerto, ele dialoga com dois cardeais que utilizam todos os recursos possíveis para fazer com que Galileu abjure a doutrina de Copérnico amistosamente. Dado que isto não acontece, o cientista recebe uma ordem oficial para abjurá-la. Este será o fragmento apresentado à banca examinadora da qualificação como exemplo de como pretende ser a análise geral do corpus. Há, neste fragmento, estratégias argumentativas e de polidez diversas, permitindo uma visão global dos aspectos que serão analisados.
- Fragmento 6 (cena 9, p. 248) – breve discussão entre Galileu e seu ex-aluno Mucius sobre a verdade. O cientista, nesta interação, não demonstra muita consideração pelo seu interlocutor, já que ambos discordam explicitamente do papel da verdade na sociedade. O supracitado fragmento faz parte do corpus, pois neste há uma disparidade de tratamentos: Galileu é completamente descortês com o interlocutor, enquanto este mantém toda uma formalidade e respeito pelo seu interactante. Considerando-se este “contato social” quanto ao poder e distância social, compreendemos que Galileu não está preocupado em mitigar os efeitos negativos de sua contribuição a esta interação, nem respeita sobremaneira as faces em questão. É possível que tal atitude fundamente-se no fato de que seu interlocutor, apesar de ter sido seu aluno, defenda idéias contrárias às de Galileu e, deste modo, o cientista não está preocupado em manter a interação. Percebe-se que Mucius compreende que seu interlocutor não quer colaborar na interação e a encerra rapidamente, tendo em vista que não obterá êxito com seus argumentos.

2 ANÁLISE DO CORPUS

As listas de tipos de argumentos, estratégias de argumentação e de trabalho da face apresentadas na fundamentação teórica forneceram a base para a análise dos fragmentos que compõem o corpus.

[Continuamos em conjunto na 3ª.feira]

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os fragmentos representam discussões¹⁰ nas quais os interlocutores tentam convencer Galileu a abjurar a doutrina de Copérnico em favor da versão da Igreja para o sistema planetário, ou ao menos dissuadi-lo de sustentar sua posição em público. Por esse motivo, espera-se que todos utilizem argumentos em defesa de suas crenças, valores e ideologias, da mesma forma que se preocupam com o bom andamento da interação, para que a mesma não se deteriore a ponto de ser interrompida, o que não seria vantajoso para qualquer das partes. Para essa manutenção do ato interacional, são utilizadas estratégias de trabalho da face, que apresentaremos nas análises a seguir.

FRAGMENTO 1:

Discussão entre Galileu e Andrea

Ato 1 (p. 192 – 194)

Como **apresentado** anteriormente, temos neste fragmento uma interação entre Galileu e o jovem Andrea. Apesar da diferença de faixa etária entre os interactantes, verificamos certa simetria na interação porque a distância social e afetiva é relativamente pequena, **já que** ambos são **íntimos** e a situação comunicativa é informal. Por outro lado, o poder social de Galileu é muito maior, pois este é um cientista e **Andrea** é uma criança, representando, **na**

¹⁰ Segundo Meireles, “uma interação dialógica, na qual são utilizados meios argumentativos e/ou persuasivos, com a finalidade de chegar-se a um consenso sobre um tema, através de uma forma de interação com regras formais definidas, eventualmente com a presença de um moderador” (1997, p.68).

peça, o senso comum. É interessante observar que o cientista considera o jovem como capaz de interagir com ele, já que procura argumentar com o mesmo, ou seja, emprega argumentos na tentativa de fazer o seu interlocutor compreender um advento da ciência ainda não reconhecido pela sociedade. Tal advento é a doutrina de Copérnico que, segundo o cientista, deve substituir o sistema de Ptolomeu. Verifica-se, claramente, que este fragmento apresenta o roteiro de uma aula, fundamentando-se numa série de perguntas e respostas, com grande número de perguntas retóricas. Este tipo de pergunta é muito eficiente num processo argumentativo, pois induz o interlocutor a raciocinar junto com o locutor.

<p>ANDREA – “O früher Morgen des Beginns! O Hauch des Windes, der Von neuen Küsten kommt!” Und Sie müssen Ihre Milch trinken, denn dann kommen sofort wieder Leute.</p>	<p>Andrea - “Ó manhã dos inícios!... Ó sopro do vento Que vem de terras novas!” O senhor devia beber o seu leite, porque daqui a pouco chega gente.¹¹</p>
---	---

Já nesta primeira intervenção de Andrea, verificamos o emprego de uma estratégia que tanto funciona para a argumentação quanto para o trabalho da face: a conjunção *denn* (“pois”) é usada para dar razões para que Galileu acate o conselho do jovem, isto é, para que termine logo o que está fazendo, pois logo terá que receber [alguém](#).

<p>GALILEI - Hast du, was ich dir gestern sagte, inzwischen begriffen? ANDREA – Was? Das mit dem Kipernikus seinem Drehen?. GALILEI – Ja. ANDREA – Nein. Warum wollen Sie denn, daß ich es begreiffe? Es ist sehr schwer, und ich bin im Oktober erst elf. GALILEI – Ich will gerade, daß auch du es begreifst. Dazu, daß man es begreift, arbeite ich und kaufe die teuren Bücher,</p>	<p>Galileu - Você acabou entendendo o que eu lhe expliquei ontem? Andrea - O quê? Aquela história do Quipérnico e da rotação? Galileu - É. Andrea - Não. Porque o senhor quer que eu entenda? É muito difícil, e eu ainda não fiz onze anos, vou fazer em outubro. Galileu - Mas eu quero que também você entenda. É para que se entendam</p>
---	---

¹¹ Para as traduções dos [trechos](#), utilizamos como referência a obra: Brecht, Bertolt. Teatro completo, em 12 volumes. Tradução de Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. V.6.

statt den Milchmann zu bezahlen.	essas coisas que eu trabalho e compro livros caros em lugar de pagar o leiteiro.
----------------------------------	--

Andrea responde à indagação de Galileu **com uma outra pergunta**, o pronome interrogativo *was?* (“O quê?”). O emprego deste pronome indica que a situação de comunicação é bastante informal, já que esta forma de interrogação só é adequada em situações extremamente informais. Vale ressaltar que esta atitude, demasiadamente direta, é própria de uma criança que ainda não está inserida nos rituais sociais.

Após a confirmação de Galileu, mais uma vez Andrea **responde** de uma forma direta, empregando *nein* (“não”). Este uso demonstra uma discordância direta sem preocupação com o seu possível efeito negativo às faces do cientista. Mais uma vez, temos que considerar que a situação comunicativa permite tal atitude, pois há grande familiaridade entre eles. Em seguida, Andrea pede por razões e logo após dá razões **próprias para a** não compreensão da teoria de Galileu, por ser jovem demais para entender certas coisas.

Por sua vez, Galileu, **em sua** intervenção, dá razões pelas quais tem o desejo de que Andrea compreenda a sua teoria, sendo bastante explícito *Ich will gerade, daß auch du es begreifst* (“Mas eu quero que também você entenda”). Em seguida emprega a estratégia inclua **locutor** e **interlocutor** na atividade **com o uso do pronome indefinido man** (“se”), enfatizando o desejo de que não apenas Andrea compreenda o seu trabalho, **mas sim** todos, **citando ainda** razões que justificam seu empenho pelo conhecimento. **Aqui** o uso do *man* inclui Andrea no grupo de interesse de Galileu de uma forma menos direta, **e** pode-se aventar que esta estratégia permite também incluir a audiência da peça.

ANDREA – Aber ich sehe doch, daß die Sonne abends woanders hält als morgens. Da kann sie doch nicht stillstehn! Nie und nimmer.	Andrea - Mas eu vejo que o Sol de noite não está onde estava de manhã. Quer dizer que ele não pode estar parado! Nunca e jamais.
GALILEI – Du siehst! Was siehst du? Du siehst gar nichts. Du glotzt nur. Glotzen ist nicht sehen. Er stellt den eisernen Waschschlüsselständer in die Mitte des Zimmers. Also das ist die Sonne. Setzt dich. Andrea setzt sich auf den einen Stuhl. Galilei steht hinter ihm.	Galileu - Você vê! O que é que você vê? Você não vê nada! Você arregala os olhos, e arregalar os olhos não é ver. <i>Galileu põe a bacia de ferro no centro do quarto.</i> Bem, isto é o Sol. Sente-se aí. <i>Andrea se senta na única cadeira; Galileu está de pé, atrás dele.</i> Onde

Wo ist die Sonne, rechts oder links?	está o Sol, à direita ou à esquerda?
ANDREA – Links.	Andrea - À esquerda.
GALILEI – Und wie kommt sie nach rechts?	Galileu - Como fazer para ele passar para a direita?
ANDREA – Wenn Sie sie nach rechts tragen, natürlich.	Andrea - O senhor carrega a bacia para a direita, claro.
GALILEI – Nur so? Er nimmt ihn mitsamt dem Stuhl auf und vollführt mit ihm eine halb Drehung. Wo ist jetzt die Sonne?	Galileu - E não tem outro jeito? <i>Levanta Andrea e a cadeira do chão, faz meia-volta com ele.</i> Agora, onde é que o Sol está?
ANDREA – Rechts.	Andrea - À direita.
GALILEI – Und hat sie sich bewegt?	Galileu - E ele se moveu?
ANDREA – Das nicht.	Andrea - Ele, não.
GALILEI – Was hat sich bewegt?	Galileu - O que é que se moveu?
ANDREA – Ich.	Andrea - Eu.

Prosseguindo, Andrea utiliza um contra-argumento que se opõe à idéia defendida pelo cientista de que o sol se movimenta, utilizando para isso um exemplo concreto de sua experiência como ser humano: com seu enunciado, deixa claro que não constata com seus olhos o fenômeno proposto pela teoria de Galileu, pois o sol não pode estar parado, já que que à noite (*abends*) o sol não está no mesmo lugar que pela manhã (*morgens*).

Na próxima fala, Galileu apresenta uma pergunta retórica *Was siehst du?* (“O que é que você vê?”), **pois não espera realmente por uma resposta de Andrea, ameaça de forma direta as faces do jovem** com a afirmação *Du siehst gar nichts!* (“Você não vê nada!”) e segue dando razões **para sua afirmação de** que Andrea não sabe ainda enxergar a verdade. Para amenizar essa situação potencialmente **ameaçadora**, Galileu **emprega ainda** estratégias de polidez positiva como dar exemplos e incluir locutor e interlocutor na atividade, solicitando que Andrea participe do **seu** raciocínio e utilizando o termo coloquial *glotzen* (“arregala”), um marcador de identidade grupal que o aproxima do menino, para suavizar **o efeito** da potencial advertência.

Prosseguindo a interação, Galileu faz uso da estratégia de polidez negativa utilize perguntas. Esta estratégia é profícua dado que faz com que o interlocutor participe da atividade de uma forma menos agressiva do que seria **obtido** com o uso de uma afirmação, já que permite que o interlocutor chegue a

uma conclusão de uma forma **aparentemente** menos impositiva. **Ao contribuir** com a interação empregando a estratégia “note, atenda ao interlocutor”, o jovem deixa claro que está interessado em dar andamento ao tema em pauta.

O cientista prossegue com o **seu** roteiro **para a** interação, utilizando perguntas que façam com que o interlocutor seja levado à conclusão almejada. O interlocutor participa deste processo, contribuindo com o raciocínio do cientista (na linha da estratégia transmita a idéia de que locutor e interlocutor são colaboradores) enquanto participa da interação, **fornecendo feedback** de que está entendendo o que lhe é transmitido. Assim, observa-se o que mencionamos na introdução do fragmento, isto é, temos uma interação próxima de um roteiro de aula. **No entanto, frente a uma resposta não esperada pelo cientista, este deixa clara a insatisfação com o jovem:**

GALILEI <i>brüllt</i> Falsch! Dummkopf! Der Stuhl!	Galileu <i>berrando</i> — Errado! Seu burro! A cadeira!
ANDREA – Aber ich mit ihm!	Andrea - Mas eu com ela!
GALILEI – Natürlich. Der Stuhl ist die Erde. Du sitzt drauf.	Galileu - Claro. A cadeira é a Terra. Você está em cima dela.

Levado pela emoção, Galileu executa um ato extremamente ameaçador à face do garoto: **não só levanta a voz para este** (*brüllt* – “*berrando*”), como arrisca-se a romper a interação ao utilizar um adjetivo interacionalmente negativo (*Dummkopf* – “burro”), deixa claro que a resposta está errada (*falsch* – “errado”) e, em seguida, dá a resposta que esperava de Andrea (*der Stuhl!* – “a cadeira”).

O garoto, **contudo**, não dá atenção ao potencial ofensivo das palavras do cientista, não aceita a repreensão e argumenta que não somente a cadeira foi movida como ele também (*aber ich mit ihm!* “Mas eu com ela!”), apresentando uma justificativa para a sua posição e fortalecendo o seu argumento por meio desta intervenção, que podemos considerar um exemplo.

Galileu recua um pouco na sua postura após perceber que o garoto possui um argumento aceitável. Assim, inicia o seu próximo enunciado com o advérbio *natürlich* (“claro”), **utilizando** uma estratégia que busca concordância, ou seja, formula uma concessão, **buscando** um acordo com o enunciado do

interlocutor. Após isso, ele dá razões, mostrando que o que ocorre com a cadeira (*Stuhl*) também se passa com o planeta Terra (*Erde*).

A interação é interrompida pela entrada da mãe do garoto, Frau Sarti, que busca esclarecimento sobre as ações do cientista e do garoto. Visto que ela interage com ambos os interactantes, optamos por incluir seus enunciados [nesta](#) análise.

<p><i>FRAU SARTI ist eingetreten, das Bett zu machen. Sie hat zugeschaut – Was machen Sie eigentlich mit meinem Jungen, Herr Galilei?</i></p> <p>GALILEI – Ich lehre ihn sehen, Sarti.</p> <p>FRAU SARTI – Indem Sie ihn im Zimmer herumschleppen?</p>	<p><i>Dona Sarti que entrou para fazer a cama e assistiu à cena – Seu Galileu, o que o senhor está fazendo com o meu menino?</i></p> <p>Galileu – Eu o estou ensinando a ver.</p> <p>Dona Sarti – Arrastando o menino pelo quarto?</p>
--	--

É interessante observar que na segunda pergunta de Frau Sarti não há, na realidade, um pedido de informação, mas sim um pedido de explicações. Pode-se verificar que há um traço argumentativo que promove uma advertência ou uma crítica velada a ambos, através da estratégia utilize perguntas. Provavelmente, ela utiliza a estratégia, pois não possui poder social e hierárquico para ser direta com um cientista, no caso Galileu, ou faria uma afirmação [clara](#) de repreensão.

<p>ANDREA – Laß doch, Mutter. Das versteht du nicht.</p> <p>FRAU SARTI – So? Aber du verstehst es, wie? Ein junger Herr, der Unterricht wünscht. Sehr gut angezogen und bringt einen Empfehlungsbrief. Übergibt diesen. Sie bringen meinem Andrea noch so weit, daß er behauptet, zwei mal zwei ist fünf. Er verwechselt schon alles, was Sie ihn sagen. Gestern abend bewies er mir schon, daß die Erde sich um die Sonne dreht. Er ist fest überzeugt, daß ein Herr namens Kipernikus das ausgerechnet hat.</p> <p>ANDREA – Hat es der Kipernikus nicht ausgerechnet, Herr Galilei? Sagen Sie es ihr selber!</p>	<p>Andrea – Deixa, mamãe. Você não entende desse assunto.</p> <p>Dona Sarti – Ah, é? Mas você entende, é isso? Está um moço aí fora, ele quer aulas particulares. Muito bem vestido, e trouxe uma carta de recomendação. <i>Entrega a carta.</i> Com o senhor, o meu Andrea ainda acaba dizendo que dois mais dois são cinco. Ele confunde tudo o que o senhor diz. Ontem à noite ele me provou que a Terra dá volta no Sol. Está convencido de que isso foi calculado por um tal de Quipérnico.</p> <p>Andrea – Seu Galileu, o Quipérnico não calculou? Diga a ela o senhor mesmo!</p>
--	---

Andrea não se preocupa com a potencial ameaça às faces da mãe e promove o que pode ser chamado “uso agressivo do trabalho da face”, com o enunciado *Das versteht du nicht* (“Você não entende desse assunto”). Este efeito agressivo surge do fato de que Andrea **desqualifica a mãe e, por conseguinte**, enaltece a sua própria capacidade de compreensão frente à ignorância dela, ou seja, ele tem capacidade de entender as teorias de Galileu ao contrário dela. Este é um bom exemplo de que o trabalho da face não tem apenas como finalidade proteger as faces **dos participantes** contra possíveis ameaças, mas que pode também ser usado para obter vantagens na interação, conforme já mencionado em Goffman.

Frau Sarti responde ao comentário do filho com duas expressões que funcionam como perguntas retóricas: *So?* (“Ah, é?”) e *wie?* (“é isso?”) na frase “*Aber du verstehst es, wie?*”. Nestes dois casos, a mãe de Andrea questiona **implicitamente** algo que sabe não ser possível, ou seja, que Andrea tenha capacidade de apreender as teorias de Galileu. Após anunciar a chegada de um possível aluno para Galileu, Frau Sarti emprega em seu enunciado uma estratégia de polidez positiva, gracieje, ao dizer *Sie bringen meinem Andrea noch so weit, daß er behauptet, zwei mal zwei ist fünf* (“Com o senhor, o meu Andrea ainda acaba dizendo que dois mais dois são cinco.”), com a qual insinua uma reprovação a Galileu, uma objeção ao fato de ele ensinar tais coisas ao menino. Também temos aí um exemplo, que serve para embasar a reprovação. O mesmo se aplica a outro exemplo, apresentado logo em seguida: *Gestern abend bewies er mir schon, daß die Erde sich um die Sonne dreht* (“Ontem à noite ele me provou que a Terra dá volta no Sol”).

Frente à descrença de sua mãe, Andrea faz então um apelo à autoridade de Galileu para justificar o que contara a **ela** (*Sagen Sie es ihr selber!* – “Diga a ela o senhor mesmo!”), **fortalecendo** seu enunciado **ao** evocar uma segunda voz, **de nível hierárquico mais elevado**, para ratificar o que dissera.

FRAU SARTI – Was, Sie sagen ihm wirklich einen solchem Unsinn? Daß er es in der Schule herumplappert und die geistlichen Herren zu mir kommen, weil er lauter unheiliges Zeug vorbringt. Sie	Dona Sarti – Mas é verdade mesmo que o senhor ensina essas bobagens? Depois ele vai e fala essas coisas na escola, e os padres vêm me procurar, porque ele fica dizendo coisas que são contra a religião. O senhor devia ter vergonha, senhor
--	---

<p>sollten sich schämen, Herr Galilei.</p> <p>GALILEI <i>frühstückend</i> - Auf Grund unserer Forschungen Frau Sarti, haben, nach heftigem Disput, Andrea und ich Entdeckungen gemacht, die wir nicht länger der Welt gegenüber geheimhalten können. Eine neue Zeit ist angebrochen, ein großes Zeitalter, in dem zu leben eine Lust ist.</p> <p>FRAU SARTI – So. Hoffentlich können wir auch den Milchmann bezahlen in dieser neuen Zeit, Herr Galilei. <i>Auf den Empfehlungsbrief deutend.</i> Tun Sie mir den einzigen Gefallen und schicken Sie den nicht auch wieder weg. Ich denke an die Milchrechnung. <i>Ab.</i></p> <p>GALILEI <i>lachend</i> – Lassen Sie mich wenigstens meine Milch austrinken! – <i>Zu Andrea:</i> Einiges haben wir gestern also doch verstanden!</p>	<p>Galileu!</p> <p>Galileu <i>tomando café</i> – Dona Sarti, com base em nossas pesquisas e depois de intensa disputa, Andrea e eu fizemos descobertas que não podemos mais ocultar ao mundo. Começou um tempo novo, uma grande era, em que viver será um prazer.</p> <p>Dona Sarti – Sei. Espero que nesse tempo novo a gente possa pagar o leiteiro. <i>Apontando a carta de recomendação.</i> O senhor me faça o favor, e não mande embora esse também. Eu estou pensando na conta do leiteiro. <i>Sai.</i></p> <p>Galileu <i>rindo</i> – Vai, vai, me deixe ao menos acabar o meu leite! – <i>Voltando-se para Andrea</i> – Alguma coisa ontem nós sempre compreendemos, hein?</p>
---	--

Prosseguindo, Frau Sarti utiliza um registro pouco formal com Galileu: o uso de *Was?* [literalmente: o quê?] indica certa indignação; porém, ameniza o seu enunciado **formulando-o** através de uma pergunta, dado que o conteúdo do mesmo seria muito mais agressivo se fosse dito em forma de afirmação. Mesmo assim, verifica-se um potencial agressivo pela presença de um vocábulo interacionalmente negativo (*Unsinn* – “bobagens”). Argumentando, ela dá razões que fortalecem a sua posição de que Galileu não **deve** ensinar essa doutrina ao menino, pois não é bem vista pelos representantes da Igreja, utilizando outro elemento negativo, o adjetivo *unheiliges* (“contra a religião”). Há também o uso da estratégia seja convencionalmente indireto na frase *Sie sollten sich schämen, Herr Galilei* (“O senhor devia ter vergonha, senhor Galileu!”), **com a qual** ela faz **nova** advertência ao cientista.

Galileu, dando razões, formula rebuscadamente o seu enunciado, o que o torna incompatível com a linguagem dos interlocutores. Há ironia neste enunciado, o que pode ser verificado pelo seu conteúdo, pois Andrea não está habilitado a participar de uma disputa, no sentido de uma *Disputation*, como foi apresentado nos pressupostos teóricos. Apesar disso, ele diminui a distância hierárquica entre ele e Andrea, já que deixa claro que ambos chegaram juntos às conclusões. Esta é uma forma de proteção às próprias faces, retirando **parte**

da responsabilidade do feito de sua pessoa ao incluir locutor e interlocutor na atividade, concluindo com um exagero: *Eine neue Zeit ist angebrochen, ein großes Zeitalter, in dem zu leben eine Lust ist* (“Começou um tempo novo, uma grande era, em que viver será um prazer.”).

Frau Sarti evita uma possível discordância ao lançar mão de sarcasmo em seu comentário sobre o *neue Zeit* (“novo tempo”) mencionado por Galileu. Mais adiante, há novamente o emprego de sarcasmo, porém, potencialmente menos ameaçador pelo fato do mesmo ser empregado através de um pedido minimizado por fórmula convencional (*Tun Sie mir den einzigen Gefallen...* – “O senhor me faça o favor...”), no qual, todavia, o uso de *einzig* (literalmente: único) traz um tom um pouco mais agressivo, antes de introduzir um elemento que dá razões para o seu pedido: *Ich denke an die Milchrechnung* (“Eu estou pensando na conta do leiteiro”).

O cientista, fazendo uso de seu poder hierárquico, **encerra a discussão** utilizando o imperativo *Lassen Sie...* (“me deixe”). Voltando ao garoto, Galileu emprega o **pronome** nós que serve para pressupor, criar, declarar pontos em comum com Andrea, constatando / afirmando que ambos aprenderam algo juntos, embora apenas Andrea tenha aprendido algo novo. Verificamos aqui uma estratégia oposta ao uso agressivo do trabalho da face: Galileu diminui a distância intelectual entre ele e Andrea, dividindo com ele a sua “vantagem” na interação.

<p>ANDREA – Ich habe es ihr nur gesagt, damit sie sich wundert. Aber es stimmt nicht. Den Stuhl mit mir haben Sie nur seitwärts um sich selber gedreht und nicht so. <i>Macht eine Armbewegung vornüber</i>. Sonst wäre ich nämlich heruntergefallen, und das ist ein Fakt. Warum haben Sie den Stuhl nicht vorwärts gedreht? Weil dann bewiesen ist, daß ich von der Erde ebenfalls herunterfallen würde, wenn sie sich so drehen würde. Da haben Sie's.</p> <p>GALILEI – Ich habe dir doch bewiesen...</p> <p>Andrea – Aber heute nacht habe ich gefunden, daß ich da ja, wenn die Erde sich so drehen würde, mit dem Kopf die Nacht nach unten hängen würde. Und</p>	<p>Andrea - Eu falei só para ela se espantar. Mas não está certo. O senhor virou a cadeira em volta dela mesma, assim, e não assim. <i>Faz um movimento com o braço, de cima para baixo</i>. Senão eu tinha caído, e isso é um fato. Por que o senhor não virou a cadeira para a frente? Porque daí ficava provado que, se ela virasse assim, eu caía da Terra. Isso é que é.</p> <p>Galileu - Mas, se eu te demonstrei...</p> <p>Andrea - Mas esta noite eu descobri que toda noite eu ficaria pendurado de cabeça para baixo, se a Terra virasse como o senhor diz. E isso é um fato.</p>
---	---

das ist ein Fakt.	
-------------------	--

O garoto, no entanto, se recusa a aceitar a afirmação de Galileu, e dá razões que contrariam o que Galileu pressupôs: na verdade, ele não crê na teoria do cientista e sim apenas utilizara o que lhe foi passado para fazer com que sua mãe se espantasse (*sich wundern*). Prosseguindo, apresenta uma discordância direta (*Aber es stimmt nicht* - “Mas não está certo”), que deixa claro que, em sua opinião, a teoria do cientista não condiz com elementos da realidade. Vale ressaltar que apesar do seu enunciado contradizer claramente a opinião do cientista, Andrea, por ser um simples garoto, pode fazê-lo sem grande deterioração para a interação, mesmo considerando que a distância hierárquica entre ambos é bastante grande.

A seguir, Andrea dá razões **por meio de** uma afirmação incontestável, exemplificando como a teoria de Galileu não condiz com a realidade, **ao tematizar o modo como o cientista movera a cadeira, concluindo com a constatação** *und das ist ein Fakt* (“e isso é um fato”), **opondo** um argumento objetivo à palavra de Galileu. Depois, faz uma pergunta retórica, *Warum haben Sie den Stuhl nicht vorwärts gedreht?* (“Por que o senhor não virou a cadeira para a frente?”), que tem por fim envolver o interlocutor **na direção da** resposta **apresentada** por ele **em seguida**.

Galileu não confirma a hipótese de Andrea e faz um apelo à razão, tentando levá-lo a raciocinar como o cientista, mas Andrea apresenta um novo contra-argumento por meio de um argumento objetivo, oposto à palavra de Galileu, mantendo sua posição e repetindo a expressão *das ist ein Fakt*.

GALILEI <i>nimmt einen Apfel vom Tisch</i> - Also das ist die Erde.	Galileu <i>pega uma maçã na mesa</i> - Bom. Isto é a Terra.
ANDREA – Nehmen Sie nicht lauter solche Beispiele, Herr Galilei. Damit schaffen Sie's immer.	Andrea - Ah, não, seu Galileu, não venha com esses exemplos. Assim o senhor sempre se sai bem.
GALILEI <i>den Apfel zurücklegend</i> – Schön.	Galileu <i>pondo a maçã no lugar outra</i> <i>vez</i> — Você é quem sabe.
ANDREA – Mit Beispielen kann man es immer schaffen, wenn man schlaue ist. Nur, ich kann meine Mutter nicht in einem Stuhl herumschleppen wie Sie mich. Da sehen Sie, was das für ein	Andrea - Com exemplos a gente sempre leva a melhor, sendo esperto. Mas eu não posso carregar a minha mãe na cadeira como o senhor me carrega. O senhor está vendo que o

schlechtes Beispiel ist. Und was ist, wenn der Apfel also die Erde ist? Dann ist gar nichts.

exemplo é ruim. E se a maçã for a Terra, o que acontece? Não acontece nada.

Galileu, a fim de convencer o garoto de sua teoria, procura apresentar um **novo** exemplo, fazendo uma analogia entre o planeta e uma maçã. Com um enunciado no imperativo, Andrea bloqueia diretamente a intenção de Galileu e mostra claramente a sua não cooperação perante o exemplo que Galileu tentara apresentar. Além disso, ele **apresenta** razões para que o cientista não dê o exemplo pretendido, **qualificando-o como falacioso**, pois **alega que**, desta forma, Galileu chegaria sempre ao ponto desejado: *Damit schaffen Sie's immer* (“Assim o senhor sempre se sai bem”).

O cientista faz uma concessão ao garoto, desistindo do exemplo, e assim, evita uma possível discordância com o desejo de seu interlocutor, o que poderia deteriorar a interação, pois se prosseguisse no seu intuito poderia não obter a cooperação **do garoto**.

Andrea, ainda pensando no exemplo de Galileu, dá razões **que reforçam** o bloqueio, definindo-o como “ruim” e desqualificando a estratégia de Galileu como simples “esperteza” (*schlau*). **Mesmo assim**, mais adiante ele pede por razões, concedendo que Galileu apresente o seu exemplo **através de** uma pergunta retórica (*Und was ist, wenn der Apfel also die Erde ist?* – “E se a maçã for a Terra, o que acontece?”), dado que anteriormente Andrea afirma que a maçã (*Apfel*) não pode ser a Terra.

GALILEI *lacht* – Du willst es ja nicht wissen.

ANDREA – Nehmen Sie ihn wieder. Wieso hänge ich nicht mit dem Kopf nach unten nachts?

Galileu *ri* - Você não quer saber.

Andrea - Pegue a maçã de novo. Como é que à noite eu não fico pendurado de cabeça para baixo?

Galileu faz um protesto frente à recusa de Andrea com relação a sua forma de argumentação, porém ameniza-o, apresentando-o como um gracejo (*lacht* - “rindo”), que serve, provavelmente, para ativar a curiosidade do garoto e atingir o intuito almejado pelo cientista, que é de apresentar o seu exemplo. Isto parece funcionar, visto que Andrea faz uma concessão que permite reiniciar a discussão, por meio de um imperativo (*Nehmen Sie ihn wieder* –

“Pegue a maçã de novo”), mais uma vez possibilitado pela familiaridade entre ambos. Após isso, Andrea pede por razões [para a aparente incongruência entre teoria e fatos](#) ao perguntar [por que não “fica pendurado de ponta-cabeça à noite”](#), [novamente atendendo às necessidades de Galileu, que pode então prosseguir com o seu exemplo:](#)

<p>GALILEI – Also hier ist die Erde, und hier stehst du. <i>Er steckt einen Holzsplitter von einem Ofenscheit in den Apfel.</i> Und jetzt dreht sich die Erde.</p>	<p>Galileu - Bom, isto é a Terra, e você está aqui. <i>Tira uma lasca de um toro de lenha e finca na maçã.</i> E agora a Terra gira.</p>
<p>ANDREA – Und jetzt hänge ich mit dem Kopf nach unten.</p>	<p>Andrea - E agora eu estou de cabeça para baixo.</p>
<p>GALILEI – Wieso? Schau genau hin! Wo ist der Kopf?</p>	<p>Galileu - Por quê? Olhe com atenção. A cabeça, onde está?</p>
<p>ANDREA <i>zeigt am Apfel</i> – Da. Unten.</p>	<p>Andrea <i>mostrando</i> - Aqui embaixo.</p>

Retomando o seu exemplo, Galileu procura convencer o garoto, utilizando a estratégia inclua locutor e interlocutor na atividade através do uso do pronome *du* (“você”), o que ajuda a promover a adesão do interlocutor à tese apresentada. [Ao participar](#) do raciocínio de seu interlocutor, Andrea transmite a idéia de que locutor e interlocutor são colaboradores. Desta forma, ele dá crédito ao seu interlocutor, o que fortalece a estratégia deste.

Dando seqüência a sua forma de argumentação, Galileu procura convencer o jovem utilizando perguntas retóricas que visam incluir locutor e interlocutor na atividade e desta maneira conduz Andrea para a conclusão à qual deseja chegar. A colaboração de Andrea permite a estratégia de Galileu e mostra que ela está funcionando, o que dá crédito ao método empregado pelo cientista.

<p>GALILEI – Was? <i>Er dreht zurück.</i> Ist er etwa nicht an der gleichen Stelle? Sind die Füße nicht mehr unten? Stehst du etwa, wenn ich drehe, so? <i>Er nimmt den Splitter heraus und dreht ihn um.</i></p>	<p>Galileu - O quê? <i>Gira em sentido contrário, até a primeira posição.</i> - A cabeça não está no mesmo lugar? Os pés não estão mais no chão? Quando eu viro, você acaso fica assim? <i>Tira e inverte a lasca.</i></p>
<p>ANDREA – Nein. Und warum merke ich nichts von der Drehung?</p>	<p>Andrea - Não. E por que é que eu não percebo que virou?</p>
<p>GALILEI - Weil du sie mitmachst! Du und die Luft über dir und alles, was auf der Kugel ist.</p>	<p>Galileu - Porque você vai junto. Você e o ar que está em cima de você e tudo o que esta sobre a esfera.</p>

Neste trecho, o uso de *Was?* demonstra claramente uma rejeição à resposta de Andrea, forma permitida neste tipo de interação. Galileu, retomando o seu raciocínio, emprega novamente uma pergunta retórica e volta ao exemplo para, novamente, incluir locutor e interlocutor na atividade. **Nota-se** que, em todo este trecho baseado em exemplos, Galileu dá razões que ratificam a sua teoria.

Observa-se que apesar de *nein* ser um advérbio de negação, **na contribuição de Andrea** não temos uma resposta negativa e sim, uma resposta que colabora com o raciocínio do cientista, confirmando que Galileu está envolvendo **o jovem** com sua argumentação.

No próximo bloco, respondendo ao questionamento de Andrea, Galileu dá razões que confirmam as suas teorias, mais uma vez, incluindo o garoto **em sua narrativa através do uso dos pronomes *dich, dein*** (“você, sua”):

<p>ANDREA – Und warum sieht es so aus, als ob die Sonne läuft?</p> <p>GALILEI <i>dreht wieder den Apfel mit dem Splitter</i> – Also unter dir siehst du die Erde, die bleibt gleich, sie ist immer unten und bewegt sich für dich nicht. Aber jetzt schau über dich. Nun ist die Lampe über deinem Kopf, aber jetzt, was ist jetzt, wenn ich gedreht habe, über deinem Kopf, also oben?</p> <p>ANDREA <i>macht die Drehung mit</i> – Der Ofen.</p> <p>GALILEI – Und wo ist die Lampe?</p> <p>ANDREA – Unten.</p> <p>GALILEI – Aha!</p> <p>ANDREA – Das ist fein, das wird sie wundern.</p>	<p>Andrea - E por que parece que é o Sol que sai do lugar?</p> <p>Galileu <i>gira novamente a maçã com o graveto</i> - Debaixo de você, você vê a Terra, sempre igual, que fica embaixo e para você não se move. Mas agora, olhe para cima. Agora é a lâmpada que está em cima da sua cabeça. Mas agora, se eu giro, agora o que é que está sobre a sua cabeça e portanto no alto?</p> <p>Andrea <i>acompanha o giro</i> - A lareira.</p> <p>Galileu - E a lâmpada onde está?</p> <p>Andrea - Embaixo.</p> <p>Galileu - Taí.</p> <p>Andrea - Essa é boa; ela vai ficar de boca aberta.</p>
--	--

Galileu continua apresentando os seus argumentos como se estivesse dando uma aula a Andrea e procura envolvê-lo por meio de exemplos numa narração, que têm por fim incluir locutor e interlocutor na atividade. Além disso, utiliza perguntas que têm por objetivo fazer com que Andrea chegue à conclusão pretendida pelo cientista. Andrea segue o caminho proposto por Galileu e dá respostas que corroboram com o raciocínio do cientista.

Galileu, verificando que Andrea atingiu o ponto pretendido por ele, utiliza uma interjeição, no caso “aha!”, que dá a entender que esse é o ponto ao qual ambos queriam chegar. O dicionário *Duden* traduz esta interjeição como “é como eu disse”¹², transmitindo a idéia de que ambos chegaram juntos à conclusão almejada, embora apenas Galileu quisesse levar Andrea até ela.

Andrea, admirado com o que acabara de descobrir, transmite a idéia de que o seu interlocutor é admirável, qualificando positivamente o que acabara de aprender (*Das ist fein* – “Essa é boa”) e dando a entender que passará o conhecimento a outra pessoa, no caso, sua mãe, o que é uma forma de dar prestígio ao cientista.

Neste fragmento, observamos uma longa seqüência de perguntas e exemplos (inclusive concretos), que levam o interlocutor de Galileu a ser convencido da teoria do cientista. O método socrático utilizado por Galileu faz com que Andrea percorra um caminho pré-estabelecido até a conclusão desejada.

Verificamos que existe um roteiro bastante didático ao estilo de uma aula, com o interlocutor participando ativamente do processo com perguntas e respostas. Constata-se a presença de trechos que podem ser considerados *bald on record* que não ameaçam a interação, pois são emitidos, em sua maioria, por um garoto que apresenta distância afetiva pequena com Galileu. Pode-se dizer que esta distância afetiva pequena compensa, de algum modo, a grande distância hierárquica em questão.

A discussão apresenta grande predomínio de estratégias de polidez positiva, dando-lhe uma característica de busca de entrosamento e colaboração entre os participantes, especialmente no caso de Galileu e Andrea, o que é consistente com a pequena distância afetiva entre eles. Nota-se que nas contribuições de Frau Sarti há um maior equilíbrio entre o uso de estratégias de polidez positiva e negativa, o que mostra que sua relação com Galileu não é tão próxima afetivamente que possa apagar os efeitos da

¹² Gesprächspartikel: dienst dazu, eine Information zu bestätigen, auszudrücken, dass man etw. verstanden hat.

diferença hierárquica entre patrão e empregado, levando a um maior uso de estratégias de afastamento.

As estratégias de polidez positiva mais utilizadas foram respectivamente inclua locutor e interlocutor na atividade e dê razões, por parte de Galileu, e note, atenda ao interlocutor e dê razões, por parte de Andrea. Ambos utilizam abundantemente estratégias de polidez positiva que visam incentivar a colaboração entre os interlocutores e a envolvê-los em um raciocínio em comum por meio de exemplos vívidos e narrativas. Quanto à polidez negativa, enquanto Galileu e Frau Sarti empregam várias vezes a estratégia utilize perguntas, Andrea utiliza apenas uma vez a estratégia de apelo à autoridade, e ainda assim para invocar a opinião de Galileu frente à mãe, aproximando-se ainda mais do cientista.

Nota-se o uso de perguntas retóricas por todos os participantes, mas com finalidades diferentes: enquanto Galileu e Andrea utilizam-nas para guiar o raciocínio do interlocutor na direção desejada pelo locutor, no caso de Frau Sarti elas são usadas para mascarar críticas dirigidas tanto a Galileu quanto ao filho. Outras estratégias *off-record* como sarcasmo e ironia também são utilizadas pontualmente pelos adultos em críticas veladas.

Andrea apresenta por diversas vezes sua contribuições de forma direta, sem compensação (*bald on record*), o que no entanto não chega a desestabilizar a interação devido ao seu *status* diferenciado, tanto como uma criança quanto como alguém a quem Galileu claramente dedica afeto. Galileu expressa-se apenas uma vez de forma direta em situação potencialmente ameaçadora para as faces, quando perde o controle ao receber uma resposta inesperada de Andrea, mas este também não se importa com essa explosão momentânea do cientista, talvez porque crianças estejam acostumadas a tal comportamento por parte dos adultos.

No entanto, seu papel de “aluno” frente a Galileu não é de modo algum submisso, já que se recusa a aceitar passivamente as teorias do cientista e argumenta com este quase em pé de igualdade.

Argumentação:

FRAGMENTO 2:

Interação entre Galileu e o procurador (*der Kurator*) da universidade de Pádua.

Ato 1 (p. 197 – 200)

Neste fragmento, verificamos uma interação polêmica (**Colocar nota de rodapé, dizendo que o conceito de polêmica encontra-se no item XX**) entre Galileu e o procurador (*der Kurator*) da universidade de Pádua. Galileu almeja um aumento de 500 escudos no seu salário; entretanto, o parecer do procurador não é favorável à intenção do cientista. Neste sentido, constatamos uma argumentação na qual Galileu defende a sua necessidade de mais dinheiro para se dedicar à pesquisa, enquanto o procurador coloca em pauta o papel da matemática para a sociedade. A argumentação basear-se-á nesta disparidade de opiniões e interesses dos interactantes. Não há, em hipótese alguma, a possibilidade de Galileu obter o que almeja e, por isso, ele tem pouco a perder e muito a ganhar ao fazer uso de seu poder hierárquico, no sentido de expor os seus argumentos de forma direta, sem grandes preocupações com as ameaças potenciais às faces do seu interlocutor. Neste sentido, o trabalho da face é empregado para que cada um possa expor seus argumentos sem inviabilizar a interação. Esta ocorre numa situação formal, pois além dos interesses serem antagônicos, há grande diferença com relação à distancia hierárquica e afetiva entre os interactantes: Galileu possui mais poder hierárquico nesta interação, visto que é um cientista, enquanto o procurador é apenas um representante burocrata da universidade, **mas mesmo assim, não tem como fazer valer seus interesses frente à política da universidade:**

DER KURATOR - Ich komme betreffs Ihres Ansuchens um Erhöhung des Gehalts auf 1000 Skudi. Ich kann es bei der Universität leider nicht befürworten. Sie wissen, mathematische Kollegien bringen der Universität nun einmal keinen Zustrom.

Procurador - Eu vim tratar do seu pedido de aumento; o senhor quer ganhar mil escudos. Infelizmente, o meu parecer não será favorável. O senhor sabe que os cursos de matemática não garantem frequência à universidade. A matemática, por assim dizer, não é uma arte

Mathematik ist eine brotlose Kunst, sozusagen. Nicht als ob die Republik sie nicht über alles schätzte. Sie ist nicht so nötig wie die Philosophie, noch so nützlich wie die Theologie, aber sie verschafft den Kennern doch so unendliche Genüsse!

GALILEI *über seinen Papieren*: - Mein lieber Mann, ich kann nicht auskommen mit 500 Skudi.

alimentícia. Não que a República não a tenha na mais alta conta. Embora não seja tão necessária como a filosofia nem tão útil quanto a teologia, aos conhecedores ela proporciona infinito prazer!

Galileu *mexendo em seus papéis* - Meu caro amigo, com quinhentos escudos eu não vivo.

Chama a atenção o tamanho do turno inicial. O procurador tem a incumbência de comunicar algo que vai contra os interesses de Galileu e por isso, procura justificar-se para não incorrer no desagrado do cientista, utilizando-se de uma linguagem extremamente burocrática e rebuscada.

Logo na primeira expressão utilizada pelo procurador, verifica-se que a interação acontecerá numa situação formal. Por meio da frase *Ich komme betreffe Ihres Ansuchens um Erhöhung des Gehalts auf 1000 Skudi* (“Eu vim tratar do seu pedido de aumento; o senhor quer ganhar mil escudos”), em jargão oficial, constatamos que o procurador é um burocrata enviado pela universidade e irá interagir com Galileu dentro desta função.

Em seguida, o enunciado *Ich kann es bei der Universität leider nicht befürworten* (“Infelizmente, o meu parecer não será favorável”), já produz um conflito na interação, dado que o mesmo contraria claramente a vontade do cientista de obter seu aumento, embora o procurador procure atenuá-lo através do uso do verbo modal *können* (“poder”) na negativa, aliado à partícula *leider* (“infelizmente”), o que indica, ao menos simbolicamente, uma certa relutância em negar o pedido do cientista, afastando-o da potencial ameaça às faces deste.

Prosseguindo, o procurador utiliza a expressão *Sie wissen* (“O senhor sabe”), criando pontos em comum com mudança do foco pessoal do falante para o interlocutor para envolver o alocutário no seu raciocínio e apresenta-lhe razões para a negativa, alegando que as aulas de Galileu não garantem freqüência para a universidade. A seguir, quase comete um FTA *bald on record* ao desqualificar a matemática, disciplina a qual Galileu é representante. Contudo, o termo *sozusagen* (“por assim dizer”) produz uma minimização à

imposição **sugerida** pelo enunciado. A frase *Nicht als ob die Republik sie nicht über alles schätzte* (“Não que a República não a tenha na mais alta conta”) também tem um efeito amenizador, uma vez que intensifica o interesse para com o interlocutor, uma estratégia de polidez positiva utilizada para compensar o enunciado anterior, principalmente considerando que a mesma frase inclui um elemento de exagero (*über alles schätzte* - “na mais alta conta”) e um argumento de autoridade em favor de Galileu (*Republik*).

No entanto há a seguir, mais uma vez, uma diminuição da importância da matemática **através de sua comparação com a teologia, sendo apresentada como não tão necessária (nötig) e útil (nützlich) como esta última**, o que pode **novamente** configurar uma ameaça: há uma desvalorização da matemática frente outras ciências **e, conseqüentemente, por implicatura, da importância de Galileu frente à universidade**. Mais uma vez, segue-se uma compensação do que foi dito; neste caso, pela presença da observação de que a matemática “proporciona prazer” àqueles que a estudam, atendendo ao interlocutor quando demonstra preocupação com sua necessidade, ainda com um elemento de exagero (*unendliche Genüsse* – “infinito prazer”).

Galileu emprega **então** uma expressão de identidade grupal convencional (*mein lieber Mann* – “meu caro amigo”) que promove uma aproximação, porém com efeito irônico, **já que não há realmente qualquer sinal de afeto entre eles**, e em seguida, apresenta razões pelas quais necessita do aumento, isto é, **introduz** um argumento objetivo que é a própria subsistência, **ao afirmar que não pode viver com o salário atual**.

Neste primeiro trecho, observa-se **um esquema que irá repetir-se várias vezes nas intervenções do procurador: a alternância entre enunciados quase bald on record e estratégias de polidez positiva**. Também devemos considerar que o procurador apresenta argumentos de autoridade ora em próprio favor ora em favor de Galileu, **apresentando** uma valoração **desfavorável** da ciência da qual Galileu é representante, com a intenção de desqualificar o oponente.

DER KURATOR - Aber, Herr Galilei, Sie lesen zweimal zwei Stunden in der Woche. Ihr außerordentlicher Ruf verschafft Ihnen sicher Schüler in beliebiger Menge, die zahlen können	Procurador - Mas, senhor Galileu, o senhor tem duas horas de aula, duas vezes por semana. O seu extraordinário prestígio lhe traz quantos alunos quiser, gente que pode pagar aulas particulares.
---	---

<p>für Privatstunden. Haben Sie keine Privatschüler?</p> <p>GALILEI - Herr, ich habe zu viele! Ich lehre und lehre, und wann soll ich lernen? Mann Gottes, ich bin nicht so siebengescheit wie die Herren von der philosophischen Fakultät. Ich bin dumm. Ich verstehe rein gar nichts. Ich bin also gezwungen, die Löcher in meinem Wissen auszustopfen. Und wann soll ich das tun? Wann soll ich forschen? Herr, meine Wissenschaft ist noch wißbegierig! Über die größten Probleme haben wir heute noch nichts als Hypothesen. Aber wir verlangen Beweise von uns. Und wie soll ich da weiterkommen, wenn ich, um meinen Haushalt in Gang zu halten, gezwungen bin, jedem Wasserkopf, der es bezahlen kann, einzutrichern, daß die Parallelen sich im Unendlichen schneiden?</p>	<p>O senhor não tem alunos particulares?</p> <p>Galileu - Tenho, demais! Eu ensino e ensino, e quando é que estudo? Homem de Deus, eu não sei tudo, como os senhores da Faculdade de Filosofia. Eu sou estúpido. Eu não entendo nada de nada. De modo que necessito preencher os buracos do meu saber. E quando é que tenho tempo? Quando é que faço pesquisa? Meu senhor, a minha ciência ainda tem fome de saber! Sobre os maiores problemas nós ainda não temos nada que seja mais do que hipótese. Mas nós exigimos provas. E como eu vou fazer progresso, se para sustentar a minha casa sou forçado a me dedicar a qualquer imbecil, desde que tenha dinheiro, enfiar na cabeça dele que as paralelas se encontram no infinito?</p>
---	---

O que se segue é uma contra-argumentação por parte do procurador através da sugestão de que o cientista deve dedicar-se a alunos particulares, partindo de um enunciado que funciona ao mesmo tempo como uma pressuposição e um exagero das qualidades de Galileu (*Ihr außerordentlicher Ruf ... verschafft... Schüler in beliebiger Menge* – “seu extraordinário prestígio lhe traz quantos alunos quiser”). O procurador emprega ainda o advérbio *sicher* (“certamente”), que serve como meio para a estratégia seja otimista, e conclui com uma pergunta que sugere a possibilidade da complementação da renda com alunos particulares.

Galileu apresenta então seus contra-argumentos: responde ao procurador com um exagero e uma pergunta retórica (*Herr, ich habe zu viele! Ich lehre und lehre, und wann soll ich lernen?* – „Tenho, demais! Eu ensino e ensino, e quando é que estudo?”) e apela à emoção com a interjeição *Mann Gottes* (“Homem de Deus”). A repetição em *Ich lehre und lehre* (“eu ensino e ensino”) envolve o interlocutor na narrativa, fazendo-o participar da história e aproximando-o do ponto de vista do cientista.

Galileu procede a seguir a um rebaixamento de sua auto-imagem frente à de seus colegas de faculdade (*ich bin nicht so siebengescheit wie die Herren*

von der philosophischen Fakultät – “eu não sei tudo, como os senhores da Faculdade de Filosofia”), utilizando a estratégia seja pessimista com efeito irônico, inclusive com a utilização de expressões altamente coloquiais: a frase *Ich bin dumm* (“eu sou estúpido”) que, neste contexto, soa por demais informal para a situação comunicativa, pode até ser uma forma de protesto, dado que a mudança brusca de registro chega a soar agressiva. Ao afirmar que “não entende nada de nada”, utiliza, além do registro coloquial, uma estratégia de exagero como forma de afastar-se da imposição de insistir no pedido de aumento de salário apresentando sua necessidade de tempo livre para estudar como uma conclusão lógica frente à situação apresentada, que é reforçada por duas outras perguntas retóricas: (*Und wann soll ich das tun? Wann soll ich forschen?* – “E quando é que tenho tempo?” “Quando é que faço pesquisa?”), que apelam diretamente ao interlocutor.

Todas estas estratégias visam a envolver o interlocutor em uma narrativa vívida de diversos aspectos do cotidiano dedicado à pesquisa científica de Galileu.

É interessante notar que, mais ao final de sua fala, Galileu passa a utilizar o pronome *wir* (“nós”), com o que, ao mesmo tempo em que dá razões para justificar os seus interesses, inclui falante e interlocutor na atividade e ainda intensifica o interesse para com o interlocutor, fazendo com que a pesquisa científica pareça importante também para o procurador, já o “nós” tanto inclui o procurador na situação comunicativa como serve para especificar o grupo dos matemáticos. Ainda dando razões, Galileu esclarece qual o porquê da necessidade de empenho na ciência “Aber wir verlangen Beweise von uns” (“Mas nós exigimos provas”). Em tom de protesto, ele pede por razões por meio de uma pergunta retórica ilustrada por uma narrativa sobre suas dificuldades em pesquisar enquanto precisa ensinar sua ciência a alunos não qualificados. Novamente, esta narrativa apresenta elementos cujo registro é por demais informal para a situação, como *Wasserkopf* (“imbecil”) e *eintrichten* (“enfiar”), emprestando à fala de Galileu um forte apelo emocional.

Todas essas interpelações de Galileu servem para protestar contra a negação ao seu pedido de aumento, observando-se uma argumentação incisiva frente à negação do pedido. Contudo, consideramos que Galileu

argumenta desta forma, pois não tem nada a perder, dado que já sabe que seu pedido não será atendido.

<p>DER KURATOR - Vergessen Sie nicht ganz, daß die Republik vielleicht nicht so viel bezahlt, wie gewisse Fürsten bezahlen, daß sie aber die Freiheit der Forschung garantiert. Wir in Padua lassen sogar Protestanten als Hörer zu! Und wir verleihen ihnen den Doktorgrad. Herrn Cremonini haben wir nicht nur nicht an die Inquisition ausgeliefert, als man uns bewies, bewies, Herr Galilei, daß er irreligiöse Äußerungen tut, sondern wir haben ihm sogar eine Gehaltserhöhung bewilligt. Bis nach Holland weiß man, daß Venedig die Republik ist, in der die Inquisition nichts zu sagen hat. Und das ist einiges wert für Sie, der Sie Astronom sind, also in einem Fach tätig, wo seit geraumer Zeit die Lehre der Kirche nicht mehr mit dem schuldigen Respekt geachtet wird!</p> <p>GALILEI - Herrn Giordano Bruno haben Sie von hier nach Rom ausgeliefert. Weil er die Lehre des Kopernikus verbreitete.</p>	<p>Procurador - Em todo caso, o senhor não esqueça que a República talvez não pague tanto quanto certos príncipes, mas garante a liberdade de pesquisa. Nós em Pádua admitimos até mesmo alunos protestantes. E lhes damos o diploma de doutor. Quando provaram - provaram, senhor Galileu - que Cremonini dizia coisas contra a religião, nós não só não o entregamos à Inquisição, como aumentamos o salário dele. Até na Holanda se sabe que Veneza é a República onde a Inquisição não manda. E isso tem um certo valor para o senhor, que é astrônomo, que trabalha numa disciplina em que há muito tempo a doutrina da Igreja não encontra mais o devido respeito!</p> <p>Galileu - Mas Giordano Bruno os senhores entregaram a Roma. Porque defendia a doutrina de Copérnico.</p>
--	--

O procurador é forçado a conceder **que a universidade não oferece uma situação financeira ideal, mas dá continuidade à interação** apresentando contra-argumentos **às interpelações do cientista, que mostram esforços da universidade** em favor da atividade de Galileu, fazendo até mesmo recriminações **de que ele se esquece disso**, como no caso **de *vergessen Sie nicht ganz*** (“em todo caso, o senhor não esqueça”), o que representa uma ameaça direta potencial às faces de Galileu **com o uso do imperativo, apesar da minimização introduzida por *nicht ganz*** (literalmente: “não completamente”). Também dá razões que corroboram o seu ponto de vista, **contrapondo a liberdade de pesquisa oferecida pela república ao melhor pagamento oferecido pelos patronos particulares, utilizando a estratégia** ofereça/prometa. Falando em nome da instância oficial (*Republik*) o **procurador afasta-se da imposição**, pois, desta maneira, o que diz não soa como uma opinião particular **e sim como uma regra geral**). Do mesmo modo, o emprego **da partícula *vielleicht*** (“talvez”)

também atenua o conteúdo da asserção, isto é, minimiza a imposição que esta concessão exerce sobre si mesmo, como representante da universidade, protegendo a própria face nesta situação desfavorável. Este é um exemplo bastante interessante de como o trabalho da face não é utilizado apenas para proteger as faces do interlocutor, mas também as do próprio falante, mantendo o equilíbrio da interação quando este se sente ameaçado.

O procurador também apresenta exemplos que têm por objetivo reforçar a noção da liberdade de pensamento oferecida pela universidade, ao citar a aceitação de ouvintes protestantes e o fato de Creminini não ter sido entregue à Inquisição, mesmo quando foi provado que tinha idéias contra a religião. O uso da partícula *sogar* (“até mesmo”), de repetições como em *bewies, bewies*. („provaram, provaram“) e da exortação „senhor Galileu“ apresentam os exemplos sob forma de uma narrativa vívida, que busca envolver o interlocutor e mencionando inclusive uma instituição de grande poder (*Inquisition*) o que aumenta o poder da argumentação em favor da autonomia da universidade. Mais uma vez, ele dá razões para que Galileu reconheça os benefícios de estar na República, reafirmando que a Inquisição não tem poderes em Veneza, ao citar uma regra de conhecimento geral que se estende “até à Holanda”.

Esta proposição corrobora a idéia de liberdade, porém, há neste enunciado, uma ameaça velada a Galileu, uma implicatura, pelo paralelo que pode ser traçado entre Galileu e Cremonini, já que ambos fazem afirmações que vão contra a Igreja. Esta ameaça é tornada clara pelo procurador quando ele a apresenta sob forma de um conselho: *Und das ist einiges wert für Sie, der Sie Astronom sind, also in einem Fach tätig, wo seit geraumer Zeit die Lehre der Kirche nicht mehr mit dem schuldigen Respekt geachtet wird!* (“E isso tem um certo valor para o senhor, que é astrônomo, que trabalha numa disciplina em que há muito tempo a doutrina da Igreja não encontra mais o devido respeito!”).

Na primeira parte deste trecho, *Und das ist einiges wert für Sie* (“E isso tem um certo valor para o senhor”) há a estratégia oferta/prometa, considerando-se que existe, intencionalmente, a promessa de garantia de continuidade da pesquisa de Galileu. Entretanto, há neste enunciado uma grande ameaça a Galileu, dado que o procurador abandona a ciência “matemática” anteriormente citada como a área de Galileu e opta por atribuir-

Ihe a “astronomia”, disciplina não muito bem vista pela autoridade *Kirche* (Igreja). Constatamos, em todo enunciado do procurador, uma série de exemplos de estratégias *off record* que tanto podem ser interpretadas como um conselho ou como uma ameaça velada. Ambas as interpretações estão sempre presentes, devido à formulação intencionalmente **vaga das referências aos atores das ações apresentadas**: ao qualificar Galileu como astrônomo, o procurador afirma a disciplina da qual Galileu é representante, e não com Galileu diretamente, não tem respeito para com a Igreja, ou seja, há uma desfocalização do interlocutor, dissolvendo o cientista no grupo dos astrônomos, o que protege as faces de Galileu. **O mesmo vale para** o uso da passiva em *geachtet wird* (literalmente: “não é respeitada”) **também serve para proteger a face do cientista, pois deixa ao mesmo a possibilidade de decidir quem executa tais ações.**

Tais cuidados para proteger a face de Galileu dão a aparência de um conselho bem intencionado por parte do procurador. No entanto, sabe-se que este na verdade quer, por meio da sua alusão ao comportamento potencialmente herético do cientista, levá-lo a submeter-se à sua decisão de não lhe conceder o aumento, o que transforma o trecho em uma ameaça velada.

Galileu **contesta a fala do procurador** apresentando um contra-exemplo, por meio de uma estratégia *off record*, desmentindo o que foi implicado anteriormente no enunciado do procurador, **ao apresentar** um paralelismo entre si e Giordano Bruno: **se** este foi entregue à Inquisição, o mesmo pode acontecer com o cientista, **embora este** utilize *Rom* como um eufemismo para *Inquisition*, o que ameniza **um pouco** o enunciado.

DER KURATOR - Nicht, weil er die Lehre des Herrn Kopernikus verbreitete, die übrigens falsch ist, sondern weil er kein Venezianer war und auch keine Anstellung hier hatte. Sie können den Verbrannten also aus dem Spiele lassen. Nebenbei, bei aller Freiheit ist es doch rätlich, einen solchen Namen, auf dem der ausdrückliche Fluch der Kirche ruht, nicht so sehr laut in alle Winde zu rufen, auch hier nicht, ja, nicht einmal

Procurador - Não porque ele difundisse a doutrina do senhor Copérnico, que aliás está errada, mas porque ele não era veneziano, nem tinha emprego aqui. De modo que o senhor deixe o queimado-vivo fora do jogo. E, entre parênteses, por maior que seja a liberdade, é prudente não falar tanto nem tão alto nesse nome, que é anátema oficial para a Igreja; nem mesmo aqui, sim senhor, nem mesmo aqui.

Galileu - Essa sua proteção à liberdade

<p>hier.</p> <p>GALILEI - Euer Schutz der Gedankenfreiheit ist ein ganz gutes Geschäft, wie? Indem ihr darauf verweist, daß woanders die Inquisition herrscht und brennt, kriegt ihr hier billig gute Lehrkräfte. Den Schutz vor der Inquisition laßt ihr euch damit vergüten, daß ihr die schlechtesten Gehälter zahlt.</p> <p>DER KURATOR - Ungerecht! Ungerecht! Was würde es Ihnen schon nützen, beliebig viel freie Zeit zur Forschung zu haben, wenn jeder beliebige ungebildete Mönch der Inquisition Ihre Gedanken einfach verbieten könnte? Keine Rose ohne Dornen, keine Fürsten ohne Mönche, Herr Galilei!</p>	<p>do pensamento não é mau negócio, hein? Vocês sugerem que noutra parte a Inquisição reina e queima, e vocês arranjam, assim, professores bons e mal pagos. A garantia contra a Inquisição, vocês se pagam dela, pagando os piores salários.</p> <p>Procurador - É injusto! Injusto! De que lhe serve o tempo livre, o seu tempo de pesquisa, se um monge ignorante da Inquisição for livre também para proibir as suas idéias? Não há rosas sem espinhos, senhor Galileu, não há príncipes sem monges.</p>
---	--

O procurador discorda enfaticamente **do que é sugerido por Galileu, mas** contra-argumenta dando razões que embasam a sua discordância: **Giordano Bruno foi entregue à Inquisição não em razão de suas idéias**, “mas porque ele não era veneziano”, **relativizando a opinião do interlocutor sob a forma de uma correção**. Ao mencionar “Venezianer”, ele também inclui o interlocutor no seu contra-argumento de maneira favorável, pois como veneziano Galileu **estaria protegido**. Temos, neste caso, um marcador de identidade grupal **transmitindo a idéia de que** o procurador e Galileu formam um grupo que está protegido **da intromissão de forças externas**. Com o advérbio *a/so* (“portanto”), ele tenta forçar uma conclusão em favor do seu argumento.

Ainda neste enunciado, o procurador aproveita para atacar novamente de forma velada a posição de Galileu na universidade, apresentando um comentário à doutrina de Copérnico, na qual Galileu acredita: através da partícula modal *übrigens* (“aliás”) dá uma impressão de menor importância e, **conseqüentemente, minimiza a agressão no comentário *die übrigens falsch ist*** (“que aliás está errada”). **A mesma estratégia é utilizada mais adiante como um paralelo a *übrigens* com o uso de *nebenbei*** (literalmente: “além disso”, “secundariamente”) **na advertência em favor da discrição em citar nomes de perseguidos pela Igreja**.; a opinião pessoal do procurador é relativizada e apresentada como algo secundário, um simples comentário sem importância,

afastando-se da imposição, mas trazendo conteúdos importantes e potencialmente muito ameaçadores, o primeiro, na forma de um simples comentário, o segundo, na forma de um conselho (*Nebenbei, bei aller Freiheit ist es doch rätlich...* – “E, entre parênteses, por maior que seja a liberdade, é prudente”).

Outra estratégia digna de nota, que entendemos como uma forma de enfraquecimento do argumento apresentado por Galileu, é uma habilidosa **despersonalização** do mencionado “senhor Giordano Bruno”, que progressivamente se torna “o queimado-vivo” (*der Verbrannte*) e depois apenas “tais nomes” (*solche Namen*). Dessa forma, o procurador tenta **relativizar e invalidar** o argumento de Galileu, **primeiro** despersonalizando-o e **depois** tirando-o da discussão **ao diluí-lo em um grupo indefinido**.

A mudança de registro, **evidenciada pelas expressões convencionais mais coloquiais** *aus dem Spiele lassen* (“fora do jogo”) e *in alle Winde zu rufen* (“**nem mesmo aqui**”), bem como a partícula *ja* e a repetição em *auch hier nicht, ja, nicht einmal hier* (“**nem mesmo aqui, sim senhor, nem mesmo aqui.**”) indica emoção, da mesma forma que Galileu fez anteriormente, **e procura envolvê-lo no apelo do promotor, que novamente** cita a Igreja **desta vez, mais ameaçadora, como censora** da liberdade.

Galileu **responde com** ironia ao que foi dito pelo procurador, **acrescentando** uma *tag-question* que enfatiza o tom irônico da asserção (*Euer Schutz der Gedankenfreiheit ist ein ganz gutes Geschäft, wie?* – “Essa sua proteção à liberdade do pensamento não é mau negócio, hein?”). **Em seguida, detalha essa opinião através de dois comentários bald on record altamente ameaçadores para as faces de seu interlocutor:** ao afirmar que a proteção contra a Inquisição garante à República *billig gute Lehrkräfte* (“professores bons e mal pagos”) e *daß ihr die schlechtesten Gehälter zahlt* (“pagando os piores salários”). **A esta altura,** Galileu não está sobremaneira preocupado com os possíveis efeitos negativos de seus enunciados à interação.

O procurador utiliza uma expressão de protesto “Ungerecht! Ungerecht!” (É injusto! Injusto!) que representa uma discordância *bald on record* com apelo à emoção. Em seguida, apresenta razões para que Galileu dê valor à liberdade de pesquisa **que tem sob a República**, utilizando uma pergunta retórica, **o que**

é menos ameaçador do que uma afirmação categórica, e procurando convencê-lo através da apresentação de um exemplo hipotético de uma situação claramente desfavorável ao cientista. Ele também traça um paralelo entre Igreja e governo a partir de uma expressão idiomática (*Keine Rose ohne Dornen, keine Fürsten ohne Mönche Herr Galilei!* – “não há rosas sem espinhos, senhor Galileu, não há príncipes sem monges”), utilizando ainda o vocativo *Herr Galileu* para promover uma aproximação com apelo à pessoa do cientista.

<p>GALILEI - Und was nützt freie Forschung ohne freie Zeit zu forschen? Was geschieht mit den Ergebnissen? Vielleicht zeigen Sie den Herren von der Signoria einmal diese Untersuchungen über die Fallgesetze er weist auf em Bündel Manuskripte und fragen sie, ob das nicht ein paar Skudi mehr wert ist!</p> <p>DER KURATOR - Es ist unendlich viel mehr wert, Herr Galilei.</p> <p>GALILEI - Nicht unendlich viel mehr wert, sondern 500 Skudi mehr, Herr.</p>	<p>Galileu - E de que serve a pesquisa livre sem o tempo livre para pesquisar? E com os resultados, o que acontece? Quem sabe um dia o senhor mostra aos cavalheiros do Conselho este estudo sobre a lei da queda dos corpos - mostra um maço de papéis - e pergunta se isto não vale uns escudos a mais.</p> <p>Procurador - Vale infinitamente mais, senhor Galileu.</p> <p>Galileu - Infinitamente não, senhor, quinhentos escudos.</p>
--	--

Galileu, mais uma vez em tom de protesto, apresenta um contra-argumento com uma pergunta retórica a seu interlocutor: *Und was nützt freie Forschung ohne freie Zeit zu forschen?* (“E de que serve a pesquisa livre sem o tempo livre para pesquisar?”). Em seguida, faz uma oferta ao procurador, sugerindo que ele mostre os resultados de sua pesquisa ao conselho, o emprego de *vielleicht* (“talvez”) ao início do enunciado relativiza o imperativo, desta forma, minimizando a imposição. Por fim, temos uma pergunta indireta sobre o valor de sua pesquisa, novamente apresentando razões que corroboram seu pedido de aumento: *fragen sie, ob das nicht ein paar Skudi mehr wert ist!* (“e pergunta se isto não vale uns escudos a mais”).

O procurador formula então uma concessão ao seu interlocutor com um elemento de exagero (*Es ist unendlich viel mehr wert, Herr Galilei* – “Vale infinitamente mais, senhor Galileu”) utilizando a estratégia intensifique o interesse para com o interlocutor, dando a entender que o interlocutor merece reconhecimento pelo seu feito. Galileu, no entanto, não acata o elogio feito pelo

procurador e utiliza sarcasmo ao comentar o enunciado do mesmo, retomando a questão básica do pedido de aumento.

<p>DER KURATOR - Skudi wert ist nur, was Skudi bringt. Wenn Sie Geld haben wollen, müssen Sie etwas anderes vorzeigen. Sie können für das Wissen, das Sie verkaufen, nur so viel verlangen, als es dem, der es Ihnen abkauft, einbringt. Die Philosophie zum Beispiel, die Herr Colombe in Florenz verkauft, bringt dem Fürsten mindestens 10000 Skudi im Jahr ein. Ihre Fallgesetze haben Staub aufgewirbelt, gewiß. Man klatscht Ihnen Beifall in Paris und Prag. Aber die Herren, die da klatschen, bezahlen der Universität Padua nicht, was Sie sie kosten. Ihr Unglück ist Ihr Fach, Herr Galilei.</p> <p>GALILEI - Ich verstehe: freier Handel, freie Forschung. Freier Handel mit der Forschung, wie?</p>	<p>Procurador - Vale escudos somente o que rende escudos. Se o senhor quer dinheiro, precisa produzir outras coisas. O senhor não pode cobrar mais pelo saber do que ele rende a quem o compra. Por exemplo, a filosofia que o senhor Colombe vende em Florença rende pelo menos dez mil escudos anuais ao príncipe. A sua lei da queda dos corpos levantou poeira, é verdade. O senhor é aplaudido em Paris e em Praga. Mas as pessoas que o aplaudem não pagam o que o senhor custa à Universidade de Pádua. A sua desgraça, prezado Galileu, está na sua especialidade.</p> <p>Galileu - Eu entendo: liberdade de comércio, liberdade de pesquisa. Liberdade de comerciar com a pesquisa, é isso?</p>
---	--

Frente o sarcasmo de Galileu, o procurador dá razões pelas quais não é possível conceder o aumento ao cientista, **apresentando-as como uma regra geral**: *Skudi wert ist nur, was Skudi bringt* (“vale escudos somente o que rende escudos”). Temos neste enunciado uma implicatura que desmerece o trabalho de Galileu, pois o mesmo não dá lucro e, por isso, não merece melhor remuneração. Após este enunciado, **como** uma forma de amenizar o que foi dito anteriormente **e atender aos interesses do interlocutor**, o procurador dá um conselho a Galileu, **dizendo que este deve “produzir outras coisas” para aumentar sua renda**. Após o conselho, **volta a apresentar** razões a Galileu que novamente justificam **a não concessão do aumento**, **condicionando o pagamento ao rendimento monetário da pesquisa**, novamente através da **apresentação de uma regra geral**: *Sie können für das Wissen, das Sie verkaufen, nur so viel verlangen, als es dem, der es Ihnen abkauft, einbringt* (“o senhor não pode cobrar mais pelo saber do que ele rende a quem o compra”). Em seguida, ele **apresenta um exemplo concreto** que fortalece a sua argumentação, citando o lucro que a filosofia de Colombe traz à cidade de Florença. O que pode ser, mais uma vez, entendido como algo agressivo, pois

faz uma comparação entre o cientista e outra pessoa, no caso, mais interessante para a República. Prosseguindo, ele faz um comentário bastante grosseiro sobre um trabalho de Galileu (a lei de queda dos corpos), desmerecendo o mesmo por meio de uma implicatura: o trabalho de Galileu foi capaz apenas de levantar poeira, isto é, não rendeu à República o que deveria. Mais uma vez, para amenizar o enunciado, utiliza um termo em favor de Galileu, *gewiß* (“é verdade”), formulando-o como uma concessão e relativizando a própria opinião. Adiante, ele formula uma **nova** concessão em benefício de Galileu, reconhecendo, mesmo que parcialmente, o êxito do cientista **até em cidades como Paris e Praga**. Porém, em seguida apresenta razões que vão contra os interesses de Galileu, ao afirmar *aber die Herren, die da klatschen, bezahlen der Universität Padua nicht, was Sie sie kosten* (“mas as pessoas que o aplaudem não pagam o que o senhor custa à Universidade de Pádua”). Ao final da exposição, o procurador continua utilizando a sua estratégia, que podemos **descrever** como “contribuição potencialmente agressiva” *versus* “amenização do que foi dito”, como se pode verificar pela frase: *Ihr Unglück ist Ihr Fach, Herr Galilei* (“a sua desgraça, prezado Galileu, está na sua especialidade”). Assim, ao dizer que o problema de Galileu não está nele, mas sim na sua especialização (*Fach*) há o afastamento **do cientista da possível ameaça às suas faces**.

Mais uma vez, Galileu opta por um comentário curto no qual emprega **um jogo de palavras extremamente** irônico reforçado por uma *tag-question* (*wie?* – “hein?”), o que provoca severos protestos por parte do interlocutor:

<p>DER KURATOR - Aber Herr Galilei! Welch eine Auffassung! Erlauben Sie mir zu sagen, daß ich Ihre spaßhaften Bemerkungen nicht ganz verstehe. Der blühende Handel der Republik erscheint mir kaum als etwas Verächtliches. Noch viel weniger aber vermöchte ich als langjähriger Kurator der Universität in diesem, darf ich es sagen, frivolen Ton von der Forschung zu sprechen. <i>Während Galilei sehnsüchtige Blicke nach seinem Arbeitstisch schickt.</i> Bedenken Sie die Zustände ringsum! Die Sklaverei, unter deren Peitsche die Wissenschaften an gewissen Orten seufzen! Aus alten</p>	<p>Procurador - Mas, meu caro Galileu, que maneira de ver as coisas! O senhor me permita dizer que não entendo bem as suas ironias. Eu não vejo por que desprezar a prosperidade comercial da nossa República. E como procurador da universidade, que sou há muitos anos, não acompanho também essa maneira, digamos frívola, de falar da pesquisa. <i>Galileu lança olhares nostálgicos à sua mesa de trabalho.</i> O senhor considere a situação lá fora! Pense no chicote que escraviza a ciência em certas cidades! Nessas cidades, rasgaram o couro de velhos</p>
---	--

Lederfolianten hat man dort Peitschen geschnitten. Man muß dort nicht wissen, wie der Stein fällt, sondern was der Aristoteles darüber schreibt. Die Augen hat man nur zum Lesen. Wozu neue Fallgesetze, wenn nur die Gesetze des Fußfalls wichtig sind? Halten Sie dagegen die unendliche Freude, mit der unsere Republik Ihre Gedanken, sie mögen so kühn sein, wie sie, aufnimmt! Hier können Sie forschen! Hier können Sie arbeiten! Niemand überwacht Sie, niemand unterdrückt Sie! Unsere Kaufleute, die wissen, was besseres Leinen im Kampf mit der Florentiner Konkurrenz bedeutet, hören mit Interesse Ihren Ruf »Bessere Physik!«, und wieviel verdankt die Physik dem Schrei nach besseren Webstühlen! Unsere hervorragendsten Bürger interessieren sich für Ihre Forschungen, besuchen Sie, lassen sich Ihre Entdeckungen vorführen, Leute, deren Zeit kostbar ist. Verachten Sie nicht den Handel, Herr Galilei. Niemand würde hier dulden, daß Ihre Arbeit auch nur im geringsten gestört wird, daß Unberufene Ihnen Schwierigkeiten bereiten. Geben Sie zu, Herr Galilei, daß Sie hier arbeiten können!

livros para isso, para fazer chicotes. Não querem saber como a pedra cai, mas o que Aristóteles escreveu a respeito. Os olhos a gente os tem só para ler. Para que estudar a queda dos corpos, se conta só o jeito de cair de joelhos? No outro prato da balança, o senhor ponha a alegria infinita com que a nossa República acolhe as suas idéias, por mais ousadas que sejam! Aqui o senhor pode pesquisar! O senhor pode trabalhar! Ninguém vigia os seus passos, ninguém o oprime! Os nossos comerciantes, que lutam contra a concorrência florentina, sabem quanto vale um pano de melhor qualidade, e, em conseqüência, ouvem-no com simpatia quando o senhor reclama “uma física melhor”. Aliás, a própria física deve muito ao clamor por um tear melhorado! Os nossos cidadãos mais eminentes têm interesse pelas suas pesquisas, vêm visitar o senhor, pedem que lhes demonstre as suas descobertas, gente cujo tempo é precioso. Meu caro Galileu, não despreze o comércio. Aqui não se admite interferência alguma em seu trabalho, nenhum incompetente lhe cria dificuldades. Admita, Galileu, que aqui o senhor pode trabalhar!

Logo no início deste longo turno, o procurador utiliza *aber* (“mas”), um termo que apresenta uma discordância direta com o que foi dito pelo cientista, configurando um protesto. Em seguida, ele faz um apelo à emoção (*welch eine Auffassung!* – “que maneira de ver as coisas!”) e utiliza a estratégia=seja convencionalmente indireto, pedindo licença para dizer o que deseja com a fórmula *Erlauben Sie mir zu sagen* (“o senhor me permita dizer”). Pedindo licença, ele transmite a idéia de deferência ao interlocutor, **mas mesmo assim não espera pela permissão para dizer o que pensa**. No restante da frase, afirma “**não entender bem**” o comentário de Galileu, classificando-o como *spaßhafte Bemerkungen* (literalmente: “comentários jocosos”). Desse modo, o procurador minimiza a imposição de Galileu, classificando-a como “uma brincadeira” mal elaborada. Dessa forma, o procurador consegue evitar uma

exacerbação dos ânimos que inevitavelmente surgiria, caso ele fosse reagir à altura ao comentário de Galileu. Em sua formulação da frase *der blühende Handel der Republik erscheint mir kaum als etwas Verächtliches* („Eu não vejo por que desprezar a prosperidade comercial da nossa República”), o procurador evita expressar sua opinião sobre o assunto em 1ª. pessoa, utilizando o verbo *erscheinen* (parecer) para colocar-se como mero experimentador, desfocalizando-se e evitando alinhar-se explicitamente à postura criticada pelo cientista. O uso de *kaum* (“dificilmente”), sendo mais vago do que *nicht* (“não”), também relativiza sua discordância com o que é dito por Galileu. Em seguida, exige respeito à sua autoridade, falando em nome da universidade e declarando seu desacordo com o comportamento de Galileu, o que equivale a uma repreensão, ao qualificá-lo como uma “maneira frívola de falar da pesquisa”. No entanto, mesmo esse comentário é relativizado pelo uso da expressão convencionalizada *darf ich es sagen* (literalmente: “se posso dizê-lo”), novamente criando a ilusão de um pedido de permissão a Galileu para expressar-se dessa maneira.

Em seu esforço para persuadir Galileu, ele solicita que este se junte a ele em uma reflexão sobre a situação da República através de um apelo direto por meio do imperativo (*Bedenken Sie die Zustände ringsum! – “Pense no chicote que escraviza a ciência em certas cidades!”*), uma estratégia para incluir locutor e interlocutor na atividade com intuito de envolver o interlocutor na sua argumentação. Ele retoma o tema da liberdade em Pádua de forma metafórica em *die Sklaverei, unter deren Peitsche die Wissenschaften an gewissen Orten seufzen!* (“pense no chicote que escraviza a ciência em certas cidades!”), ou seja, a ciência é personificada, ao mesmo tempo, que apresenta a oposição Pádua versus outros lugares e prossegue dando razões e exemplos de opressão, concluindo, com uma pergunta retórica, que a ciência é vítima da repressão, neste caso, por parte da Igreja. Logo após, ele apresenta uma exortação com elementos de exagero: *halten Sie dagegen die unendliche Freude, mit der unsere Republik Ihre Gedanken, sie mögen so kühn sein, wie sie wollen, aufnimmt!* (“no outro prato da balança, o senhor ponha a alegria infinita com que a nossa República acolhe as suas idéias, por mais ousadas que sejam!”). Além disso, o procurador opta por oferecer e prometer, de forma

efusiva, a possibilidade de Galileu prosseguir em suas atividades: *Hier können Sie forschen! Hier können Sie arbeiten!* (“Aqui o senhor pode pesquisar! O senhor pode trabalhar!”).

Mais uma vez, o procurador faz um apelo para que Galileu reconheça os benefícios de estar na república, dando razões e apresentando exemplos que intensificam o interesse pelo interlocutor, **reafirmando sua liberdade para pesquisar**. Ele também rebate a idéia de que o comércio é negativo ou inferior, **mostrando as relações entre o comércio e a física, inclusive afirmando que a física também avança graças às demandas do comércio, através de** exemplos **em favor de** sua argumentação e intensificando o interesse pelo interlocutor. **A fim de** notar, atender ao trabalho do cientista, ele **apresenta** outra vez um exagero **com a expressão** *unsere hervorragenden Bürger* (“os nossos cidadãos mais eminentes”), **ao afirmar que eles dedicam seu tempo precioso ao cientista**. Encerrando o seu turno, ele volta a **dar** razões e conselhos, oferece a possibilidade de pesquisa a Galileu e espera que este reconheça os benefícios de estar na república, inclusive utilizando imperativos (*verachten Sie nicht den Handel* – “não despreze o comércio”; *geben Sie zu* – “admita”) que apesar de ser **ordens diretas são** amenizadas por ser a favor do cientista.

<p>Galilei <i>verzweifelt</i> – Ja</p> <p>DER KURATOR - Und was das Materielle angeht: machen Sie doch mal wieder was so Hübsches wie Ihren famosen Proportionalzirkei, mit dem man <i>er zählt es an den Fingern ab</i> ohne alle mathematischen Kenntnisse Linien ausziehen, die Zinseszinsen eines Kapitals berechnen, Grundrisse von Liegenschaften in verkleinertem oder vergrößertem Maßstab reproduzieren und die Schwere von Kanonenkugeln bestimmen kann.</p> <p>GALILEI - Schnickschnack.</p>	<p>Galileu <i>desesperado</i> — Como não?</p> <p>Procurador - E quanto às condições materiais: o senhor faça outra coisinha bonita, como aquele seu excelente compasso proporcional, mesmo ao leigo em matemática permite - <i>conta nos dedos</i> - tirar linhas, determinar o juro do juro de um capital, reproduzir em escala ampliada ou diminuída a planta de um imóvel, estabelecer o peso das balas de canhão.</p> <p>Galileu - É uma besteira.</p>
---	--

O cientista, provavelmente, tendo a intenção de encerrar a discussão já que se encontra desesperado (*verzweifelt*), opta por não apresentar argumentos e **responde** apenas **com** um *ja* (“sim”), mas o procurador desconsidera **a resposta lacônica** de Galileu e continua argumentado, tentando

atender às suas necessidades. Desta vez, dá conselhos ao cientista para que o mesmo obtenha algum benefício em causa própria e sugere que ele faça algo voltado a aplicações práticas, citando o seu “excelente compasso proporcional”. O termo “excelente” (*famose*) intensifica o interesse pelo interlocutor, pois reconhece o feito do cientista. Ainda dando crédito ao instrumento criado por Galileu, ele **utiliza novamente o exagero *ohne alle mathematischen Kenntnisse*** (literalmente: “sem quaisquer conhecimentos matemáticos”) **e dá exemplos concretos de sua utilidade**, mais uma vez, **valorizando o objeto e, conseqüentemente, o inventor.**

A reação de Galileu **limita-se** apenas a um termo bastante informal para a situação comunicativa, *Schnickschnack* (“é uma besteira”), desqualificando os argumentos do interlocutor **e recusando-se a aceitar os elogios.**

<p>DER KURATOR - Etwas, was die höchsten Herren entzückt und in Erstaunen gesetzt hat und was Bargeld getragen hat, nennen Sie Schnickschnack. Ich höre, daß sogar der General Stefano Gritti mit diesem Instrument Wurzeln ausziehen kann!</p> <p>GALILEI - Wahrhaftig ein Wunderwerk. - Trotzdem, Priuli, Sie haben mich nachdenklich gemacht. Priuli, ich habe vielleicht etwas für Sie von der erwähnten Art. <i>Er nimmt das Blatt mit der Skizze auf.</i></p> <p>DER KURATOR Ja? Das wäre die Lösung. <i>Steht auf.</i> Herr Galilei, wir wissen, Sie sind ein großer Mann. Ein großer, aber unzufriedener Mann, wenn ich so sagen darf.</p> <p>GALILEI - Ja, ich bin unzufrieden, und das ist es, was ihr mir noch bezahlen würdet, wenn ihr Verstand hättet! Denn ich bin mit mir unzufrieden. Aber statt dessen sorgt ihr, daß ich es mit euch sein muß. Ich gebe es zu, es macht mir Spaß, ihr meine Herren Venezianer, in eurem berühmten Arsenal, den Werfsten und Artilleriezeughäusern meinen Mann zu stellen. Aber ihr laßt mir keine Zeit, den weiterführenden Spekulationen nachzugehen, welche sich mir dort für mein Wissensgebiet aufdrängen. Ihr verbindet dem Ochsen, der da drischt,</p>	<p>Procurador - O senhor chama de besteira uma coisa que encantou e espantou os cidadãos mais eminentes e rendeu dinheiro à vista. Eu ouvi dizer que o próprio marechal Stefano Gritti é capaz de tirar uma raiz quadrada com o seu instrumento!</p> <p>Galileu - De fato é milagroso. Em todo caso, o senhor me fez pensar. Talvez eu tenha alguma coisa do gênero que lhe interessa.</p> <p>Procurador - É? Seria a solução. Levanta-se. Galileu, nós sabemos que o senhor é um grande homem. Grande, mas insatisfeito, se me permite dizer.</p> <p>Galileu - Sou, sou insatisfeito, mais uma razão para vocês me pagarem melhor, se fossem mais inteligentes! Pois a minha insatisfação é comigo mesmo. Mas, em vez disso, vocês fazem tudo para que eu fique insatisfeito com vocês. É verdade, meus senhores de Veneza, que eu gosto de usar o meu engenho no seu famoso arsenal, nos estaleiros e na fundição de canhões. O arsenal põe questões à minha ciência, que a levariam mais adiante, mas vocês não me dão tempo de especular. Vocês amarram a boca ao boi que está trabalhando. Eu tenho quarenta e seis anos e não fiz nada que me satisfizesse.</p>
---	---

das Maul. Ich bin 46 Jahre alt und habe nichts geleistet, was mich befriedigt.	
--	--

O procurador insiste em ressaltar a importância do instrumento e continua a fazê-lo por meio de exageros (*die höchsten Herren, entzückt* – “espantou os cidadãos mais eminentes”), contrapondo-os ao pouco valor que o cientista dá à invenção, o que acaba por constituir uma repreensão velada ao cientista. Mais uma vez, ele mostra e intensifica o interesse pelo interlocutor, apresentando outro exemplo concreto da utilidade do instrumento para uma pessoa importante como “o próprio marechal Stefano Gritti”.

Galileu, despreocupado com a possível inviabilização da interação, faz um comentário irônico: *wahrhaftig ein Wunderwerk* (“de fato é milagroso”). Contudo, após este comentário ele formula uma concessão ao conselho dado pelo procurador: *Trotzdem, Priuli, Sie haben mich nachdenklich gemacht* (“em todo caso, o senhor me fez pensar”). É importante notar que, neste turno, Galileu trata o procurador pelo primeiro nome sem nenhum honorífico, demonstrando sua posição hierárquica equivalente ou superior, enquanto anteriormente o havia chamado de *Herr* (“senhor”), fato que se reflete na tradução para o português, que desconsiderou a mudança de tratamento para o nome próprio. Como mostrado ao início da análise, apesar de Galileu ser superior hierarquicamente, constatamos que, nesta interação, Priuli tem maior poder, o que se espelhou no uso de *Herr* por parte de Galileu enquanto este procurava evitar o confronto para garantir o aumento. No entanto, ao desistir de convencer o promotor, Galileu claramente desiste de dar-lhe deferência e passa a utilizar apenas o seu nome. Galileu utiliza então a estratégia note, atenda ao interlocutor, oferecendo algo ao procurador que pode ser do seu interesse.

O procurador reage positivamente à oferta de Galileu com uma frase no *Konjunktiv* (*Das wäre die Lösung* – “Seria a solução”), o que diminui a sua adesão à promessa implícita, protegendo a própria face. Em seguida, utiliza o termo *wir wissen* (“nós sabemos”), falando em nome de si e da instituição, atendendo ao interlocutor com o reconhecimento institucional do seu valor, mas que também pode ser entendido como uma inclusão do locutor e interlocutor na

atividade, dando a entender que ambos (Priuli e Galileu) estão cientes do valor do cientista, expresso pelo termo *großer Mann* (“grande homem”), com uma intensificação do interesse para com o locutor. No entanto, relativiza a própria opinião de forma desfavorável a Galileu, através do comentário *ein großer, aber unzufriedener Mann* (“Grande, mas insatisfeito”) mas, ciente da imposição que isto representa, acrescenta a expressão convencional *wenn ich so sagen darf* (“se me permite dizer”), o que pode ser entendido como a estratégia de polidez negativa seja convencionalmente indireto, demonstrando uma intenção de não mostrar-se demasiadamente franco.

Galileu reage ao comentário concordando aparentemente com o que foi dito pelo procurador, mas utilizando o conteúdo do comentário como mote para voltar a argumentar e dá razões pelas quais deveria receber mais: *ich bin unzufrieden, und das ist es, was ihr mir noch bezahlen würdet, wenn ihr Verstand hättet!* (“sou insatisfeito, mais uma razão para vocês me pagarem melhor, se fossem mais inteligentes!”), criticando o interlocutor e o grupo representado por ele. Neste comentário, Galileu ameaça potencialmente seu interlocutor, incluindo o mesmo no grupo dos que não são inteligentes através do pronome *ihr* (“vocês” – informal). Porém, pelo emprego do *Konjunktiv* a afirmação é suavizada. Verificamos uma implicatura na frase “wenn ihr Verstand hättet!”, pressupondo que eles não têm juízo. O cientista também dá razões pelas quais é insatisfeito e novamente faz repreensões ao interlocutor, incluído no grupo: *Aber statt dessen sorgt ihr, daß ich es mit euch sein muß* (“vocês fazem tudo para que eu fique insatisfeito com vocês”), atacando a sua imagem. Ele utiliza ironia ao afirmar que “gosta” de contribuir com suas invenções para a máquina de guerra de Veneza e, prossequindo em seus protestos, emprega uma expressão idiomática que indica que não tem condições dignas de trabalhar: *Ihr verbindet dem Ochsen, der da drischt, das Maul* (“Vocês amarram a boca ao boi que está trabalhando”) e, por fim, utiliza a estratégia de polidez negativa seja pessimista com a qual mantém certa distância do interlocutor, não transmitindo para este a responsabilidade do que é dito e colocando-a em termos pessoais: *Ich bin 46 Jahre alt und habe nichts geleistet, was mich befriedigt* (“eu tenho quarenta e seis anos e não fiz nada que me satisfizesse”).

DER KURATOR - Da möchte ich Sie nicht länger stören. GALILEI - Danke.	Procurador - Nesse caso, eu não vou incomodá-lo mais. Galileu - Obrigado.
--	--

Sendo convencionalmente indireto, o procurador demonstra a sua intenção de não mais tomar o tempo de Galileu, já que não há mais nada a discutir, como insinua a partícula *da* (“então”) ao início de sua fala. Galileu utiliza um termo que é o mínimo exigido nesta *fase da* comunicação, que é uma expressão convencional, indicando que não tem mais nada a dizer, *concordando em encerrar a interação*.

Verificamos, *neste fragmento, que o procurador persegue um esquema recorrente em sua argumentação*: primeiramente apresenta um enunciado potencialmente agressivo *de forma extremamente contundente, desvalorizando a figura de Galileu e seu trabalho na universidade*, e em seguida compensa o alto grau de ameaça à interação causado por tais enunciados com estratégias de polidez positiva, *demonstrando ao menos formalmente apreço e admiração pelo interlocutor, marcadamente as estratégias “intensifique o interesse pelo interlocutor” e “exagere”*. Tanto o procurador como Galileu apresentam várias razões e exemplos para embasar seus argumentos e tentar convencer o interlocutor. Com isso, a maior parte das estratégias usadas neste fragmento pertencem à polidez positiva.

Nota-se também, da parte de ambos, uma grande freqüência de uso *estratégias off-record* como ironia, sarcasmo e perguntas retóricas e geração de implicaturas, que geralmente mascaram os pontos de maior ameaça à imagem do interlocutor ou são usados agressivamente para atacar essa imagem de modo velado. Há poucos exemplos de enunciados sem compensação, geralmente da parte de Galileu, após este perceber que não entrará em acordo com o procurador. Frequentemente as intervenções sem compensação ou apresentados *off-record* levam a um protesto por parte do interlocutor, mostrando o seu potencial de ameaça ao andamento da interação.

As estratégias de polidez negativa apresentam-se em freqüência semelhante à das *off-record*, destacando-se a minimização da imposição, o uso de expressões convencionizadas e a apresentação de regras gerais. É

interessante ressaltar o uso da minimização apresentando a imposição como algo secundário, um simples comentário de menor importância, mas apresentando aí conteúdos potencialmente muito ameaçadores.

Digno de nota é o fato de este fragmento apresentar vários exemplos interessantes de como o trabalho da face não é utilizado apenas para proteger a imagem do interlocutor, mas também para proteger a do próprio falante (como quando o procurador utiliza um subjuntivo para diminuir a sua adesão a uma promessa implícita) ou para ameaçar a imagem de seu interlocutor, visto como um adversário na interação conflituosa. Como exemplos, podemos citar a estratégia “relativize a própria opinião”, que geralmente é usada para minimizar a imposição sobre o interlocutor, mas que foi usada aqui pelo procurador para fazer uma crítica a Galileu após tê-lo elogiado. Outros exemplos são a mudança do tratamento de Galileu para com o procurador, de *Herr* (“senhor”) para apenas Pruli: o que normalmente seria considerado uma forma de polidez positiva, aproximando os interlocutores, tem aqui quase a força de um insulto, ao “rebaixar” o procurador ao nível de Galileu, e a inclusão do procurador no grupo daqueles que são apresentados como “não-inteligentes” por Galileu.

Argumentação:

FRAGMENTO 3:

Discussão entre Galileu e Sagredo

ATO 3 (p. 204 – 211)

Nesta interação, temos uma discussão entre Galileu e seu amigo Sagredo. Sagredo, apesar de ser um polidor de lentes, é também um estudioso e, neste sentido, tem condições de discutir com Galileu sobre as descobertas do cientista. Verificamos que a interação acontece com certa igualdade apesar da distância hierárquica entre ambos ser bastante grande. Entretanto, a distância afetiva entre Galileu e Sagredo é pequena, o que compensa de certo modo a distância hierárquica. Os interactantes discutem em pé de igualdade;

tanto um quanto outro apresenta seus argumentos de forma clara, sem empecilhos, o que permite que a discussão aconteça sem grandes possibilidades de ruptura. Contudo, as opiniões de ambos são antagônicas, o que torna a interação potencialmente conflituosa. O tema da discussão é a descoberta de que a lua não é uma estrela; **em razão disso**, Galileu acredita que possui provas cabais que justificam a sua teoria, já Sagredo não crê que estas provas possam dar ao cientista o crédito que o mesmo almeja, pois isto vai contra toda a crença da sociedade.

<p>SAGREDO <i>durch das Fernrohr schauend, halblaut:</i> - Der Sichelrand ist ganz unregelmäßig, zackig und rauh. Auf dem dunklen Teil, in der Nähe des leuchtenden Rands, sind leuchtende Punkte. Sie treten einer nach dem anderen hervor. Von diesen Punkten aus ergießt sich das Licht, wachsend über immer weitere Flächen, wo es zusammenfliegt mit dem größeren leuchtenden Teil.</p> <p>GALILEI - Wie erklärst du dir diese leuchtenden Punkte?</p> <p>SAGREDO - Es kann nicht sein.</p> <p>GALILEI – Doch.</p> <p>SAGREDO - Auf einem Stern?</p> <p>GALILEI - Riesenberge. Deren Spitzen die aufgehende Sonne vergoldet, während rings Nacht auf den Abhängen liegt. Du siehst das Licht von den höchsten Gipfeln in die Täler niedersteigen.</p>	<p>Sagredo olhando pelo telescópio, a meia voz - Os bordos do crescente estão irregulares, denteados e rugosos. Na parte escura, perto da faixa luminosa, há pontos de luz. Vão aparecendo, um depois do outro. A partir deles a luz se espalha, ocupa superfícies sempre maiores, onde conflui com a parte luminosa principal.</p> <p>Galileu – E como se explicam esses pontos luminosos?</p> <p>Sagredo – Não pode ser.</p> <p>Galileu – Pode, são montanhas.</p> <p>Sagredo – Numa estrela?</p> <p>Galileu – Montanhas enormes. Os cimos são dourados pelo sol nascente, enquanto a noite cobre os abismos em volta. Você está vendo a luz baixar dos picos mais altos ao vale.</p>
--	---

Iniciando a interação, Sagredo está entrando em contato com o tema da discussão **através de** uma descrição **feita por ele**, que constata as novas descobertas de Galileu. **Este** emprega uma pergunta retórica **como recurso de persuasão:** de antemão, Galileu espera obter uma determinada resposta do amigo. Sagredo, **no entanto, responde citando uma regra geral e negando** a possibilidade do que é esperado por Galileu, isto é, que os pontos são montanhas. De forma *bald on record*, Galileu **reafirma sua posição** (*Doch* –

“Pode, são montanhas”). É interessante salientar que até o momento nada foi falado explicitamente sobre o que Sagredo observara, mas Galileu sabe o que chamou a atenção do amigo.

Sagredo utiliza uma estratégia de polidez negativa utilize pergunta, que tem a função de não ser demasiadamente direto, como seria com uma afirmação. O cientista reafirma sua posição mais uma vez, **com um elemento de exagero:** (*Riesenberg* – “enormes montanhas”) e de forma *bald on record*, **apresenta uma descrição que tem como função persuadir o seu interlocutor, reforçando os seus argumentos, ao** deixar claro que estão observando um corpo celeste que não pode ser uma estrela, **o que** contradiz todo o conhecimento de mundo de Sagredo.

<p>SAGREDO - Aber das widerspricht aller Astronomie von zwei Jahrtausenden.</p> <p>GALILEI - So ist es. Was du siehst, hat noch kein Mensch gesehen, außer mir. Du bist der zweite.</p> <p>SAGREDO - Aber der Mond kann keine Erde sein mit Bergen und Tälern, so wenig die Erde ein Stern sein kann.</p> <p>GALILEI - Der Mond kann eine Erde sein mit Bergen und Tälern, und die Erde kann ein Stern sein. Ein gewöhnlicher Himmelskörper, einer unter Tausenden. Sieh noch einmal hinein. Siehst du den verdunkelten Teil des Mondes ganz dunkel?</p> <p>SAGREDO – Nein. Jetzt, wo ich darauf achtgebe, sehe ich ein schwaches, aschfarbenes Licht darauf ruhen.</p>	<p>Sagredo – Mas isso contradiz a astronomia inteira de dois mil anos.</p> <p>Galileu – É. O que você está vendo homem nenhum viu, além de mim. Você é o segundo.</p> <p>Sagredo – Mas a Lua não pode ser uma Terra, com montanhas e vales, assim como a Terra não pode ser uma estrela.</p> <p>Galileu – A Lua pode ser uma Terra com montanhas e vales e a Terra pode ser uma estrela. Um corpo celeste qualquer, um entre milhares. Olhe outra vez. A parte escura da Lua é inteiramente escura?</p> <p>Sagredo – Não, olhando bem eu vejo uma luz fraca, cinzenta.</p>
---	--

Sagredo contra-argumenta, apresentado fatos que contradizem a hipótese do cientista. O operário utiliza um argumento de autoridade (*aller Astronomie von zwei Jahrtausenden* – “a astronomia inteira de dois mil anos”) que promove uma dissolução **do** grupo dos astrônomos, isto é, ele não cita pessoas, **podendo a “astronomia” incluir também a ele e a Galileu.** O cientista procura não refutar a opinião do amigo por meio da estratégia busque concordância, respeitando as idéias do interlocutor. **Mas** logo após, ele dá razões **para essa aparente incongruência entre a astronomia estabelecida e os**

fatos observáveis: ninguém tinha visto tais fenômenos até então (*kein Mensch gesehen, außer mir* – “homem nenhum viu, além de mim”) e em seguida inclui locutor e interlocutor na atividade (*Du bist der zweite* – “Você é o segundo”), visando uma aproximação entre ambos que é importante para a persuasão, pois pode levar os interlocutores a pensar **em conjunto**. Novamente, Sagredo apresenta um contra-argumento à idéia de Galileu. Constatamos um protesto do amigo de Galileu, contrariando as conclusões que são almejadas pelo cientista. **Sagredo utiliza como argumento um silogismo para derrubar logicamente a teoria de Galileu:** se a Terra (*Erde*) não pode ser uma **estrela** (*Stern*), a lua não pode ser uma Terra. Galileu **contra-argumenta** utilizando o mesmo tipo de raciocínio que o amigo, **invertendo as premissas e reafirmando seu ponto de vista**. De maneira *bald on record*, ele ratifica a idéia refutada pelo amigo. A seguir, emprega a estratégia utilize pergunta para que o interlocutor pense junto com ele. Sagredo colabora com o raciocínio de seu interlocutor, fornecendo a resposta esperada pelo cientista (*Nein* – “não”) e **apresentando uma descrição que também confirma a teoria do interlocutor**. Verificamos que Galileu está conduzindo o amigo a uma conclusão esperada pelo cientista.

GALILEI - Was kann das für ein Licht sein?	Galileu – Essa luz o que é?
SAGREDO - ?	Sagredo - ?
GALILEI - Das ist von der Erde.	Galileu – É da Terra.

Galileu formula **nova** pergunta retórica com o objetivo de fazer com que seu interlocutor a interprete como o locutor deseja. **Contudo**, Sagredo não responde a pergunta de Galileu; ele sabe que o cientista está esperando uma determinada resposta, **mas** passa o turno para Galileu, abrindo mão da sua vez. Galileu dá a resposta ao amigo, ou seja, estrategicamente ele está fortalecido, dado que a recusa do interlocutor em dar a resposta permitiu que Galileu chegasse à conclusão **desejada**.

SAGREDO - Das ist Unsinn. Wie soll die Erde leuchten, mit ihren Gebirgen und Wäldern und Gewässern, ein kalter Körper?	Sagredo – Não, isso é absurdo. Como pode a Terra emitir luz, com suas montanhas, suas águas e matas, e sendo um corpo frio?
GALILEI - So wie der Mond leuchtet. Weil die beiden Sterne angeleuchtet	Galileu – Do mesmo modo que a Lua. Porque as duas são iluminadas pelo

<p>sind von der Sonne, darum leuchten sie. Was der Mond uns ist, das sind wir dem Mond. Und er sieht uns einmal als Sichel, einmal als Halbkreis, einmal voll und einmal nicht.</p> <p>SAGREDO - So wäre kein Unterschied zwischen Mond und Erde?</p> <p>GALILEI - Offenbar nein.</p>	<p>Sol e é por isso que elas brilham. O que a Lua é para nós, nós somos para a Lua. Ela nos vê ora como crescente, ora como semicírculo, ora como Terra cheia e ora não nos vê.</p> <p>Sagredo – Portanto não há diferença entre Lua e Terra?</p> <p>Galileu – Pelo visto, não.</p>
---	---

Sagredo apresenta uma discordância clara (*bald on record*) e emprega um termo interacionalmente negativo (*Unsinn* – “absurdo”) que poderia ofender o interlocutor. Em seguida, pede por razões, para que o interlocutor justifique o que insinuara. Atendendo às expectativas do **amigo**, o cientista apresenta um esclarecimento sobre a sua teoria, dando razões para que Sagredo aceite os argumentos do interlocutor. Logo em seguida, formula uma afirmação com o uso de “nós” inclusivo: *Was der Mond uns ist, das sind wir dem Mond* (“O que a Lua é para nós, nós somos para a Lua”), que tem como finalidade aproximar o interlocutor ao argumento apresentado. A seguir, ele apresenta uma descrição que serve como exemplo, o que reforça ainda mais a sua teoria. Sagredo utiliza uma pergunta, visando **confirmar o que o cientista quer fazê-lo acreditar**. A pergunta é formulada no *Konjunktiv (wäre)* o que a torna hipotética, ou seja, ele ainda não está convencido ao que está sendo exposto. **Em sua resposta, Galileu** promove a estratégia busque concordância, **ao simplesmente corroborar a hipótese formulada pelo amigo, enquanto o** emprego de *offenbar* (“pelo visto”) desfocaliza o participante, **ou seja, não é Galileu que afirma isto, mas sim os fatos o demonstram.**

<p>SAGREDO - Vor noch nicht zehn Jahren ist ein Mensch in Rom verbrannt worden. Er hieß Giordano Bruno und hatte eben das behauptet.</p> <p>GALILEI – Gewiß. Und wir sehen es. Laß dein Auge am Rohr, Sagredo. Was du siehst, ist, daß es keinen Unterschied zwischen Himmel und Erde gibt. Heute ist der 10. Januar 1610. Die Menschheit trägt in ihr Journal ein: Himmel abgeschafft.</p> <p>SAGREDO - Das ist furchtbar.</p> <p>GALILEI - Ich habe noch eine Sache</p>	<p>Sagredo – Não faz dez anos que, em Roma um homem subia á fogueira. Chamava-se Giordano Bruno e afirmava exatamente isso.</p> <p>Galileu – Claro. E agora estamos vendo. Não pare de olhar, Sagredo. O que você vê é que não há diferença entre céu e terra. Hoje, dez de janeiro de 1610, a humanidade registra em seu diário: aboliu-se o céu.</p> <p>Sagredo – É terrível.</p> <p>Galileu – E ainda descobri outra coisa, quem sabe se mais espantosa.</p>
---	---

entdeckt. Sie ist vielleicht noch erstaunlicher. (...) <i>Entra o Procurador e informa que o telescópio que Galileu disse que inventara já existia. Fora criado pelos holandeses.</i>	(...) <i>Entra o Procurador e informa que o telescópio que Galileu disse que inventara já existia. Fora criado pelos holandeses.</i>
--	--

Sagredo fornece um exemplo que serve como advertência ao Galileu. Em toda esta passagem, constatamos uma implicatura (violando a máxima da relevância): se aconteceu com Giordano Bruno, pode acontecer com você. Pelo emprego de *gewiß* (“claro”), o cientista busca concordância com o que foi dito pelo amigo, o que evita um possível atrito com o raciocínio do interlocutor. Em seguida, Galileu emprega a estratégia inclua locutor e interlocutor na atividade dizendo: *Und wir sehen es* (“E agora estamos vendo”), criando uma aproximação com o interlocutor, **mas desconsiderando o aviso do amigo**. O emprego do imperativo na frase *Laß dein Auge am Rohr, Sagredo* (“Não pare de olhar, Sagredo”) evidencia pouca distância entre os interlocutores, assim como o uso do primeiro nome **e do pronome informal *du* (“você”) em *Was du siehst, ist, daß es keinen Unterschied zwischen Himmel und Erde gibt* (“O que você vê é que não há diferença entre céu e terra **apresentado bald on record****. Além disso, na última frase deste turno, Galileu promove uma relação de inclusão pelo emprego de *Menschheit* (“humanidade”), pois tal termo inclui o interlocutor neste grupo. Por fim, Galileu apresenta um exagero dos fatos: *Himmel abgeschafft* (“aboliu-se o céu”). O que se verifica é que neste turno, Galileu procura levar o amigo a uma conclusão **específica**, apresentando para isso uma explicação **a partir do que é visto pelo telescópio**.

Sagredo, provalmente, envolvido pela emoção, emite um comentário *bald on record*. Galileu indica que vai apresentar novos dados para a sua teoria, desta vez, minimizando a imposição de seu enunciado pelo uso de *vielleicht* (“talvez”).

SAGREDO - <i>zögert, an das Fernrohr zu gehen</i> : - Ich verspüre beinahe etwas wie Furcht, Galilei. GALILEI - Ich werde dir jetzt einen der milchweiß glänzenden Nebel der Milchstraße vorführen. Sage mir, aus	Sagredo hesita, antes de voltar ao telescópio – O que eu sinto é quase como medo, Galileu. Galileu – Vou lhe mostrar uma das nebulosas brancas e brilhantes da Via Láctea. Me diga do que ela é feita!
--	---

<p>was er besteht</p> <p>SAGREDO - Das sind Sterne, unzählige.</p> <p>GALILEI - Allein im Sternbild des Orion sind es 500 Fixsterne. Das sind die vielen Welten, die zahllosen anderen, die entfernteren Gestirne, von denen der Verbrannte gesprochen hat. Er hat sie nicht gesehen, er hat sie erwartet!</p>	<p>Sagredo – São estrelas, incontáveis.</p> <p>Galileu – Só na constelação de Órion são quinhentas estrelas fixas. São os muitos mundos, os incontáveis outros mundos, as estrelas distantes de que falava o queimado-vivo. Ele não chegou a vê-las, as estrelas que esperava!</p>
--	--

Sagredo apresenta uma objeção às novas descobertas de Galileu **com** um enunciado no qual é possível verificar uma implicatura. Por meio de um excesso de amenizações *verspüre* (“sinto”) e *beinahe* (“quase”), verifica-se que ele minimiza a imposição com grande ênfase, ou seja, **indica que** a ameaça é muito grande. Como indicação da proximidade entre os interlocutores, verificamos **novamente** o tratamento do cientista pelo primeiro nome. Dando seguimento à interação, Galileu **anuncia mais** um exemplo que corrobora sua hipótese e utiliza **um imperativo ao invés de uma** pergunta retórica, **mas** com o **mesmo** objetivo de suscitar certa resposta que é esperada por ele, **o que é permitido pela grande proximidade afetiva entre os interlocutores**. Sagredo, mais uma vez, colabora com o raciocínio de Galileu. Galileu apresenta **então** uma narração **vívida com elementos de exagero**, cujo objetivo é envolver o interlocutor. Nesta narração, constatamos uma argumentação em favor próprio, pois ele retoma o argumento que Sagredo utilizara para fazer uma advertência a ele, isto é, a história de Giordano Bruno. Entretanto, desta vez, Galileu possui provas do que antes fora apenas especulação; assim, encontramos no enunciado uma implicatura: Giordano Bruno propôs e agora Galileu está comprovando, **ou seja, ele estava certo**.

<p>SAGREDO - Aber selbst wenn diese Erde ein Stern ist, so ist es noch ein weiter Weg zu den Behauptungen des Kopernikus, daß sie sich um die Sonne dreht. Da ist kein Gestirn am Himmel, um das ein andres sich dreht. Aber um die Erde dreht sich immer noch der Mond.</p> <p>GALILEI - Sagredo, ich frage mich. Seit vorgestern frage ich mich. Da ist der Jupiter. <i>Er stellt ihn ein</i>. Da sind nämlich vier kleinere Sterne nahe bei</p>	<p>Sagredo – Mas, mesmo que esta Terra seja uma estrela, há muita distância até as afirmações de Copérnico, de que ela gira em volta do Sol. Não há estrela no céu que tenha outra girando à sua volta. Mas em torno da Terra gira sempre a Lua.</p> <p>Galileu – Eu duvido, Sagredo. Desde anteontem eu duvido. Olhe Júpiter – acerta o telescópio –junto dele estão quatro estrelas menores, que só se vêem pelo telescópio. Eu as vi na</p>
--	--

ihm, die man nur durch das Rohr sieht. Ich sah sie am Montag, nahm aber nicht besondere Notiz von ihrer Position. Gestern sah ich wieder nach. Ich hätte schwören können, alle vier hatten ihre Position geändert. Ich merkte sie mir an. Sie stehen wieder anders. Was ist das? Ich sah doch vier. *In Bewegung*. Sieh du durch!

SAGREDO - Ich sehe drei.

GALILEI - Wo ist der vierte? Da sind die Tabellen. Wir müssen ausrechnen, was für Bewegungen sie gemacht haben können.

Sie setzen sich erregt zur Arbeit. Es wird dunkel auf der Bühne, jedoch sieht man weiter am Rundhorizont den Jupiter und seine Begleitsterne. Wenn es wieder hell wird, sitzen sie immer noch, mit Wintermäntel an.

segunda-feira, mas não fiz muito caso da sua posição. Ontem, olhei outra vez. Jurava que todas as quatro tinham mudado de lugar. Eu tomei nota. Estão diferentes outra vez. O que é isso? Se eu vi quatro. Agitado. Olhe você.

Sagredo – Eu vejo três.

Galileu – A quarta onde está? Olhe as tabelas. Vamos calcular os movimentos que elas possam ter feito.

Excitados sentam-se e trabalham. O palco escurece, mas no horizonte continua-se a ver Júpiter e seus satélites. Quando o palco clareia, ainda estão sentados, usando capotes de inverno.

Sagredo formula uma concessão, porém **em forma de uma suposição**: *Aber selbst wenn diese Erde ein Stern ist* (“Mas, mesmo que esta Terra seja uma estrela”). Ele está cogitando dar crédito à teoria de Galileu, isto é, buscando concordância. Prosseguindo, ele volta um pouco atrás na sua concessão, formulando uma objeção: *so ist es noch ein weiter Weg zu den Behauptungen des Kopernikus, daß sie sich um die Sonne dreht* („há muita distância até as afirmações de Copérnico, de que ela gira em volta do Sol“) e, finalmente contra-argumenta: *Aber um die Erde dreht sich immer noch der Mond* (“Mas em torno da Terra gira sempre a Lua”). Neste trecho, ele dá razões **que estão** direta e indiretamente em desacordo com a teoria de Galileu.

O cientista não responde diretamente ao amigo, mas dirige a pergunta a si mesmo como se estivesse refletindo e, de certa maneira, chamando a atenção **do interlocutor para o seu raciocínio**. Logo após, ele apresenta uma narração, que tem por fim apoiar o seu ponto de vista, isto é, de que o céu não é imutável. Adiante, ele emprega a estratégia utilize perguntas que envolve o interlocutor para que pensem juntos **e, novamente, utiliza um imperativo para pedir a sua colaboração**. Em todo este trecho, verificamos a estratégia inclua locutor e interlocutor na atividade, cuja função é fazer que ambos pensem juntos, levando o interlocutor a mudar o seu ponto de vista. O amigo de Galileu

colabora com o raciocínio do interlocutor e dá a resposta esperada por este. Por meio de uma **nova** pergunta, o cientista convida o interlocutor a pensar junto com ele e o inclui na atividade, empregando o pronome *wir* (“nós”), expressando-se com se ambos tivessem o mesmo conhecimento **e os mesmos interesses**.

<p>GALILEI - Es ist bewiesen. Der vierte kann nur hinter den Jupiter gegangen sei, wo man ihn nicht sieht. Da hast du ein Gestirn, um das ein anderes sich dreht.</p> <p>SAGREDO - Aber die Kristallschale, an die der Jupiter angeheftet ist?</p> <p>GALILEI - Ja, wo ist sie jetzt? Wie kann der Jupiter angeheftet sei wenn andere Sterne um ihn kreisen? Da ist keine Stütze im Himmel, da ist kein Halt im Weltall! Da ist eine andere Sonne!</p>	<p>Galileu – Está provado. A quarta só pode ter ido para trás de Júpiter, onde ela não é vista. Está aí uma estrela que tem outra girando à sua volta.</p> <p>Sagredo – Mas, e a esfera de cristal, em que Júpiter está fixado?</p> <p>Galileu – De fato, onde é que ela ficou? Como pode Júpiter estar fixado, se há três estrelas girando em sua volta? Não há suporte no céu, não há ponto fixo no universo! É outro Sol!</p>
--	--

Após **o trabalho conjunto**, Galilei apresenta uma conclusão de maneira peremptória, **por meio de uma regra geral** que explica a sua hipótese e, por fim, apresenta um contra-exemplo para o que Sagredo **havia** afirmado. Sagredo apresenta um questionamento (*aber* – “mas”) a Galileu por meio da estratégia utilize perguntas. Essa estratégia, neste caso, faz com que Galileu reflita, buscando a resposta, e soa menos ameaçadora do que uma afirmação categórica **de que a hipótese de Galileu não contempla a esfera de cristal que deveria estar lá**. Pelo emprego do *ja* (“de fato”) **e da repetição da pergunta**, Galileu evidencia pontos em comum com seu interlocutor, desta forma, ele expressa certa cumplicidade com o mesmo. Prosseguindo em sua argumentação, Galileu faz **uma pergunta retórica e logo após, ele dá a resposta a essa pergunta apresentando razões** (*Da ist keine Stütze im Himmel, da ist kein Halt im Weltall!* – “Não há suporte no céu, não há ponto fixo no universo!”) que têm por função fortalecer a sua tese e faz uma afirmação categórica (*Da ist eine andere Sonne!* – “É outro Sol!”) que pode ser interpretada como *bald on record*, já que vai contra as crenças do interlocutor.

<p>SAGREDO - Beruhige dich. Du denkst zu schnell.</p>	<p>Sagredo – Calma, você pensa depressa demais!</p>
---	---

<p>GALILEI - Was, schnell! Mensch, reg dich auf! Was du siehst, hat noch keiner gesehen. Sie hatten recht!</p> <p>SAGREDO - Wer? Die Kopernikaner?</p> <p>GALILEI - Und der andere! Die ganze Welt war gegen sie, und sie hatten recht. Das ist was für Andrea! <i>Er läuft außer sich zu Tür und ruft hinaus: Frau Sarti! Frau Sarti!</i></p>	<p>Galileu – Que depressa nada! Acorda, rapaz! O que você está vendo nunca ninguém viu. Eles tinham razão.</p> <p>Sagredo – Quem, os copernicanos?</p> <p>Galileu – E o outro! O mundo todo estava contra eles e eles tinham razão. Andrea é que vai gostar. Fora de si corre pra a porta e grita – Dona Sarti! Dona Sarti!</p>
--	---

Sagredo utiliza um imperativo que pode ser considerado como uma ordem ou um conselho *bald on record* a Galileu (*Beruhige dich* “Calma!”) e em seguida dá razões (*Du denkst zu schnell* – “você pensa depressa demais!”) para que Galileu acate o mesmo. Galileu devolve o argumento de Sagredo contra ele mesmo (*Was, schnell!* – “Que depressa nada!”), porém, com elemento de emoção, como mostram o ponto de exclamação e a interjeição *Mensch* (“rapaz”), e utiliza também um imperativo para levar Sagredo a compartilhar de sua euforia, dando razões que a justificam: *Sie hatten recht!* (“Eles tinham razão”). Sagredo pede esclarecimentos sobre a referência do pronome *sie* (“eles”), que apresenta um grupo de pessoas como claro e conhecido por ambos, e Galileu o especifica, retomando Giordano Bruno de um modo que novamente apela ao conhecimento comum (*und der andere* – “e o outro!”). Por fim, apresenta uma constatação com um elemento de exagero (*Die ganze Welt war gegen sie!* – “O mundo todo estava contra eles”) que tem por finalidade reforçar a sua argumentação.

<p>SAGREDO - Galilei, du sollst dich beruhigen!</p> <p>GALILEI - Sagredo, du sollst dich aufregen! Frau Sarti!</p> <p>SAGREDO <i>dreht das Fernrohr weg:</i> - Willst du aufhören, wie ein Narr herumzubrüllen?</p> <p>GALILEI - Willst du aufhören, wie ein Stockfisch dazustehen, wenn die Wahrheit entdeckt ist?</p> <p>SAGREDO - Ich stehe nicht wie ein Stockfisch, sondern ich zittere, es könnte die Wahrheit sein.</p>	<p>Sagredo – Galileu, você precisa se acalmar!</p> <p>Galileu – Sagredo, você precisa se animar! Dona Sarti!</p> <p>Sagredo desvia o telescópio – Você quer parar de gritar como um louco?</p> <p>Galileu – Você quer parar de fazer cara de peixe morto, quando a verdade foi descoberta?</p> <p>Sagredo – Eu não estou fazendo cara de peixe morto, eu estou tremendo de medo de que seja mesmo verdade.</p>
--	--

Pode-se constatar neste trecho um forte elemento de emoção perpassando os enunciados. Novamente, Sagredo apresenta um conselho a Galileu porém, desta vez, utiliza um verbo modal “*sollst*” (“precisa”) que produz um certo afastamento da imposição. Galileu devolve o conselho do amigo, utilizando a mesma estrutura, mas com um conteúdo oposto ao proposto por Sagredo, o que implica em uma rejeição do conselho do amigo. Sagredo novamente apela a Galileu, desta vez utilizando uma expressão convencionalizada (*Willst du aufhören wie ein Narr herumzubrüllen?* – “Você quer parar de gritar como um louco?”). Da mesma forma que o enunciado anterior, Galileu repete a estrutura utilizada pelo amigo, também com um elemento interacionalmente negativo: *Stockfisch* (“cara de peixe morto”, paralelo a *Narr* – “louco”), que denota emoção. Mais uma vez, verificamos um paralelo com o turno anterior, ou seja, o argumento do interlocutor é retomado e aplicado em outro contexto. Sagredo não concorda com o que foi dito por Galileu e o contradiz diretamente (*Ich stehe nicht wie ein Stockfisch* – “Eu não estou fazendo cara de peixe morto”), mas após isso faz um comentário, apresentando a razão pela qual não se alegra, mesmo ainda apresentando-a apenas como uma possibilidade pelo uso de um *Konjunktiv* (*es könnte die Wahrheit sein* – “que seja mesmo verdade”).

<p>GALILEI - Was?</p> <p>SAGREDO - Hast du allen Verstand verloren? Weißt du wirklich nicht mehr, in was für eine Sache du kommst, wenn das wahr ist, was du da siehst? Und du es auf allen Märkten herumschreist: daß die Erde ein Stern ist und nicht der Mittelpunkt des Universums.</p> <p>GALILEI – Ja, und daß nicht das ganze riesige Weltall mit allen Gestirnen sich um unsere winzige Erde dreht, wie jeder sich denken konnte!</p> <p>SAGREDO - Daß da also nur Gestirne sind! - Und wo ist dann Gott?</p> <p>GALILEI - Was meinst du damit?</p>	<p>Galileu – O quê?</p> <p>Sagredo – Mas você não tem um pouco de juízo? Não percebe a situação em que fica se for verdade o que está vendo? Se você andar por aí gritando pelas feiras que a Terra é uma estrela e que não é o centro do universo?</p> <p>Galileu – Sim senhor, e que não é o universo enorme, com todas as suas estrelas, que gira em torno de nossa Terra, que é ínfima – o que aliás era de se imaginar.</p> <p>Sagredo – E que, portanto, só existem estrelas! E Deus, onde é que fica?</p> <p>Galileu – O que você quer dizer?</p>
---	--

Galileu aparentemente não entende a explicação de Sagredo e solicita esclarecimentos de forma direta, com o simples interrogativo *Was?* (“o quê?”). Sagredo responde primeiramente com outra pergunta, que podemos considerar também como uma expressão com a qual faz uma crítica convencionalmente indireta (*Hast du allen Verstand verloren?* – “Mas você não tem um pouco de juízo?”), e depois utiliza novamente a estratégia faça perguntas para dar razões a Galileu sobre a sua opinião sobre a atitude do cientista. Em sua argumentação, emprega estratégias que o aproximam de seu interlocutor, e sendo bastante informal pelo emprego da expressão *auf allen Märkten herumschreien* (“sair gritando por aí em todos os mercados”), que também traz um elemento de exagero. Tais estratégias têm a finalidade de expressar o conteúdo de forma que a familiaridade fortaleça o que é dito, pois transmitem a impressão de cumplicidade e de preocupação extrema para com o interlocutor.

Galileu opta por ignorar a advertência de Sagredo e responder à sua pergunta como se ela fosse um simples pedido por informação, reafirma sua posição e continua apresentando fatos que fortalecem a sua tese, utilizando elementos de exagero como *das ganze riesige Weltall* (“todo o universo enorme”) e *winzige Erde* (“Terra ínfima”) que dão força a seus argumentos. Utilizando o pronome indefinido *jeder* (“cada um/todos”), Galileu apresenta a ignorância da realidade dos movimentos celestes como uma regra geral, com o que protege a face de Sagredo, pois é uma forma de diluí-lo no grupo.

Sagredo inicia a seguir uma longa seqüência de perguntas e respostas, cuja finalidade é fazer Galileu mudar de opinião por meio da insistência. No enunciado *Daß da also nur Gestirne sind! - Und wo ist dann Gott?* (“E que, portanto, só existem estrelas! E Deus, onde é que fica?”), Sagredo pede por esclarecimentos, mas a pergunta empregada pode ser interpretada como retórica, uma censura a Galileu: a pergunta de Sagredo representa uma quebra aparente da máxima da relevância, pois não haveria razão para perguntar por Deus neste contexto. Isto é, a menos que ele pressuponha que Deus esteja obrigatoriamente presente no universo. Assim a implicatura é: como pode Galileu estar esquecendo de Deus em seu modelo do universo? Seja por realmente não entender o porquê da pergunta ou porque opta por ignorar a

implicatura, Galileu solicita maiores esclarecimentos do amigo com uma pergunta *bald on record*.

<p>SAGREDO - Gott! Wo ist Gott?</p> <p>GALILEI <i>zornig</i>:- Dort nicht! Sowenig wie er hier auf der Erde zu finden ist, wenn dort Wesen sind und ihn hier suchen sollten!</p> <p>SAGREDO - Und wo ist also Gott?</p> <p>GALILEI - Bin ich Theologe? Ich bin Mathematiker.</p> <p>SAGREDO - Vor allem bist du ein Mensch. Und ich frage dich, wo ist Gott in deinem Weltsystem?</p> <p>GALILEI - In uns oder nirgends.</p>	<p>Sagredo – Deus, onde é que fica Deus?</p> <p>Galileu em fúria – Lá não! Do mesmo jeito que ele não existe aqui na Terra, se houver habitantes de lá que queiram achá-lo aqui!</p> <p>Sagredo – E então onde é que ele fica?</p> <p>Galileu – Eu sou teólogo? Eu sou matemático.</p> <p>Sagredo – Antes de tudo você é um homem, e eu pergunto: onde está Deus no seu sistema do mundo?</p> <p>Galileu – Em nós, ou em lugar algum.</p>
--	---

Sagredo *repete a pergunta* de seu último turno, porém, com mais emoção, através da repetição de *Gott*. A resposta de Galileu *Dort nicht!* (“Lá não!”) *fere a máxima da quantidade (ou seja, não apresenta informação suficiente para responder à pergunta de Sagredo)* e permite inferir uma implicatura: *Galileu dá a entender que não sabe onde está Deus e que não se preocupa com isso, apenas pode afirmar que ele não faz parte desse modelo celeste*. Após essa resposta, o cientista faz um paralelo entre *hier* (“aqui”) e *dort* (“lá”) fortalecendo a sua opinião de que não há *como “ver” Deus, ou mesmo de que não há um Deus*. Sagredo insiste na tarefa de obter uma resposta clara do cientista, *repetindo novamente a pergunta e direcionando o cientista, através da partícula also (“então”), para uma resposta mais específica, na forma de uma conclusão do paralelo que Galileu apresentara*. Galileu responde a pergunta do interlocutor com outra pergunta (*Bin ich Theologe?* – “Eu sou teólogo?”), sendo esta retórica, já que ambos sabem a resposta, *e esta é fornecida mesmo assim a seguir por Galileu*. Aqui verificamos *nova implicatura*: Galileu, por ser matemático, *e não teólogo*, não precisa responder a pergunta sobre onde está Deus. Sagredo apresenta então razões pelas quais Galileu deveria crer em Deus. Ele *formula* uma regra geral pelo emprego do termo *Mensch*, que gera uma implicatura: como *Galileu* é um

homem, **ele** tem que acreditar em Deus. Depois, ele explicita a sua ilocução **com *ich frage dich*** („eu pergunto“) e apresenta **pela terceira vez a pergunta**, *wo ist Gott in deinem Weltsystem?* (“onde está Deus no seu sistema do mundo?”), agora explicitando o que **deixara implícito** antes, **para não deixar dúvidas e forçar Galileu a dar uma resposta clara através de uma formulação *bald on record***. Mesmo assim, Galileu dá **novamente** uma resposta **vaga e ambígua**.

SAGREDO <i>schreiend</i> : - Wie der Verbrannte gesagt hat?	Sagredo gritando – A mesma fala do queimado-vivo?
GALILEI - Wie der Verbrannte gesagt hat.	Galileu – A mesma fala do queimado-vivo!
SAGREDO - Darum ist er verbrannt worden! Vor noch nicht zehn Jahren!	Sagredo – Por causa dela ele foi queimado! Não faz dez anos!
GALILEI - Weil er nichts beweisen konnte. Weil er es nur behauptet hat. Frau Sarti!	Galileu – Porque ele não tinha como provar! Porque ele só afirmava! Dona Sarti!

A resposta de Galileu desencadeia uma reação altamente emocional por parte de Sagredo, que, aos gritos (*schreiend*), emprega novamente a estratégia utilize pergunta e faz um paralelo entre Galileu e Giordano Bruno, que fora queimado na fogueira da Inquisição. Ao dizer *Verbrannte* („queimado-vivo“) ele produz uma implicatura, isto é, o termo *Verbrannte* promove um alerta, afirmando que o cientista está indo pelo mesmo caminho do outro e **pode ter o mesmo fim**. Galileu repete o enunciado do interlocutor, fazendo um paralelo que serve de estratégia evidencie pontos em comum, isto é ele intensifica a impressão de cumplicidade entre os interlocutores, **e através dessa repetição reafirma sua posição, mesmo entendendo os riscos**. O amigo de Galileu dá **então** razões que servem de advertência ao cientista (*Darum ist er verbrannt worden!* – “Por causa dela ele foi queimado!”) e acrescenta o comentário *Vor noch nicht zehn Jahren!* (“Não faz dez anos!”), **que** gera uma implicatura que ratifica a advertência, **já que não se passou tempo suficiente para mudar a posição da Inquisição. Galileu rebate as advertências do amigo ao dar-lhe razões**, indicando que ele possui **novos** argumentos que lhe dão uma condição mais favorável de defender as **suas** idéias do **que** Giordano Bruno.

SAGREDO - Galilei, ich habe dich immer als einen schlaunen Mann gekannt. Siebzehn Jahre in Padua und	Sagredo – Galileu, eu sempre o conheci como homem de juízo. Durante dezessete anos em Pádua, e
--	--

<p>drei Jahre in Pisa hast du Hunderte von Schülern geduldig das ptolemäische System gelehrt, das die Kirche verkündet und die Schrift bestätigt, auf der die Kirche beruht. Du hast es für falsch gehalten mit dem Kopernikus, aber du hast es gelehrt.</p> <p>GALILEI - Weil ich nichts beweisen konnte.</p> <p>SAGREDO <i>ungläubig</i>:- Und du glaubst, das macht einen Unterschied?</p> <p>GALILEI - Allen Unterschied! Sieh her, Sagredo! Ich glaube an den Menschen, und das heißt, ich glaube an seine Vernunft! Ohne diesen Glauben würde ich nicht die Kraft haben, am Morgen aus meinem Bett aufzustehen.</p>	<p>durante três anos em Pisa, pacientemente você ensinou centenas de alunos o sistema de Ptolomeu, que é dotado pela Igreja e é confirmado pela Escritura, na qual a Igreja repousa. Você, na linha de Copérnico, achava errado, mas ensinava assim mesmo.</p> <p>Galileu – Porque eu não tinha provas.</p> <p>Sagredo incrédulo - E você acha que isso faz alguma diferença?</p> <p>Galileu – Faz toda a diferença. Veja aqui, Sagredo! Eu acredito no homem, e isto quer dizer que acredito na sua razão! Sem esta fé eu não teria a força de sair da cama pela manhã.</p>
---	--

Sagredo inicia uma narração que tem como finalidade envolver o interlocutor e dar-lhe razões para que **não divulgue suas novas pesquisas e** continue agindo como sempre o fez. Ele, através da expressão *schlaunen Mann* („homem de juízo“), dá deferência ao amigo, demonstrando que reconhece, em algum aspecto, a superioridade do interlocutor, **diminuindo a ameaça potencial de** qualquer ato posterior do falante. Como Galileu continua rebatendo os argumentos de Sagredo, apresentando razões que ratificam o seu ponto de vista, Sagredo faz uma pergunta para o amigo, **com uma entoação (*ungläubig* – “incrédulo”)** que fornece pistas ao interlocutor para que o mesmo entenda o raciocínio e a opinião daquele que apresentou a pergunta. Galileu emprega um exagero na sua resposta (*Allen Unterschied!* – “Faz toda a diferença”), **novamente se recusando a aceitar a argumentação e** indicando convicção. Em seguida, ele emprega a estratégia inclua locutor e interlocutor na atividade com o imperativo *Sieh her, Sagredo!* (“Veja aqui, Sagredo!”) que envolve o interlocutor na narração que será apresentada. Por meio dela, Sagredo inicia uma argumentação com o intuito de dar razões e exemplos que possam fazer com que Galileu mude seu ponto de vista.

<p>SAGREDO - Dann will ich dir etwas sagen: ich glaube nicht an sie. Vierzig Jahre unter den Menschen haben mich ständig gelehrt, daß sie der Vernunft</p>	<p>Sagredo – Então eu vou lhe dizer uma coisa: eu não acredito nela. Quarenta anos entre os homens me ensinaram, com constância, que eles não são</p>
--	---

nicht zugänglich sind. Zeige ihnen einen roten Kometenschweif, jage ihnen eine dumpfe Angst ein, und sie werden aus ihren Häusern laufen und sich die Beine brechen. Aber sage ihnen einen vernünftigen Satz und beweise ihn mit sieben Gründen, und sie werden dich einfach auslachen.

GALILEI - Das ist ganz falsch und eine Verleumdung. Ich begreife nicht, wie du, so etwas glaubend, die Wissenschaft lieben kannst. Nur die Toten lassen sich nicht mehr von Gründen bewegen!

SAGREDO - Wie kannst du ihre erbärmliche Schlaueit mit Vernunft verwechseln!

GALILEI - Ich rede nicht von ihrer Schlaueit. Ich weiß, sie nennen den Esel ein Pferd, wenn sie ihn verkaufen, und das Pferd einen Esel, wenn sie es einkaufen wollen. Das ist ihre Schlaueit. Die Alte, die am Abend vor der Reise dem Maulesel mit der harten Hand ein Extrabüschel Heu vorlegt, der Schiffer, der beim Einkauf der Vorräte des Sturmes und der Windstille gedenkt, das Kind, das die Mütze aufstülpt, wenn ihm bewiesen wurde, daß es regnen kann, sie alle sind meine Hoffnung, sie alle lassen Gründe gelten. Ja, ich glaube an die sanfte Gewalt der Vernunft über die Menschen. Sie können ihr auf die Dauer nicht widerstehen. Kein Mensch kann lange zusehen, wie ich *er läßt aus der Hand einen Stein auf den Boden fallen* einen Stein fallen lasse und dazu sage: er fällt nicht. Dazu ist kein Mensch imstande. Die Verführung, die von einem Beweis ausgeht, ist zu groß. Ihr erliegen die meisten, auf die Dauer alle. Das Denken gehört zu den größten Vergnügungen der menschlichen Rasse.

acessíveis à razão. Você mostra a eles a cauda vermelha de um cometa, você mete medo neles, e eles saem de casa e correm até acabar as pernas. Mas você faz uma afirmação racional, prova com sete argumentos, e eles riem na sua cara.

Galileu – Isso é inteiramente falso, é uma calúnia. Eu não entendo como você possa amar a ciência, acreditando nisso. Só o morto é insensível a um bom argumento.

Sagredo – Como você confunde a miserável esperteza deles com a razão!

Galileu – Eu não estou falando de esperteza. Eu sei que na hora de vender o povo chama o burro de cavalo, e chama o cavalo de burro na hora de comprar. Essa é a sua esperteza. A velhinha sabida, que dá mais capim à sua mula porque na manhã seguinte vão viajar; o navegador que provê seu barco pensando na tempestade e na calmaria; a criança que bota um boné se lhe provaram que pode chover, são essas a minha esperança. Eles usam a cabeça. Sim senhor, eu acredito na força suave da razão. A longo prazo, os homens não lhe resistem, não agüentam. Ninguém se cala indefinidamente – Galileu deixa cair uma pedra de sua mão -, se eu disser que a pedra que caiu não caiu. Não há homem capaz disso. A sedução do argumento é grande demais. Ela vence a maioria, todos, a longo prazo. Pensar é um dos maiores prazeres da raça humana.

Iniciando, ele explicita a sua intenção comunicativa por meio da expressão *Dann will ich dir etwas sagen...* (“Então eu vou lhe dizer uma coisa...”) **anunciando sua ação e** pedindo permissão mesmo que

simbolicamente para apresentar seus argumentos, o que minimiza a imposição. Logo após, ele apresenta um exemplo pessoal do qual deriva uma regra geral: *Vierzig Jahre unter den Menschen haben mich ständig gelehrt, daß sie der Vernunft nicht zugänglich sind* (“Quarenta anos entre os homens me ensinaram, com constância, que eles não são acessíveis à razão”), cuja função é de emprestar peso ao seu conteúdo e não apresentá-lo como uma opinião pessoal. Prosseguindo, ele apresenta um exemplo com o uso do imperativo (no original em alemão) com o objetivo de fortalecer a sua argumentação e de envolver Galileu na narrativa (*Zeige ihnen einen roten Kometenschweif... – “Você mostra a eles a cauda vermelha de um cometa...”*). Em todo o trecho, verificamos duas estratégias principais: a) dê razões e b) intensifique o interesse pelo interlocutor, fazendo uma “boa história”.

Galileu responde com uma expressão *bald on record*: que indica discordância com a exposição do interlocutor (*Das ist ganz falsch und eine Verleumdung – “Isso é inteiramente falso, é uma calúnia”*). Depois, acrescenta um comentário que critica a postura de Sagredo, introduzido pela expressão *Ich begreife nicht...* (“Eu não entendo...”), que ameniza ligeiramente a crítica através da estratégia seja pessimista. Apesar de termos aqui enunciados potencialmente graves para a interação, a proximidade entre os interlocutores permite este tipo de atitude sem grandes riscos para ela. Também por meio desse comentário, Galileu apresenta razões que contrariam os argumentos do interlocutor pondo em dúvida seu amor pela ciência. Depois, ele interage de maneira *off record*, apresentando uma regra geral através de uma metáfora: *Nur die Toten lassen sich nicht mehr von Gründen bewegen!* (“Só o morto é insensível a um bom argumento”). Apresentar o argumento como uma metáfora obriga o outro a seguir o mesmo raciocínio para decodificá-la, o que é bastante eficiente para uma argumentação. Reagindo às críticas, Sagredo formula uma frase interrogativa com função de exclamação (*W-Exklamationsfrage*, cf. HENTSCHEL 1998, p. 201s.), a qual apresenta a vantagem de ter a forma de uma pergunta, menos impositiva frente ao interlocutor, mas com a função de exclamação, dando peso à opinião do falante.

Galileu desqualifica o argumento de Sagredo, relativizando-o ao dizer que não está falando em esperteza, ou seja, não nega o argumento de

Sagredo mas diminui a sua validade. Em seguida, apresenta exemplos que justificam o seu ponto de vista, tentando fazer com que o interlocutor os aceite, isto é, recusando a proposição do interlocutor de que os homens (*Menschen*) não têm razão (*Vernunft*) e sim apenas esperteza (*Schlauheit*). Prosseguindo, o cientista apresenta a sua posição através de uma afirmação *bald on record*: *Ja, ich glaube an die sanfte Gewalt der Vernunft über die Menschen* (“Sim senhor, eu acredito na força suave da razão”), ou seja, ele dá razões para o fato de não concordar com Sagredo, reforçando sua posição através de uma série de exemplos e regras gerais em um turno bastante longo, assemelhando-se a um discurso didático.

Chama a atenção nesse fragmento uma maior ocorrência de enunciados *bald on record* e de estratégias *off record* quando comparado aos demais. A grande proximidade afetiva entre os interlocutores provavelmente está na base de ambos os casos, permitindo-lhes por um lado abrir mão mais freqüentemente das estratégias de compensação sem temer inviabilizar a interação, e por outro, um maior uso de implicaturas devido ao conhecimento de mundo e de personalidade compartilhado por ambos os participantes.

A polidez positiva domina a maior parte das estratégias de compensação utilizadas, sendo as mais freqüentes “dê razões”, “intensifique o interesse pelo interlocutor”, “inclua falante e interlocutor na atividade” e “exagere”. Isso mostra que os participantes perseguiram um estilo de conversação predominantemente cooperativo, buscando envolver o outro em sua argumentação para convencê-lo.

Entre as estratégias de polidez negativa, destaca-se a estratégia “utilize perguntas” e, em menor grau, “invoque regras gerais” e “minimize a imposição”. Também aqui vemos uma tentativa de não impor seu ponto de vista pessoal, mas de buscar um consenso a partir de argumentos e sugestões.

Nota-se, no entanto, que os ânimos se tornam bastante exaltados a partir do momento em que a alegria de Galileu frente a suas descobertas se choca com a preocupação de Sagredo e sua tentativa de dissuadir Galileu da idéia de divulgar suas teorias. As vozes se alteram, usam-se palavras mais duras, os comentários se tornam mais incisivos e, embora a interação não

chegue a ser ameaçada, há uma distinta deterioração da mesma ao final do fragmento.

Argumentação:

FRAGMENTO 4:

Disputa entre Galileu, o Filósofo e o Matemático

ATO 4 (p. 219 – 224)

Nesta interação, verificamos uma disputa (*Disputation*) [colocar nota de rodapé, dizendo que a definição de *Disputation* encontra-se à página XX – não há por que usar o termo em alemão, já que existe algo correspondente em português, assim, colocamos apenas uma vez em alemão entre parênteses e remetemos para a discussão do termo] entre Galileu, o filósofo e o matemático (representantes da corte florentina), o grão-duque Cosmo de Medici, o jovem Andrea e o polidor de lentes Federzoni (amigos de Galileu). A disputa ocorre devido ao fato de Galileu ter descoberto estrelas que o mesmo denominou “estrelas Medicéias”. Apesar da presença de várias personagens neste fragmento, apenas estão habilitados para participar de uma *Disputation* Galileu, o filósofo e o matemático. O jovem Andrea, por ser criança, não possui condições intelectuais para o evento, da mesma forma que Federzoni, que é apenas um operário. O grão-duque Cosmo, apesar de possuir grande poder hierárquico, também é uma criança. Com relação ao poder hierárquico e distância afetiva constata-se o seguinte:

- Andrea não possui poder hierárquico relevante, mas possui distância afetiva pequena com Galileu. Entretanto, por ser criança, possui maior liberdade para expressar-se e, às vezes, nesta cena da peça, dá voz a pensamentos e ações que seriam de Galileu.

- Federzoni também possui pequena distância afetiva com Galileu, porém, poder hierárquico pouco significativo **frente aos participantes do fragmento**;
- O filósofo e o matemático são pares de Galileu, hierarquicamente iguais, mas possuem distância afetiva extrema; e
- O Grão-duque apresenta **maior** distância afetiva e maior poder hierárquico **frente a todos os participantes**.

<p>ANDREA <i>auf den Hocker vor dem Fernrohr zeigend</i>: - Bitte, sich hier zu setzen.</p> <p>DER PHILOSOPH - Danke, mein Kind. Ich fürchte, das alles ist nicht ganz so einfach. Herr Galilei, bevor wir Ihr berühmtes Rohr applizieren, möchten wir um das Vergnügen eines Disputs bitten. Thema: Können solche Planeten existieren?</p> <p>DER MATHEMATIKER - Eines formalen Disputs.</p>	<p>Andrea <i>indicando a banquetta diante do telescópio</i> – É favor sentar aqui.</p> <p>O Filósofo – Muito obrigado, meu filho. Mas eu receio que isso tudo não seja tão simples. Senhor Galileu, antes de aplicarmos o seu famoso telescópio, gostaríamos de ter o prazer de uma disputa. Assunto: É possível que tais planetas existam?</p> <p>O Matemático – Uma disputa formal.</p>
---	---

Dando início à interação, o jovem Andrea faz uma solicitação **direta** para que uma das personagens sente-se **ao** telescópio. O filósofo **agradece, mas** não acata o pedido do garoto **e, dirigindo-se a Galileu**, indica de antemão que **não deseja que** a conversa **ocorra** numa situação informal. **Para tanto**, utiliza a estratégia seja pessimista (*Ich fürchte...* – “Mas eu receio...”) **e a** expressão “*das alles ist nicht ganz so einfach*” (“que isso tudo não seja tão simples”) minimiza a imposição do conteúdo da asserção. **Em seguida**, apresentado um exagero (*berühmtes Rohr* – “famoso telescópio”), **propõe** que a interação aconteça de uma forma ritualística: **como** uma disputa **formal** (*Vergnügen eines Disputs* – “o prazer de uma disputa”), isto é, com regras específicas, tema claro, argumentação e hipóteses a serem **observadas**. **A sugestão é feita em um registro extremamente formal, através de uma forma convencional de pedido** (...*möchten wir um das Vergnügen eines Disputs bitten* – “gostaríamos de ter o prazer de uma disputa”), e o tema da disputa é **introduzido explicitamente** por

meio de uma pergunta retórica (*Können solche Planeten existieren?* – “É possível que tais planetas existam?”).

Fazendo um paralelo com o que foi dito pelo filósofo, o matemático reforça as regras do jogo, comunicando diretamente ao cientista que a disputa acontecerá de acordo com as regras específicas desse tipo de discussão:

GALILEI - Ich dachte mir, Sie schauen einfach durch das Fernrohr und überzeugen sich? ANDREA - Hier, bitte	Galileu – Eu achava mais simples os senhores olharem pelo o telescópio para terem certeza. Andrea – Aqui, por favor.
---	---

Galileu tenta evitar a disputa, fazendo ao mesmo tempo um bloqueio do pedido do filósofo (dando razões para não aceitar a sugestão) e apresentando uma contraproposta (ao explicitar os seus planos para o desenrolar do encontro) através de uma pergunta ao invés de formular um pedido no imperativo. Andrea reforça o seu pedido, indicando, novamente, o lugar onde os interlocutores devem se sentar (*Hier, bitte* – “Aqui, por favor”).

DER MATHEMATIKER Gewiß, gewiß. - Es ist Ihnen natürlich bekannt, daß nach der Ansicht der Alten Sterne nicht möglich sind, die um einen anderen Mittelpunkt als die Erde kreisen, noch solche Sterne, die um Himmel keine Stütze haben? GALILEI - Ja. DER PHILOSOPH - Und, ganz absehend von der Möglichkeit solcher Sterne, die der Mathematiker <i>er verbeugt sich gegen den Mathematiker</i> zu bezweifeln scheint, möchte ich in aller Bescheidenheit als Philosoph die Frage aufwerfen: sind solche Sterne nötig? <i>Aristotelis divini universum...</i>	O Matemático – Claro, claro. O senhor naturalmente sabe que segundo a concepção dos antigos não é possível uma estrela que gire em volta de um centro que não seja a Terra, assim como não é possível uma estrela sem suporte no céu? Galileu – Sei. O Filósofo – E mesmo sem considerar a possibilidade de tais estrelas, que ao nosso matemático – <i>faz uma medida em sua direção</i> – parece duvidosa, eu gostaria de perguntar com toda a modéstia e como filósofo: seriam necessárias tais estrelas? <i>Aristotelis divini universum...</i>
---	---

O matemático evita disconcordância por meio da expressão “*Gewiß, gewiß*” (“claro, claro”). Em seguida, faz uma afirmação tentando criar pontos em comum com Galileu através da formulação *Es ist Ihnen natürlich bekannt...* (“O senhor naturalmente sabe...”), na qual o termo “*natürlich*” (“naturalmente”) reforça a pressuposição de que ambos conhecem a regra geral contrária à

posição de Galileu, apresentada logo em seguida, através de um argumento de autoridade (*nach der Ansicht der Alten* – “segundo a concepção dos antigos”) que atribui maior força à asserção. Todo o enunciado constitui uma pergunta retórica que tem por finalidade envolver o interlocutor no raciocínio do falante.

Galileu formula sua concessão e por meio de um lacônico “ja” (“sei”), indicando que admite o ponto do outro. É interessante observar que o cientista opta por não argumentar, ou seja, ainda não participa ativamente da disputa.

O filósofo, no entanto, prossegue na disputa que se estabelece à revelia de Galileu, formulando uma expressão bastante formal, própria deste tipo de interação: *...möchte ich... die Frage aufwerfen* (“eu gostaria de perguntar”) o que deixa claro a todos que ele está participando da disputa conforme as regras. O filósofo retoma o mote do matemático de uma forma hipotética, afastando-se da imposição pelo uso dos termos *ganz absehend von der Möglichkeit* (“mesmo sem considerar a possibilidade de tais estrelas”) e *zu bezweifeln scheint*, (“parece duvidosa”), aproveita para dar-lhe deferência de uma maneira não-verbal, (*er verbeugt sich* – “ele se curva”) e apresenta sua própria posição, contrária à de Galileu, sob a forma de uma pergunta retórica que também ameniza o que é dito: *sind solche Sterne nötig?* (“seriam necessárias tais estrelas”). Esta pergunta soa menos ameaçadora para a interação do que uma afirmação tal como: “essas estrelas não são necessárias” e ainda leva o interlocutor a raciocinar como o locutor. Neste trecho, também verificamos várias estratégias de trabalho da face como o emprego dos termos *scheint* (“parece”) que minimiza a imposição, *in aller Bescheidenheit* (“modéstia”) que também minimiza a imposição e dá deferência aos demais participantes da disputa, e o uso de marcadores de identidade grupal (*als Philosoph* – “como filósofo”), que afastam o indivíduo da imposição, ocultando-o no grupo. Ao final, começa a discursar em latim, propondo, dessa forma, que a disputa ocorra no idioma reservado aos eruditos, e cita Aristóteles como um argumento de autoridade, mas é então interrompido por Galileu.

GALILEI - Sollten wir nicht in der Umgangssprache fortfahren? Mein Kollege, Herr Federzoni, versteht Latein nicht.	Galileu – Se for possível, eu preferia que continuássemos na língua comum. O meu colega, o senhor Federzoni, não entende o latim.
DER PHILOSOPH - Ist es von	O Filósofo – É importante que ele nos

Wichtigkeit, daß er uns versteht? GALILEI - Ja.	entenda? Galileu – É.
--	--------------------------

A interrupção de Galileu por si só já representa uma ameaça *bald on record*, mas ela ainda tem o intuito de propor uma mudança nas regras pressupostas pelo filósofo. Utilizando o pronome *wir* (“nós”). Galileu inclui falante e interlocutor na atividade e apresenta sua vontade sob forma de uma sugestão através de uma pergunta com o verbo modal *sollen*, (no original em alemão). (*Sollten wir nicht in der Umgangssprache fortfahren?* – literalmente: nós não deveríamos continuar na língua comum?) enquanto o emprego do “*nicht*” (“não”) promove ainda a estratégia seja pessimista. Logo após, ele dá razões que justificam o seu pedido, dizendo que Federzoni, a quem empresta importância através do marcador de identidade grupal *mein Kollege* (“meu colega”), não entende latim. Por meio desta intervenção, Galileu faz novamente uma tentativa de não colaboração com a disputa.

A caracterização de Federzoni como “colega” por Galileu mostra-se justificada pela reação do filósofo, que pede por razões pelas quais não se pode prosseguir em latim, utilizando uma nominalização *Wichtigkeit* (“importância” no original) cuja função é mascarar os agentes e não deixar claro quem acha ou não importante que Federzoni possa seguir a disputa.

Em resposta, o cientista novamente emite apenas um *ja* (“sim”) e opta por não explicar o motivo do seu pedido, agindo *bald on record*.

DER PHILOSOPH - Entschuldigen Sie bitte. Ich dachte, er ist Ihr Linsenschleifer.	O Filósofo – O senhor me perdoe, pensei que ele fosse operário, um polidor de lentes.
ANDREA - Herr Federzoni ist ein Linsenschleifer und ein Gelehrter.	Andrea – O senhor Federzoni é polidor de lentes e é um estudioso.
DER PHILOSOPH - Danke, mein Kind. Wenn Herr Federzoni darauf besteht...	O Filósofo – Obrigado, meu filho. Se o senhor Federzoni insiste.
GALILEI - Ich bestehe darauf.	Galileu – Sou eu quem insiste.

O filósofo desculpa-se e, em seguida, dá razões que têm como finalidade justificar o seu comportamento anterior: *Ich dachte, er ist Ihr Linsenschleifer* (literalmente: “pensei que ele fosse seu polidor de lentes”).

Essa justificativa provoca uma implicatura que pode ser entendida da seguinte maneira: se ele é um polidor de lentes, não está qualificado para **participar de** uma disputa. Desta maneira, ele desqualifica um dos participantes que apoiam Galileu.

Andrea reage a essa implicatura, entrando na conversa e apresentando razões que vão contra a desqualificação, ou seja, **anula** o argumento do filósofo, ao afirmar que Federzoni não é apenas um polidor de lentes, mas também um estudioso (*Gelehrter*).

O filósofo prossegue sendo sarcástico e irônico; no primeiro enunciado, ele é sarcástico por agradecer a uma criança, que fez um esclarecimento de forma bastante direta se intrometendo na discussão. O uso de *mein Kind* (“minha criança”) indica certa ironia, uma vez que o filósofo não tem a intenção de se aproximar de Andrea. Logo após, ele utiliza **a conjunção “wenn” (“se”) para caracterizar o comportamento atribuído a Federzoni como hipotético, o que gera afastamento da asserção, deixando em aberto se ela vai se concretizar ou não.** Há, **com isto, também** uma desfocalização do participante, pois não foi Federzoni que pediu para que eles conversassem na língua comum e sim Galileu. **Aqui pode haver ainda uma tentativa de intimidar Federzoni, como alguém hierarquicamente inferior aos demais participantes de disputa, e fazê-lo abrir mão do uso da língua comum.**

No entanto, Galileu retoma a responsabilidade por essa decisão, dando razões de uma forma extremamente direta, **que chega a adquirir contornos agressivos pelo desmonte da tentativa de desfocalização.**

DER PHILOSOPH - Das Argument wird an Glanz verlieren, aber es ist Ihr Haus. - Das Weltbild des göttlichen Aristoteles mit seinen mystisch musizierenden Sphären und kristallinen Gewölben und den Kreisläufen seiner Himmelskörper und dem Schiefenwinkel der Sonnenbahn und den Geheimnissen der Satellitentafeln und dem Sternenreichtum des Katalogs der südlichen Halbkugel und der erleuchteten Konstruktion des celestialen Globus ist ein Gebäude von solcher Ordnung und Schönheit, daß	O Filósofo – O argumento perderá em brilho, mas a casa é sua. O universo do divino Aristóteles, com as suas esferas misticamente musicais e as suas abóbadas de cristal e os movimentos circulares de seus corpos e o ângulo oblíquo do trajeto solar e os mistérios da tabela dos satélites e a riqueza estelar do catálogo da calota austral e a arquitetura iluminada do globo celeste, forma uma construção de tal ordem e beleza, que deveríamos hesitar muito antes de perturbar essa harmonia. Galileu – Vossa Alteza não quer ver
---	--

<p>wir wohl zögern sollten, diese Harmonie zu stören.</p> <p>GALILEI - Wie, wenn Eure Hoheit die sowohl unmöglichen als auch unnötigen Sterne nun durch dieses Fernrohr wahrnehmen würden?</p> <p>DER MATHEMATIKER - Man könnte versucht sein zu antworten, daß Ihr Rohr, etwas zeigend, was nicht sein kann, ein nicht sehr verlässliches Rohr sein müßte, nicht?</p> <p>GALILEI - Was meinen Sie damit?</p>	<p>as impossíveis e desnecessárias estrelas através deste telescópio?</p> <p>O Matemático – Não seria o caso de dizer que é duvidoso um telescópio no qual se vê o que não pode existir?</p> <p>Galileu – O que o senhor quer dizer?</p>
---	--

Neste trecho, verificamos uma implicatura por meio da frase: *Das Argument wird an Glanz verlieren* (“O argumento perderá em brilho”). Esta implicatura pode ser traduzida como uma crítica as regras estabelecidas por Galileu, *aqui desfocalizado através da metáfora (es ist Ihr Haus – “a casa é sua”)*. Ademais, por meio deste argumento, entendemos que a disputa exige *um determinado grau de* desempenho. Retomando o trecho que iniciara em latim, o filósofo dá exemplos de erudição, mostrando que ele é conhecedor de toda a teoria. Há *aí* elementos de exagero: (*göttlichen Aristoteles – „divino Aristóteles”*; *ein Gebäude von solcher Ordnung und Schönheit – “forma uma construção de tal ordem e beleza”*) e recurso à autoridade. O segmento é bastante descritivo, *buscando envolver o interlocutor através do detalhamento do modelo cósmico de Aristóteles, de modo a levá-lo a concordar com a harmonia do modelo, apresentada como a razão pela qual “eles deveriam hesitar” (dass wir wohl zögern sollten...)* em questioná-lo. O filósofo apresenta esta proposta de modo bastante atenuado, utilizando vários recursos: a estratégia inclui falante e interlocutor na atividade através do pronome *wir* (“nós” – apesar de, na verdade, ser Galileu quem ameaça esta harmonia), a partícula *wohl*, e a forma verbal do *Konjunktiv*, que diminuem o grau de certeza do falante, e o verbo modal *sollen*, aliado ao verbo *zögern*, minimizando a imposição, já que não afirma que Galileu deve deixar de contestar o modelo, mas apenas sugere que ele reflita melhor.

Galileu faz *então* um apelo direto à pessoa que detém a autoridade máxima da interação, *através do vocativo “Vossa alteza” (Eure Hoheit)*, ou seja, mais uma vez, o cientista quebra as regras do jogo, pois se recusa a debater

diretamente com o filósofo, desqualificando-o como interlocutor. Utilizando uma forma convencionalizada (*Wie, wenn... würde?* – "Que tal se... olhasse?") ao grão-duque o convite que Andrea fizera ao filósofo, e produz uma implicatura, neste caso, através da ironia produzida pelos termos “*unmöglich*” (“impossíveis”) e “*unnötigen*” (“desnecessárias”), opondo experiências concretas ao virtuosismo dos acadêmicos.

Em vista disso, o matemático procura desqualificar o argumento de Galileu, levantando suspeitas sobre a confiabilidade do telescópio através de um raciocínio lógico: um aparelho que mostre algo que não pode existir não pode ser confiável. No entanto, a imposição é extremamente minimizada por sua forma hipotética (*Konjunktiv*) em *Man könnte versucht sein zu antworten* (literalmente: “alguém poderia ser tentado a responder...”) e o matemático promove uma desfocalização da própria pessoa, ao usar o pronome indefinido *man* (“alguém”). Terminando a sua frase com uma *tag-question nicht* (“não?”) ele tenta ainda guiar a audiência para uma resposta positiva, seja com referência à propriedade de sua intervenção, seja quanto à ineficácia do telescópio.

Tal ambigüidade leva Galileu a fazer uma pergunta direta, solicitando esclarecimentos sobre o que ele pretendia exprimir com o que foi dito, ao que o matemático retruca com novo questionamento sobre as idéias de Galileu:

<p>DER MATHEMATIKER - Es wäre doch viel förderlicher, Herr Galilei, wenn Sie uns die Gründe nennten, die Sie zu der Annahme bewegen, daß in der höchsten Sphäre des unveränderlichen Himmels Gestirne freischwebend in Bewegung sein können.</p> <p>DER PHILOSOPH - Gründe, Herr Galilei, Gründe!</p>	<p>O Matemático – Seria tão mais proveitoso, senhor Galileu, se o senhor nos desse as suas razões, as razões que o movem quando supõe que na esfera mais altas do céu imutável as estrelas possam mover-se a flutuar livremente.</p> <p>O Filósofo – Razões, senhor Galileu, razões.</p>
---	--

O matemático, mais uma vez, minimiza a imposição, formulando seu enunciado de forma indireta com o verbo no *Konjunktiv* (*wäre* – “seria”). Em seguida, pede por razões ao cientista; entretanto, ao afirmar que o céu é imutável (*unveränderlich*), procura destruir a teoria de Galileu, apresentando um contra-argumento e ainda, relativizando o que Galileu afirmara, através dos

termos *Annahme* (“razões”) e *in Bewegung sein können* (“possam mover-se a flutuar livremente”).

O filósofo, sendo mais direto que o matemático, reforça o pedido deste, **por sua vez**, exigindo que Galileu apresente as razões que o fazem defender a sua teoria. **Ao repetir a palavra *Gründe* com a entonação indicada pelo ponto de exclamação, o filósofo introduz um elemento de emoção e dá mais peso ao seu apelo.**

<p>GALILEI - Die Gründe? Wenn ein Blick auf die Gestirne selber und meine Notierungen das Phänomen zeigen. Mein Herr, der Disput wird abgeschmackt.</p> <p>DER MATHEMATIKER - Wenn man sicher wäre, daß Sie sich nicht noch mehr erregten, könnte man sagen, daß, was in Ihrem Rohr ist und was am Himmei ist, zweierlei sein kann.</p> <p>DER PHILOSOPH - Das ist nicht höflicher auszudrücken.</p>	<p>Galileu – As razões? Mas se os olhos e as minhas anotações mostram o fenômeno? Meu senhor, a disputa está perdendo o sentido.</p> <p>O Matemático – Se houvesse a certeza de que o senhor não se irritaria mais ainda, seria possível dizer que o que está no seu tubo e o que está no céu são coisas diferentes.</p> <p>O Filósofo – É impossível exprimir esse pensamento de maneira mais cortês.</p>
--	--

Galileu repete a expressão usada pelo filósofo, mas com uma outra entonação, e faz um apelo à objetividade ao **afirmar** que as razões solicitadas pelo filósofo podem ser verificadas por meio de provas concretas. **O** cientista possui fatos observáveis dos fenômenos defendidos por ele, ou seja, pode apresentar exemplos da teoria que defende. Em seguida, ele faz um protesto a respeito do rumo que a disputa está tomando (*Mein Herr, der Disput wird abgeschmackt* – “Meu senhor, a disputa está perdendo o sentido”). Pelo emprego da **nominalização**, o cientista promove um distanciamento do próprio enunciado e **desfocaliza o interlocutor**, isto é, ele não diz diretamente que o filósofo está sabotando a disputa.

O matemático procura **novamente** desqualificar o argumento objetivo que Galileu apresenta, o seu telescópio (*Rohr*), e **aproveita para fazer uma crítica velada a Galileu, acusando-o de perder a calma** (*Wenn man sicher wäre, daß Sie sich nicht noch mehr erregten...* – “Se houvesse a certeza de que o senhor não se irritaria mais ainda...”). A formulação **hipotética** (*könnte man sagen...* – “seria possível dizer”) e o uso do **pronome indefinido *man***, que

impersonaliza os interlocutores, **afasta o falante da imposição e minimiza a** potencial ameaça à interação.

O filósofo **secunda a crítica a Galileu, através de** um comentário **sob forma de uma regra geral**, reconhecendo o êxito do amigo **em expressar-se de maneira cortês e mostrando novamente que dá especial importância ao estilo de expressão utilizado na disputa.**

FEDERZONE - Sie denken, wir malten die Mediceischen Sterne auf die Linse! GALILEI - Sie werfen mir Betrug vor? DER PHILOSOPH - Aber wie könnten wir das? In Anwesenheit Seiner Hoheit!	Federzoni – O senhor acha que as estrelas Medicéias estão pintadas nas lentes? Galileu – O senhor está me acusando de fraude? O Filósofo – Mas de maneira alguma! Em presença de Sua Alteza.
--	--

O amigo de Galileu faz um protesto **através de** uma pergunta com verbo em segunda posição. Na verdade, verificamos **aqui** uma pergunta retórica, **gerando** uma implicatura **pela** pergunta com tom de exclamação, pois ele apresenta algo que sabe que não é verdade, isto é, **a pergunta** de Federzoni **implica** que a afirmação do matemático é falsa, pois é falsa a afirmação de que ele e o cientista fizeram a pintura.

Galileu, também em tom de protesto, faz **também** uma pergunta com verbo na segunda posição. **Embora** o conteúdo da mesma **pudesse** **perfeitamente** configurar um protesto *bald on record*, **a entonação o apresenta como uma pergunta, diminuindo a ameaça à interação.**

O filósofo recua um pouco, retirando parcialmente a acusação, pois **os protestos de Federzoni e Galileu levaram** a interação a um **envolvimento emocional** muito intenso, o que levaria a uma deterioração extrema da **mesma**. Como estratégias, **constatam-se três que têm por finalidade afastar o locutor da imposição**: pergunta retórica **aliada ao** uso de *Konjunktiv* (*Aber wie könnten wir das?* – **literalmente: “Mas como nós poderíamos fazê-lo?”**) e desfocalização do participante (estratégia *off record*), desviando o foco da interação para a autoridade (apelo à autoridade).

DER MATHEMATIKER - Ihr Instrument, mag man es nun Ihr Kind,	O Matemático – O seu instrumento, não sei se o chamo de seu filho, ou
---	---

mag man es Ihren Zögling nennen, ist sicher äußerst geschickt gemacht, kein Zweifel!	de filho adotivo, é extremamente engenhoso, quanto a isso não há dúvida!
--	--

O matemático procede da mesma forma que o filósofo, recuando um pouco no conteúdo acusativo de seus enunciados. Entretanto, ele é mais agressivo, dado que utiliza sarcasmo **por meio de uma metáfora: ele denomina** o instrumento cuja criação é atribuída a Galileu como um filho seu (*Ihr Kind*), mas depois **apresenta a alternativa** “filho adotivo” (*Zögling*), **aludindo ao fato de que**, na realidade, **o telescópio** não fora criado pelo cientista e sim, teve sua origem na Holanda. **Isto pode ser interpretado de duas maneiras: ao retirar de Galileu a responsabilidade pela criação do aparelho, também o isenta da culpa caso o mesmo não funcione adequadamente, minimizando a imposição. Por outro lado, também pode ser entendido como uma insinuação de que Galileu já teria precedentes de desonestidade, já que o cientista usara a invenção para obter um aumento junto à universidade de Pádua, desqualificando seu uso do aparelho. Os elementos de exagero usados logo a seguir (*äußerst geschickt, kein Zweifel* – “extremamente engenhoso, quanto a isso não há dúvida!”) intensificam o efeito sarcástico.**

<p>DER PHILOSOPH - Und wir sind vollkommen überzeugt, Herr Galilei, daß weder Sie noch sonst jemand es wagen würde, Sterne mit dem erlauchten Namen des Herrscherhauses zu schmücken, deren Existenz nicht über allen Zweifel erhaben wäre.</p> <p><i>Alle verbeugen sich tief vor dem Großherzog.</i></p>	<p>O Filósofo – E estamos inteiramente convencidos, senhor Galileu, de que nem o senhor nem ninguém ousaria dar o nome egrégio da casa reinante a uma estrela cuja existência não estivesse acima de qualquer dúvida.</p> <p>Todos se inclinam profundamente diante do Grão-Duque.</p>
--	--

O filósofo prossegue numa **tentativa de compensação à acusação** anterior e que provocou protesto do cientista, empregando, em seu enunciado, elementos de exagero (*vollkommen überzeugt* – “inteiramente convencidos” e *über allen Zweifel* – “acima de qualquer dúvida”). **No trecho *weder Sie noch sonst jemand*** (“nem o senhor nem ninguém”), o emprego de *jemand* promove uma dissolução **do indivíduo em** todo o grupo, **na verdade, desfocalizando a si próprio:** o que se verifica é que o filósofo necessita proteger a própria face, pois

cometera a gafe de insinuar que as estrelas dedicadas ao grão-duque não existiriam, e busca redimir-se dando-lhe deferência explicitamente (*erlauchten Namen* – “nome egrégio”), no que é seguido por todos ao se curvarem ao príncipe.

Segue-se um pequeno diálogo paralelo entre o grão-duque e duas damas da corte. Este diálogo não será considerado aqui, pois, como indicamos na metodologia da pesquisa, analisaremos apenas interações que incluem o cientista

GALILEI - Werden die Herren nun also durchschauen oder nicht?	Galileu – Meus senhores, vamos ou não vamos olhar?
DER PHILOSOPH - Sicher, sicher.	O Filósofo – Claro, claro.
DER MATHEMATIKER - Sicher.	O Matemático – Claro.

Galileu **repete seu** convite aos interlocutores utilizando uma pergunta, para que os mesmos olhem (*durchschauen*) as estrelas através do tealeoscópio. O emprego de *durchschauen*, por se tratar de um registro mais coloquial, **acaba por** indicar impaciência **da parte** do cientista. Ambos os interlocutors optam pela estratégia busque concordância, que diminui a potencial ameaça à interação como poderia ocorrer com uma negação explícita, **mas também não fazem menção de atender ao convite de Galileu.**

DER HOFMARSCHALL - Eure Hoheit, meine Herren, darf ich daran erinnern, daß der Staatsball in dreiviertel Stunden beginnt?	O Mestre-Sala – Alteza, meus senhores, peço recordar que em menos de uma hora terá início o baile da corte.
DER MATHEMATIKER - Warum einen Eiertanz aufführen. Früher oder später wird Herr Galilei sich doch noch mit den Tatsachen befreunden müssen. Seine Jupiterplaneten würden die Sphärenschale durchstoßen . Es ist ganz einfach.	O Matemático – Enfim, que adianta estar sobre ovos? Mais cedo ou mais tarde, o senhor Galileu se habituará aos fatos. A esfera de cristal seria furada pelos planetas de Júpiter. É simplíssimo.
FEDERZONI - Sie werden sich wundern: es gibt keine Sphärenschale.	Federzoni – O senhor não vai acreditar, mas não existem as esferas de cristal.
DER PHILOSOPH - Jedes Schulbuch wird Ihnen sagen, daß es sie gibt, mein guter Mann.	O Filósofo – Existem, qualquer manual ensina isso, meu rapaz.
FEDERZONI - Dann her mit neuen Schulbüchern.	Federzoni – Nesse caso, é preciso escrever manuais novos.

Novamente, há um breve diálogo, agora entre Andrea e Frau Sarti, que também não será analisado aqui por não contar com a participação de Galileu.

Após a intervenção do *Hofmarschall* (“Mestre-Sala”) chamando a atenção para o baile que começaria em breve, o matemático, retoma a interação com uma pergunta retórica (*Warum einen Eiertanz aufführen?* – “Enfim, que adianta estar sobre ovos?”) que tem por objetivo levar seus interlocutores a raciocinarem como ele, ao apresentar a “derrota” de Galileu como inevitável e resultante de uma regra geral (*Herr Galilei wird sich doch noch mit den Tatsachen befreunden müssen* – “o senhor Galileu se habituará aos fatos”). Em seguida, ele dá razões que contrariam a teoria de Galileu: *Seine Jupiterplaneten würden die Sphärenschale durchstoßen* (“A esfera de cristal seria furada pelos planetas de Júpiter”). Desta forma, ele apresenta um exemplo que vai contra a idéia do cientista, enfraquecendo a mesma. Com o enunciado “*Es ist ganz einfach*” (“É simplíssimo”), ele tenta por um fim à questão, já que força um raciocínio lógico, **pressupondo pontos em comum**.

Federzoni entra na discussão e apresenta uma contribuição *bald on record* que soa bastante **ameaçadora**, uma vez que o mesmo não é considerado, pelos interlocutores da interação, como apto a participar de uma **disputa**.

O filósofo **invoca** um argumento de autoridade (*Schulbuch* – “manual”) e dá razões que contrariam a opinião de Federzoni. Além disso, ele utiliza em seu enunciado a expressão “*mein guter Mann*” (**literalmente: “meu bom homem”**) que soa irônica, dado que o mesmo não tem interesse de se aproximar do amigo de Galileu.

Federzoni **reage com uma sugestão em um registro bastante coloquial** (*her mit...* - literalmente: **“que venham...”**), gerando a implicatura de que os manuais estão errados e devem ser substituídos e, portanto, discordando abertamente do filósofo. Pode dizer que Federzoni faz este tipo de asserções, pois não está formalmente na **disputa e, portanto, tem pouco impacto sobre a mesma**.

DER PHILOSOPH - Eure Hoheit, mein	O Filósofo – Alteza, o meu ilustre
-----------------------------------	------------------------------------

verehrter Kollege und ich stützen uns auf die Autorität keines Geringeren als des göttlichen Aristoteles selber.

GALILEI *fast unterwürfig*: Meine Herren, der Glaube an die Autorität des Aristoteles ist eine Sache, Fakten, die mit Händen zu greifen sind, eine andere. Sie sagen, nach dem Aristoteles gibt es dort oben Kristallschalen, und so können gewisse Bewegungen nicht stattfinden, weil die Gestirne die Schalen durchstoßen müßten. Aber wie, wenn Sie diese Bewegungen konstatieren könnten? Vielleicht sagt Ihnen das, daß es diese Kristallschalen gar nicht gibt? Meine Herren, ich ersuche Sie in aller Demut, Ihren Augen zu trauen.

DER MATHEMATIKER - Lieber Galilei, ich pflege mitunter, so altmodisch es Ihnen erscheinen mag, den Aristoteles zu lesen und kann Sie dessen versichern, daß ich da meinen Augen traue.

colega e eu nos apoiamos em nada menos que a autoridade do divino Aristóteles ele mesmo.

Galileu quase submisso – Meus senhores, a fé na autoridade de Aristóteles é uma coisa, e os fatos, que são tangíveis, são outra. Os senhores dizem que segundo Aristóteles há esferas de cristal lá no alto; que, portanto, há movimentos que não são possíveis, porque as estrelas seriam obrigadas a quebrar as esferas. Mas e se os senhores puderem constatar esses movimentos? Isso não indicaria aos senhores que essas esferas de cristal não existem? Meus senhores, eu lhes peço com toda a humildade que acreditem nos seus olhos.

O Matemático – Meu caro Galileu, por mais antiquado que pareça ao senhor, eu ainda tenho o hábito de ler Aristóteles, e lhe garanto que acredito nos meus olhos quando leio.

Mais uma vez, a interação chega a um ponto bastante **delicado** e, conforme ocorrido anteriormente, recorre-se à autoridade **como mediador** (*Eure Hoheit* – “Vossa Alteza”), **embora desta vez, o apelo venha do filósofo ao invés de Galileu**. Neste enunciado, o filósofo dá deferência ao amigo ao mesmo tempo que utiliza um elemento de identidade grupal (*mein verehrter Kollege* – “meu ilustre colega”), o que fortalece o grupo ao qual pertence. A seguir, recorre a um argumento de autoridade (*Aristoteles*) com elementos de exagero (*göttlichen* – “divino”), dando força ao seu argumento.

Galileu faz um apelo à razão, **relativizando a opinião do interlocutor ao distinguir entre a autoridade de Aristóteles e a força dos fatos**. Empregando uma nominalização, (*der Glaube* – “a fé”) que **protege as faces dos participantes ao não citar quem acredita nessa doutrina**. Depois disso, **retoma o argumento apresentado pelo matemático e utiliza uma pergunta com o verbo no Konjunktiv para apresentar a sua proposição de forma hipotética** (*Aber wie, wenn Sie diese Bewegungen konstatieren könnten?* – “Mas e se os senhores puderem constatar esses movimentos?”) que, como já foi mencionado, é menos ameaçador do que uma afirmação categórica. Galileu prossegue

minimizando a imposição de seus enunciados, apresentado o que é dito **sob forma de pergunta hipotética**, uma sugestão, **e desfocalizando a si próprio como aquele que faz a sugestão**: “*Vielleicht sagt Ihnen das, daß es diese Kristallschalen gar nicht gibt?*” (“Isso não indicaria aos senhores que essas esferas de cristal não existem?”). Dando deferência aos interlocutores (*in aller Demut* – “com toda a humildade”), ele faz outro apelo à objetividade, isto é, para que os mesmos acreditem nos próprios olhos (*Ihren Augen zu trauen* – “que acreditem nos seus olhos”). Constatamos uma série de enunciados com estratégias de polidez negativa, dado que a intenção do cientista é de não impingir o conteúdo de seus enunciados aos interlocutores.

O matemático promove uma aproximação com o cientista por meio de *Lieber Mann* (“Meu caro Galileu”). Entretanto, logo depois, manipula o argumento de Galileu contra o próprio cientista, **ao dar uma nova interpretação à expressão “acreditar nos seus olhos”**. Numa disputa isso é grave, pois desqualifica o adversário. Ele ainda produz uma implicatura com a afirmação “*so altmodisch es Ihnen erscheinen mag, den Aristoteles zu lesen*” (“por mais antiquado que pareça ao senhor, eu ainda tenho o hábito de ler Aristóteles”), **a qual** podemos entender uma crítica ao Galileu, ou seja, o cientista não estaria lendo Aristóteles **ou mesmo os clássicos indispensáveis a qualquer erudito, desqualificando-o como estudioso**.

GALILEI - Ich bin es gewohnt, die Herren aller Fakultäten sämtlichen Fakten gegenüber die Augen schließen zu sehen und so zu tun, als sei nichts geschehen. Ich zeige meine Notierungen, und man lächelt, ich stelle mein Fernrohr zur Verfügung, daß man sich überzeugen kann, und man zitiert Aristoteles. Der Mann hatte kein Fernrohr!

DER MATHEMATIKER - Allerdings nicht, allerdings nicht.

DER PHILOSOPH *groß*: Wenn hier Aristoteles in den Kot gezogen werden soll, eine Autorität, welche nicht nur die gesamte Wissenschaft der Antike, sondern auch die Hohen Kirchenväter selber anerkannten, so scheint jedenfalls mir eine Fortsetzung der Diskussion überflüssig. Unsachliche

Galileu – Eu me acostumei a ver como os senhores de todas as faculdades fecham os olhos a todos os fatos, fazendo de conta que não houve nada. Eu mostro as minhas observações e eles sorriem, eu ofereço o meu telescópio para que vejam, e eles citam Aristóteles.

Federzoni – Aristóteles não tinha telescópio!

O Matemático – É claro que não, é claro que não.

O Filósofo enfático – Se a intenção aqui é de sujar Aristóteles, uma autoridade aceita não só pela totalidade da ciência antiga como também pelos grandes padres da Igreja, quer me parecer supérfluo prosseguir nesta discussão. Eu

Diskussion lehne ich ab. Basta.	recuso discussões que não tenham objetivo concreto. Para mim, chega.
---------------------------------	--

Galileu leva adiante a sua argumentação, recorrendo a uma regra geral: *die Herren aller Fakultäten* (“os senhores de todas as faculdades”), desfocalizando o matemático e incluindo-o no grupo. Após, ele faz uma narração, empregando o presente vívido “*zeige*” (“mostro”), “*stelle*” (“ofereço”) que serve para intensificar o interesse para com o interlocutor, pois aproxima sua narração do interlocutor. Logo em seguida, ele dá razões pelas quais não consegue obter êxito em seu propósito, pois ninguém lhe dá a atenção necessária para que seja possível reconhecer a veracidade de suas afirmações: “*Ich zeige meine Notierungen, und man lächelt, ich stelle mein Fernrohr zur Verfügung, daß man sich überzeugen kann, und man zitiert Aristoteles*” (“Eu mostro as minhas observações e eles sorriem, eu ofereço o meu telescópio para que vejam, e eles citam Aristóteles”), ou seja, os interlocutores não estão dispostos a cooperar com o cientista. Encerrando esta fala, ele **contrapõe à** autoridade de Aristóteles um argumento objetivo “*Der Mann hatte kein Fernrohr!*” („Aristóteles não tinha telescópio!“), **relativizando a opinião do interlocutor**.

Novamente, o matemático busca concordância com o que foi dito pelo cientista, evitando um debate direto que poderia tornar a interação inviável, no que diz respeito a um conflito grave.

O filósofo tenta **então** abandonar a discussão com Galileu enquanto está em vantagem, **demonstrando indignação frente à desqualificação de Aristóteles por Galileu através de uma expressão vulgar (*in den Kot ziehen* – “sujar”)**. Ele apresenta exageros **que evidenciam a emotividade ligada à indignação (*gesamte Wissenschaft der Antike* – “totalidade da ciência antiga” e *die hohen Kirchenväter* – “grandes padres da Igreja”)** e **propõe a interrupção do debate através de uma regra geral, como consequência lógica de uma descaracterização da discussão (*unsachliche Diskussion*) atribuída indiretamente a Galileu através de várias estratégias de trabalho da face: o emprego de *wenn* (“se”), que torna a narração hipotética e de “*scheint*” (“parecer”) **minimiza a imposição do que é dito; e o uso de passiva (*in den Kot*****

gezogen werden soll – literalmente: “vai ser arrastado pela lama”) e de nominalizações (*Diskussion*) que servem para ocultar o cientista. Mesmo assim, há elementos que tornam o enunciado agressivo, como *Kot* (literalmente: lama; fezes), e *Basta*, que claramente tem o propósito de encerrar a discussão e configura-se como um *bald on record*.

<p>GALILEI - Die Wahrheit ist das Kind der Zeit, nicht der Autorität. Unsere Unwissenheit ist unendlich , tragen wir einen Kubikmillimeter ab! Wozu jetzt noch so klug sein wollen, wenn wir endlich ein klein wenig weniger dumm sein können! Ich habe das unvorstellbare Glück gehabt, ein neues Instrument in die Hand zu bekommen, mit dem man ein Zipfelchen des Universums etwas, nicht viel, näher besehen kann. Benützen Sie es.</p> <p>DER PHILOSOPH - Eure Hoheit, meine Damen und Herren, ich frage mich nur, wohin dies alles führen soll.</p>	<p>Galileu – A verdade é filha do tempo e não da autoridade. A nossa ignorância é infinita, vamos reduzi-la de um centímetro! De que vale ser tão esperto agora, agora que finalmente poderíamos ser ao menos um pouco menos estúpidos! Eu tive a felicidade inimaginável de encontrar um instrumento novo, que permite examinar mais de perto, não muito, uma franja do universo. Os senhores deveriam aproveitar.</p> <p>O Filósofo – Alteza, minhas senhoras e meus senhores, o que eu me pergunto é aonde iremos chegar.</p>
--	--

Estes últimos enunciados deixam claro que a interação está demasiadamente conflituosa, dado que já houve a intenção de rompê-la. Ainda assim, Galileu tenta prosseguir com ela e emprega estratégias de polidez negativa, deixando claro o desejo de não impor o conteúdo de seu enunciado aos interlocutores, mas apelando fortemente para que eles ao menos se disponham a ouvi-lo. No intuito de não impingir diretamente o seu enunciado aos interlocutores, o cientista emprega uma metáfora que torna o enunciado menos agressivo (*Die Wahrheit ist das Kind der Zeit, nicht der Autorität* – “A verdade é filha do tempo e não da autoridade”), utilizando ainda uma nominalização (*Wahrheit* - “verdade”), que tem como função se afastar o conteúdo do que é dito de Aristóteles (argumento inabalável nesta interação), dos adversários e de si mesmo. Ele também utiliza exageros que têm como finalidade fortalecer os seus argumentos para convencer os interlocutores (*Unsere Unwissenheit ist unendlich...* - “A nossa ignorância é infinita...”), além de uma pergunta retórica: *Wozu jetzt noch so klug sein wollen, wenn wir endlich ein klein wenig weniger dumm sein können!* (“De que vale ser tão esperto agora, agora que finalmente poderíamos ser ao menos um pouco

menos estúpidos!"). Nesta frase, a repetição “*ein klein wenig weniger dumm*” (“ao menos um pouco menos estúpidos”) tem por finalidade envolver os interlocutores na narração, e há ainda elementos sarcásticos: “*Kubikmillimeter*” (“centímetro”) no sentido de que há ainda muita ignorância sobre os fatos e “*Zipfelchen*” (“franja”), reforçando a idéia de que o universo é imenso, culminando com um convite através de um imperativo *bald on record*, (*Benützen Sie* - “Os senhores deveriam aproveitar”). O trecho dá razões para que todos aceitem o avanço da ciência e tem um caráter fortemente apelativo.

O filósofo não responde diretamente ao cientista, pois como vimos, ele não tem mais interesse em prosseguir na disputa, que está por demais acirrada. Ele se dirige então aos demais presentes e faz um apelo à autoridade e ao auditório (*Eure Hoheit, meine Damen und Herren* - “Vossa Alteza, minhas senhoras e meus senhores”) para induzi-los a seguir seu raciocínio, fortalecendo o seu argumento, e lhes apresenta uma pergunta, desfocalizando o mesmo, pois esta pergunta é dirigida ao próprio locutor, e apresentando-a como um comentário através da partícula *nur* (*ich frage mich nur* - “eu me pergunto apenas”). Desta maneira, o auditório não se sente na obrigação de respondê-la. A pergunta é retórica *wohin dies alles führen soll* (“aonde iremos chegar”), derivando a implicatura de que não há sentido em prosseguir em uma discussão que não levará a qualquer conclusão. Dessa maneira, novamente, ele tenta encerrar a disputa; o filósofo está desprezando o debate.

<p>GALILEI - Ich würde meinen, als Wissenschaftler haben wir uns nicht zu fragen, wohin die Wahrheit uns führen mag.</p> <p>DER PHILOSOPH <i>wild</i>: Herr Galilei, die Wahrheit mag uns zu allem möglichen führen!</p>	<p>Galileu – Pelo que eu entendo, como cientistas, não temos que perguntar aonde a verdade nos leva.</p> <p>O Filósofo furioso – A verdade, senhor Galileu, pode levar a muitas partes!</p>
--	---

Galileu utiliza-se do que foi dito pelo adversário e manipula o conteúdo, colocando-o em outro contexto e desqualificando o argumento do filósofo. Ele emprega um verbo de opinião *Ich würde meinen*, que relativiza um pouco a própria opinião, aliada ao *Konjunktiv*, que produz afastamento e minimiza a imposição. Em seguida, ele aplica uma regra geral pelo uso do termo *als Wissenschaftler* (“como cientistas”) que também é uma expressão de

identidade grupal. Este emprego é bastante perspicaz, pois inclui os adversários no grupo, dado que eles também são cientistas e por isso, deveriam ter o mesmo propósito de Galileu. A nominalização, através do termo *Wahrheit* (“verdade”) deixa claro que não é a opinião Galileu que está em pauta e sim, a própria verdade.

O filósofo, **por sua vez, continua a mostrar-se emocionalmente alterado** e apresenta um contra-argumento que desqualifica o argumento de Galileu. Por meio desta frase, **deliberadamente vaga, podem-se derivar implicaturas, como a de que a verdade não necessariamente leve a uma só conclusão, ou a uma conclusão acertada, ou mesmo, que ela pode levar a um final não-desejado, com o que** constatamos que há uma possível ameaça da Igreja quanto à atitude do cientista.

<p>GALILEI - Eure Hoheit. In diesen Nächten werden über ganz Italien Fernrohre auf den Himmel gerichtet. Die Monde des Jupiter verbilligen nicht die Milch. Aber sie wurden nie je gesehen, und es gibt sie doch. Daraus zieht der Mann auf der Straße den Schluß, daß es noch vieles geben könnte, wenn er nur seine Augen aufmachte! Ihr seid ihm eine Bestätigung schuldig! Es sind nicht die Bewegungen einiger entfernter Gestirne, die Italien aufhorchen machen, sondern die Kunde, daß für unerschütterlich angesehene Lehren ins Wanken gekommen sind, und jedermann weiß, daß es deren zu viele gibt. Meine Herren, lassen Sie uns nicht erschütterte Lehren verteidigen!</p> <p>FEDERZONI - Ihr als die Lehrer solltet das Erschüttern besorgen.</p> <p>DER PHILOSOPH - Ich wünschte, Ihr Mann offerierte nicht Ratschläge in einem wissenschaftlichen Disput.</p>	<p>Galileu – Alteza! Nestas noites, na Itália inteira, há telescópios voltados para o céu. As luas de Júpiter não barateiam o leite. Mas nunca foram vistas, e agora existem. O homem da rua conclui que poderiam existir muitas outras coisas também, se ele olhasse melhor. Vossa Alteza deve confirmá-lo! Se a Itália está atenta, não é por causa do movimento de algumas estrelas distantes, mas pela notícia de que as doutrinas ditas inabaláveis estão abaladas, e qualquer um sabe que o número delas é grande demais. Meus senhores, não vamos defender doutrinas abaladas!</p> <p>Federzoni – São os professores que deveriam derrubá-las.</p> <p>O Filósofo – Eu preferia que o seu ajudante não desse conselhos numa disputa científica.</p>
---	---

Mais uma vez, há **um apelo de Galileu diretamente** à autoridade, visto que a disputa tornou-se novamente **inviável**. Esta estratégia **permite** que Galileu ignore os adversários **sem arcar com o ônus de interromper a interação**. A seguir, **o cientista** apresenta uma narrativa, aproximando público de seu

raciocínio e implicando que o grão-duque, da mesma forma que seu povo, deve abrir os olhos para as novas descobertas. Através do enunciado *Ihr seid ihm eine Bestätigung schuldig!* („Vossa Alteza deve confirmá-lo!“), Galileu lembra ao regente *bald on record* sobre a sua obrigação em fazer o mesmo que seu povo, isto é, reconhecer os novos dados da ciência. O exagero *ganz Italien* (“a Itália inteira”) tem como objetivo reforçar o que é dito: neste caso, se a Itália inteira está com telescópios voltados para o céu é porque o argumento de Galileu é relevante. Por meio do enunciado *Meine Herren, lassen Sie uns nicht erschütterte Lehren verteidigen!* (“Meus senhores, não vamos defender doutrinas abaladas!”), faz um apelo à razão, dando argumentos para se abandonar a doutrina vigente, defendida pelos seus oponentes. Em todo o trecho, verificamos razões e exemplos para que os interlocutores sigam o exemplo do povo, ou seja, da maioria.

Federzoni fornece um argumento que reforça o enunciado de Galileu, pois com a expressão *Ihr als die Lehrer* (literalmente: “vocês como professores”) ele inclui os adversário de Galileu no grupo dos que deveriam reconhecer as novas doutrinas.

O filósofo desqualifica totalmente o apoio de Galileu, ou seja, não reconhece Federzoni como um parceiro na disputa, recusando-se a aceitar a participação de alguém que não está habilitado para o evento. O filósofo, inclusive, não se digna sequer a interagir diretamente com Federzoni, dirigindo-se a Galileu. No entanto, o verbo no *Konjunktiv* (*wünschte* – “preferia”) ameniza o próprio enunciado.

<p>GALILEI - Eure Hoheit! Mein Werk in dem Großen Arsenal von Venedig brachte mich täglich zusammen mit Zeichnern, Bauleuten und Instrumentenmachern. Diese Leute haben mich manchen neuen Weg gelehrt. Unbelesen, verlassen sie sich auf das Zeugnis ihrer fünf Sinne, furchtlos zumeist, wohin dies Zeugnis sie führen wird ...</p> <p>DER PHILOSOPH - Oho!</p> <p>GALILEI - Sehr ähnlich unsern Seeleuten, die vor hundert Jahren unsere Küsten verließen, ohne zu wissen, was für andere Küsten sie</p>	<p>Galileu – Alteza! O meu ofício no Grande Arsenal de Veneza fazia que eu diariamente estivesse com desenhistas, construtores e ferramenteiros. Não foi pouca coisa o que aprendi com essa gente. Eles não têm leitura e confiam no testemunho de deus cinco sentidos; o testemunho os leve para onde for, geralmente eles não têm medo.</p> <p>O Filósofo – Oh, oh!</p> <p>Galileu – Como os nossos marinheiros, que há cem anos deixavam as nossas costas sem saber a que costas chegariam, se é</p>
---	---

erreichen würden, wenn überhaupt welche. Es scheint, daß man heute, um die hohe Neugierde zu finden, die den wahren Ruhm des alten Griechenland ausmachte, sich in die Schiffswerften begeben muß.

DER PHILOSOPH - Nach allem, was wir hier gehört haben, zweifle ich nicht länger, daß Herr Galilei in den Schiffswerften Bewunderer finden wird.

que existiam outras costas. Parece que hoje, para encontrar a sublime curiosidade que fez a glória verdadeira da velha Grécia, só indo aos estaleiros.

O Filósofo – Por tudo o que ouvimos aqui, eu não tenho dúvida de que o senhor Galileu vai fazer admiradores no estaleiro.

Galileu nem responde o enunciado do filósofo – como este fizera com Federzoni – e recorre mais uma vez à autoridade. Em seguida, opta por apresentar razões e exemplos para argumentar **diretamente** com a autoridade máxima **da interação**. Constatamos que Galileu também não está mais participando da disputa, por perceber que não terá cooperação de seus adversários no evento, **depois** que o próprio filósofo já tentara encerrar a disputa duas vezes.

Novamente, Galileu dá razões e argumentos no intuito de reforçar a ideia de que existem outras autoridades, além de Aristóteles. Verificamos uma analogia neste enunciado, deixando claro que Aristóteles só chegou a ser quem foi, pois foi o povo que propiciou que ele se destacasse.

O filósofo **faz então um comentário sarcástico sobre** o cientista, **implicando que as idéias de Galileu só podem suscitar a admiração de pessoas simples, intelectualmente pouco desenvolvidas, o que desqualifica os argumentos do cientista e o invalida como participante de uma disputa acadêmica**. Ele retoma o mote de Galileu e o **apresenta** em outra situação, desqualificando Galileu como cientista.

DER HOFMARSCHALL - Eure Hoheit, zu meiner Bestürzung stelle ich fest, daß sich die außerordentlich belehrende Unterhaltung ein wenig ausgedehnt hat. Seine Hoheit muß vor dem Hofball noch etwas ruhen.

Auf ein Zeichen verbeugt sich der Großherzog vor Galilei. Der Hof schickt sich schnell an zu gehen.

FRAU SARTI *stellt sich dem Großherzog in den Weg und bietet ihm*

O Mestre-Sala – Alteza, estou desolado, mas esta conversação extraordinariamente instrutiva se estendeu um pouco demais. Sua Alteza precisa repousar um pouco antes do baile da corte.

A um sinal seu, o grão-duque se inclina diante de Galileu. O séquito se prepara rapidamente para partir.

Dona Sarti barra o caminho do grão-duque e oferece um prato de doces –

<p><i>einen Teller mit Bäckereien an: Ein Kringel, Eure Hoheit? Die ältere Hofdame führt den Großherzog hinaus.</i></p> <p>GALILEI <i>hinterherlaufend</i>: Aber die Herren brauchten wirklich nur durch das Instrument zu schauen!</p> <p>DER HOFMARSCHALL - Ihre Hoheit wird nicht versäumen, über Ihre Behauptungen die Meinung unseres größten lebenden Astronomen einzuholen, des Herrn Pater Christopher Clavius, Hauptastronom am Päpstlichen Collegium in Rom.</p>	<p>Uma rosquinha, Alteza?</p> <p>A mais velha das damas de companhia leva o grão-duque para fora.</p> <p>Galileu correndo atrás deles – Mas bastava que os senhores olhassem pelo instrumento!</p> <p>O Mestre-Sala – Sua Alteza não deixará de submeter essas afirmações à consideração de nosso maior astrônomo vivo, o Padre Cristovão Clávio, astrônomo-chefe do Colégio Papal, em Roma.</p>
--	--

Galileu, vendo a interação interrompida sem conseguir sequer que o príncipe olhe através do telescópio, faz um último apelo aos interlocutores, minimizando a imposição através da partícula *nur* e do verbo no *Konjunktiv* (*die Herren brauchten wirklich nur durch das Instrument zu schauen!* – “bastava que os senhores olhassem pelo instrumento!”), como ele já fizera inúmeras vezes. Ele não obtém nenhum crédito, pois cometera o erro de abandonar a disputa formal e de dar ensejo aos adversários de enfraquecer sua imagem frente ao governante.

Por fim, o cientista é mais uma vez desqualificado como astrônomo, já que o conteúdo da discussão será apresentado ao *größten lebenden Astronomen* (“maior astrônomo vivo”), ou seja, implica-se que a autoridade deste é maior do que a de Galileu.

O filósofo e o matemático têm grande interesse em seguir o formalismo e em marcar sua posição como verdadeiros eruditos que dominam as fontes de conhecimento e as formas de debate consagradas, desqualificando como interlocutores todos aqueles que não se enquadram nesses parâmetros. Os dois eruditos têm grande sucesso em desqualificar os procedimentos que formam a base da ciência de Galileu: a experimentação e a dedução a partir da observação dos fatos, a curiosidade e o inconformismo.

Em vista desse comportamento, em vários momentos, Galileu recusa-se a participar da disputa, tentando sabotar o evento e dirigindo-se apenas ao

grão-duque, pois constata que não chegará a uma resolução favorável quanto à discussão. Nos momentos de grande altercação, tanto Galileu quanto os eruditos recorrem ao grão-duque, solicitando que o mesmo dê um parecer sobre o que está se passando. Contudo, o mesmo não tem condições de entender o que está ocorrendo, muito menos de julgar a disputa.

Devido ao clima hostil que permeia a discussão, nota-se um grande esforço para evitar comprometer-se claramente com as imposições e as proposições apresentadas. Predominam, assim, as estratégias de polidez negativa, notadamente as estratégias minimize a imposição e desfocalize os participantes. Nota-se também uma elevada frequência de estratégias *off record*, com a criação de implicaturas e muitas perguntas retóricas.

Dentre as estratégias de polidez positiva, novamente as estratégias dê razões e intensifique o interesse pelo interlocutor são as mais usadas, na tentativa de convencer os interlocutores através de seu envolvimento no raciocínio do falante. Há poucos exemplos de *bald on record*, geralmente trazidos por Andrea e Federzoni, que se encontram à margem da disputa e têm pouco a perder com ameaças diretas às faces dos demais.

Argumentação:

FRAGMENTO 5:

Discussão entre Galileu e os cardeais Barberini e Bellarmin

ATO 4 (p. 219 – 224)

A cena se passa num baile realizado na casa do cardeal Bellarmin. Galileu é um convidado ilustre, pois goza de grande prestígio, dado que suas descobertas foram confirmadas pelo *Collegium Romanun* (instituto de pesquisa do Vaticano). Uma indicação da formalidade do evento é dada ao se designar a importância dos convidados: *alle großen Familien Italiens* (“Todas as grandes famílias da Itália”).

Nesta interação, temos uma “conversa” - nas palavras do cardeal - em que o tópico diz respeito a questões científicas. O propósito de tal “conversa” é fazer com que Galileu abjure a doutrina de Copérnico. Não é difícil prever que a interação entre os três participantes apresentará conflito, pois sabemos de antemão que os interactantes são antagônicos, ou seja, representam pontos de vista incompatíveis: Galileu apóia seu ponto de vista na ciência, enquanto os cardeais o fazem na fé (Igreja).

Quanto às questões hierárquica e afetiva, verificamos que ambas são grandes. Os cardeais apresentam maior poder hierárquico do que Galileu e não há familiaridade entre os interactantes. Os cardeais possuem maior poder social e hierárquico do que Galileu, dado que nesta peça teatral a Igreja impera absolutamente.

<p>GALILEI Rom. - Großes Fest?</p> <p>SEKRETÄR - Der erste Karneval nach den Pestjahren. Alle großen Familien Italiens sind heute abend hier vertreten. Die Orsinis, die Villanis, die Nuccolis, die Soldanieris, die Canes, die Lecchis, die Estensis, die Colombinis...</p> <p>ZWEITER SEKRETÄR <i>unterbricht:</i> Ihre Eminenzen, die Kardinäle Bellarmin und Barberini.</p> <p><i>Herein Kardinal Bellarmin und Kardinal Barberini. Sie halten die Masken eines Lamms und einer Taube an Stücken vors Gesicht.</i></p>	<p>Galileu – Roma. Grande Gala?</p> <p>Primeiro Secretário – O primeiro carnaval depois dos anos da peste. Todas as grandes famílias da Itália estão representadas. Os Orsini, os Villani, os Nuccoli, os Soldianieri, os Cane, os Lecchi, os Estensi, os Colombini...</p> <p>Segundo Secretário – Suas Eminências os Cardeais Bellarmino e Barberini.</p> <p>Entram o Cardeal Bellarmino e o Cardeal Barberini. Diante do rosto, presas num bastão, trazem máscaras de pomba e de cordeiro.</p>
---	--

Neste primeiro bloco, o que nos chama a atenção é o papel social dos convidados: são famílias importantes da Itália. Os convidados possuem grande poder social e, por isso, podemos esperar uma interação com certo grau de formalidade, principalmente entre os interactantes deste excerto. A formalidade fica patente na menção dos títulos dos cardeais na sua apresentação pelo secretário.

<p>BARBERINI - <i>den Zeigefinger auf Galilei:</i> „Die Sonne geht auf und unter und kehret an ihren Ort zurück“. Das sagt Salomo, und was sagt Galilei?</p>	<p>Barberini apontando Galileu com o indicador - “Nasce o Sol, e põe-se o Sol, e volta ao lugar onde nasceu.” É o que diz Salomão; e o que diz Galileu?</p>
--	---

<p>GALILEI - Als ich so klein war er deutet es mit der Hand an, Eure Eminenz, stand ich auf einem Schiff, und ich rief: Das Ufer bewegt sich fort. - Heute weiß ich, das Ufer stand fest, und das Schiff bewegte sich fort.</p>	<p>Galileu - Quando eu era deste tamanho - Indica com a mão - Eminência, ao andar de barco, eu gritava que a praia ia embora. Hoje eu sei que a praia estava parada, e que o movimento era do barco.</p>
---	--

A interação inicia-se com um gesto bastante provocativo executado pelo cardeal Barberini (indicado pela rubrica). O fato de este apontar o dedo para Galileu indica uma atitude de desafio, e a partir da ausência de uma reação indignada por parte deste, devemos considerar que a relação de poder existente entre os interlocutores não justifica, mas permite tal atitude. A seguir, o cardeal faz uma citação bíblica (argumento de autoridade) e ativa uma implicatura conversacional: mantendo a postura de provocação, o cardeal faz uma comparação entre uma figura bíblica e as hipóteses de Galileu e introduz um argumento de autoridade, o rei Salomão, implicando que Galileu não tem autoridade suficiente para se opor aos dogmas da Igreja.

Galileu não responde diretamente a pergunta de Barberini e viola a máxima da relevância, produzindo também uma implicatura: através da apresentação de um exemplo concreto de sua infância (*Als ich so klein war – “Quando eu era deste tamanho”*), deixa implícito que a verdade nem sempre é o que parece ser. Utilizando uma narrativa vívida, em primeira pessoa, com a função de reforçar o seu argumento, Galileu emprega uma estratégia que visa transmitir a idéia de que seu ponto de vista é válido e interessante, sem diretamente atacar a posição do cardeal, apelando assim para sua face positiva.

<p>BARBERINI - Schlau, schlau. Was man sieht, Bellarmin, nämlich daß der Gestirnhimmel sich dreht, braucht nicht zu stimmen, siehe Schiff und Ufer. Aber was stimmt, nämlich daß die Erde sich dreht, kann man nicht wahrnehmen! Schlau. Aber seine Jupitermonde sind harte Brocken für unsere Astronomen. Leider habe ich auch einmal etwas Astronomie gelesen, Bellarmin. Das hängt einem an wie die Krätze.</p> <p>BELLARMIN - Gehen wir mit der Zeit,</p>	<p>Barberini - Muito, muito esperto. O que nós vemos, Bellarmino, isto é, o movimento do céu estrelado, pode bem estar errado, vide barco e praia. Já o que está certo, isto é, o movimento da Terra, este nós não podemos perceber! É bem achado. Mas as luas de Júpiter são duras de roer para os nossos astrônomos. Infelizmente eu, noutros tempos, também li um pouco de astronomia, Bellarmino. Isso pega pior que sarna.</p> <p>Bellarmino - Vamos marchar com os tempos, Barberini. Se os mapas celestes, que dependem de uma hipótese nova,</p>
---	--

<p>Barberini. Wenn Sternkarten, die sich auf eine neue Hypothese stützen, unsern Seeleuten die Navigation erleichtern, mögen sie die Karten benutzen. Uns mißfallen nur Lehren, welche die Schrift falsch machen.</p> <p><i>Er winkt grüßend nach dem Ballsaal zu.</i></p>	<p>facilitam a vida de nossos navegantes, eles que usem os mapas. O que nos desagrada são doutrinas que tornam errada a Escritura.</p> <p>Ele saúda alguém na sala do baile.</p>
--	--

Barberini reconhece a perspicácia de Galileu, comentando *Schlau, schlau* (“muito esperto”) e procura evitar discordância. Na verdade, o que ocorre é uma pseudo-concordância: o cardeal, inicialmente, concede um ponto a Galileu, i.e., faz um elogio à atitude de Galileu, para em seguida, ser sarcástico quanto à teoria do cientista que defende o movimento da Terra, pois como isso seria possível, já que seus habitantes não percebem o movimento: *Aber was stimmt, nämlich daß die Erde sich dreht, kann man nicht wahrnehmen! Schlau* (“Já o que está certo, isto é, o movimento da Terra, este nós não podemos perceber! É bem achado”).

É interessante observar que neste enunciado, Barberini considera como o seu interlocutor o outro cardeal, Bellarmín, ou seja, dirige-se ao público da interação entre ele e Galileu dentro da peça. Desta forma, o conteúdo do que diz chega a Galileu de forma indireta, o que é uma forma de mitigar os efeitos agressivos do desacordo. Também tenta amenizar a ameaça à face de Galileu ao afirmar que a astronomia é algo negativo, que vicia e pode levar a enganos, dada sua capacidade de contagiar: a astronomia associada à expressão *Das hängt einem an wie die Krätze* (“Isso pega pior que sarna”), que é idiomática, ou seja, uma expressão cristalizada cuja função é “dizer sem dizer”, configurando uma forma de compensação negativa (formas convencionalizadas). Há ainda o emprego da estratégia *graceje* nesta afirmação, produzindo certo humor e fazendo entender que Galileu pode ser mais uma vítima do poder de sedução da astronomia, o que diminuiria a sua parcela de culpa em defender tal ciência.

A expressão *harte Brocken* (“duras de roer”) tem um valor negativo, expressando diretamente um desacordo. O mesmo ocorre com o advérbio *leider* (“infelizmente”), realizando diretamente uma ameaça à face de Galileu.

Por outro lado, o emprego de *auch* (“também”), neste trecho, é uma estratégia que serve para incluir o falante na mesma categoria do interlocutor, relativizando a distância social.

Bellarmin, o outro cardeal, opta por dar razões que justifiquem as pesquisas de Galileu. Ele demonstra interesse pelas hipóteses do cientista (note, atenda ao interlocutor), pois elas podem trazer benefícios à sociedade. Porém, após esta atitude positiva, o cardeal faz uma advertência a Galileu: *Uns mißfallen nur Lehren, welche die Schrift falsch machen* (“o que nos desagradam são doutrinas que tornam errada a Escritura”), indicando que pesquisar é permitido, desde que não se defendam idéias que abalem a veracidade da Escritura (*falsch machen* - “tornam errada”): o verbo *missfallen* (“desagradar”) expressa desacordo de forma direta, sem compensação.

Por outro lado, a partícula *nur* (“apenas”) na expressão *nur Lehren* (“são [apenas] doutrinas”) enfatiza a idéia de que a pesquisa (dentro de certo limite) é, ao menos, tolerável, ou seja, ela serve para minimizar a imposição do conteúdo declarado pelo locutor. Esta é uma forma bastante hábil de advertir o cientista sem fazê-lo direta e ofensivamente.

Esta primeira intervenção do outro cardeal, Bellarmin, é feita por meio de uma estratégia argumentativa que enfraquece o locutor (impor um acordo, **entretanto, neste caso, temos uma variação de tal estratégia, pois o intuito aqui é o de propor um acordo**) dando crédito às pesquisas (“*neue Hypothese*”) de Galileu, pois novas descobertas podem ser úteis para a sociedade. A seguir, faz uma relação de causa e efeito: o cardeal faz seu julgamento a partir da verificação da própria realidade: *Wenn Sternkarten, die sich auf eine neue Hypothese stützen, unsern Seeleuten die Navigation erleichtern, mögen sie die Karten benutzen* (“se os mapas celestes são úteis, eles que usem os mapas”). É interessante observar a ressalva que ele apresenta após esta relação, utilizando a própria Escritura.

GALILEI - Die Schrift. - “Wer aber das Korn zurückhält, dem wird das Volk fluchen”. Sprüche Salomonis.	Galileu - A Escritura. “Quem retiver o grão, será amaldiçoado pelo povo.” Provérbios de Salomão.
BARBERINI - “Der Weise verbirget sein Wissen”. Sprüche Salomonis.	Barberini - “Os sábios escondem a sabedoria.” Provérbios de Salomão.

O que se verifica aqui é uma disputa entre Galileu e Barberini, sendo que Galileu utiliza o estratagema de seu interlocutor, as Escrituras (*“die Schrift”*): argumento de autoridade. Ambos violam a máxima de modo e optam por defender suas opiniões de maneira *off record*, super-generalizando e citando provérbios. Quanto ao emprego do provérbio no discurso, a seguinte observação deve ser feita: a enunciação de um provérbio é uma atividade discursiva polifônica por excelência, com isso, o enunciador ao utilizar um provérbio “apresenta sua enunciação como uma retomada de inumeráveis enunciações anteriores, as de todos os locutores que já proferiram aquele provérbio” (MAINGUENEAU, 2004, p.169), [dessa forma, desfocalizando os interlocutores e apelando para um conhecimento mútuo que pode equivaler a regras gerais.](#)

Existe um paralelismo nas enunciações, já que Barberini defende sua posição, utilizando o mesmo argumento de autoridade de Galileu (provérbios de Salomão). O provérbio, assim como outras formas convencionalizadas, é uma compensação negativa empregada para resguardar as faces, pois expressam conteúdos de forma indireta e, conseqüentemente, menos agressiva.

<p>GALILEI - “Wo da Ochsen sind, da ist der Stall unrein. Aber viel Gewinn ist durch die Stärke des Ochsen“.</p> <p>BARBERINI - “Der seine Vernunft im Zaum hält, ist besser als der eine Stadt nimmt“.</p> <p>GALILEI - “Des Geist aber gebrochen ist, dem verdorren die Gebeine”. <i>Pause.</i> “Schreiet die Wahrheit nicht laut?”</p>	<p>Galileu - “Não havendo bois, a manjedoura permanece limpa, mas pela força do boi a colheita é abundante.”</p> <p>Barberini - “Melhor é o que governa o seu espírito, do que o que toma uma cidade.”</p> <p>Galileu - “Aquele cujo espírito cede, apodrecerá até os ossos.” <i>Pausa.</i> “Não é alta a voz da verdade?”</p>
--	--

Nenhum dos provérbios retruca explicitamente o provérbio anterior, porém nas entrelinhas (implicaturas) ambos interagem e reafirmam os pontos de vista dos interlocutores. Galileu atém-se a elementos concretos / terrenos: *Korn, Volk, Ochsen, Stall, Gebeine* (“grão”, “povo”, “bois”, “manjedoura”, “ossos”), definindo-se assim, como um homem da ciência. Por outro lado, Bellarmin, homem de fé, utiliza em seus enunciados elementos abstratos: *Weise, Wissen, Vernunft* (“sábios”, “sabedoria”, “razão”).

Após esta disputa, Galileu faz uma pausa que indica o fim desta fase *off record* de citações para, em seguida, fazer uma pergunta direta. Segundo Tannen, “a pausa caracteriza o conflito entre as personagens e o silêncio indica o seu clímax” (TANNEN, 1990, p.260).

Em seguida à pausa, Galileu procede com uma pergunta direta na qual, entretanto, ele desfocaliza e impessoaliza os interactantes, empregando uma nominalização, ou seja, a verdade (“*Wahrheit*”) é personificada, atribuindo-se-lhe a capacidade de gritar (*schreien*). Contudo, mesmo utilizando-se de uma nominalização, tal enunciação pode se configurar como uma ameaça à face de Barberini, por insinuar que a verdade está do lado de Galileu e que salta aos olhos, mesmo que se tente acobertá-la. É interessante ainda observar que a pergunta soa muito menos agressiva do que uma possível afirmação, sendo uma boa estratégia de expressar o conteúdo que deseja, deixando ao interlocutor a possibilidade de chegar à conclusão sugerida pelo falante e minimizando a imposição.

BARBERINI - “Kann man den Fuß setzen auf glühende Kohle, und der Fuß verbrennt nicht?” - Willkommen in Rom, Freund Galilei. Sie wissen von seinem Ursprung? Zwei Knäblein, so geht die Mär, empfangen Milch und Zuflucht von einer Wölfin. Von der Stunde an müssen alle Kinder der Wölfin für ihre Milch zahlen. Aber dafür sorgt die Wölfin für alle Arten von Genüssen, himmlische und irdische; von Gesprächen mit meinem gelehrten Freund Bellarnin bis zu drei oder vier Damen von internationalem Ruf, darf ich sie Ihnen zeigen? *Er führt Galilei hinter, ihm den Ballsaal zu zeigen.*

Galilei folgt widerstrebend.

BARBERINI - Nein? Er besteht auf einer ernsten Unterhaltung. Gut. Sind Sie sicher, Freund Galilei, daß ihr Astronomen euch nicht nur einfach eure Astronomie bequemer machen wollt? *Er führt ihn wieder nach vorn.* Ihr denkt in Kreisen oder Ellipsen und in gleichmäßigen Schnelligkeiten, einfachen Bewegungen, die euren Gehirnen gemäß sind. Wie, wenn es Gott gefallen hätte, seine Gestirne so

Barberini - “Andará alguém sobre brasas sem queimar os seus pés?” Bem-vindo a Roma, amigo Galileu. O senhor conhece as origens da cidade? Conta a lenda que dois meninos foram guardados e amamentados por uma loba. Desse dia em diante, todas as crianças foram obrigadas a pagar-lhe pelo leite. Ela, em compensação, providencia prazeres, celestes e terrenos; desde conversações com o meu erudito amigo Bellarmino, até a companhia de três ou quatro damas de reputação internacional. O senhor me permite apresentá-las?

Conduz Galileu para trás, para mostrar-lhe o salão de baile. Galileu segue, relutante.

Barberini - Não? Ele insiste numa entrevista séria. Muito bem. O senhor está bem certo, meu caro Galileu, de que vocês astrônomos não estão querendo simplesmente tornar mais confortável a sua astronomia? Conduz Galileu para a frente. Vocês pensam em círculos ou elipses, em velocidades uniformes, movimentos simples que estão de acordo com o seu cérebro. Mas se aprouvesse a Deus que as estrelas andassem assim?

laufen zu lassen? *Er zeichnet mit dem Finger in der Luft eine äußerst verwickelte Bahn mit unregelmäßiger Geschwindigkeit. Was würde dann aus euren Berechnungen?*

Desenha no ar um trajeto muito enredado, com velocidade irregular. O que sobraria de seus cálculos?

O mesmo estratagema utilizado por Galileu é resgatado pelo cardeal Barberini, i.e., ele utiliza uma pergunta ao invés de empregar uma asserção direta.

Com a disputa no seu clímax, Barberini, que teve sua face ameaçada, não responde à pergunta de Galileu, viola a máxima da relevância e faz outra pergunta ao cientista. Nesta pergunta, ele dá pistas para associações, ou seja, por meio do emprego de metáfora ele provoca uma implicatura que, na verdade, trata-se de uma advertência, ou seja, é assim que as coisas funcionam em Roma. Na realidade, esta pergunta é uma ameaça feita por meio de uma insinuação. O cardeal não dá tempo para que Galileu responda à questão e começa a narrar a história da origem de Roma, mudando o foco da discussão. Contudo, não deixa de expressar que Galileu é bem-vindo na cidade e o faz tratando-o por *Freund* (“amigo”), que gera aproximação entre os interlocutores. Com a pergunta *Sie wissen von seinem Ursprung?* (“O senhor conhece as origens da cidade?”) o cardeal inicia uma narrativa e dá razões a respeito de como todos devem se comportar em Roma, através da expressão *alle Kinder* (“todas as crianças”), empregada como metáfora. Além disso, prossegue nos atos que valorizam a face positiva de Galileu. Após narrar os prazeres que Roma proporciona àqueles que “pagam pelo seu leite” (*für ihre Milche zahlen*), ou seja, agem da maneira esperada, mais uma vez demonstra interesse pelos possíveis desejos de Galileu ou, pelo menos, pelos desejos que ele acha que seu interlocutor pode ter (*drei oder vier Damen von internationalem Ruf, darf ich sie Ihnen zeigen? - “três ou quatro damas de reputação internacional. O senhor me permite apresentá-las?*), fazendo-lhe uma oferta que satisfaça às suas necessidades, como compensação à sua face positiva.

Barberini, no entanto, constata que sua oferta não fora bem recebida pelo seu interlocutor e ameniza tal situação com a estratégia note, atenda ao

interlocutor, dando a entender que compreende que a necessidade de Galileu é uma “conversa séria” e, através de um *gut* (“bom”) deixa claro que está disposto a participar dela. Em seguida, emprega uma pergunta para retomar o tema da conversa: *Sind Sie sicher, Freund Galilei, daß ihr Astronomen euch nicht nur einfach eure Astronomie bequemer machen wollt?* (“O senhor está bem certo, meu caro Galileu, de que vocês astrônomos não estão querendo simplesmente tornar mais confortável a sua astronomia?”). A pergunta soa menos ameaçadora do que uma afirmação categórica, parecendo que o locutor quer apenas ter certeza de algo. Ao invés de fazer uma afirmação direta, ao categorizar o grupo dos astrônomos (do qual Galileu faz parte) por meio de uma desfocalização do interlocutor, i.e., ao citar *ihr Astronomen* (“vocês astrônomos”), Barberini promove um afastamento entre ele e a possível ameaça às faces que seria produzida se fizesse uma indagação direta com “o senhor” ou “você” etc .

Contudo, essa pergunta é apresentada na forma negativa, a qual não é uma forma neutra em relação à resposta esperada pelo locutor: tais perguntas pressupõem ou induzem a uma resposta afirmativa por parte do interlocutor, fazendo com que o efeito final seja o de uma acusação velada. Há aqui uma tentativa de o locutor mostrar ao interlocutor que suas hipóteses são frutos não da verdade/realidade, mas de sua condição e interesses como cientista, e que esses interesses não seriam suficientes para justificar a intransigência de Galileu, como mostram as partículas *nur einfach* (“apenas/tão somente”). É uma forma bastante sagaz de desqualificar o ponto de vista do outro sem correr o risco de produzir uma ameaça à face tão grande que poderia levar ao rompimento da interação. Barberini utiliza, em seu discurso elementos da ciência, demonstrando conhecimento do assunto, deixando claro que pode debatê-la.

<p>GALILEI - Eminenz, hätte Gott die Welt so konstruiert <i>er wiederholt Barberinis Bahn</i>, dann hätte er auch unsere Gehirne so konstruiert <i>er wiederholt dieselbe Bahn</i>, so daß sie eben diese Bahnen als die einfachsten erkennen würden. Ich glaube an die Vernunft.</p> <p>BARBERINI - Ich halte die Vernunft für unzulänglich. Er schweigt. Er ist zu</p>	<p>Galileu - Eminência, se Deus construísse o mundo assim - repete o movimento de Barberini - Ele construiria o nosso cérebro assim também - repete o mesmo movimento - de modo que reconheceríamos esse mesmo movimento como o mais simples. Eu acredito na razão.</p> <p>Barberini - Eu considero a razão</p>
--	---

<p>höflich, jetzt zu sagen, er hält meine für unzulänglich.</p> <p><i>Lacht und geht zur Brüstung zurück.</i></p> <p>BELLARMIN - Die Vernunft, mein Freund, reicht nicht sehr weit. Ringsum sehen wir nichts als Schiefheit, Verbrechen und Schwäche. Wo ist die Wahrheit?</p> <p>GALILEI <i>zornig</i>: Ich glaube an die Vernunft.</p>	<p>insuficiente. Ele não responde. É educado demais para dizer que a minha razão é que é insuficiente. Ri e volta ao parapeito.</p> <p>Bellarmino - A razão, meu amigo, não tem muito alcance. À nossa volta, o que se vê é somente falsidade, crime e fraqueza. A verdade onde está?</p> <p>Galileu irritado - Eu acredito na razão.</p>
--	---

Galileu faz um apelo à razão, afirmando categoricamente a sua fé, não na igreja ou em Deus e sim, na razão. Por meio deste procedimento, o cientista quer dar a entender que detém a verdade. Há, especificamente, uma refutação do enunciado do cardeal, justificando-se na razão a capacidade dos cientistas em entender a ordem das coisas, ou seja, a verdade (*“Ich glaube an die Vernunft”*), contradizendo explicitamente o que o interlocutor deseja ouvir, mantendo sua posição inicial alinhada à razão/ciência e não à fé/Igreja. Barberini ataca então diretamente a face de Galileu, através da afirmação *Ich halte die Vernunft für unzulänglich* (“Eu considero a razão insuficiente”), apesar de, ainda assim, relativizá-la através do marcador de opinião (cf. Rosa, 1992, p.61ss) *ich halte (es) für...* (“considero (isto) como...”).

Após desqualificar o argumento do cientista, ele constata que este se cala (*“Er schweigt”*). Barberini interpreta o silêncio de Galileu como uma recusa a responder ao seu ataque à primazia da razão¹³ e tematiza explicitamente as relações que levaram ao impasse: após um ataque tão direto à posição de Galileu, este só poderia retrucar em termos igualmente diretos e ameaçadores, o que não seria possível frente às relações de poder e “amizade” (já que o cardeal o trata sempre como “amigo”) que permeiam a discussão. Após ameaçar da tal modo a interação, o cardeal busca uma reaproximação e

¹³ Sornig comenta sobre o silêncio como expressão de desacordo, lembrando que o desacordo, quando emitido por uma personalidade superior na escala social, pode significar (e geralmente significa) repreensão. Quando expresso por um indivíduo posicionado inferiormente em uma escala de poder, significa protesto e insubordinação. Porém, “mesmo escravos podem contradizer seus donos simplesmente calando-se”. Manter silêncio é um ato de comunicação, podendo inclusive ser tomado como um exemplo extremo de comunicação assimétrica (Sornig *apud* Meireles, 1997, p.9).

relativiza a própria opinião, colocando-se no lugar de Galileu e dando voz à sua possível resposta (“*er ist zu höflich, jetzt zu sagen, er hält meine für unzulänglich*” – “é educado demais para dizer que a minha razão é que é *insuficiente*”), implicando que ele próprio (Barberini) não possui razão suficiente para compreender certas coisas. Esta afirmação do cardeal é, porém, apresentada como um gracejo, como mostra seu riso (“*lacht*”) após essa intervenção, mas toda esta estratégia apenas marca mais fortemente que a sua situação na interação é bem mais confortável do que a do cientista, ao qual só resta calar-se frente ao uso do adjetivo *unzulänglich* (“*insuficiente*”) para desqualificar seu argumento fundamental de modo tão direto.

Frente ao impasse, também o cardeal dá mostras de que a interação está a um passo de ser interrompida, afastando-se do grupo, como indica a rubrica. Cabe, então, ao outro cardeal prosseguir a interação. Bellarmin também se refere a Galileu como *Freund* e, assim como o primeiro cardeal, apresenta um exemplo concreto sobre o que seria a realidade (“*nichts als Schiefheit, Verbrechen und Schwäche*” – “o que se vê é somente falsidade, crime e fraqueza”). Bellarmin, mais uma vez estabelece uma relação de causa e efeito, o cardeal coloca à prova o argumento do cientista (a razão) por meio de elementos da realidade, concluindo que a razão é insuficiente. Prosseguindo, o cardeal desqualifica o argumento de Galileu por meio de uma pergunta retórica: onde está a verdade? (“*Wo ist die Wahrheit?*”), gerando uma implicatura, ou seja, se à nossa volta vemos apenas fraquezas, a verdade não está no plano concreto. Neste tipo de pergunta, o interlocutor é obrigado a dar uma resposta pressuposta pelo locutor e isto pode prejudicá-lo na interação. Pode-se considerar que esta intervenção é bastante ameaçadora para Galileu, pois, desde o início da interação, ele se nega, invalida a ação do interlocutor. Adiante, ele se agarra a fatos do mundo concreto e, talvez por isso, perde um pouco do autocontrole e fica irritado (“*zornig*” (apelo à emoção), como indica a rubrica), refazendo sua afirmação (*Ich glaube an die Vernunft* – “Eu acredito na razão”). A repetição enfatiza a sua discordância da posição representada pelos cardeais e mantém o impasse na discussão. Estes tentam, então, abordar outro tópico antes de retornar ao assunto polêmico:

<p>BARBERINI <i>zu den Sekretären</i>: Ihr sollt nicht mitschreiben, das ist eine wissenschaftliche Unterhaltung unter Freunden.</p> <p>BELLARMIN - Bedenken Sie einen Augenblick, was es die Kirchenväter und so viele nach ihnen für Mühe und Nachdenken gekostet hat, in eine solche Welt (ist sie etwa nicht abscheulich?) etwas Sinn zu bringen. Bedenken Sie die Roheit derer, die ihre Bauern in der Campagna halbnackt über ihre Güter peitschen lassen, und die Dummheit dieser Armen, die ihnen dafür die Füße küssen.</p> <p>GALILEI - Schandbar! Auf meiner Fahrt hierher sah ich ...</p>	<p>Barberini aos Secretários - Vocês não tomem nota de nada, isto é uma tertúlia científica entre amigos.</p> <p>Bellarmino - O senhor pense um pouco. Para dar sentido a um mundo desses - obviamente abominável - quanto esforço, quanto estudo não gastaram os padres da Igreja e tantos outros depois deles! O senhor pense na brutalidade dos donos da terra, que mandam tocar os seus camponeses a chicote pelos campos, e pense na estupidez desses pobres seminus que em troca lhes beijam os pés.</p> <p>Galileu - É uma vergonha. Na minha viagem para cá eu vi...</p>
---	--

Barberini pede para os secretários não anotarem nada, pois estão tendo uma “conversa científica entre amigos”. Qualificar a discussão como uma conversa científica (“*wissenschaftliche Unterhaltung*”), é uma interessante estratégia para minimizar a imposição e fazer com que a interação pareça pouco ameaçadora, principalmente neste caso, já que o cardeal a designa como uma “conversa entre amigos” (“*unter Freunden*”). O fato de a mesma acontecer entre amigos marca uma identidade grupal, i.e., coloca locutor e interlocutor na mesma categoria, reduzindo a distância hierárquica entre eles.

Tudo indica que a insistência de Galileu em defender a razão, fez com que o cardeal Bellarmin se decidisse por um outro caminho para tentar obter a adesão do cientista. Ele inicia uma relação de causa e efeito, intervindo com uma constatação que traz uma forte apelação, contrapondo fé e razão. Os elementos positivos são associados à Igreja (“*Kirchenväter*” - padres da Igreja): (“*Mühe*” [esforço], “*Nachdenken*” [pensamento], “*Sinn*” [sentido]); ou seja, a importância da Igreja para a organização da sociedade em contraposição com os membros da sociedade que praticam ações negativas “os donos de terra”: (“*Roheit*” [brutalidade], “*peitschen*” [chicotear], “*Dummheit*” [estupidez]). Pode-se verificar, que nesta relação, utilizando elementos da realidade, o cardeal pretende conseguir uma aproximação com Galileu. Restabelecida a proximidade, o cardeal expõe a seguir razões para a posição adotada pela

Igreja, emprestando-lhe ainda autoridade através do uso da expressão *Kirchenväter und so viele nach ihnen* (“padres da Igreja e tantos outros depois deles”).

A estratégia funciona, pois Galileu intervém com uma constatação a favor do interlocutor. A exclamação *schandbar!* (“é uma vergonha!”) oferece uma concordância ao que foi dito anteriormente, é como se o interlocutor fosse envolvido pela história que o locutor está narrando, e tentasse participar dela tomando o turno e contribuindo para a conversa, agora com um tópico com o qual todos parecem concordar. No entanto, Galileu é interrompido sumariamente, o que configura uma nova ameaça à sua face.

<p>BELLARMIN - Wir haben die Verantwortung für den Sinn solcher Vorgänge (das Leben besteht daraus), die wir nicht begreifen können, einem höheren Wesen zugeschoben, davon gesprochen, daß mit derlei gewisse Absichten verfolgt werden, daß dies alles einem großen Plan zufolge geschieht. Nicht als ob dadurch absolute Beruhigung eingetreten wäre, aber jetzt beschuldigen Sie dieses höchste Wesen, es sei sich im unklaren darüber, wie die Welt der Gestirne sich bewegt, worüber Sie sich im klaren sind. Ist das weise?</p> <p>GALILEI <i>zu einer Erklärung ausholend:</i> Ich bin ein gläubiger Sohn der Kirche...</p>	<p>Bellarmino - Nós atribuímos a um Ser Supremo a responsabilidade pelo sentido desses fatos que não logramos compreender e que constituem a vida - dissemos que havia uma certa finalidade nessas coisas, que isso tudo obedecia a um grande plano. Ainda assim, o sossego nunca foi completo e agora vem o senhor e diz que o Ser Supremo entendeu mal o movimento dos céus, que o senhor entendeu bem. Isso é prudente?</p> <p>Galileu tomando impulso para uma explicação - Eu sou um filho devoto da Igreja...</p>
---	---

É possível que Galileu tenha percebido que os ânimos se exaltaram e que sem se associar aos adversários não terá nenhum tipo de êxito na interação. Ele, pela primeira vez, declara pontos em comum (propor um acordo) com seus interlocutores, apresentando-se como *um filho devoto da Igreja* (“*ein gläubiger Sohn der Kirche*”). Galileu **faz questão de assinalar que pertence** ao grupo **dos cardeais** e também se mostra humilde, como um filho (“*Sohn*”) perante os pais da Igreja (“*Kirchenväter*”), dando deferência aos seus interlocutores. Não se pode esquecer que o cientista se encontra bastante coagido neste ponto da interação. Entretanto, ele é mais uma vez interrompido por Barberini, o que se configura como uma atitude *bald on record*:

<p>BARBERINI - Es ist entsetzlich mit ihm. Gott die dicksten Schnitzer in der Astronomie nachweisen! Wie, Gott hat nicht sorgfältig genug Astronomie studiert, bevor er die Heilige Schrift verfaßte? Lieber Freund!</p> <p>BELLARMIN - Ist es nicht auch für Sie wahrscheinlich, daß der Schöpfer über das von ihm Geschaffene besser Bescheid weiß als sein Geschöpf?</p> <p>GALILEI - Aber, meine Herren, schließlich kann der Mensch nicht nur die Bewegungen der Gestirne falsch auffassen, sondern auch die Bibel!</p> <p>BELLARMIN - Aber wie die Bibel aufzufassen ist, darüber haben schließlich die Theologen der Heiligen Kirche zu befinden, nicht?</p> <p><i>Galilei schweigt.</i></p>	<p>Barberini - Pessoa incorrigível. Ele quer provar, com toda a candura, que, em matéria de astronomia, Deus escreve asneiras! Deus então não estudou astronomia como convinha, antes de redigir a Sagrada Escritura? Caro amigo!</p> <p>Bellarmino - Mesmo ao senhor, não lhe parece provável que o Criador saiba mais que a sua criatura a respeito da criação?</p> <p>Galileu - Mas, meus senhores, afinal, se o homem decifra mal o movimento das estrelas, pode errar também quando decifra a Bíblia!</p> <p>Bellarmino - Mas, meu senhor, afinal, decifrar a Bíblia é da competência dos teólogos da Santa Igreja, ou não?</p> <p>Galileu não responde.</p>
---	---

Temos aqui um enunciado que, além de irônico é também bastante agressivo. Barberini utiliza em seu enunciado elementos como *Unschuld* (“candura”), sendo que um cientista não é uma pessoa inocente dado o conhecimento e experiência que possui, *verfassen* (“escrever”) e *studiert* (“estudar”), atribuindo a Deus (“*Gott*”) atividades mundanas, e ainda pergunta se Deus cometeu asneiras (“*Schnitzer*”) ao redigir a Sagrada Escritura (“*die Heilige Schrift*”) Escritura). Verificamos a ironia deste enunciado, considerando-se que utilizar tais elementos para designar Deus não é adequado, pois é de conhecimento geral que a representação de Deus é de reverência inabalável.

Bellarmin faz uma intervenção bastante ofensiva, colocando Galileu “em seu lugar”, afirmando que ele não tem autoridade para julgar a Bíblia. Contudo, a constatação é suavizada pela presença de uma *tag-question*, buscando concordância por parte do interlocutor: (*Aber wie die Bibel aufzufassen ist, darüber haben schließlich die Theologen der Heiligen Kirche zu befinden, nicht?* – “Mas, meu senhor, afinal, decifrar a Bíblia é da competência dos teólogos da Santa Igreja, não?”).

Barberini promove uma série de ataques diretos à face de Galileu, sem nenhuma compensação: caracteriza-o como incorrigível, compara-o a Deus para depois depreciá-lo, recorre à Sagrada Escritura para apoiar seus pontos

de vista na mais alta autoridade. Nesta intervenção de Barberini há também o emprego de ironia, quando o mesmo diz *in aller Unschuld* (“com toda a candura”). Torna-se evidente que o cardeal não se preocupa em minimizar o ataque, pois quer expressar-se com a máxima eficiência. O emprego do pronome pessoal *er* (“ele”) para se referir a Galileu, mesmo na sua presença, também pode ser entendido como ameaçador, principalmente porque o cardeal, ao dirigir-se a Bellarmin, está na realidade falando indiretamente com Galileu “como se ele não estivesse ali”, implicando descaso pelo cientista. Após um ataque tão grave, a expressão *Lieber Freund!* (“caro amigo”), apesar de soar apelativa e insincera, tem uma função estratégica: aproximar-se do interlocutor, como já mencionado anteriormente.

Bellarmin, no entanto, mais uma vez busca concordância com Galileu e, para isso, faz ele próprio um apelo à razão, retomando o argumento do cientista e usando-o a seu favor. Ele pretende, através de uma relação hierárquica, convencê-lo de que o mesmo não pode ter acesso à verdade absoluta: o adjetivo *wahrscheinlich* (“provável”) reduz a imposição do que é dito pelo cardeal. No entanto, Bellarmin deixa claro, através de *ausschließlich* (“exclusivamente”), que Galileu não tem competência para julgar as Escrituras. Assim, fica mais fácil apresentar razões para que Galileu “mude” sua convicção.

É especialmente interessante o emprego da expressão *der Mensch* (“o ser humano”) na fala de Galileu, pois ela produz uma dissolução do grupo, ou seja, ao invés de Galileu citar claramente o cardeal ou algum membro da Igreja (o que seria provocativo), ele diz que é o “o homem” que pode ter errado. A dissolução à qual nos referimos é a de membros da Igreja (um grupo restrito) no grupo mais geral de seres humanos. Com essa estratégia, Galileu não só desfocaliza os seus interlocutores, como também os coloca em um grupo ao qual pertence, salientando a identidade grupal de todos os envolvidos na discussão, como seres humanos passíveis de erro, protegendo assim, também, a própria face.

Com tantos ataques às faces de Galileu, promovidas por Barberini e por Bellarmin, o cientista fica, finalmente, sem palavras.

O cardeal Bellarmin não perde a oportunidade de constatar o silêncio do adversário, o que representa um ataque à imagem do cientista, evidenciando o seu desprestígio na discussão:

<p>BELLARMIN - Sehen Sie: jetzt schweigen Sie. <i>Er macht den Sekretären ein Zeichen.</i> Herr Galilei, das Heilige Offizium hat heute nacht beschlossen, daß die Lehre des Kopernikus, nach der die Sonne Zentrum der Welt und unbeweglich, die Erde aber nicht Zentrum der Welt und beweglich ist, töricht, absurd und ketzerisch im Glauben ist. Ich habe den Auftrag, Sie zu ermahnen, diese Meinung aufzugeben. <i>Zum ersten Sekretär:</i> Wiederholen Sie das.</p> <p>ERSTER SEKRETÄR - Seine Eminenz, Kardinal Bellarmin, zu dem besagten Galileo Galilei: Das Heilige Offizium hat beschlossen, daß die Lehre des Kopernikus, nach der die Sonne Zentrum der Welt und unbeweglich, die Erde aber nicht Zentrum der Welt und beweglich ist, töricht, absurd und ketzerisch im Glauben ist. Ich habe den Auftrag, Sie zu ermahnen, diese Meinung aufzugeben.</p> <p>GALILEI - Was heißt das?</p>	<p>Bellarmino - O senhor vê, o senhor acaba não respondendo. Faz um sinal aos Secretários. Senhor Galileu, o Santo Ofício decidiu esta noite que a doutrina de Copérnico, segundo a qual o Sol é o centro do universo, e é imóvel, enquanto a Terra é móvel, e não é o centro do universo, é tola, absurda e herética na fé. Eu tenho a incumbência de pedir ao senhor que abjure essa opinião. Ao Primeiro Secretário - Repita isso.</p> <p>Primeiro secretário - Sua Eminência o Cardeal Bellarmino ao mencionado Galilei Galileu: o Santo Ofício decidiu que a doutrina de Copérnico, segundo a qual o Sol é o centro do universo, e é imóvel, enquanto a Terra é móvel, e não é o centro do universo, é tola, absurda e herética na fé. Eu tenho a incumbência de pedir ao senhor que abjure essa opinião.</p> <p>Galileu - O que quer dizer isso?</p>
--	--

O cardeal Bellarmin aproveita este momento para anunciar o decreto do Santo Ofício. A mudança de atitude para com Galileu já fica clara na forma de tratamento utilizada: ao invés de “amigo”, o cientista agora passa a ser *Herr Galilei* (“senhor Galileu”). Em todo o anúncio, o cardeal fala em nome de / com a voz de uma autoridade, o Santo Ofício (“*das Heilige Offizium*”), e deixa claro que esta é sua missão oficial através da fórmula *Ich habe den Auftrag...* (“*eu tenho a incumbência...*”). Aqui verificamos o discurso formal, a voz da instância oficial, que distancia o falante, não assumindo para si a responsabilidade do ato que está sendo realizado, o que preserva as suas faces por apresentá-lo como um dever ou uma regra geral. Contudo, o anúncio pode ser considerado ofensivo, se considerarmos os termos utilizados na formulação do édito –

töricht, *absurd* e *ketzerisch* (“tola”, “absurda” e “herética”) – termos conotativamente negativos.

O cardeal ainda solicita ao secretário que repita o decreto (“*Wiederholen Sie das*”), em um procedimento típico de um discurso formal, institucionalizado, no qual o édito é divulgado por uma instância oficial e neutra (o secretário), tornando-se oficial. Além disso, a repetição, cujo emprego é estratégico, é uma forma de deixar mais clara a advertência a Galileu sem ter que refazê-la diretamente, o que também preserva as faces.

Dois estratégias deste bloco chamam a atenção: a estratégia desfocalize falante e interlocutor através da expressão *Lehre des Kopernikus* (“doutrina de Copérnico”), que retira (ao menos aparentemente) a pessoa de Galileu do alcance do édito, e um outro enunciado típico de um discurso formal institucionalizado, na expressão *zu dem besagten Galileo Galilei* (“ao mencionado Galileu”). A mudança no registro marca claramente o fim da pretensa “conversa científica entre amigos” e o fim da discussão através do uso de argumento de força e autoridade por parte do cardeal Bellarmin, já que todas as tentativas de convencer Galileu por meio de argumentos se mostraram ineficazes.

<p><i>Aus dem Ballsaal hört man, von Knaben gesungen, eine weitere Strophe des Gedichts:</i></p> <p><i>“Sprach ich: Die schöne Jahreszeit geht schnell vorbei:</i></p> <p><i>Pflücke die Rose, noch ist es Mai”.</i></p> <p><i>Barberini bedeutet dem Galilei zu schweigen, solange der Gesang währt. Sie lauschen.</i></p> <p>GALILEI - Aber die Tatsachen? Ich verstand, daß die Astronomen des Collegium Romanum meine Notierungen anerkannt haben.</p> <p>BELLARMIN - Mit den Ausdrücken der tiefsten Genugtuung, in der für Sie ehrendsten Weise.</p> <p>GALILEI - Aber die Jupitertrabanten, die Phasen der Venus...</p> <p>BELLARMIN - Die Heilige</p>	<p>Do salão de baile vem uma nova estrofe do poema, cantada por meninos:</p> <p>Guarda para o seu tempo os desenganos,</p> <p>Gozemos agora, enquanto dura,</p> <p>Já que dura tão pouco a flor dos anos.</p> <p>Barberini pede silêncio a Galileu enquanto não termina a canção. Eles ouvem.</p> <p>Galileu - Mas, e os fatos? Pelo que eu entendi, os astrônomos do Collegium Romanum aceitaram as minhas observações.</p> <p>Bellarmino - Com expressões do mais profundo reconhecimento e fazem grande honra ao senhor.</p> <p>Galileu - Mas, os satélites de Júpiter, as fases de Vênus...</p> <p>Bellarmino - A Santa Congregação</p>
---	---

Kongregation hat ihren Beschluß gefaßt, ohne diese Einzelheiten zur Kenntnis zu nehmen.	decidiu sem levar em conta esses detalhes.
---	--

Do mesmo modo, o cardeal marca sua posição de poder desautorizando o protesto de Galileu através de um gesto peremptório, implicando que a canção é mais importante do que a indignação do cientista. Apenas após o final da mesma, é permitido a Galileu tentar retomar a discussão: O cientista recorre novamente aos fatos (“*Tatsachen*”) e também faz um apelo a uma autoridade reconhecida pelo interlocutor para fortalecer seu argumento (os astrônomos do Colégio Romano), mas Bellarmin não responde às interpelações deste, apenas passa a valorizar a face positiva do cientista através de exageros positivos sobre as anotações de Galileu: (*tiefsten Genugtuung, ehrendsten Weise* – “*profundo reconhecimento; grande honra*”), concedendo pontos a Galileu e elogiando os seus méritos.

Mesmo assim, Galileu insiste em protestar, dando razões e citando os fatos que comprovam as suas teorias para aumentar o poder de seus argumentos, mas, mais uma vez, é interrompido. O cardeal Bellarmin continua falando em nome da instituição (“*Die Heilige Kongregation*”) e impessoalizando o discurso, o que faz com que ele não se comprometa pessoalmente frente a Galileu, e emprega as mesmas estratégias do cientista, i.e., invoca o argumento de uma autoridade maior e **relativiza a opinião do interlocutor ao caracterizar os fatos indicados pelo cientista** como “detalhes” (“*Einzelheiten*”).

<p>GALILEI - Das heißt, daß jede weitere wissenschaftliche Forschung...</p> <p>BELLARMIN - Durchaus gesichert ist, Herr Galilei. Und das gemäß der Anschauung der Kirche, daß wir nicht wissen können, aber forschen mögen. <i>Er begrüßt wieder einen Gast im Ballsaal.</i> Es steht Ihnen frei, in Form der mathematischen Hypothese auch diese Lehre zu behandeln. Die Wissenschaft ist die legitime und höchst geliebte Tochter der Kirche, Herr Galilei. Niemand von uns nimmt im Ernst an, daß Sie das Vertrauen zur Kirche untergraben wollen.</p> <p>GALILEI <i>zornig:</i> Vertrauen wird</p>	<p>Galileu - Isto quer dizer que o futuro da pesquisa científica...</p> <p>Bellarmino - Está em perfeita segurança, senhor Galileu. E isto em conformidade com o pensamento da Igreja, segundo o qual não podemos saber, mas podemos pesquisar. Cumprimenta um outro convidado, no salão de baile. Mesmo a mencionada doutrina, o senhor é livre de lidar com ela, em forma de hipótese matemática. A ciência é filha legítima e muito amada da Igreja, senhor Galileu. Nenhum de nós acredita seriamente que o senhor queira solapar a confiança na Igreja.</p> <p>Galileu agressivo — A confiança se perde</p>
--	--

<p>dadurch erschöpft, daß es in Anspruch genommen wird.</p> <p>BARBERINI - Ja? <i>Er klopft ihm, schallend lachend, auf die Schulter. Dann sieht er ihn scharf an und sagt nicht unfreundlich:</i> Schütten Sie nicht das Kind mit dem Bade aus, Freund Galilei. Wir tun es auch nicht. Wir brauchen Sie, mehr als Sie uns.</p>	<p>quando é muito exigida.</p> <p>Barberini - Pois sim. Dá uma gargalhada e palmadinhas no ombro de Galileu; depois, olha-o bem nos olhos, e sua voz não é hostil. - O senhor não ponha fora a criança com a água do banho, amigo Galileu. Nós também não pusemos. Nós precisamos do senhor mais que o senhor de nós.</p>
---	---

Galileu inicia uma conclusão “*das heißt...*” (“isto quer dizer...”), porém é interrompido, mas, desta vez, a interrupção é disfarçada como uma tomada de turno cooperativa por parte do cardeal, que age como se compartilhasse do pensamento de Galileu, de modo que o adivinha e completa, embora na verdade o esteja corrigindo indiretamente. Apesar da agressão à liberdade de expressão do cientista, a ameaça é fortemente minimizada pela manobra, deixando a Galileu apenas a possibilidade de continuar a argumentação através de um ato extremamente ameaçador de corrigir expressamente o cardeal, o que leva ao fim abrupto de seu protesto.

Diante da insistência do cientista, o cardeal oferece/promete a segurança das pesquisas científicas. É fácil concluir que tal promessa não será totalmente cumprida, já que toda pesquisa está condicionada à aprovação da Igreja, mas a busca e a oferta de pontos de consenso é importante para a preservação da relação. No entanto, a seguir, apresenta uma contradição através de *wir nicht wissen können, aber forschen mögen* (“não podemos saber, mas podemos pesquisar”), levando a uma implicatura que encobre uma advertência: não se pode pesquisar na realidade, ou, podem ser feitas pesquisas, mas elas não serão meios para alcançar o saber. Belarmin apresenta este fato como uma regra geral, dado que toda pesquisa estará sujeita ao pensamento da Igreja, desviando o foco do caso específico de Galileu.

Outra estratégia utilizada pelo cardeal e que valoriza a face de Galileu é ser otimista, pressupor que seu interlocutor quer colaborar: mesmo sabendo que as teorias de Galileu vão contra o pensamento da Igreja, o cardeal afirma que “confia” nas boas intenções do cientista. Bellarmin também inclui Galileu no grupo daqueles que fazem parte da Igreja. Ao afirmar que *Die Wissenschaft ist die legitime und höchst geliebte Tochter der Kirche, Herr Galilei* (“a ciência é

filha legítima e muito amada da Igreja, senhor Galileu“), o cardeal leva a ciência para as adjacências dos interesses da Igreja, impedindo uma ruptura entre fé e ciência. Também é possível verificar certa ironia neste enunciado dado os exageros que esta afirmação possui.

Apesar das tentativas de reaproximação do cardeal, Galileu tematiza as condições que levam à confiança que o cardeal propõe, produzindo a implicatura de que não pretende cumprir as ordens da Igreja ou que, pelo menos, rejeita a confiança da Igreja nos termos propostos: *Vertrauen wird dadurch erschöpft, daß es in Anspruch genommen wird* (“A confiança se perde quando é muito exigida”). Com o emprego da passiva, o enunciado de Galileu torna-se menos agressivo dado que este estratagema impessoaliza o falante, escondendo o agente. Desta forma, Galileu não se compromete diretamente com o conteúdo de seu enunciado.

Mesmo após a insinuação de Galileu, Barberini dá início a uma série de atitudes típicas de um relacionamento entre amigos, mantendo a aparência de concordância e amizade entre eles: dá uma gargalhada, um tapinha no ombro de Galileu e mantém um tom amigável na voz. Após estes comportamentos amistosos, o cardeal muda, olha Galileu fixamente e enuncia uma expressão proverbial (*das Kind mit dem Bade ausschütten* – “pôr a criança fora com a água do banho”) que, frente à situação, produz a seguinte implicatura: não coloque tudo a perder. É digno de nota como o emprego desta expressão torna o enunciado mais sutil e, além do mais, preserva as faces dos interlocutores. Nota-se ainda que, aqui, o cardeal passa novamente a tratar o cientista como “amigo Galileu”.

Após essa advertência ou conselho velado, Barberini faz uma afirmação direta, demonstra e intensifica o interesse pelo interlocutor (*Wir brauchen Sie, mehr als Sie uns* – “nós precisamos do senhor mais que o senhor de nós”). Com essa afirmação, o cardeal expressa um débito para com o cientista **buscando**, de certa forma, compensar os ataques anteriores à posição social de Galileu.

BELLARMIN - Ich brenne darauf, den größten Mathematiker Italiens dem Kommissar des Heiligen Offiziums vorzustellen, der Ihnen die allergrößte	Bellarmino - Eu estou ansioso por apresentar o maior matemático da Itália ao comissário do Santo Ofício, que tem
---	--

<p>Wertschätzung entgegenbringt.</p> <p>BARBERINI <i>den andern Arm Galileis fassend</i>: Worauf er sich wieder in ein Lamm verwandelt. Auch Sie wären besser als braver Doktor der Schulmeinung kostümiert hier erschienen, lieber Freund. Es ist meine Maske, die mir heute ein wenig Freiheit gestattet. In einem solchen Aufzug können Sie mich murmeln hören: Wenn es keinen Gott gäbe, müßte man ihn erfinden. Gut, nehmen wir wieder unsere Masken vor. Der arme Galilei hat keine.</p> <p><i>Sie nehmen Galilei in die Mitte und führen ihn in den Ballsaal</i></p>	<p>grande estima pelo senhor.</p> <p>Barberini tomando o outro braço de Galileu - Ao que ele volta a se transformar em cordeiro. Aliás, o caro amigo também deveria usar um disfarce, por exemplo o de doutor bem-pensante. É a minha máscara que hoje me permite um pouco de liberdade. Num carnaval destes, pode acontecer que eu murmure: se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo. Bem, vamos repor as nossas máscaras. Mas o pobre Galileu não tem nenhuma.</p> <p>Tomam o braço de Galileu e vão para o salão.</p>
---	---

Bellarmin aproveita a ocasião e segue utilizando o mesmo procedimento do amigo: elogia Galileu e enaltece suas qualidades, através de exageros como *den größten Mathematiker Italiens* (“o maior matemático da Itália”) e *die allergrößte Wertschätzung* (“grande estima”). Barberini, continuando sua atitude extremamente amigável para com Galileu, toma-o pelo braço e apresenta um conselho / sugestão: *Auch Sie wären besser als braver Doktor der Schulmeinung kostümiert hier erschienen, lieber Freund* (“o caro amigo também deveria usar um disfarce, por exemplo o de doutor bem-pensante”). Este trecho apresenta uma metáfora. O próprio cardeal afirma que é a máscara que lhe permite um pouco de liberdade (*Es ist meine Maske, die mir heute ein wenig Freiheit gestattet*”), levando à seguinte implicatura: assim como a sua liberdade, também a de Galileu está limitada.

Neste contexto, tal enunciado não representa uma grande ameaça a Galileu, pois já houve uma oferta de paz e os cardeais – que valorizaram e muito a face de Galileu nas últimas intervenções – reconhecem que precisam dele (o maior cientista da Itália) e querem tê-lo como aliado. No entanto, sua caracterização como “o pobre Galileu” marca a sua fragilidade frente a uma sociedade dominada pela aparência e pelos dogmas.

Neste fragmento, novamente predominam as estratégias de polidez positiva, mas, ao contrário dos demais trechos, a estratégia que busca aproximar o interlocutor ao intensificar o interesse deste pelo que está sendo

dito pelo falante, através de narrativas vívidas e exemplos é a mais freqüente. Dividindo o segundo lugar em termos de freqüência, têm-se as estratégias dê razões e a ênfase em uma identidade grupal, emprestando ao fragmento um formato realmente próximo ao de uma “conversa amigável”, como propõe o cardeal ao início da interação.

As estratégias de polidez negativa também são bastante freqüentes, predominando, com destaque, a estratégia que busca desfocalizar o interlocutor. Seguem-se as estratégias de apelo à autoridade e as tentativas de minimizar a imposição. Nota-se aqui a tentativa de afastar os participantes da interação da autoria ou do foco das ameaças às faces, ou de minimizar a ameaça quando isso não é possível.

A tentativa de mascarar as ameaças é levada ao extremo nas várias ocorrências de uso de estratégias *off record*, notadamente a criação de implicaturas e o uso de metáforas. Inversamente, a ocorrência de imposições *bald on record* é muito pequena e origina-se somente da personagem de maior poder hierárquico.

Argumentação:

FRAGMENTO 6:

Debate entre Galileu e Mucio

ATO 4 (p. 219 – 224)

A interação em questão apresenta uma disparidade de opiniões entre Galileu e seu ex-aluno Mucius sobre o papel do cientista frente aos fatos.

MUCIUS - Herr Galilei, ich bitte Sie um die Erlaubnis, Ihnen die Stellen in meinem Buch zu erklären, wo eine Verdammung der kopernikanischen Lehren von der Drehung der Erde vorzuliegen scheint. Ich habe...

Mucio – Senhor Galileu, o senhor permita que eu lhe explique as passagens de meu livro em que parece haver a condenação das teorias copernicanas da rotação da Terra. Eu tenho...

Neste trecho, Mucius introduz o ponto de divergência que dará origem à interação conflituosa deste fragmento. Sua primeira intervenção deixa clara a diferença do poder e distância social dos interactantes. O ex-aluno, já no início da interação, busca minimizar a imposição de sua explanação por meio da estratégia seja convencionalmente indireto (*ich bitte Sie um die Erlaubnis... – “o senhor permita que eu...”*); desta forma, o locutor demonstra a intenção de não impingir o conteúdo de seu enunciado diretamente.

Ainda nesta intervenção, a personagem Mucius intensifica o interesse para com o interlocutor, fornecendo um esclarecimento sobre um assunto que ele considera do interesse de Galileu, isto é, um esclarecimento a partir da divergência **de opiniões** a respeito da doutrina de Copérnico e o movimento da Terra. Este esclarecimento é introduzido pela expressão *vorzuliegen scheint* (“parece haver”), o que minimiza a imposição e diminui a discordância. Contudo, Mucius sofre **uma grave ameaça bald on record ao ser** bruscamente interrompido em sua alocução, como mostra a presença de reticências.

<p>GALILEI - Was wollen Sie da erklären? Sie befinden sich in Übereinstimmung mit dem Dekret der Heiligen Kongregation von 1616. Sie sind vollständig in Ihrem Recht. Sie haben zwar hier Mathematik studiert, aber das gibt uns kein Recht, von Ihnen zu hören, daß zwei mal zwei vier ist. Sie haben das volle Recht zu sagen, daß dieser Stein <i>er zieht einen kleinen Stein aus der Tasche und wirft ihn in den Flur hinab</i> soeben nach oben geflogen ist, ins Dach.</p>	<p>Galileu – O que o senhor quer explicar? O senhor está de acordo com o Decreto da Santa Congregação de 1616. O senhor está inteiramente no seu direito. É verdade que estudei matemática aqui, mas isso não nos dá direito, a nós, de ouvir do senhor que dois mais dois são quatro. O senhor tem todo o direito de dizer que esta pedra – <i>tira um seixo do bolso, para lançá-lo ao vestíbulo, embaixo</i> – voou para cima, para o teto.</p>
---	--

Galileu, **devido à sua supremacia hierárquica frente ao ex-aluno e, claramente, pouca proximidade afetiva com o mesmo**, demonstra pouca intenção de mitigar os possíveis efeitos negativos de seus enunciados. **Interrompendo o interlocutor com** uma pergunta retórica, **que** não espera realmente uma resposta **do interlocutor**, **ele** prossegue **citando** um argumento de autoridade (*Dekret der Heiligen Kongregation – “Decreto da Santa Congregação”*) **e apresentando** um enunciado que concede direito a Mucius de defender seus pontos de vista *Sie sind vollständig in Ihrem Recht* (“O senhor

está inteiramente no seu direito”). Ao apresentar argumentos e constatações a favor de Mucius, Galileu retira do ex-aluno o direito a expor sua posição, ameaçando fortemente as suas faces e criando um efeito agressivo.

Verifica-se também, neste turno, uma inclusão do interlocutor na atividade pelo emprego do pronome *uns* (“nós”). O uso de “nós” neste contexto serve para apagar as relações de identidade dos interactantes no que se refere a quem tem direitos ou obrigações de apresentar ou ouvir as explicações sobre o ponto polêmico. No entanto, a formulação de Galileu encobre uma crítica pesada: textualmente, *através da* estrutura *zwar...aber* [sim, mas...], Galileu reafirma a não necessidade de explicações por parte de Mucius, dizendo que não tem o direito de erigi-las. Por outro lado, Galileu não continua a frase do modo esperado e apresenta a fala de Mucius como uma banalidade, através de “dois e dois são quatro”. Essa quebra de expectativas cria um efeito sarcástico e agressivo, pois promove uma aproximação com o interlocutor que logo é abandonada abruptamente. Esta estratégia é freqüentemente utilizada para evitar discordância ao relativizar a opinião do interlocutor, mas é aqui usada de maneira agressiva, pois, enquanto o primeiro elemento apresentado fornece uma constatação a favor do interlocutor, o segundo elemento retruca abruptamente tal constatação, frustrando a sua expectativa.

Apesar disso, Galileu parece novamente buscar concordância, concedendo ao interlocutor o direito de defender suas idéias através da frase *Sie sind vollständig in Ihrem Recht zu sagen...* (“O senhor está inteiramente no seu direito”), mas apresentando então, um exemplo irônico de um acontecimento claramente impossível.

Mesmo após toda esta argumentação, Galileu não permite que Mucius participe da interação, interrompendo-o no momento que este pretende retomar o turno:

MUCIUS - Herr Galilei, ich ... GALILEI - Sagen Sie nichts von Schwierigkeiten! Ich habe mich von der Pest nicht abhalten lassen, meine Notierungen fortzusetzen. MUCIUS - Herr Galilei, die Pest ist nicht das schlimmste.	Mucio – Senhor Galileu, eu... Galileu – Não venha falar em dificuldades! Eu não permiti nem à peste que impedisse a continuação dos meus estudos. Mucio – Senhor Galileu, a peste não é pior.
--	---

Claramente, Galileu não está preocupado com a possibilidade de inviabilizar a interação. Assim, sem demonstrar consideração para com o participante, apresenta um enunciado no imperativo, ou seja, *bald on record*, novamente bloqueando a fala de Mucius, e afirmando a sua posição de cientista que busca a verdade apesar de todos os empecilhos. Aparentemente, Galileu antecipa as objeções de Mucius, que apresentaria a existência de empecilhos como uma justificativa para a sua crítica a Copérnico. Em vista disso, Galileu apresenta preventivamente um contra-argumento e um exemplo pessoal para reforçar sua posição.

Utilizando uma estratégia de polidez *off record*, Mucius faz uma advertência a Galileu: Ele retoma o argumento do cientista, isto é, a peste, e afirma que existe algo mais ameaçador do que a enfermidade para a ciência. Sendo deliberadamente vago, deixa ao cientista a tarefa de interpretar qual seria esse perigo, no caso, a Igreja. Deste modo, Mucius justifica a sua atitude de dobrar-se à Igreja e adverte o cientista sobre os perigos de manter sua posição. Isso enfurece Galileu, que apresenta sua opinião sobre cientistas que ocultam a verdade:

<p>GALILEI - Ich sage Ihnen: Wer die Wahrheit nicht weiß, der ist bloß ein Dummkopf. Aber wer sie weiß und sie eine Lüge nennt, der ist Verbrecher! Gehen Sie hinaus aus meinem Haus!</p> <p>MUCIUS <i>tonlos</i>: - Sie haben recht. <i>Er geht hinaus</i>.</p>	<p>Galileu – Pois eu lhe digo: quem não sabe a verdade é estúpido, e só. Mas quem sabe e diz que é mentira, é criminoso! O senhor saia de minha casa!</p> <p>Mucio <i>apagado</i> – O senhor tem razão. <i>Sai</i>.</p>
--	---

Galileu utiliza uma expressão que deixa clara a responsabilidade sobre a opinião que vai emitir a seguir (*Ich sage Ihnen* – “Pois eu lhe digo”) e apresenta um exemplo que deixa bastante evidente a imagem que ele possui de seu interlocutor. Contudo, desta vez, ele apresenta uma estratégia indireta, isto é, o emprego do pronome relativo “*wer*” (“quem”) que desfocaliza o participante e, além disso, apresenta a opinião como uma regra geral. Com este recurso, há uma generalização do grupo ao qual pertence o interlocutor. Neste caso, utilizar “quem” ao invés de “o senhor” ou “você” é maneira de dizer “sem dizer”, mas chega-se a seguinte conclusão: como Mucius sabe a verdade, pois o foi

aluno de Galileu, *mas não a divulga*, ele é considerado um criminoso pelo cientista. Entretanto Galileu, após esta desfocalização, *utiliza novamente um imperativo bald on record em* um enunciado bastante agressivo: *Gehen Sie hinaus aus meinem Haus!* (“O senhor saia de minha casa!”), deixando claro que não quer mais discutir a questão e encerra a discussão de maneira peremptória.

Em vista disso, a personagem Mucius constata que não haverá acordo entre ele e seu interlocutor e que não há possibilidade com prosseguir na interação. Com isso, resta-lhe apenas abandonar o evento interacional.

Neste fragmento, nota-se uma recusa de Galileu em participar de qualquer diálogo com Mucius, bloqueando repetidamente suas tentativas de iniciá-lo. Dentre as estratégias usadas, há predomínio de estratégias de polidez negativa: por parte de Mucius, na tentativa de minimizar a imposição que sua presença causa a Galileu e, por parte de Galileu, com estratégias que visam desfocalizar os participantes.

As estratégias de polidez positiva são usadas agressivamente, gerando uma aproximação seguida de brutal frustração das expectativas do interlocutor. Há igual freqüência de enunciados *bald on record* e *off record*, próxima da das estratégias de polidez positiva.

Argumentação:

CONSIDERAÇÕES FINAIS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E BIBLIOGRAFIA PROVISÓRIA:

ABREU, Antonio Suárez. A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção. 9ªed. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

ALBUQUERQUE, Maria Helena Trench de. Investigação teórica sobre a integração dos aspectos verbais e não verbais no estudo da interação conflitante. Tese de doutorado. FFLCH/USP, São Paulo, 1995.

- ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O. Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada. São Paulo: Humanitas, 2001.
- AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. Conversação e conflito: um estudo das estratégias discursivas em interações polêmicas. Tese de doutorado FFLCH/USP, São Paulo, 1997.
- _____, Z. G. O. ; FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O. . Papéis discursivos e estratégias de polidez nas entrevistas de televisão. Veredas, Juiz de Fora, v. 4, n. 1, 2000.
- ARISTÓTELES. Arte retórica e arte poética. 17ª. ed. Trad. de Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- ARMENGAUD, Françoise. A pragmática. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.
- AUSTIN, John Langshaw. Quando dizer é fazer. Palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov, 1929). A interação verbal 11ª. ed. In: Marxismo e Filosofia da Linguagem. Trad. de M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2005.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Enunciação: a manipulação de valores. In: Teoria do discurso: fundamentos semióticos. 3ª ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2002.
- BECKER-MROTZEK, Michael; BRÜNNER, Gisela. Gesprächsanalyse und Gesprächsführung. Radolfzell: Verlag für Gesprächsforschung 2006.
- BENVENISTE, Emile. O homem na língua. In: Problemas de lingüística geral I. Trad. Maria G. Novak e Maria Luisa Néri - 4ª ed. – Campinas, SP: Pontes, 1995.
- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (Org.). Análise de textos orais. 4ª. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- BRAIT, Beth. Interação, gênero e estilo. In: PRETI, Dino (Org.). Interação na fala e na escrita. 2ª. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.
- BRANDÃO, Helena Hatsue Nagamine. Subjetividade, Argumentação, Polifonia. A propaganda da Petrobrás. São Paulo, SP: Ed. UNESP. 1998.
- _____.Introdução à análise do discurso. 2ª ed. rev. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- BRAVO, Diana; BRIZ, Antonio. (eds.). Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesia en español. Barcelona: Editorial Ariel, 2004.
- BRECHT, Bertolt. Leben des Galilei. In: Bertolt Brecht Werke. Hrsg. von HECHT, Werner; KNOPF, Jan; MITTENZWEI, Werner; MÜLLER, Klaus-Detlef. Große kommentierte Berliner und Frankfurter Ausg. Frankfurt am Main u.a.: Suhrkamp u.a., Stücke 5, 1988.
- _____. *Teatro completo, em 12 volumes*. Tradução de Roberto Schwarz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. V.6

- BRETON, Philippe. Argumentar em situações difíceis: o que fazer diante de um público hostil, de comentários racistas, de assédio, de manipulação, de agressão física e de violência sob qualquer de suas formas? Barueri, SP: Manole, 2005.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. Politeness. Some universals in language usage. 2.ed. Cambridge. Cambridge University Press, 1987.
- BURGER, Harald. Phraseologie. Eine Einführung am Beispiel des Deutschen. Berlin: Erich Schmidt, 1998.
- CARRILHO, Manuel Maria. Verdade, suspeita e argumentação. Lisboa: Editorial Presença, 1990.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. Dicionário de análise do discurso. Trad. Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2005.
- CITELLI, Adilson. Linguagem e persuasão. 8ªed. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- DASCAL, Marcelo (Org.). Fundamentos Metodológicos da Lingüística. Pragmática. v.IV. Campinas: Unicamp, 1982.
- DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da Conversação. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Org.). Introdução à lingüística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2003.
- DORSCH, Friedrich; HÄCKER, Hartmut; STAPF, Kurt-Hermann. Dicionário de Psicologia Dorsch. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- DUBOIS, Jean et al. Dicionário de Lingüística. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DUCROT, Oswald. Provar e dizer: linguagem e lógica. São Paulo: Global, 1981.
- _____. O dizer e o dito. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- DUDEN - Deutsches Universalwörterbuch. 5. ed. DRODOWSKI, Günther (Org.). Mannheim: Dudenverlag, 2001.
- DUDEN – Redewendungen: Wörterbuch der deutschen Idiomatik. Mannheim/Leipzig/Wien/Zürich: Dudenverlag, 2002.
- DUDEN – Die Grammatik. Mannheim/Leipzig/Wien/Zürich: Dudenverlag, 2006.
- DURANTI, Alessandro; GOODWIN, Charles. Rethinking Context: Language as an Interactive Phenomenon (Studies in the Social and Cultural Foundations of Language). Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- EIRE, Antonio López. Retórica clásica y teoría literaria moderna. Madrid: Arco Libros, 2002.
- ERLICH, Frances D. de. La interacción polémica: estudio de las estrategias de oposición en francés. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Humanidades y Educación, Escuela de Idiomas Modernos, 1993.
- FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 1999.

- _____. Coesão e coerência textuais. São Paulo: Editora Ática, 2002. (Série Princípios)
- _____; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Linguística textual: introdução. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. O tópico discursivo. In: PRETI, Dino. (Org.). Análise de textos orais. São Paulo: Humanitas, 2003.
- FIORIN, José Luiz. A linguagem em uso. In: FIORIN, José Luiz (Org.). Introdução à Linguística. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____. As astúcias de enunciação. As categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2002.
- _____. Pragmática. In: FIORIN, José Luiz (Org.). Introdução à Linguística II: Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.
- FISCHER, Mariza Fátima. A improvisação lingüística teatral em pérola, de Mauro Rasi. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, São Paulo, 2002.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. In: PRETI, Dino (Org.). O Discurso Oral Culto. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999.
- _____. O turno conversacional. In: PRETI, Dino. (Org.). Análise de textos orais. São Paulo: Humanitas, 2003.
- GALILEI, Galileu. Ciência e fé: cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia. 2ªed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- GIERING, Maria Eduarda; TEIXEIRA, Marlene. (Org.) Investigando a linguagem em uso. São Leopoldo, RS, Editora Unisinos, 2004.
- GLENK, Eva M. F. Allgemeines über Sprichwörter. In: Die Funktion der Sprichwörter im Text: Eine linguistische Untersuchung anhand von Texten der Elfriede Jelinek. Tese de doutoramento. São Paulo: FFLCH/ USP, 1996.
- GOFFMAN, Erving. Interaction ritual: essays on face-to-face behavior. New York: Anchor book, 1967.
- GRICE, H. P. (1975). Lógica e Conversação. In: DASCAL, M. Fundamentos Metodológicos da lingüística. Pragmática. v.IV. Campinas: Unicamp, 1982.
- GRIMSHAW, Allen D (ed.). Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1990.
- GUIMARÃES, Eduardo. Texto e argumentação: um estudo das conjunções do português. 3ªed. Campinas: Pontes, 2002.
- HAGER, Günter. Konflikt und Konsens: Überlegungen zu Sinn, Erscheinung und Ordnung der alternativen Schreitschlichtung. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001.
- HAVERKATE, Henk. La cortesía verbal: estudio pragmalingüístico. Madrid: Editorial Gredos, 1994.

- HECHT, Werner. Materialien zu Brechts Leben des Galilei. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1963.
- HELD, Gudrun. Verbale Höflichkeit: Studien zur linguistischen Theoriebildung und empirische Untersuchung zum Sprachverhalten französischer und italienischer Jugendlicher in Bitt- und Dankessituationen. Tübingen, Gunter Narr, 1995.
- HENTSCHEL, Elke. Negation und Interrogation. Tübingen: Niemeyer, 1998.
- HICKEY, Leo; STEWART, Miranda. (eds.). Politeness in Europe. Canada: Toronto , 2005. (multilingual matters)
- KOTTHOFF, Helga. Disagreement and concession in disputes: On the context sensitivity of preference structures. In: Language and Society 22, 1983.
- HOUAISS, Antônio. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. Le traitement des actes de langage en analyse des conversations: l'exemple du remerciement. In: Dialogue Analysis: Units, relations and strategies beyond the sentence. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1997.
- _____. Análise da conversação: princípios e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- KINDERMANN, Cristina Arcuri Eluf. Polidez: uma análise contrastiva entre as línguas inglesa e portuguesa. Dissertação de mestrado, FFLCH/ USP, São Paulo, 1993.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Argumentação e linguagem. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. A inter-ação pela linguagem. 8ª ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- _____. Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.(coleção texto e linguagem)
- LAKOFF, Robin. The Logic of Politeness: or, minding your P's and Q's. In: Papers from the 9th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, Chicago: Chicago Linguistic Society, 1973.
- LEECH, Geoffrey N. Principles of pragmatics. New York: Longman, 1983.
- LEVINSON, Stephen C. Pragmática. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LINKE, Angelika ; NUSSBAUMER, Markus ; PORTMANN, Paul. Pragmatik. In: Studienbuch Linguistik. Reihe Germanistische Linguistik, 121. Tübingen: Niemeyer, 1991.
- LOCHER, Miriam A. Power and Politeness in Action - Disagreements in Oral Communication. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2004.
- MAINGUENEAU, Dominique. Pragmática para o discurso literário. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- _____. Elementos de lingüística para o texto literário. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

- _____. Novas tendências em análise do discurso. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes: 1997.
- _____. O contexto da obra literária: enunciação, escritor, sociedade. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (coleção leitura e crítica)
- _____. Análise de textos de comunicação. 3ª ed. São Paulo: Cortez: 2005.
- _____. Discurso literário. São Paulo: Contexto, 2006.
- MANELI, Mieczyslaw. A nova retórica de Perelman: filosofia e metodologia para o século XXI. Barueri, SP: Manole, 2004.
- MARCUSCHI, Luis Antônio. Análise da Conversação 4ª. ed. Ática, São Paulo, 1998.
- _____. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MEIBAUER, Jörg. Pragmatik – Eine Einführung. Tübingen: Stauffenburg-Verl., 1999.
- MEIRELES, Selma M. A Dissensão e as Estratégias de trabalho da face em diálogos do alemão. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 1997.
- _____. Estratégias para manutenção de uma boa interação Lingüística. Dissensão e trabalho da face em diálogos do Alemão. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- MEYER, Michel. Questões de retórica: linguagem, razão e sedução. Lisboa: Edições 70, 1993.
- MEYERS, David G. Psicologia social. In: MEYERS, David G. Psicologia. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- MOLLICA, Maria Cecília. Braga, Maria Luiza. Introdução à sociolingüística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.
- MOSCA, Lineide do Lago Salvador (Org.). Retóricas de Ontem e de Hoje 3ª. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2005.
- _____. (Org.). Discurso, argumentação e produção de sentido. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- MOURA, Heronides Maurílio de Mello. Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática. Florianópolis: Insular, 2006.
- OSAKABE, Haqira. Argumentação e discurso político. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- PARRET, Herman. Enunciação e Pragmática. Campinas: Edit. da Unicamp, 1988.
- PAVIS, Patrice. Dicionário de teatro. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PEDRO, Emília Ribeiro (Org.). Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional. Lisboa: Editorial Caminho, AS, 1997.
- PERELMAN, Chaïm. Retóricas. 2ª. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2004. (Justiça e direito)

- _____; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da argumentação: A Nova Retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- PINTO, Joana Plaza. Pragmática. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, v. II. São Paulo: Cortez, 2001.
- PLANTIN, Christian. Argumentação. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- PRETI, Dino. Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira. São Paulo. Universidade de São Paulo, 2003.
- _____. O diálogo de ficção num texto teatral. In: PRETI, Dino. Estudos de língua oral e escrita. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. (Série Dispersos)
- _____. (Org.). Cortesia verbal. São Paulo: Humanitas, 2008.
- POMERANZ, Anita. Agreeing and disagreeing with assessments – some features of preferred / dispreferred turn shapes. In: ATKINSON, J.M. & HERITAGE, J. (Ed.). Structures of Social Interaction. Cambridge, Cambridge Univ. Press 1984.
- REIS, Maria da Glória Magalhães dos. O texto teatral e o jogo dramático no ensino de francês língua estrangeira. Tese de doutorado. FFLCH/USP, São Paulo, 2008.
- RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. Análise de Discurso Crítica. São Paulo: Contexto, 2006.
- RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (Orgs). Sociolinguística interacional. 2ª ed. São Paulo, 2002.
- ROSA, Margaret de Miranda . Marcadores de atenuação. São Paulo, Contexto, 1992. (Série Repensando a Língua Portuguesa)
- ROSENFELD, Anatol. O teatro épico. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (coleção leitura e crítica)
- _____. Ler o teatro contemporâneo. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (coleção leitura e crítica)
- SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. Pragmática Linguística. Madrid: Gredos, 1987.
- SCHULZE, Rainer. Höflichkeit im Englischen: zur linguist. Beschreibung u. Analyse von Alltagsgesprächen; mit e. Zusammenfassung in engl. Sprache. Tübingen: Narr, 1985.
- SEARLE, John R. Os atos de fala indiretos. In: Expressão e significado: estudos da teoria dos atos de fala. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Coleção Tópicos).
- SEIXAS, Alessandra Paula de. Uso de Marcadores: downgraders e upgraders em língua alemã. In: Pandaemonium Germanicum 6/2002. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2002.
- SILVA, Luiz Antonio. Polidez na interação professor/aluno. In: PRETI, Dino (Org.). Estudos de Língua Falada: variações e confrontos. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1997.

- SILVA, Luiz Antonio da. Cortesia e formas de tratamento. In: PRETI, Dino. (Org.). Cortesia verbal. São Paulo: Humanitas, 2008.
- SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Relevance: Communication and Cognition. Blackwell: Oxford, 2007.
- TANNEN, Deborah. Silence as conflict management in fiction and drama: Pinter's Betrayal and a short story, "Great Wits". In: GRIMSHAW, Allen D. (ed.). Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1990.
- TRASK, R. L. Dicionário de linguagem e lingüística. São Paulo: Contexto, 2008.
- UBERSFELD, Anne. Para ler o teatro. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- URBANO, Hudinilson. Oralidade na literatura: o caso Ruben Fonseca. São Paulo: Cortez, 2000.
- _____. O diálogo teatral na perspectiva da análise da conversação. In: PRETI, Dino. (Org.). Diálogos na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas, 2005.
- VIDAL, María Victoria Escandeil. Introducción a la pragmática. Barcelona: Anthropos, 1993.
- VILLAÇA, Ingedore Grunfeld; BENTES, Anna Christina. Aspectos da cortesia na interação face a face. In: PRETI, Dino. (Org.). Cortesia verbal. São Paulo: Humanitas, 2008.
- WATTS, Richard J. Politeness: key topics in sociolinguistics. Cambridge: University Press, 2003.
- _____; IDE, Sachiko; EHLICH, Konrad (editors). Politeness in Language. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2nd edition rev. and expanded ed., 2005.
- WYSOCKI, Bruna. Interação face a face: um estudo das estratégias discursivas na reconstrução da imagem. Dissertação de Mestrado. FFLCH/USP, São Paulo, 2008.
- ZABKA, Thomas. Pragmatik der Literaturinterpretation: theoretische Grundlagen – kritische Analysen. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2005.
- ZANDWAIS, Ana (Org.). Relações entre pragmática e enunciação. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2002, (Coleção Ensaios).

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)